

Alterosa




SALVE
1946

SENHORITAS



Srta. Maria Izabel Araujo, da sociedade de Pedra Azul



Srta. Laudina Gualberto, da sociedade da Capital



Srta. Olga Lima, da sociedade de Martinho Campos



Srta. Eunice Ramos, da sociedade de Eugénópolis

NESTE NÚMERO:

ANO VIII
NÚMERO 69
JANEIRO DE 1946

C.16/X-012
JAN/1946
Alterosa

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

N.º AVULSO
CR\$ 3,00
EM TODO O PAÍS

CAPA

Shirley Temple, a encantadora "namorada do mundo", da United, embelezou a capa desta edição, numa tricotomia gravada por Gervásio Pinto de Araujo.

CONTOS

Uma fôlha ao vento	
Neyde Joppert — Pre-	
miado	2
História de ladrão	
Nilo Sampaio	6
Porque matei o violinista	
Ernani Fornari	10
As razões do coronel	
Nóbrega de Siqueira	14
Vida, dádiva de Deus	
Maria Leticia	18
Os desejos realizados	
Maurice Leblanc	22
Amor à primeira vista	
J. A. R. Willie	26
O segundo violino	
Margarita Cousins	32
O aniversário	
Frederico Boutet	38

LITERATURA

Chico Mendonça, a mulher...	
Mário Matos	39
Vitrine Literária	
Cristiano Linhares	40
"Anaxionadamente"	
Oscar Mendes	52

DIVULGAÇÃO

O romance de Pocahontas	
Olga Obry	42
Alergias, alergenicos e...	
J. Hellard e C. Coghan	46
Cartas dos Estados Unidos	
Huberto Rohden	50
O espiritismo firma-se	
William D. Bayles	54
O civismo da mulher brasileira	
Djalma Andrade	96
Recordar é viver	
Abílio Barreto	106

HUMORISMO

De mês a mês	
Guilherme Tell	44
Paisagens locais	
Fábio Borges	61
Pingos de história	
Joaquim Laranjeira	68

RÁDIO

A partir da página	101
--------------------------	-----

MODA E BELEZA

Moda Feminina	
A partir da página	73
Sol, fator de saúde...	
Redação	86
Sugestões para a sua beleza	
Ivete Marion	90

DIVERSOS

Sedas e plumas	48
Esparsos	58
Página das mães	62
Hinterlândia poética	64
Caixa de segredos	66
Arte culinária	70
Grafologia	108
No mundo dos enigmas	112



Tens a pupila azul! De azul tão lindo,
que o azul que ela irradia e que vem d'alma,
é o mesmo azul do manto azul infindo
da superfície azul do mar em calma.

Tens a pupila azul! E quando choras,
as lágrimas velando-te a pupila,
são como o doce orvalho das auroras,
que sôbre um lírio azul, azul, cintila.

Tens a pupila azul! E quando nela
um relampago azul fulgura ou arde,
lembra o fulgôr azul da estrêla vésper,
encravada no azul do azul da tarde.

Essa pupila azul, em se exaltando,
se um diluvio de cólera a incendeia
parece o azul da onda esbravejando,
raivosamente azul, por sôbre a areia.

Catulo da Paixão Cearense



ALTEROSA é uma publicação da Sociedade Editôra Alterosa Ltda., com sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-redator-chefe: Mário Matos. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Secretário da redação: Jorge Azevedo. Assinaturas (sob registro postal) Cr\$40,00 para 1 ano e Cr\$70,00 para 2 anos. Toda correspondência deve ser enviada à Sociedade Editôra Alterosa Limitada, assim como cheques, vales postais e outros valores.



Neide A. de Moraes Rego Joppert, a contista premiada nesta edição, tem apenas dezessete anos e constitui, sem dúvida, uma promessa magnífica no difícil gênero literário que cultiva. Seu estilo simples se caracteriza pela espontaneidade e os seus diálogos têm naturalidade e emoção, embora lhes falte a plasticidade que somente o tempo e o convívio com os bons autores proporcionam. Este conto revela uma

vocação e marca o início de uma carreira literária digna de atenção.

* * *

QUANDO Maria Lúcia deu entrada no sanatório poucas eram as esperanças de que viesse a cruzar aqueles portões pesados para retornar ao convívio do mundo. Viera da Itália, onde servira como enfermeira junto às forças expedicionárias e regressara com os primeiros feridos logo após um desastre sério em que perdera a razão.

Criara-se num orfanato, onde os pais ingratos ou demasiadamente pobres para sustentá-la haviam-na deixado. Mal chegada aos dezoto anos, fugira dali por detestar a quietude da vida que levava e, após

vários meses de lutas, firmou-se num emprego razoavelmente bom. Passou então a estudar num curso de enfermagem. Mais tarde houve a guerra e Maria Lúcia, mais por ambição de viajar e amor às coisas agitadas, partiu para a Itália. Meio ano depois, já de volta ao Brasil, dera entrada no sanatório onde iriam tentar sua recuperação para a vida dos sãos.

Alfredo era psiquiatra-chefe do sanatório. Acolheu a doente com um interesse todo profissional e a ela dedicou suas melhores horas de estudo cuidadoso.

A demência furiosa de Maria Lúcia foi pouco a pouco desaparecendo e seus ataques, reduzidos a espaços longos, tornaram-na mais acessível ao tratamento paciente que Alfredo lhe dispensava. Da sala resistente e barrada de ferro como uma jaula, transferiram-na para um quarto levemente blindado, daí para um outro já sem reforços e, finalmente, foi-lhe dado um pequenino apartamento no extremo do sanatório onde tudo surteria tranquilidade, alegria e saúde.

Alfredo ia vê-la periodicamente e sempre evitava dar-lhe a impressão do lugar em que estavam. Após o trabalho, tirava o uniforme branco, escolhia qualquer roupa alegre e ia ao extremo do prédio, caminhando vários minutos sob os salgueiros do parque, até avistar a moça que o esperava num banco de pedra junto à porta.

Conversavam longas horas como velhos amigos. A princípio, as frases da moça não formavam sentido. Eram fragmentos de emoções retidas no subconsci-



ente e que brotavam sem pontuação, sem tino, sem reflexão.

Com o passar do tempo seu raciocínio foi renascendo, clareando, abrindo como uma alvorada interior. Já falavam das plantas, dos pássaros, do sol, de coisas leves que não lhe fatigassem o cérebro.

Em seus olhos anuviados foram se tornando distintas as figuras que a rodeavam e sua lucidez emergiu das trevas como se a mocidade e ânsia de viver pulsassem nela com novo vigor. A dormência dos sentidos esvaiu-se pouco a pouco e Alfredo poderia ter naquele caso um orgulho, uma vitória se não houvesse restado uma nódoa em seu trabalho: Maria Lúcia ficara desmemoriada.

Aquilo preocupou-o. A moça não recordava nem mesmo seu nome.

Tôdas as perguntas referentes ao seu passado, sua vida, sua família, ficavam sem resposta. Alfredo notava que Maria Lúcia fazia esforços procurando sondar seu próprio eu e a fadiga terminava em crises de choro que só poderiam prejudicar a tarefa de tantos meses. Para acalmá-la, prometeu investigar sua identidade. Como ponto de partida sabia que sua cliente viera do "front" da Itália e ali fora internada às expensas do governo.

Alfredo seguiu para São Paulo no primeiro noturno que passou pela estaçãozinha próxima ao sanatório e lá demorou-se perto de duas semanas. Quando voltou, foi direito ao encontro de Maria Lúcia. No lugar costumeiro, a moça

o esperava e sorriu ao vê-lo aproximar-se.

— Bom dia, Maria Lúcia.

— Bom dia, doutor; traz-me boas notícias?

O médico sentou-se ao lado dela.

— Não muito boas...

— Doutor!

— Conversemos com calma, Maria Lúcia. Quase nada consegui apurar. Visitei o curso onde você esteve e lá indicaram-me o seu emprego.

— Emprego?...

— Sim; num magazine feminino. Lembra-se disso?

— Não... absolutamente...

— Pois vamos adiante. Você, segundo me disseram algumas de suas colegas, fugira de um orfanato...

— Orfanato, quer dizer...

— Você não tem pais.

— Nem nenhum outro parente?

— Parece-me que não. Fui ao Orfanato, mas pouco me adiantaram. Você foi posta ali quando pequenina e sem nenhuma explicação ou documento.

— Isto é horrível, doutor! Pior ainda, porque as idéias não me ajudam. Não me recordo de coisa alguma.

— Nem do orfanato? pense um pouco! recorde-se!

— Não posso, doutor; não consigo. Sinto-me como num quarto escuro: sem a menor orientação.

— Não se desespere, Maria Lúcia; pode haver uma solução.

— Obrigada, doutor; o senhor tem sido imensamente dedicado.

*

Naquela noite, já no leito, Alfredo

do pensou detidamente na situação da pobre moça. Chegou mesmo a lamentar aquela derrota que lhe impusera o destino. Seria mais humano deixá-la no estado primitivo a atirá-la no mundo sem ter onde se amparar. Era preciso cobrir aquela falha! Não julgaria uma cura louvável se não pudesse pôr calma em seu espírito. Desejava dar-lhe coragem, ânimo para viver sem o complexo de ser uma estranha no meio da humanidade. Só assim estaria em paz com a consciência.

Surgiu-lhe então uma idéia luminosa; uma idéia fantástica a princípio, mas que, pouco a pouco, foi se tornando concebível, palpável e que, por fim, fixou-se-lhe no pensamento: desposaria Maria Lúcia. Não lhe faria mal uma companheira naquela vida de tédio que levava no sanatório. Ademais, a moça era interessante; possuía enormes olhos de um cinza-côr de poeira, cabelos acastanhados e uma meiguice geral que agradava em cheio. Como sua esposa, teria um lugar no mundo e juntos os dois poderiam conquistar uma vida calma, equilibrada e até mesmo feliz.

Tudo saiu segundo os planos de Alfredo. Maria Lúcia cedeu à sua proposta e, mesmo na capelinha branca do sanatório, sem nenhum aparato, realizou-se a cerimônia. Ficaram habitando o apartamento do fim do prédio, onde Maria Lúcia morava desde que experimentara melhoras acentuadas.

Eram felizes. Tinham vidas semelhantes e o abandono que cada qual trazia consigo cedeu lugar para o carinho e compreensão de um para com o outro.

*

Dois anos se passaram.

Um dia, num fim de semana, Alfredo e os outros médicos do sanatório combinaram uma caçada para a manhã de domingo. Abundavam os coelhos no matagal da região e fi-



Conto de NEYDE JOPPERT

Ilustrações de Redolfo

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "ALTEROSA"



A sua elegância necessita desta proteção!

... Aplicando um pouco de ODORONO nas axilas, evita o suor o dia inteiro — e ainda protege seus vestidos! ODORONO é uma fórmula médica. E' inofensivo. E' de fácil aplicação, de efeito prolongado e não irrita a pele. Adquira ODORONO hoje mesmo! ODORONO é oferecido em duas espécies: "REGULAR", de ação prolongada; "INSTANTANEO", para as peles delicadas.

*A senhora prefere os Crêmes?
O Crème ODORONO é tão suave
como um creme vaporoso... é
duma fragrância superfina...
de facilíssima aplicação!*

ODO-RO-NO

Desodorante e Corretivo da Transpiração

ORQUIDEAS

"Laelia Purpurata" — a rainha das selvas do sul — flores enormes de sépalas e pétalas brancas ou rosadas — labelo purpúreo.

— planta escolhida — Cr\$ 30,00 — porte e embalagem (caixeta de madeira) já inclusos. — José R. Amaral Junior — Caixa Postal, 154 — CAMPINAS — E. S. Paulo.

cou assentado que iriam todos perseguir os saborosos animais. Maria Lúcia fazia parte do grupo e bem assim algumas enfermeiras internas que gozavam de folga naquela dia.

E assim sucedeu. Foram cedo para o campo e numa caravana de mais de vinte espalharam-se pelas agruras do terreno em busca da caça.

Maria Lúcia seguia sempre ao lado de Alfredo e os dois se perdiam no capinzal, subindo colinas, saltando valados, correndo, disparando aos ruídos suspeitos, rindo dos sustos inúteis e das dificuldades que surgiam a cada passo.

Num dos momentos em que desciam aceleradamente um declive do terreno, ela adiante, e o marido dois ou três passos à sua retaguarda, Alfredo torceu o pé e foi ao chão pesadamente. Num gesto involuntário, seu dedo apertou o gatilho da espingarda, que disparou. Num instante depois, Maria Lúcia caía sem uma contração, sem um gemido. Alfredo levantou-se, correu para a moça, gritou pelos companheiros que lhe estavam mais perto e, depois de um rápido exame, verificou que a bala a atingira próximo ao ouvido. Tirou o lenço, amarrou-lhe a cabeça ensanguentada e à esse tempo chegavam os outros, atraídos pela voz do colega.

✱

Horas mais tarde, Maria Lúcia estava num leito do sanatório. Alfredo, desolado, sabia que só um milagre a salvaria. Arrojado como poucos, quis tentar o milagre. Preparou-se para operá-la e levavam-na à mesa, quando um dos médicos mais antigos e experientes advertiu o colega.

— Não faça isso, Alfredo! Você sabe que é absurdo!

— Mas ela é minha esposa!

— Bem sei, mas é inútil. Você possui três probabilidades, dentre cem, de fazê-la viver. E destas três somente uma é aceitável, pois o mais difícil é salvar-lhe a vida e a razão a um só tempo.

— Mas ela estava curada!

— Com outra personalidade. Isto significa que havia uma anormalidade em seu cérebro. O choque de agora pode devolver-lhe a loucura.

Alfredo enterrou as mãos na cabeça, confuso.

— Não posso deixá-la morrer! Não posso!

— Prefere-a louca?

— Isto é um dilema meu Deus! Que fazer?

— Não seja egoísta, Alfredo; Deixe-a morrer em paz.

Durante um momento o rapaz

vacilou. Mas dentre as idéias borbulhantes erguia-se um motivo poderoso, irreprimível, maior que a própria consciência: amava-a! Pela primeira vez, sentia que amava perdidamente Maria Lúcia. Nunca pensara nisto até então. Nunca pensara que ficaria tão desorientado se a quisessem arrancar de seu lado.

Levantou-se e foi à sala de operações. Deitou um último olhar ao colega e encerrou-se no trabalho sem mais medir consequências.

Três dias se passaram antes que a moça desse acordo de si. Alfredo fez-lhe duas transfusões de sangue e afinal, passado o prazo de perigo maior, já na quarta madrugada após o acidente, Maria Lúcia recobrou os sentidos.

Alfredo estava a seu lado quando seus olhos se abriram. Como se esperasse a leitura de uma sentença, seu coração pulsava lenta e fortemente contra as paredes do peito. A emoção cortava-lhe a respiração e em seus ouvidos passavam zumbidos atordoantes. O olhar, os movimentos de Maria Lúcia pareciam lerdos e cansados aumentando de séculos aquela espera cruciante.

Os olhos da moça bateram no médico e um alívio consolador passou-lhe pelo corpo. Naquelles grandes olhos cor de poeira havia tranquilidade, placidez, calma somente, própria de cérebros lúcidos.

Mas a surpresa, a terrível surpresa daquele momento veio-lhe pelo lado não esperado. Maria Lúcia parecia não o ver, olhava-o como a um estranho. Depois entreabriu os lábios descorados e indagou:

— Onde estou?

— Em casa, Maria Lúcia; não me reconhece?

— Isto é um hospital?

Alfredo gelou até os ossos.

— O sanatório, Maria Lúcia, no interior de São Paulo!

— Então já estou no Brasil?

— Maria Lúcia...

— Oh! doi-me a cabeça... Agora me lembro... o bombardeio de Nápoles, o desastre... mas como me doi a cabeça!

Alfredo sentiu uma nuvem escura turvar-lhe a vista. Já mais calmo, deixou o quarto e o colega que presenciara a cena consolou-o com palavras amigas.

✱

Na manhã seguinte a moça experimentava sensíveis melhoras e Alfredo pôde voltar a lhe falar. Entrou no quarto, sentou-se junto à cama e tomou-lhe o pulso.

— Vai muito bem a minha doente.

— Demoro a ficar boa, doutor?

Aquela cerimônia foi-lhe uma punhalada. Compreendia que a esposa recuperara a memória no ponto em que estacionara quando a loucura a envolvera.

— Não, Maria Lúcia; questão de poucos dias.

— Quanto tempo estive doente?

— Um tempo bem longo, Maria Lúcia.

— Crê que poderei voltar ao "front"?

— Já não será preciso; a guerra terminou.

Seus olhos tornaram-se maiores sob o espanto.

— Há mais de dois anos.

— Doutor!

— Acalme-se, Maria Lúcia. E agora procure responder com precisão às minhas perguntas. Você esteve inconsciente muito tempo. Lembra-se de alguma coisa neste período?

— Creio que não...

— Faça um esforço! Lembra-se de alguma particularidade, de algum fato que auxilie sua memória?

— Não, doutor...

— Veja bem, Maria Lúcia: nunca pensou em caçar coelhos?

A moça riu débilmente.

— Que idéia, doutor!

Alfredo desanimava. A testa molhada de suor denotava cansaço e seus olhos pregados na moça pareciam gritar desesperadamente "você me pertence!"

— Maria Lúcia eu preciso de seu auxílio! diga-me: não tem idéia de haver amado alguém? lembre-se de algum homem em sua vida?

A moça recordou qualquer coisa dolorosa pois seus olhos encheram-se d'água.

— Sim, doutor; lembro-me vagamente de ter amado alguém...

Alfredo sentiu o coração saltar doadamente. Enfim ela o iria reconhecer!

— Lembra-se dele? vamos, Maria Lúcia, diga-me o nome deste homem.

— Não penso que poderá auxiliá-lo, doutor. Ele está morto.

— Morto?!

— Morreu na Itália, doutor. Era sargento e iam casar quando seu regimento foi enviado para Monte Castelo. Não voltei a vê-lo e mais tarde soube de sua morte.

Alfredo sentia um tumulto interior. Era dor, desespero, ciúme, tudo num só sentimento atordoante. Maria Lúcia, a sua doce e meiga Maria Lúcia, amara outro e, pior que isso, esquecera o que fora naqueles dois anos, que formavam parêntesis em sua vida. Esquecera-se de que ele ficara nesse parêntesis como um prisioneiro desgraçado.

*

Um mês depois, Maria Lúcia teve alta no sanatório. A despeito dos protestos alheios, Alfredo não admitiu que fosse mencionado seu casamento com a jovem. Sentia que Maria Lúcia não voltaria a pertencer-lhe e apenas na hora de se despedirem indagou num gesto irreprimevel.

— Para onde vai, Maria Lúcia?

— Não sei, doutor. Talvez regresso ao convento onde fui criada. Preciso descanso e nada mais me prende ao mundo; dei-me mal na experiência que fiz de enfrentá-lo.

Quando a viu partir, Alfredo julgou que o mundo desabava.

A seu lado, um colega teve uma suave censura.

— Você foi tolo, Alfredo. Ela era a sua felicidade.

— Há várias formas de sermos felizes; esta é uma delas...



ESTENDIDO sôbre a cama, a cabeça enterrada no travesseiro, Anselmo dormia profundamente. Ressonava com absoluta calma, inflando as narinas e respirando gostosamente, como se estivesse de posse de tôdas as bênçãos do céu. Dormia como um bemaventurado, embora na realidade a sua vida não fôsse um mar de rosas...

Marta, de olhos miúdos e esverdeados, muitas vês era mais felina e ciumenta que uma gata. Trazia o marido na ponta do dedo e, à menor sombra de desconfiança, abria logo um escarcéu medonho. Era um ciúme honesto e sincero, mas em tôdas as circunstâncias total e violento. Mercê dêsse estado de coisas, Anselmo tudo fazia para não ferir as dúvidas sentimentais da espôsa. Raramente chegava tarde para o jantar, jamais se esquecia do aniversário de Marta e era com inefável gostosura que apreciava todos os vestidos e quitutes da encantadora carametade. Procedia, em suma, como o melhor dos maridos. Vivia exclusivamente para o lar e para os carinhos de Marta, que o afastava cada vez mais dos amigos e dos já quase esquecidos encontros do Clube, onde Anselmo revia os companheiros de estudos e participava da habitual rodada de pôquer.

Verdade é que, de semana em semana, Anselmo arranjava um jeito de ficar mais tarde fora de casa. Alegava o acúmulo de serviço e a necessidade de um serão no escritório. E, apesar da fiscalização telefônica por parte de Marta, tal iniciativa lhe permitia trocar cartas de baralho com os amigos. Isso, não obstante, não dava inteira liberdade e segurança de espírito a Anselmo que temia, de uma hora para outra, ver desmascarada essa trama. Urgia, pois, encontrar uma nova solução que em nada afetasse o seu prestígio doméstico. E foi, justamente, o que ficou deliberado no encontro da última sexta-feira. Para júbilo de Marta, o marido passou a voltar cedo para a casa, mal acabava o expediente diário. Com essa noite era, pois, a oitava noite que Anselmo se recolhia pouco depois do jantar. A espôsa ainda estava ouvindo, pelo rádio, mais um cruciente capítulo de "Amor de mãe" quando o marido, após um bocêjo espetacular se enveredou para o quarto. Vestiu o pijama de bolinhas azuis, meteu-se nos lençóis. E lá estava ressonando alto e tranquilamente quando Marta entrou no quarto...



Marta inclinou um pouca a cabeça e espiou o marido. Fêz um gesto com os ombros.

— Que grande dorminhoco eu arranjei, Deus meu!

Ajeitou-se na cama, empurrando mansamente o corpo do marido para o lado. E ficou quieta, pensativa, olhando o teto, fazendo planos.

Um bom espaço de hora já havia passado quando percebeu um ruído qualquer. Vinha do interior da casa.

— Que será?

Pensou em chamar o marido. Mas para quê? Naturalmente era o gato, na cozinha. Deu um leve beijo no rosto de Anselmo e se enfiou novamente nas cobertas. O sono já lhe fazia acenos quando alguma coisa caiu na sala. Marta, assustada, sentou-se na cama. Segurou nervosamente o marido, chamando-o baixinho:

— Anselmo...

Um gemido vago foi a resposta. Anselmo se mexeu, puxou a coberta até a cabeça,

de Ladrão



Ilustração de Rocha



virou para o canto. Marta insistiu, sacudindo-o.

— Anselmo, meu bem, acorda...

— Ahn!

— Tem alguém dentro de casa, bem-zinho!

— Quem?

— Não sei, Anselmo. Deve ser ladrão...

Anselmo abriu os olhos. Fitou a esposa e, preguiçosamente, foi se largando no colchão macio.

A esposa, então, não se conteve mais. Sacudiu-o com força.

— O que é isso, homem! Acorda, Anselmo!

Este, à pulso, foi obrigado a se levantar.

— O que é, mulher?

— Não sei, querido... disse ela meio chorosa — Ouço ruídos, acho que tem gente dentro de casa...

— Tolice.

— Tolicie. Ouça, então...

Da sala, com efeito, vinha um barulho de passos.

— Está ouvindo, meu bem?

Anselmo tomou uma resolução decidida. Tirou o revolver da mesinha de cabeceira, encaminhou-se para a porta.

— Fica calma, Marta. Vou ver o que é...

— Vou com você, Anselmo! Não fico aqui sózinha...

Cuidadosamente, Anselmo abriu a porta.

Marta fez uma recomendação.

— E' melhor não atirar, Anselmo. Vamos chamar o vizinho para ajudar...

Anselmo, em resposta, disse quase gritando para que o próprio ladrão ouvisse.

— Acenda a luz, Marta, enquanto dou voz de prisão a este patife!

A sala ficou inundada de luz. O ladrão, pilhado, pôs-se a tremer:

— Não me mate, doutor, não me mate! — implorou ele.

Como nos melodramas de estilo, o ladrão, de rosto escondido numa negra máscara, tremia da cabeça aos pés. Anselmo berrou, num tom quase patético.

— Levante os braços, covarde!

O homem obedeceu. Marta, já refeita do susto e vendo o marido assim disposto, largou o seu braço. Nunca supunha que o marido fosse tão corajoso. E, a seus olhos, Anselmo ficou sendo um herói.

— Vamos chamar a polícia, meu bem?

— Não, Marta. Vou levá-lo, eu mesmo. Traz minha roupa e os sapatos. Me vestirei, de olho nesse biltre. Se ele se mexer eu o vararei com uma bala...

A mulher trouxe a roupa. E, solícita, ajudou o marido a se vestir.

Minutos depois, Anselmo recomendava, já da porta:

— Fecha bem a casa, querida. Na certa me demorarei, pois o distrito fica longe. E, naturalmente, terei que depôr e isso também é coisa demorada. Se você quiser vai ao vizinho e pede a D. Florinda para mandar a Margot, que lhe fará companhia. E' melhor assim...

Feito isso, saiu rua afora conduzindo o pobre ladrão.

*

Cinco minutos depois, já no bonde, o ladrão e Anselmo explodiam numa belíssima gargalhada.

— Puxa, Anselmo, você me faz passar cada uma! Imagine se tua mulher inventa de abrir o berreiro. Estaria frito, rapaz!

— Qua! nada, amigo. Tudo deu certo... Mas vem cá, onde é o joguinho hoje, heim?

Pilherias

— Olhe aqui, "seu" garçon, acabo de encontrar na comida um pedaço de madeira! Admito que o senhor me sirva carne de cavalo, mas não estou é disposto a comer o coche...

*

— Veja o senhor como dorme o nosso vizinho desde que começou o filme! Nem as pulgas o acordam...

— Estou vendo! Mas não acho que isso seja motivo para o senhor me acordar...

*

— Com que o pobre Silva morreu! E de quê, sabe?

— Não. Os próprios médicos não conseguiram atinar com a moléstia.

— E' interessante. Nunca conheci ninguém assim. Antes de morrer, ninguém sabia de que ele vivia; depois de morto, ninguém sabe de que morreu...

*

— Esta árvore aqui, jardineiro, foi cultivada artificialmente?

— Naturalmente.

— Naturalmente?

— Não, artificialmente.

— Mas, afinal: naturalmente ou artificialmente?

— Artificialmente, naturalmente.

*

— Dê-me um exemplo, menino, de um animal de duas patas.

— O senhor não se zangará?

*

No Tribunal:

— O senhor devia ter visto logo que uma mercadoria, vendida por tão baixo preço, tinha de ser, forçosamente, produto do roubo.

— Pois eu sempre pensei ao contrário, senhor juiz: julgava que os ladrões é que vendiam por preço alto...

*

— Por que rompeste teu noivado com a Lúcia?

— Por causa de um papagaio. Imagina que o diabo do bicho passava o dia inteiro gritar: — "João, não faças isso!" "Cuidado, João, que mamãe nos vê!"

— E que mal havia?

— E' que não me chamo João...

*

— Quando me pagará essa conta, senhor?

— Nesse momento, o senhor me faz lembrar de um sobrinho meu, de seis anos...

— Por quê?

— Porque me faz sempre perguntas às quais não sei responder...

A ALMA DAS JOÍAS



AS JOIAS também têm alma. E' uma alma limpa, mas inquietante e atormentada conforme as pedras e o metal que as compõem. O orgulho do brilhante, a elegância do rubi, a esperança da esmeralda... Até onde precisaríamos retroceder para não encontrar as jóias nos enfeites femininos?

Que elas sejam enfeites miseráveis ou suntuosos, o certo é que encontramos-las representadas por rústicos adereços de pedras, como ornamento das mulheres pri-

mitivas, veladas com o mesmo carinho e cubiçadas como mais tarde foram as jóias de Salambó e as da rainha de Sabá.

Nossa civilização, sorrindo dessas mutações, ainda nos aponta ao lado das pulseiras de diamantes, os colares de contas de vidros... As jóias, não importa o seu valor, têm a alma dos seus possuidores. Quanto encanto no brilho mentiroso das pedras falsas! E poderá não ser de linhagem nobre uma dama que ostenta uma jóia de alto valor? O belo, o nobre, o harmonioso, não podem deixar de exigir das possuidoras de numerosas jóias, a sua exibição com absoluta oportunidade. Nada mais deplorável que um bracelete de diamantes sobre a manga de lã de um "pull-over". Tais jóias sómente à tarde devem ser exibidas.

Uma dama elegante e de gosto, jamais teria a preocupação de usar numa só tarde todas as suas jóias, desde as pulseiras altas até aos "pendentifs" de brilhantes que ofuscam como torrentes de luz, ou aos custosos alfinetes que lhe prendem o penteado. O seu prazer será o de mostrar, num dia, as suas esmeraldas, noutro, as suas safiras, e assim sucessivamente, para atender às exigências do fausto, do luxo...

As jóias antigas seduzem muito as mulheres extremamente elegantes, pois poucas preferem o moderno e o clássico; contudo, as jóias não devem ser adquiridas consultando o gosto, mas o porte físico. As jóias modernas, por exemplo, convêm mais a um porte delicado e alto, enquanto as jóias clássicas enfeitam melhor uma dama menos jovem. A silhueta ou o porte pedem ou dispensam o uso de certos adereços, como a maneira de vestir os provoca ou recusa. A disparidade que se observa em longos brinços, usados com chapéus exageradamente altos, por pessoas de pequeno porte, jamais poderá ser dissimulada.

Tais erros jamais deveriam ser cometidos, pois a pérola falsa e de volume disforme, sobre um "costume-tailleur", também nunca chegará à imaginação, sequer, de uma dama verdadeiramente elegante, já pelo seu gosto e pela sua educação.



Experimente o Novo Secante oleoso CUTEX de ação rápida!



"QUICK DRY" fixa e seca o esmalte
num piscar d'olhos... Basta aplicá-lo
e, no mesmo instante, poderá
pôr as luvas e sair!

QUICK DRY — a maior descoberta para
a beleza de suas mãos, desde o apare-
cimento do esmalte líquido de unhas!

Um novo secante que age em
poucos momentos — fixa o brilho e o
esmalte, num relance! Evita demoras
e retoques. Passe "Quick Dry" sobre

o esmalte nas unhas e calce as luvas
sem receio.

"Quick Dry" contribui também
para manter as unhas imaculadas. Não
deixa o esmalte descascar, protege-o
contra arranhões e, ao mesmo tempo,
amacia a cutícula.

J. W. I.

Porque Matei o Violinista

Ernani Fornari

Ilustração de Rodolfo



Ernani Fornari é uma das mais expressivas figuras da intelectualidade moderna. Prosador e poeta, sua atividade se estende com o mesmo brilhantismo ao jornalismo ao teatro, gênero em que se consagrou com a peça "Sinhá Moça Chorou!...". Já publicou vários livros: "Missal de Ternura e Humildade" e "Trem da Serra", poesias, e "Enquanto ela dorme...", contos.

O conto que publicamos expressa bem o poder de originalidade do brilhante escritor patricio.

ANTES de mais nada, devo explicar porque motivo escrevi o *Sem Palmas*, conto hoje tão famoso e já traduzido em mais de dez idiomas, a despeito, segundo lamentou um lamentável crítico norueguês, do fim trágico e desumano que dei à personagem central.

A história da origem desse conto é a seguinte:

Na mesma noite em que se verificava, em Chicago, o espantoso incêndio — quase digo *espaventoso* — de um de seus maiores teatros (se não me falha a memória o Michigan Theatre), no qual morreram mil setecentos e oitenta e três pessoas — Vamos! um recorde em matéria de carbonização coletiva! — recebia eu daquela cidade um cabograma bastante singular. Calcule-se isto: importantíssima companhia de seguro de vida e contra fogo, a *Life Insurance Company of Chicago*, encomendava-me com toda urgência, um conto literário, "meio realista e meio romântico", que devia ter por tema um incêndio num teatro.

Ora, tratando-se de empresa norte-americana, — e de seguros, tão extravagante incumbência tinha, percebe-se logo, um único escopo: aproveitar o lutuoso acontecimento nacional — esses práticos americanos! — para uma intensa propaganda da referida companhia seguradora.

Relutei um pouco, no entanto, em satisfazer a solicitação da *Life Insurance*, embora, está-se a ver, me desvanecesse e honrasse sobremaneira o haver meu nome, entre o de milhares de escritores famosos, sido lembrado e escolhido para tal tarefa. Minha relutância era ditada não só por escrúpulo sentimental, muito natural, aliás, em se tratando de um brasileiro como eu, mas ainda por me desagradar francamente fazer obras de empreitada. Sempre entendi que o escritor somente deve escre-

ver quando sente a "necessidade fisiológica" de escrever — se bem me expresso.

Convenhamos, porém, que cinco dólares por linha não é, por aí, uma dessas ofertas diante das quais os escrúpulos do homem mais sentimental possam resistir por muito tempo. Vai então um dia e decidi-me e escrevi, com rara felicidade — modestia à parte! — o tal conto que, há já alguns anos, todo o mundo conhece e, ainda hoje, lê com o mais vivo interesse e profunda emoção, apesar de certos erros e incorreções das primeiras edições inglesa e japonesa.

Seja-me porém permitido dizer agora que, inicialmente, o meu trabalho era muito diferente desse que corre por este mundo sensacionalista. Tinha até outro título quicá bem mais expressivo que *Sem Palmas*.

Para que se possam avaliar as transformações, por que está sujeita uma obra de arte, e possam também os leigos na matéria enfronhar-se da sutil metafísica das composições literárias, vou transcrever aqui o aludido conto, tal qual foi originária-

*

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

mente escrito. Isso feito, exporei as razões poderosíssimas que me levaram a matar o formoso e genial violinista — crueldade de que venho sendo tão rudemente censurado por alguns confrades despeitados com a repercussão do meu célebre conto.

Ei-lo num resumo, em sua forma primitiva:

O "MAL AGRADECIDO"

"O vozerio chiado das mulheres, a parla monótona dos homens; por vezes o pigarro ruidoso de algum manidano resfriado, e a tosse perra de algum milionário contrabandista e asmático: o enxame das galerias zumbindo; cheiros promiscuos de carnes "piósperas" e de essências finas, e os jorros feéricos das luzes, invadiam o ambiente de preguiça e sonolência boas.

Mãos tenras e transparentes de loiras *misses* abandonavam-se com sedução estudada sobre o mainel do ba-laustre dos camarotes, cujo revestimento de veludo vermelho dava realces macabros à alvura daquelas estranhas florações. Estofadas e graves matronas, que haviam comparecido ao concerto unicamente para exibir seu último *Patou*, investigavam, de luneta em punho, o "mau gosto" do vestido das outras mulheres e a autenticidade das joias que enchiam a plateia de estilhaços de luz e faiscas inquietas.

Em baixo — alguns homens enca-sacados e carecas, a quem irritavam o atrito dos tafetás e aquele zum-zum de coletividade, retiravam-se para os corredores, pletóricos e desconfiados com as galerias.

Em cima — estudantes e operários, irreverentes e brutais, jogavam chalaças aos "homens" daquelas mulheres tão ricas, tão lindas e, sobretudo, tão distantes.

Na rua — a chuva espelhava o asfalto das avenidas movimentadas e ruidosas.

A campanha deu o último sinal. Os que ainda fumavam e discutiam nos corredores abandonaram o cigarro e entraram precipitadamente a tomar os lugares.

* * *

Com os olhos fincados no infinito, tinha-se a impressão de que o artista tocava para um público invisível. Divino prestidigitador de sons, ar-

rancava do violino, com a vara mágico de arco, cabalisticamente, para jogá-los dentro daquelas almas, fogos de artifício e abismos vertiginosos; cristais partidos e uvas machucadas, num deslumbramento que se fazia alucinação; numa vibração que se fazia embriaguês.

Por vêzes, seus dedos longos e nervosos, tomados de *delirium tremens*, cabriolavam sobre o braço do instrumento, como se fôsem diabos asanhados de dor sobre o chão esbraseado da *Cidade Dolorosa*. Outras vêzes, tocavam em tantas cordas ao mesmo tempo, e faziam-se seus dedos tão suaves, tão suplicantes e evocativos, que parecia que seu arco estava, lá fora, a correr sobre os fios de água com que a chuva encordoava a noite.

Mas sempre aquela sensação: como se todo o teatro sentado num balanço enorme, a cortar o espaço num vai-vem ansioso, estivesse suspenso no último andar do arranha-céu mais alto de Chicago!

✱

De súbito, — Que é isso?! — gritos abafados, passos em correrias, barulhos de móveis arrastados e racrac de papéis machucados vieram sobressaltar o auditório.

— Que é isso?!

Levantaram-se todos a um tempo, com curiosidade espavorida. Foi um minuto de cem anos. O violino silenciou num *stacatto*, aumentando a confusão. Aquêlê instrumento, calando tão rapidamente, era como se desprotegesse a tôda aquela gente. Os espectadores, de pé, borborinhando, numa bisbilhotice medrosa de quem espera *saber sem querer ver*, procuravam a causa do tumulto que êles mesmos, já agora, provocavam.

— Ai!

— Meu Deus!

E o negrinho indicador, — Que orgulho êle tinha de sua libré vermelha! — precipitado dos balcões abaí-



xo tomba ao comprido sobre o gume dos espaldares e resvala para o chão, molengo e estrebuchante, perto de uma dama, que desmaia. Quase ao mesmo tempo, a guela escancarada do palco vomita sobre a multidão histérica uma bafurada de fumo.

Era a resposta.

Imediatamente, chamam dançarizes, aos requebros, numa coréia acrobática e desengonçada, a trepar pelos cenários, bastidores e bambinelas, invadem a cena para representar a verdadeira *Dança do Fogo*. O palco lança à platéia línguas enormes de labaredas, num crepitar satisfeito, como se fôsse a bocarra de um dragão vagneriano a estalar gulosamente os beiços.

Gritos de filhas abandonadas; clamores de esposas esquecidas; choros de crianças perdidas ou esmagadas pela turba alucinada; fragores por toda parte de quedas de caibros, portas e colunatas; estrépitos de gente a atirar-se das frisas e dos camarotes; metralhar de lâmpadas elétricas estourando na ribalta e nas gambiarras — ecoavam tetricamente pela abóbada serenamente azul do velho teatro.

A acústica aumentava o terror-pânico, dando ao menor ruído intensidades cósmicas de elementos em fúria. As saídas eram poucas para tanta gente — e queriam todos passar ao mesmo tempo.

Matavam-se para não morrerem.

* * *

O artista, ante aquele espetáculo de fogo e de lamentos, embebedou-se de horror.

Abraçado ao violino, chicoteado pelas chamas, apedrejado pelas faíscas, quedou-se, estuporado, bobo, grudado ao soalho, duro e parado como a estátua de sal da legenda bíblica, enquanto a fumaça, cada vez mais espessa, apertava-lhe a garganta com seus dedos moles de carbonos, asfixiando-o. Quando, com esforços sobre-humanos, conseguiu mover-se, já era tarde.

E lá ficou ele, estatelado junto da escada que tombara. Um círculo de fogo estreitava lentamente o cêr-

co à sua volta, apertando-o num grilhão de labaredas.

* * *

Sobre o leito número 3, imóvel, inchado de ataduras, jazia um monstro todo branco, mal feito boneco de algodão e gaze.

E, naquele instante, ele descerrou os olhos, como quem desperta de um sono igual ao de Lázaro.

Silêncio absoluto!

Pelos orifícios da ligadura, fixou os olhos para o que lhe estava à frente: deitado numa cama, perto de uma janela, um homem todo enfaixado abria e fechava a boca, gemendo — gemido que ele não ouvia! Incrédulo, olhou novamente; mais além, sempre em frente, também num leito de ferro, um rapaz barbado, magro, cor de vela de promessa, enxotava, como uma coisa que tanto podia ser um braço como um bambu, as mósas que, presentindo cheiro de decomposição, lhe pousavam sobre a face cadaverizada.

Que estranho lhe parecia tudo aquilo! Que casa era aquela? Por que aquele silêncio tumular no meio de tanta gente que parecia sofrer e gemer?

E ficou-se a considerar, olhos no teto, abstratamente. De repente, advinhando a sua grande tragédia, tentou mover-se. Não o conseguia: uma dor dilacerante gritou-lhe o “não pode!” que paralisa o gesto.

Foi, então, que se lembrou de tudo.

De tudo mesmo?

Olhou-se, devagar, quase a medo, ainda com um resto de esperança de que a realidade lhe dissesse que tudo aquilo de que ele estava se lembrando não passara de um sonho angustioso e mau. E eis que se surpreende naquele estado absurdo e ridículo, enrolado, como uma múmia preciosa, num sudário de algodão hidrófilo! Quis então apalpar-se. Mas como, se já não tinha... se já não tinha...?

O rúgido que lhe explodiu da alma, toda concentrada na garganta, foi a sanção da sua irremediável desgraça. Pôs-se a gritar, desatinada-

mente, a olhar para todos os lados:

— Onde estão os meus braços? Onde estão os meus braços?

Ah, aleijado!

O enfermeiro correu imediatamente para ele, ajudando-o a recostar-se no travesseiro.

— Que é que está sentindo?! Machucou-se?!

E o pranto brotou-lhe do coração bem como as searas, convulsivamente. De uma coisa somente lembrava-se ele agora: *nunca mais poderia tocar! Nunca mais!* Nunca mais sentiria ecoar dentro do cérebro e tomar dentro do coração, em troca das sementes de Beleza que espalhava pelo mundo, o tempestuoso rebramar dos “bravos”, e a chuva dessedentante das palmas — ventania que, dando ondulações de mar a seu trigal de ouro, espalhava o pólen de novas fecundações; linfa que mitigando o tantalismo do seu sonho da perfeição, era a verdadeira seiva da sua arte interpretativa.

Esquecido das dores que lhe queimavam a carne, da sede viva que lhe escaldava a boca, deixou pender a cabeça sobre os pensamentos — porque sobre o peito não podia. E seus pensamentos eram como caudas de cometas, que por onde passam destroem tudo; ter que continuar a viver! Ter que tornar a andar pela Terra! Andar?! Não! Não! Arrastar-se, rastejar, como um réptil asqueroso e feio, por este mesmo mundo que o vira sobrevoar, divino e belo, de triunfo em triunfo, impotente, agora, na plenitude da sensibilidade, quebradas em pleno voo suas asas de Glória, trazendo, acorrentada ao corpo inútil, uma alma surda e muda aos chamamentos de si mesma. Ter a música interior, vibrando, e não ter meios de expressão para ela! Ouvir aplausos glorificando outros menos capazes que ele e não poder bradar: — “*Eu sei tocar melhor*”. Ouvir aclamações vitorizando outros tão grandes e tão artistas como ele e não poder gritar: — “*Eu sei tocar assim!*” E nem ao menos ter uma só mão para agarrar-se à morte! Porque não o ha-



“52 Lições de Catecismo Espirita”

— ELISEU RIGONATTI —

UMA LIÇÃO DE ESPIRITISMO - EVANGÉLICO PARA CADA DOMINGO

*

ELEGANTE VOLUME CARTONADO, COM 120 PÁGINAS — Cr\$ 8,00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL À

LIVRARIA EDITORA LIALTO LTDA.

RUA ARAGUAIA, 65 - CAIXA POSTAL 696 - SÃO PAULO

TRIANGULO

viam deixado morrer entre os escombros do teatro, confundidas as suas cinzas com as de seu violino?

E as lágrimas iam-lhe umedecendo, a pouco e pouco, as gazes.

Nesse instante, viu vagamente, como quem olha através de um aquário de cristal, o vulto de alguém junto de sua cama. Viu, sem compreender, o enfermeiro afastar-se apressadamente, depois de ter dito "qualquer coisa ao vulto, que se aproximava cada vez mais".

Era um bombeiro, alto, grisalho, cara rosada estampando comoção. O bombeiro disse-lhe qualquer coisa carinhosa, que o violinista não pôde ouvir.

Ele, porém, não precisava ouvir — advinhava tudo.

— Foi o senhor quem me salvou, não é? — perguntou, a voz sumida, como se ela rompesse as profundidades de uma caverna. — Veio ver como está passando o monstro, não é?

O bombeiro, com os olhos marejados de lágrimas, sacudiu a cabeça, confirmando por confirmar.

Através dos buracos da ligadura, os olhos do artista fuzilaram como dois infernos. Que raiva lhe deu aquele homem de faces lisas, de aspecto saudável, e, sobretudo, com duas mãos intactas!

— Escuta — tornou com voz débil — Chegue-se mais, eu quero agradecer-lhe.

O homem acercou-se da cabeceira do leito e curvou bem o rosto sobre a boca do desgraçado, afim de ouvi-lo melhor.

Inopinadamente, num esforço violento, manindo-se de toda energia de que ainda era capaz seu físico combatido, o violinista arrancou das profundidades pulmonares um estalo seco, e, com a boca cheia, cuspiu bem na cara do seu salvador.

— Toma, bandido! — Era o que tu merecias!...

* * *

Esse era o conto.

Como se vê, muito diferente e bem menor que o actual. Agora, porém, vem a parte pungente e extraordinária desta *amende honorable*:

Mal terminara eu de reler as tiras já escritas, e, fatigado, pousava a caneta sobre a mesa, quando ouço passos no corredor. Como minha velha governanta tinha o costume de levantar-se, às vezes, alta madrugada, para me trazer na biblioteca uma chávena de chocolate, pensei que deveria ser ela. Esperei. Bateram à porta, fortemente. Pela violência devia ter sido com o pé. Surpreso, exclamei:

— Entre!

— Não posso abrir a porta! — respondeu uma voz desconhecida de homem, voz de intonação estranha, rouca.

Um homem, àquela hora tardia, dentro de minha casa? Levantei-me de um salto. Abri a gaveta, tirei o revólver, empunhei-o e, sorrateira-

mente, pé ante pé, fui até à porta e escancarei-a de chofre. (Não fôsse artimanha de algum ladrão!)

Mas fiquei interditado de susto. Diante de mim avultou, como uma aparição fantasmal, um espectro horrendo, uma "coisa" que de humano tinha tão apenas a forma do tronco. Sem braços, trazia em lugar da cabeça, um embrulho amarranhado de carne, eriçada aqui e ali de tufo de cabelos ruivos e duros. A cara, transformada numa massa informe, qual se houvessem atirado nela um punhado de pólvora esverdeada e gosmento, assemelhando um busto de barro ainda por modelar, plástico e úmido.

Recuei, apavorado.

O fantasma entrou na biblioteca, a arrastar os pés, chaplinscamente trágico. Aproximou-se bem do *abdt-jour*, e voltando-se para mim, bradou a chorar:

— Contemple-me! Olhe-me bem, e goze a sua obra! Veja o que a sua crueldade fez de mim, veja — um ridículo aleijão humano!... Eu, que era o encanto das mulheres e dos pássaros, serei, de hoje em diante, o espantinho até das crianças. Por simples capricho estético, a sua impiedade joga-me vivo no mundo que queria tanto, e que agora fugirá de mim, horrorizado. Julgou talvez que seria desumano matar-me? Por quê? Então não compreende que a vida para mim, agora, é mil vezes pior do que a morte, porque é fazer-me morrer e ressuscitar sessenta vezes por minuto? Por que consentiu que me salvassem? Diga! Por que fez isso, senhor? Por quê! — E dos buracos dos olhos tombavam lágrimas grossas como glicerina.

— Mas, eu...

— Sei o que vai dizer. A técnica, não é? As injunções da forma, não é assim? Mas a sua vaidade implacável de autor cruel esquece, em benefício da sua criação artística, o que será da vida da sua criatura. Que lhe importa uma vida, não é? Sim, que lhe importa que alguém sofra por sua culpa, se o senhor consegue obter, com essa vida e com esse sofrimento, um miserável efeito literário?... Bárbaro que é! Acaso já pensou no destino miserável que me espera lá fora? Eu, um dos maiores artistas do seu tempo, de pires de lata à boca, à porta dos *cafés*, vivendo da comisseração rueria, vivendo mais da grandeza do que fui do que farrapo injunção que hoje sou, esmolando em nome do meu passado esplendor! Veja — e soluçava — veja o seu violinista célebre, acabando, para não morrer de fome, grotesco fenómeno de circo, a cabeça enfiada num capuz, para que a sua cara não repugne aos espectadores, pintando e escrevendo com os pés, com os pés desarrolhando garrafas, preparando *omelettes* e comendo-as em cena, para a basbaquice das platéias plebéias.

(Conclui na pag. 24)

Aqui e Acolá

E estamos em janeiro. E' impossível esquecer que o Ano Novo ai está, reino predileto dos almanques, das previsões inocentes, dos sonhos que talvez permaneçam sonhos. "Mas sofre menos o que sofre em sonho", eis uma advertência sensata do poeta, e pode levar-nos a pensar um pouco nas verdades do solilóquio hamletiano. E o Ano Novo é uma entidade, alguma coisa que existe mas que orgulhosamente não se deixa abranger ou sequer medir. E' um símbolo, entre tantos, e só se entrega aos poucos, ressabiadamente, enquanto desmente os horóscopos e, às vezes, consente em coincidir com algumas profecias.

O Ano Novo se impõe e a gente se surpreende falando d'ele com relativa espontaneidade. Os olhos pouco proféticos não podem mesmo distinguir o que sugerem ou se esforçam por sugerir esses trezentos e tantos dias não vividos. Há, isto sim, um prazer especial em conferir o calendário, em saber que tal dia é feriado, é sexta-feira ou sábado, ou então que vai ser chuvoso, com ventos frios e noroeste, como informam, com uma constância comovedora, todos os postos meteorológicos do mundo. Não se consegue saber de onde virão os ventos, nem mesmo se virão. Mas a imagem é bela e os ventos frios a noroeste podem provocar um estado de poesia.

Todavia, o melhor talvez fôra dizer-lhe logo, leitor: boas-festas. Sem mais delongas, sem prosseguir nesta conversa inconsequente, uma conversa ilegítimamente de Ano Novo. Basta grafar Ano Novo, com maiúsculas, para emprestar a esse desconhecido uma força misteriosa. Não, não consultemos os horóscopos. Aceitemos a vida como está e o Ano Novo como puder ser.

GUY D'ALVIM FILHO



As ordens de São Paulo eram terminantes:

— Votação cerrada na chapa oficial, sob pena da Comissão Diretora cassar o reconhecimento do Diretório Político local, reconhecendo o Diretório da minoria, que também apoiava o governo.

O presidente do Estado, que não era homem de meios termos nem de meias medidas, assim deliberara, e assim se deveria proceder. Se o lema do Estado era um tanto autoritário: “**Não duco, duco**”, o do presidente ainda o era mais: “**Braço é braço**”.

Noutra eleição, posterior a essa, — adiantavam as ordens — seria estudada a possibilidade da inclusão do nome do dr. Antonio Pereira, mais conhecido por Nhonhô Pereira, na chapa oficial, realizando-se, por essa forma, sua grande aspiração: ser deputado estadual.

Desde que oficialmente apresentado, o nome de Nhonhô Pereira seria sufragado pelo eleitorado, e, mais do que isso, seria reconhecido pelo Congresso Estadual.

Sim, reconhecido, o que era fundamental, pois, mesmo eleitos por maioria absoluta, candidatos havia que não logravam a felicidade suprema do reconhecimento.

A “decapitação”, embora abolida das leis penais, prevalecia para as eleições. Não poucos foram

os eleitos que não se viram reconhecidos.

Para o Governo, não bastavam os cabos políticos as mesas eleitorais, os “fósforos”, a imprensa arrolhada, as demissões em massa do funcionalismo. Era necessária uma arma mais forte: a “dégola”.

Portanto, o Diretório não tinha por onde escolher: ordens eram ordens. “**braço era braço**”.

— Nhonhô Pereira não deveria candidatar-se para aquela legislatura.

Por maiores que fossem os entendimentos verificados, o presidente do Estado continuava na sua irredutibilidade, na sua teimosia córnea, traço essencial do seu caráter.

“Seu” Pedro Pereira, por obra e graça do Governo, **coronel** da Guarda Nacional, quando soube que as ordens eram irrevogáveis, estourou, subiu a serra e espumou como onça acuada.

— Era uma desconsideração, não apenas à política local, mas, principalmente, a sua pessoa, pois, além de presidente do Diretório, e prefeito municipal, era irmão do candidato “barrado”. Nhonhô Pereira seria deputado, — dizia.

— Para isso sobrava-lhe prestígio no município, na comarca e até em todo o nono Distrito!

Antes porém, de tomar qualquer atitude, o “coronel” resolveu to-

mar o pulso de seus companheiros de política.

Reunindo os correligionários, pediu demissão do cargo de presidente do Diretório e de prefeito municipal, fazendo ver a seus pares que o presidente do Estado opusera-se à eleição de Nhonhô Pereira e que ele, coronel, sentia-se desprestigiado.

Silvio Borba, farmacêutico da esquina, que acumulava as funções de Secretário do Diretório, às de zelador da Santa Casa e Secretário do “Clube Dramático, Dançante e Recreativo”, viu, no pedido de demissão de “seu” Pedro, a oportunidade de satisfazer a uma antiga aspiração: ser prefeito e presidente do Diretório.

Pediu a palavra e fez ver a conveniência política de ser aceita a demissão, até que a paz voltasse a reinar no seio do Partido...

— Não haveria desprestígio para o “coronel”, nem para a Comissão Diretora, — falou.

Insinuante, maneíroso, retórico e palavroso, recheou sua falação de uma porção de **indubitáveis**, **consensos**, **incontestes**, **lídimos**, etc.

Mas os velhos caboclos de barba rala que integravam o Diretório, construtores da cidade e cujos avengos tinham cruzado os sertões de Norte a Sul, de Leste a Oeste, à procura de ouro e de bugres, não concordaram com a sugestão.

O “coronel” Fulgêncio cuja patente tinha a mesma origem que a de “seu” Pedro, pediu a palavra e disse:

— Nós não aceita a exoneração de “seu” Pedro, que continua a ser nosso chefe, a merecer a nossa confiança. Nós **rompe** com a Comissão Diretora, deixando que ela reconheça o Diretório do José Alfaiate. Desde já lhes digo que a banda de música não dará “função” no dia da posse do outro diretório. Só se vier a de Jaú ou outra qualquer.

Silvio Borba, ante a reação dos membros do Diretório contramarchou valentemente, fazendo novo discurso com outros **indubitáveis**, **lídimos**, alguns **irredutíveis**, muitos **incontestes** e um punhado de **preclaros**...

E a coisa ficou assente de pedir e cal: “seu” Pedro não se exoneraria, nem de prefeito, nem de presidente do Diretório. Aguardariam a nomeação do novo Diretório, presidido pelo José Alfaiate, estabelecendo-se solenemente que a banda de música não tocaria na cerimônia da posse. E, por ocasião das eleições, votariam cerradamente no nome do Nhonhô Perei-

As Razões do Coronel

Conto de Nóbrega de Siqueira

Ilustrações de Rodolfo

ra, apenas no nome do Nhonhô Pereira.

Chegada a notícia ao conhecimento da Comissão Diretora, ou melhor, ao conhecimento do presidente do Estado, imediatamente um emissário político partiu para Bocaina, cidade trepada na serra de Brotas e em cuja igreja figuram as derradeiras telas sacras de Benedito Calixto.

Várias considerações foram feitas ao coronel e aos demais membros do Diretório:

— A eleição do dr. Paulo Veiga, filho do senador Lupércio Veiga, para o cargo de deputado estadual, era um antigo compromisso do Partido, o qual deveria ser respeitado, — dizia o emissário. O candidato, figura de grande prestígio, vinha de concluir, com brilho invulgar, seu curso de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, muito embora estivesse afastado do país há dez anos, exercendo, em Paris, o cargo de delegado especial da Comissão de Compras, Vendas, Propaganda, Fomento e Defesa da Beterraba. O dr. Paulo Veiga era uma notabilidade, tanto que, nesse mesmo período, exercera os cargos de oficial de gabinete do secretário das comunicações, inspetor do Ensino Obrigatório, depositário dos Bens das Viúvas Inconsoláveis e catedrático da Universidade Coreográfica dos Ritmos Dolentes. Um portento, como se via. Um poço de sabedoria. Servia ao Partido ao mesmo tempo, em diversos setores, os mais dispares, os mais diversos, os mais extravagantes. Tinha que ser eleito... "Braço é braço".

O coronel recebeu o emissário, mandou-lhe servir café, mas, não aceitou as razões.

Apoiadíssimo pelos caboclos de porca barba e muita dignidade, inclusive por Sívio Borba, manteve-se na sua irreducibilidade.

— Nhonhô Pereira será deputado, com o Governo, sem o Governo ou contra o Governo, mesmo porque, "braço é braço"! — disse o coronel ao emissário da Comissão Diretora, ou melhor, ao emissário do presidente do Estado...

— Perdão, coronel, mas essa frase é o "ex-libris" de S. Excia., o Sr. Presidente.

— Pois diga ao sr. Presidente que também ficará sendo minha. Eu também vou mostrar que não

sou maneta e que "braço é braço"...

Assim que o emissário regressou a São Paulo, chegou um telegrama destituindo o antigo Diretório e reconhecendo o Diretório presidido pelo José Alfaiate. Era o rompimento formal das hostilidades. Governo "versus" Governo. Estado contra município.

Os argumentos do coronel e de seus pares eram dignos de consideração.

— Vamos ver com quantos paus se faz uma canoa!... Quando chegar a hora da onça beber água é que queremos ver!... O município é que vota, é que prestigia o Governo... Do município vai o café, o algodão, o leite, a carne, a madeira, o gado, o queijo e os votos!... Aqui são consumidos os produtos industriais manipulados na metrópole!...

Nos seus conceitos diferentes, definiam, de fato, a verdadeira situação dos municípios, cadinhos a absorver o colono estrangeiro, fixando-o à terra, células onde estão as grandes reservas da nacionalidade...

O presidente, porém, não queria aceitar a realidade em toda a sua extensão. (O presidente, aliás era um homem destinado a nunca aceitar a realidade em toda a sua extensão...)

Chegou o dia da posse do Diretório de José Alfaiate. A banda de música negou-se terminantemente a "abrilhantar a solenidade com seus maviosíssimos acordes", como o registou, posteriormente, "O Brado", — mensário noticioso e literário da oposição.

Em substituição à banda e como ainda não houvesse rádio, o José Alfaiate arranhou emprestada a vitrola do Bentôca da Ritôca, estafeta da Agência dos Correios que, há 25 anos, acompanhava todas as situações. O pior é que no "Pé de Anjo" consistia toda a discoteca do Bentôca da Ritôca. Por isso, durante toda a solenidade de posse, ouviu-se somente o "Té de Anjo".

Enquanto ferviam os arraiais coronelícios, outros Diretórios de cidades circunvizinhas iam sendo derrubados. Seguiam-se cenas mais ou menos idênticas. Frente



à negativa formal das bandas de música, tradicionalmente ligadas aos velhos políticos da zona, tinham que ser arranjadas outras vitrolas...

Em Iacanga, o pistão era oposicionista. Como não houvesse nenhuma vitrola, nem com o "Pé de Anjo", nem sem o "Pé de Anjo", mandaram vir de empréstimo a mesma que solenizara a posse do José Alfalate. E foi um "dueto" admirável de vitrola e pistão, sanfonando maviosamente o "Pé de Anjo".

O dia da eleição, porém, ia se aproximando.

Os deputados do Distrito tinham que ir ao interior, catequisar o eleitorado. O diabo é que não havia banda de música para recebê-los. Uns, mais democratas, dispensavam o cerimonial da recepção. Outros, contudo, apegados ao protocolo, formalistas e pragmatistas, queriam recepção. E o "Pé de Anjo", música da moda, começou a ser tocada em todas as gares, em todos os desembarques, em todas as recepções...

A Comissão Diretora, ou melhor, o Presidente do Estado, pensou em mandar uma porção de discos para o interior... "A Baratinha", "Jura", vários sambas de Sinhô e valsas de Marcelo Tupinambá. Mas os deputados começaram a achar ruim.

— Era desmoralizante, para um representante do povo, ser recebido com vitrola — argumentavam. E as reclamações começaram a chover, junto ao presidente, o qual, por sua vez, resolveu estourar com todos os deputados.

— Não há bandas de música? Pois que sejam recebidos com vitrola, com dueto de vitrola e pistão, com vitrola sómente! O "Pé de Anjo" até que é bem bonito!... Demais, "braço é braço", — arrematava o presidente.

Quando o presidente dizia "braço é braço" até os alicerces dos Campos Elíseos tremiam...

Menos o coronel!

Em Bocaina, assim como nas cidades vizinhas, prosseguiram os preparativos para o pleito.

Nhonhô Pereira, médico humanitaríssimo, que, durante a epidemia da gripe espanhola, fizera bandeirismo moderno, cruzando todas as estradas da zona, à procura dos lares distantes onde fôsse precisa sua assistência profissional, era adorado pelo povo da região. Receltando para uns, curando outros, levando remédios gratuitamente a terceiros, atendendo aos colonos, como aos patrões, aos ricos, como aos pobres, aos brancos, como aos pretos, aos nacionais, como aos estrangeiros, Nhonhô Pereira era um São Vicente de Paulo do 9.º Distrito... Homem simples e destituído de vaidades, quis retirar sua candi-

datura a deputado. Mas o coronel não o permitiu.

— Nhonhô, meu irmão, "braço é braço"! Você será deputado!

No dia das eleições, a chapa do Governo foi "furada", embora sem voto secreto. Em todo o 9.º Distrito, o Dr. Paulo Veiga obteve mil e poucos votos. Foi um escândalo e a "depuração" de Nhonhô Pereira tornava-se impossível...

Numa diferença de mil, de dois mil, de três mil votos, o "reconhecimento" faria o "trabalhinho". Ali, porém, a "degola" bradaria a céus e terras...

Enfurecido, o presidente rasgou vários decretos e atirou um tinteiro de autêntico cristal da Boêmia na cabeça sedosa de um legitimíssimo gato angorá!

Houve o reconhecimento, a proclamação, a posse.

José Alfalate, de raiva, botou a vitrola do Bentôca da Ritôca tocando o "Pé de Anjo" o dia inteiro. Mas a banda de música, fiel ao Diretório deposto, tocava muito mais alto...

À noite, houve baile de gala no "Clube" Dramático, Dançante e Recreativo. Silvio Borba fez três discursos.

Lá fora, na noite preta, foguetes espoucantes riscavam a escuridão e choravam lágrimas policrômicas.

De vez em quando, uma voz se elevava:

— "Viva Nhonhô Pereira"! Viva o coronel!"

Silvio Borba, querendo se destacar, deu um "morra" ao presidente. Mas não teve tempo de dar o segundo "morra", pois o coronel protestou:

— "Vivas", quantos vocês quiserem e muito obrigado, meus amigos! Morra nenhum! Rompemos com o político, mas continuamos a respeitar o presidente! Já fui seu partidário dedicado... O homem é teimoso, mas tem caráter!

— "Viva o coronel..."

— "Vivôôôôôôôôôô..."



DESENHOS
STUDIO
Rodolpho

AV. AFONSO PENA, 774
2º AND.-S/201-203
ED. CRUZEIRO
TEL. 2-7 1 2 2
BELO HORIZONTE

DESENHOS E CLICHÊS
PELO REEMBOLSO POSTAL

✱

O presidente, decorrido alguns meses, veio a saber da atitude do coronel.

"Vivas, quantos quiserem. Morra nenhum".

Resolveu, por isso mesmo, pela primeira e pela última vez na sua carreira política, trocar uma letra no seu "ex-libris".

Invés de "braço é braço", ficaria "braço a braço", pois o coronel os tivera e bons.

O coronel foi chamado a São Paulo. Comprou uma botina rangideira, gravata de laço feito, colarinho de ponta virada, guarda-chuva de seda e rumou para a Capital, para o "Hotel d'Oeste".

No dia seguinte, foi ao palácio, sendo recebido pelo presidente. Este, que personificava um regime, que representava uma época, apesar de sua teimosia, era um caráter.

Quanto ao coronel, era um desses jequitibás de raízes seculares que as grandes tempestades e os grandes ventos sacolejam, mas não derrubam. Tinha raízes na própria história da formação paulista.

Mediram-se, e o presidente sorriu. Após, S. Excia. consultou o coronel se aceitaria a Presidência do Diretório político local.

— Sr. Presidente, estou pronto a voltar a servir ao Partido e ao Estado! — falou o coronel com a voz embargada pela emoção.

O presidente também emocionou-se, frente àquele vulto rude e franco. Mas, "braço é braço"... S. Excia. ainda estava com uma pedrinha no sapato e tinha de tirá-la. Dirigiu-se, pois, em voz conselheiral ao coronel:

— Coronel, considere-se desde já, presidente do Diretório político situacionista no seu município. O senhor e seus companheiros serão prestigiados novamente pela Comissão Diretora que espera, para o futuro, não volte o Diretório a desmerecer de sua confiança, votando em candidaturas não oficiais. À Comissão Diretora magoou enormemente a atitude do Diretório político de Bocaina, principalmente de seu presidente que pertencia ao Partido, há mais de trinta anos. Mais de trinta anos de apóio partidário, coronel! Mais de trinta anos!... — frizou o presidente.

— Sr. Presidente, a Comissão Diretora, quanto a isso, tem toda a razão. De fato, nosso Diretório rompeu com o Partido, depois de trinta anos de apóio irrestrito — disse o coronel, como que se justificando. Desde a fundação da República, Sr. Presidente, eu apoiava o Partido. Mas V. Excia., esqueceu-se dum pequenino detalhe. Nhonhô Pereira está com 42 anos. E, há 42 anos, nós dois somos irmãos...

A ELEGANCIA ATRAVE'S DAS RAÇAS E DAS IDADES

DESDE quando a elegância vem preocupando o elemento feminino? Não será fácil, provavelmente, dizer-se a que época remontam os primeiros gostos destinados a dar nova feição à estética das descendentes de Eva, mas o certo é que, a serem fiéis, o que não se pode duvidar, as palavras do professor de arqueologia da Universidade de Edimburgo, Gordon Childe, já as mulheres das cavernas usavam **rouge**. Esse professor, em escavações que efetuou nas ilhas Orkney, teria encontrado sinais evidentes dessa substância da Beleza participando da toalete da Idade da Pedra. Disse aquele professor que "há uma indubitável semelhança entre as moradoras das cavernas e a mulher dos nossos dias. Também aquela se pintava. Encontramos recipientes com cores rosa e azul, que assim o provam".



Ante tão autorizada afirmativa, claro que devemos ficar hesitantes, diante do cunho de **novidade** emprestado aos coloridos variadíssimos de **rouges** e **batons** e outros elementos da vasta equipagem da elegância moderna.

Idêntica hesitação repetir-se-á sucessivamente, se conhecermos outros exemplos frisantes.

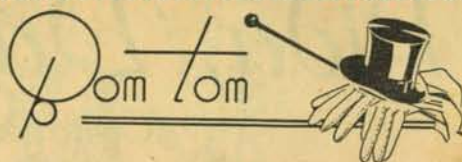
Em geral, o ideal de beleza difere de povo para povo, como difere a concepção do belo e da elegância.

Vejamos os esquimós.

À primeira vista, claro que ninguém conceberia que a luta contra os elementos, a vida numa casa de gelo e neve, perpétuo inverno, permitissem a existência de gosto pela elegância. Todavia, a esquimó tem a preocupação da toalete tão acentuada como a mais moderna parisiense. Ela passa a vida a coser e a bordar os seus trajes de gala, com o máximo carinho; ostenta, com coqueteria e vaidade, os "manteaux" que fariam inveja às elegantes civilizadas da América. Habitualmente, o traje da mulher e da pequena esquimó, compõe-se de calças de um casaco em pele de rena do Canadá — **caribéu** — com o pêlo para fora e botas de pele de fora. A frente do casaco, talhado conforme a imaginação de quem o confecciona com a máxima fantasia, é guarnecida por desenhos originalíssimos, conseguidos pela sobreposição de peles de vários animais. Possui, ãe, um capuz, em forma de saco, com dupla finalidade: conduzir os bebês ou servir de abrigo contra o frio. Na época dos terríveis invernos polares, elas lançam mão de um outro casaco, com pêlo do lado interior junto à pele.

Tôdas as raças, em tôdas as idades, seguem, consequentemente, o ritmo da elegância.

Iremos nós, agora, pretender que a moda seja um privilégio novo, ou que reproduções estilizadas do passado surjam com a originalidade do presente?



Constitui dever social tratar a todos com cortesia, mesmo aos desconhecidos. Ao travar novas amizades, devemos verificar antes se a pessoa é merecedora de nossa confiança, pois abrir as portas de nosso lar a quem conhecemos superficialmente não é aconselhável.

Ir à missa apresentando vestidos suntuosos é uma falta que não deve ser imitada. O templo é lugar de recolhimento e de prece e não de exibicionismo mundano.

Nos almoços simples, mesmo que tenham o comparecimento de muitas senhoras e se distingam por certo relêvo social, os participantes não precisam trajar a rigor. As senhoras permanecerão com o chapéu posto. Em compensação, nos grandes banquetes usarão vestidos de cerimônia e terão a cabeça descoberta.

A afetação nos gestos e atitudes dá sempre uma impressão desagradável.

Não é correto uma senhora em um restaurante espalhar sobre a mesa de refeições a "bateria" de "rouge", "baton", pó, espelho, etc., que traz na sua bolsa, para retocar sua maquiagem. O lugar é impróprio para essas pequeninas atividades de toucador.

É indício de má educação o conversar nas salas de espetáculo, ainda que em voz baixa, pois isso causa irritação aos espectadores vizinhos.

A celebração de um contrato de noivado, deve ser feita com uma reunião de pessoas íntimas. Não é dever ofertar presentes à noiva, nessa ocasião, mas não fica mal que as suas amigas lhe ofereçam lembranças de uso pessoal.

Não é deselegante que o noivo entre num acórdio com os pais da noiva para auxiliar no pagamento da despesa da festa nupcial.

A despesa da cerimônia religiosa deve ser paga pelos padrinhos ou pelo noivo, assim como a viagem de automóvel.

A madrinha de casamento não tem o dever de presentear ao noivo, mas apenas à noiva.

A ARMA SECRETA DA
MULHER FORMOSA

Michel

O BATON QUE OFERECE
MUITO MAIS QUE OUTROS

★ Para esse assalto aos corações — para esse valor que é confiança em si mesma e em seu próprio atrativo — Michel é a arma poderosa da mulher que o usa. Além de lhes dar uma cor sedutora, Michel conserva os lábios suaves e delicados — encantadores com sua beleza natural. E tendo uma base de consistência como de veludo, não oleosa, conserva-se nos lábios durante horas e horas, sem escorrer.

MICHEL COSMETICS, INC
NEW YORK

11 TONS SEDUTORES

MARIPOSA • AMAPOLA
RASPBERRY • VIVID
AMARANTH • SCARLET
CHERRY • BLONDE
CYCLAMEN
BRUNETTE • CAPUCINE



6-4-F

Muitos comerciantes retalhistas costumam oferecer ao público sucedâneos dos artigos de maior fama e mais alta qualidade, em substituição a estes, para ganharem maior percentagem em suas vendas. Se a senhora deseja ser bem servida, recuse terminantemente essas ofertas, exigindo a marca que pediu.

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peca ao nosso serviço tecnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuimos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - 3º. Rio

Nome

Rua

Cidade Estado



viva recordação de nossa antiga amizade, era aquele jarro de porcelana. Por isso, enchia-o, ternamente, de flores, relembando com saudade, John Davis, o louro e alegre companheiro de outros tempos.

Naquele instante, Inezinha uma linda garotinha do catecismo, aproximou-se de mim, perguntando:

— Padre Leandro, o senhor gosta tanto deste jarrinho, por que foi presente de sua mãe?

Olhei-a, indiferente, e respondi, quase ríspido:

— Não foi minha mãe quem me deu; foi presente de um amigo.

— Ah! então, o senhor devia gostar muito, muito dele! Quando se gosta de alguém, os seus presentes nos são valiosos, não é?

Ainda indiferente, afirmei, com um gesto de cabeça, e ia voltar ao meu trabalho, sem dar maior importância à criança, quando, por uma rápida associação de idéias, me lembrei de que nem sempre damos valor ao que nos dá alguém a quem queremos muito. A vida, por exemplo, me fôra dada por Deus, a quem eu amava sobre todas as coisas; no entanto, como a desprezava! Era o presente de um grande, verdadeiro e — quem sabe? — único Amigo, e só me inspirava tristeza, desalento...

Considere-me ingrato. Devia querê-la muitíssimo, perdoar, esquecer e sorrir, complacente, para as injustiças, procurando, sempre, encontrar novos encantos na Vida, jarro de Deus, campo verde, onde devemos plantar flores, simbolizando o nosso sincero prazer de viver e o firme propósito de tornar menos árdua a nossa caminhada, menor o sofrimento experimentado, extinta a revolta, que abafa a razão, abalando a crença, ofendendo a Jesus.

Daquele dia em diante, passei a olhar a vida de um modo diverso. À força de penitência e boa vontade, consegui perdoar e, até certo ponto esquecer. Foi, então, que aprendi a encontrar, na terra, coisinhas insignificantes, revestidas de grande esplendor. Uma flor, uma canção... Vendo-a e ouvindo-a, com a compreensão da alma, sentimos pena de as ter que abandonar, um dia. A vida é bela, quando criamos ambiente próprio para admirá-la. No passado, eu não soube criá-lo, por isso, sofri tanto. Gastei meu coração, odiando, quando ele se torna tão mais leve cheio de amor, de ternura. Além disso, fui injusto. Por que todos deverão pagar por um? Dou-lhe um conselho, minha pequenina Lis; desconfie sempre de quem afirma ter ódio à humanidade. De um modo geral, esse alguém deve ser muito ruim, pior, talvez, que as pessoas odiadas,

ter o coração envenenado, para guardar tanto rancor a criaturas que não lhe fizeram mal algum. E lembre-se, Lis, se, hoje, alguém mata o nosso prazer de viver, amanhã, outro o revive, com maior intensidade e segurança, porque, só depois do sofrimento, damos verdadeiro valor à felicidade. Tenha resignação, minha amiguinha, e espere. A bonança levará as nuvens escuras de tempestade. Você é muito jovem, poderá encontrar a ventura. Quanto a mim, sou feliz, muito feliz, aqui, no meu cantinho tranqüilo, na paz de Deus.

✱

Padre Leandro calou-se. Enxugando as lágrimas, Lis tomou-lhe a mão, depositando nela um respeitoso beijo. Estava convencida e confortada. Já se preparava para novas lutas, novas derrotas, e, por fim, se Deus permitisse, a felicidade viria...

O bom velhinho voltou às suas rosas, enquanto Lis, com o coração transbordante de novas esperanças, tornou à vida... que não se repete, por isso, não devemos desperdiçá-la com lágrimas e sofrimentos.

As pequenas mentiras

Muitas vezes a lenda, e até mesmo a história, contam-nos coisas falsas sobre determinados assuntos. Assim por exemplo, a "prata alemã", liga de cobre, zinco e níquel, não foi produzida nem empregada pela primeira vez em Hildourghausen, Alemanha, nos princípios do século XIX; os chineses utilizaram-na séculos antes. A frase "o mundo é um teatro" não é de Shakespeare. Paládio empregou-a num velho poema grego, dizendo: "O mundo é um teatro; logo, aprende a desempenhar de todo o coração o teu papel e a levar o peso de tua própria carga."

Os encantadores de serpente fazem-nos crer que elas adoram a música. Entretanto, a ciência afirma-nos que ela é surda a quaisquer ruídos, com exceção de alguns, como, por exemplo, o disparo do fuzil. A flauta é um truque do encantador; as serpentes movem-se de acordo com os movimentos dele.

Essa teoria foi demonstrada no Jardim Zoológico de Londres. É interessante lembrar também que Gutenberg, o "pai da imprensa", chamava-se na realidade, Johann Gensfleisch. E não foi propriamente o inventor da imprensa, já que esta era conhecida antes do seu nascimento. Aperfeiçoou-a, porém, adotando o sistema de letras móveis, o que abriu novos horizontes à impressão.

✱

A arte supre os defeitos da natureza — Sócrates.



MINHA AMIGA...

... a Vida se assemelha muito àquela escada rolante da gare de Saint-Lazaire em Paris; a gente põe o pé no primeiro degrau e... anda por conta de um mecanismo secreto, de maneira que os últimos serão os primeiros, na ordem da evasão; e o cidadão derradeiro se esvai na multidão, que é outro mecanismo rolante...

Foi assim mesmo, rolando sobre as águas amargas e vertiginosas da paixão da guerra que nós todos, rolantes e efêmeros cidadãos multitudinários, rolamos sobre o ano de 1945 que se esvai agora neste dezembro eleitoral...

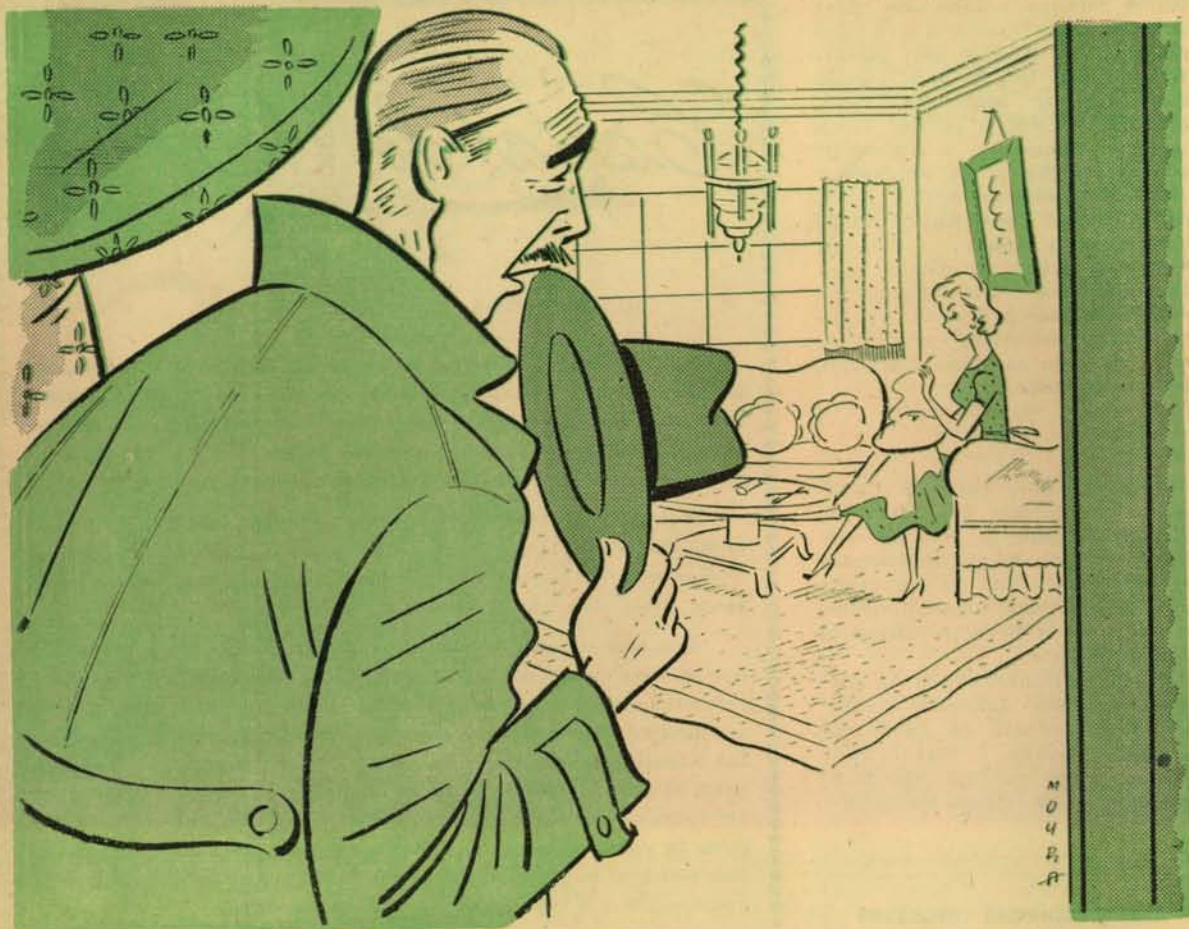
Que terrível ano foi este 1945, Minha Amiga, para todos nós que sobrevivemos... à Vida. Porque não é só de morte que se morre; milhares são engulidos pelo mistério da escada rolante. E submergem no movimento das contradições, mortos... de Vida. Graças a Deus, que este ano se despede — "já vai tarde"... — porque todos nós, do Mundo Só, estamos arrazados de emoção, vazados na alma, ôcos e parvos dentro de nossos corpos que morreram 55 milhões de vezes, na morte daqueles seres que a Vida matou, pois que eles não iam morrer, deviam viver ainda, viveriam por inúmeros motivos. Mas a Vida os matou, não foi a morte.

Estamos realmente muito doloridos, agudos e mutilados em nós mesmos. O test da guerra será deprimente para a humanidade se a paz não for unitária. Cada um de nós, neste tremendo 1945, procurou sobreviver à Vida, salvando suas convicções, certezas e confiança em Deus e no Homem. Nossa luta foi também de dentro para fora e outra guerra, a da Razão, no silêncio polar da solidão individual, foi travada, também terrível, terrível guerra de um mundo psicológico tradicional, contra um mundo nascente...

Estamos cansados de tudo, de tal modo torturados na carne de nossos nervos, que mesmo o repugnante crime do ano, o esquartejamento de Irene, não conseguiu nos fazer sofrer, como outrora sofreriamos antes de conhecer pelo cinema os campos de concentração de Dachau e Beisen, com seus congêneres crematórios, cheios dos esqueletos de famintos e restos de criaturas vivas que a Vida matou. Eis-nos, porém, quase livre deste ano traumatizante. Um arpejo de esperança agita a paisagem nervosa de nossos pensamentos, Minha Amiga, porque o homem é um animal milagreiro por excelência. A escada rolante já alcançou o penúltimo degrau e breve seremos devolvidos à multidão de uma nova Vida surgida da esperança de uma Vida melhor para 1946...

Que esse milagre aconteça com você, Minha Amiga, a Desconhecida. Que você possa renascer de si-mesma, pelo milagre da ressurreição da carne da Vida, para a segurança, a serenidade, a poesia e o amor. Boas-Festas!

Miêta Santiago



VENCI pelo meu próprio esforço — van-gloriava-se Alfredo Lomond. Ingressei na casa Servedoux, na função de caixeiro, e, quinze anos mais tarde, após a morte repentina do patrão, fui escolhido pelos herdeiros para o cargo de gerente da empresa. Hoje, sou o único proprietário; fui condecorado com a Legião de Honra, tenho dois automóveis, uma vila em Cannes, um palacete em Paris. E devo tudo isto ao meu próprio esforço. Ninguém me auxiliou.

Essa última frase foi dita particularmente para sua esposa, que era uma mulher franzina, dócil, insignificante, chamada Suzana. Não era feia, convenhamos, nem estúpida tão pouco; mas era tímida, humilde e vivia à sombra do marido, sempre disposta a se sacrificar, somente se alegrando quando a sorte o favorecia com um novo benefício.

Após a labuta diária, o Sr. Lomond costumava sentir-se oprimido pelo cansaço e pelo tédio. Fechava-se então no seu gabinete e, sentando-se em frente ao retrato de Servedoux e de um velho divã de couro, punha-se a fumar charutos e a recordar fatos de sua vida passada.

Habitualmente se distraía a folhear os antigos livros-caixas e de registro, que ali se achavam empilhados e em cujas margens seu extinto patrão havia anotado conceitos e instruções.

Certo dia, Alfredo Lomond descobriu um pequeno "carnet" esquecido, perdido dentro de um desses registros, o qual tinha uma etiqueta com os seguintes dizeres: "Para ser queimado". Ele não o queimou. Movido pela curiosidade, pôs-se a folheá-lo. Havia somente uma linha em ca-

da página daquele "carnet", na qual o Sr. Servedoux anotara uma data e um nome de mulher, com um ligeiro comentário:

"10 de novembro. Verônica. Um encanto!"
"23 de janeiro. Carlota. Um vulcão!"

— Ah! Ah! — comentou o Sr. Lomond, com um sorriso irônico. Pelo que vejo, é realmente exato o que me disseram a respeito do Sr. Servedoux: que era um velhote conquistador e que tinha relações com todas as suas empregadas.

E continuou a ler a lista galante, divertido com o assunto:

"Ângela! Uma escultura!"
"Luizinha. Um bombom!"

— Hein? Luizinha? — exclamou, rindo. Lembrou-me dela... Uma adorável datilógrafa... Também Amália? E Hortência, a pudica e esguia "caixa"?

Então, a casa inteira havia sido minuciosamente balanceada por aquele velhote estróina...

De súbito, o Sr. Lomond deixou de rir. Seus lábios tremeram. No "carnet" havia esta linha, isolada no meio de uma página:

"4 de março. Suzana L. Uma mulher fascinante."

Lomond largou o "carnet". As faces se lhe abrasaram. Suzana? Não, não era possível! Era um engano ou uma falsa interpretação.

No entanto, a anotação era bem clara.

Os Desejos Realizados

Conto de Maurice Leblanc

Tradução de Francisco Armond

Ilustração de Moura

Repetiu, com assombro:

— Suzana L.! Será possível! Suzana terá se deixado conquistar por aquê velho? Por quê? Pois deve ter havido algum motivo. E não pôde ter sido por dinheiro, como sucedeu com as outras... Ela não seria capaz...

Desfechou um sóco na mesa. Refletiu um momento e, após haver pensado bem sobre essa data, deu ao acontecimento uma explicação lógica.

Fôra num dia 5 de março, doze anos atrás, que o Sr. Servedoux o chamara ao seu gabinete e o nomeara chefe de secção. Cinco de março! Indubitavelmente, o dia da primeira entrevista.

Pôs-se a folhear, febrilmente, as outras páginas. Lembrou-se de que, no dia 14 de dezembro do mesmo ano, tinha sido promovido a outro cargo mais importante.

Terrível dedução! Prova irrefutável! No dia 13 de dezembro, véspera dessa promoção, o Sr. Servedoux escrevera:

"Suzana L. Que sereia!"

Alfredo Lomond pôs-se a passear em frente ao retrato do terrível Servedoux e do não menos terrível divã de couro.

Bem depressa chegou à conclusão de que a horrível ocorrência devia ter-se repetido, pois que, se conseguira beneficiar o marido nas primeiras vezes, não havia razão para a esposa culpada hesitar na reincidência do delito. Não havia dúvida: o Sr. Servedoux tivera sucessores.

Imediatamente, uma avalanche de recordações ambíguas o assaltou. Tornavam-se evidentes certas coincidências, que constituíam terríveis acusações. Por exemplo: não fôra condecorado na ocasião em que seu antigo condiscipulo, o ministro Gerard, frequentava a sua casa?

E quantas outras dádivas da sorte, que o tinham assombrado, e que não podiam ser explicadas senão pela eficiente atuação de Suzana!

Em todas as escalas de sua rápida carreira lá estava ela, vigilante, preparada para a ação, pronta para satisfazer os desejos que o marido lhe manifestava.

— Está bem — disse, saindo do seu atordoamento. Agora é mister que eu tome uma atitude firme. Nada de fraquezas! Um homem como Alfredo Lomond não deve afrouxar.

Regressou à casa, pisando firme, possuído de cólera, insopitável. Achou Suzana na sala. Estava tão alheia ao bordado que fazia, que não deu pela sua chegada.

Durante alguns instantes, êle observou-lhe o corpo franzino e o perfil delicado. Que havia em Suzana que pudesse magnetizar os homens, que encanto secreto, que atração particular, que misterioso poder dispunha ela para alcançar todos aquêles favores, que êle não podia obter com o esforço próprio?

— Ah, és tu! — disse ela, ao dar com êle. Voltaste mais cedo que de costume.

Ele não respondeu. Houve um breve silêncio.

Ela disse então:

— O Sr. Janvielle telefonou.

O Sr. Janvielle era o Presidente da Câmara Sindical. E Lomond não pôde conter a surpresa:

— Ah!, — respondeu êle, contrafeito. Que deseja êle?

— Conversar a respeito da tua candidatura para o posto de oficial.

E acrescentou, negligentemente:

— Poderíamos convidá-lo para jantar conosco.

Alfredo Lomond explicou:

— Convidar o Sr. Janvielle? Nunca! Tens cada uma! Além disso, eu não quero ser oficial! Por preço algum...

— Mas há muito que me vinhas falando nisso...

Sua cólera estourou então:

— Por preço algum! Não quero mais coisa alguma, estás ouvindo? Absolutamente nada! Bastam-me os títulos e honrarias que tenho! Não desejo mais nada: fica sabendo! A comenda de oficial? Não me interessa. E o mesmo acontece com o resto. Que me deixem em paz!

* * *

Nos dias seguintes êle se manteve em silêncio. Não experimentou absolutamente a necessidade de se desabafar com Suzana ou de recriminá-la. Passou a ter por Suzana um sentimento estravagante, constituído de admiração confusa, de rancor, de gratidão muda e, sobretudo, de receio.

Sim, tinha medo diante dela! E, com o ar prazeroso de quem digere bem e tem o espírito tranquilo, esforçava-se por sorrir e ocultar a sua mágoa.

E, firme no seu papel de homem feliz, não se cansava de repetir à esposa:

— Como é bom a gente não ter desejo algum! Em nossa vida há uma época em que compreendemos a vaidade das coisas. Eu cheguei a essa idade. Não tenho a menor ambição. Estou farto de tudo. Se mais alguma dádiva da sorte me caísse sobre a cabeça seria uma catástrofe.

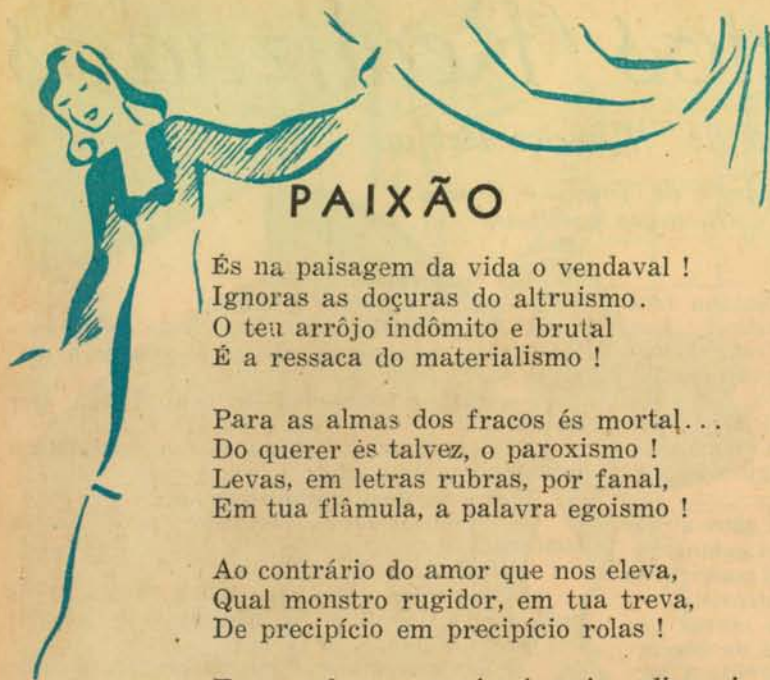
E vigiava Suzana dissimuladamente.

No entanto, nem sempre um homem é senhor das suas expressões, e há momentos em que a boca mais discreta não pode conter a voz do íntimo.

Certo dia Alfredo Lomond soube que a esposa do seu primo Dominico, com quem não tinha boas relações, acabava de ter um filho, e comentou sem pensar nas consequências:

— Eis aí uma coisa que nos faz falta, Suzana. Um filho é algo assim como um raio de sol numa casa!

Isto foi uma grande imprudência de sua parte. Nove meses e dez dias depois, Suzana, a esposa abnegada, o presenteou com o desejado raio de sol, sob a forma de um rechonchudo garoto, que se parecia surpreendentemente com o primo Dominico.



PAIXÃO

És na paisagem da vida o vendaval !
Ignoras as doçuras do altruísmo.
O teu arrôjo indômito e brutal
É a ressaca do materialismo !

Para as almas dos fracos és mortal...
Do querer és talvez, o paroxismo !
Levas, em letras rubras, por fanal,
Em tua flâmula, a palavra egoísmo !

Ao contrário do amor que nos eleva,
Qual monstro rugidor, em tua treva,
De precipício em precipício rolas !

Fazes sofrer — porém jamais redimes !
— Antes, vagueia, o espírito que assolas,
Pelas sendas dos vícios e dos crimes!...

Anita Carvalho

*

Ariana e Barba-Azul

PAUL DUKAS foi um dos compositores franceses mais interessantes dos nossos tempos. Falecido em 1935, aos 60 anos, deixou várias obras de vulto, entre as quais o célebre "Scerzo" sinfônico, "O aprendiz de feiticeiro", que se popularizou na execução das mais famosas orquestras e na versão cinematográfica que lhe deu Walt Disney. Crítico musical e mestre do Conservatório de Paris, Dukas contou Manoel de Ponce, o notável compositor mexicano, entre os seus discípulos. A sua única ópera em três atos, "Ariana e Barba-Azul", coloca-se ao lado de "Peleas e Melissande", no panorama operístico da França. Essa ópera foi estreada em Paris em 1907 e apresentada posteriormente em Viena (1909) e Nova Iorque (1911). A ação passa-se na Idade Média. O entrecho é uma história fantástica de Barba-Azul: suas cinco esposas encerradas num subterrâneo, por haverem desobedecido às ordens do poderoso senhor, e Ariana, a sexta esposa, que, aventurando-se pelos subterrâneos do castelo, conseguiu salvar as vítimas de Barba-Azul. Este, aprisionado e ferido pelo povo, é levado à presença das suas esposas. Ariana pensou-lhe os ferimentos e dispõe-se a deixar o castelo, pedindo às cinco jovens libertadas que a acompanhem. Elas, porém, preferem continuar sob o domínio de Barba-Azul. O libreto de "Ariana e Barba-Azul", de Paul Dukas, é de Maurice Maeterlinck.

PORQUE MATEI...

CONCLUSÃO

Com os pés! — eu que trazia nas mãos, para transmiti-la aos homens, toda a emoção musical das esferas celestes! — E caí de joelhos, suplicando-me — Mate-me, senhor! Mate-me por piedade! Não me deixe assim na terra, senhor! Não posso viver sem aquelas mãos em que carregava o mundo da minha arte! Mate-me, por Deus!

Não sei em verdade, quanto tempo durou esta dolorosa entrevista com a minha personagem, nem o que ela me disse mais. Recordo-me apenas que, quando eu quis falar, ela já havia desaparecido, a porta do meu gabinete estava novamente cerrada e eu, de caneta na mão, nervoso, reformava integralmente meu conto, que, como é sabido de todos, termina desta maneira dramática:

"E o violinista, levando a mão à cabeça (É oportuno lembrar que, no *Sem Palmas*, o violinista perde só uma das mãos), pegou nas ligaduras todas e, com repêlão feroz, arrancou o penso, as ataduras que lhe envolviam, cravou com ganas os dedos crispados no rosto em chaga viva e raspolu até encontrar a alma e puxá-la por ali, e libertá-la para sempre".

* * *

O mais interessante, porém, que, dois dias após haver eu enviado, para Chicago, pela *Western*, o referido conto, recebia eu da *Life Insurance* outro cobograma em que ela me consultava sobre a possibilidade de eu reformando o final do *Sem Palmas*, fazer com que o violinista sobrevivesse ao incêndio, para que — esses práticos americanos! — também ele "pudesse gozar das vantagens de um seguro contra acidentes do trabalho."

Revoltei-me tanto prosaísmo, e, inflexível para com os meus princípios estéticos, respondi, desabrido:

"Arte é arte. Violinista morto. Impossível ressuscitá-lo. Saudações."

EMULSÃO DE SCOTT

Fortifica, nutre e revigora. A maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau.

Tempo é Dinheiro!



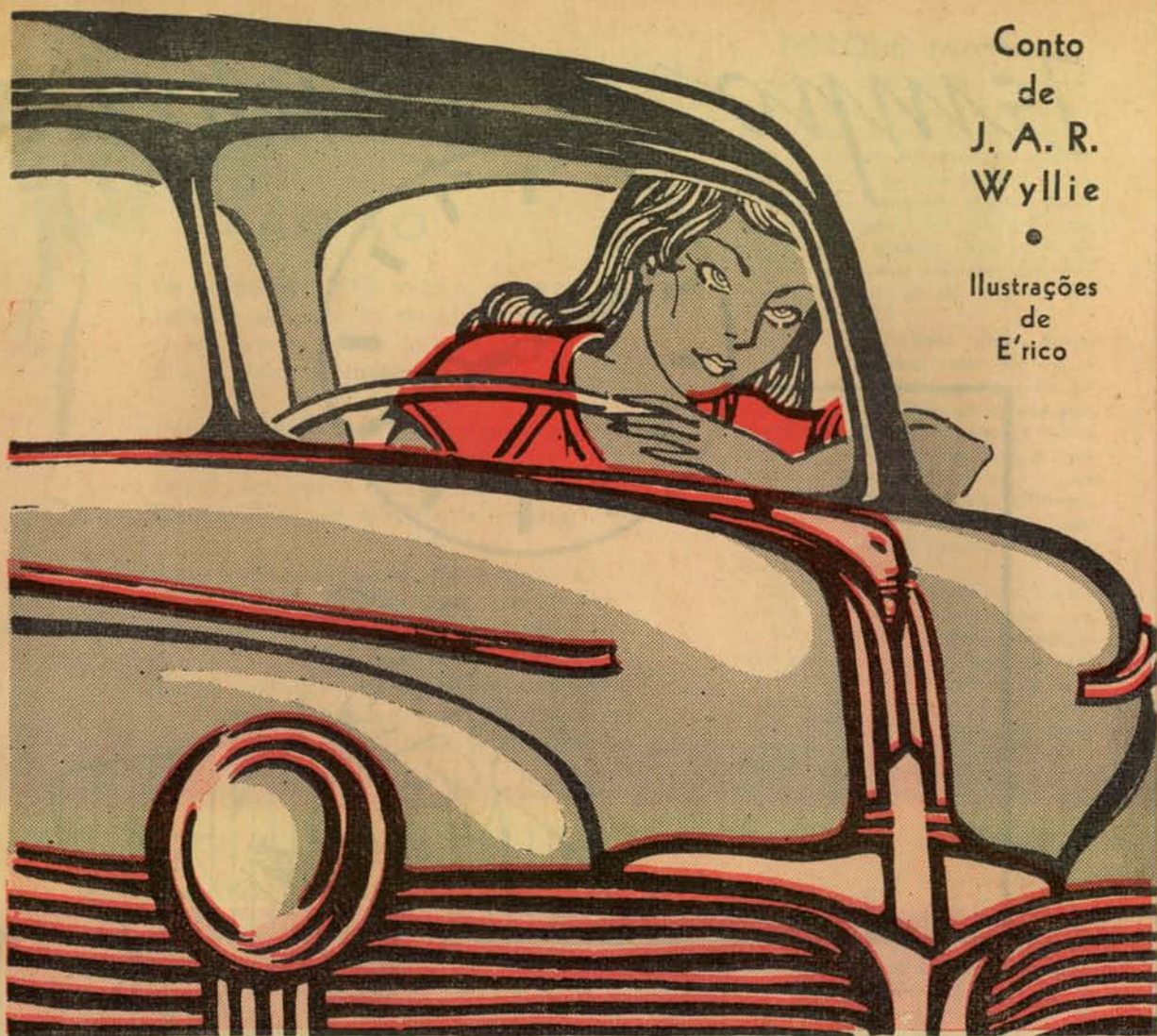
EVITE O TRABALHO DE
CONTAR E CONFERIR

O TROCO

PAGUE SEMPRE COM CHEQUE

Conto
de
J. A. R.
Wyllie

Ilustrações
de
E'rico



BOM moço. Extraordinariamente simpático...

Foi o que pensou Rosalinda Jordan, diante do jovem que viera atendê-la, ao chegar à oficina de automóveis. Era um forte rapaz, alto, de traços finos, cabelos loiros e olhos verdes.

Rosalinda também era uma jovem bonita, além de ser filha mimada de um ricoço. Andava aborrecida com tanto luxo e muito poucas coisas tinham o poder de interessá-la.

— Posso pôr um pouco de óleo no motor, senhorita?

— Não. Não é necessário por hora.

Evitando um bocejo, Rosalinda observou o mecânico enquanto este examinava o motor. Jovens assim, fortes e bonitos, não eram novidade para ela. Jerri, por exemplo, seu flamante admirador, era tão atraente como um astro de cinema. Durante toda a manhã estivera ao seu lado na piscina do Clube, e dentro de poucas horas o veria numa festa, para a qual ambos estavam convidados.

Como se sentia aborrecida ao lado de Jerry!... Como tantos outros ele carecia de originalidade. Não se diferenciava em absoluto de seus demais amigos. Frequentavam a mesma universidade, recebiam idêntica educação, iam às mesmas festas, terminando cada um deles por ser cópia exata do outro.

Rosalinda, após observar o mecânico que lhe consertava o carro, chegou à conclusão de que parecia moço distinto.

Lastimava perdesse ele tempo num lugar como aquele...

— Tudo pronto — disse o jovem, descendo a tampa do motor e limpando as mãos. — Creio que está tudo em ordem. Senhorita, este carro está sendo muito mal cuidado. Nunca o motor funcionará bem.

Rosalinda, apoiada no volante, respondeu-lhe:

— Para que cuidá-lo? Papai me presenteia com um por ano. Na realidade se vê obrigado, porque no fim de certo tempo eu já dei cabo do carro.

Rosalinda ia prosseguir, mas o olhar do mecânico fê-la calar-se. Como se atrevia a olhá-la daquela maneira?

— Não, muito obrigada.

— Mais alguma coisa, senhorita?

— Bem. São quarenta cruzeiros.

Sem tratar de analisar seu impulso, Rosalinda levou a mão ao bolso e exclamou com fingida surpresa:

— Esqueci-me de trazer o dinheiro.

Lamento muito...

— Eu lamento muito mais — falou o jovem com voz grave.

Rosalinda riu:

— Crê que sou capaz de deixar de pagar essa importância? É uma novidade para mim alguém duvidar da minha honestidade. Creio que minha cara não inspira desconfiança...

— Eu diria que o seu rosto só serve para...

O jovem deteve-se, porém, sem mostrar arrependimento por haver começado.

Rosalinda divertia-se com o que estava acontecendo.

Continue — falou. — Não pare...

Amor á Primeira Vista



E, irônica, mostrou-lhe um cartaz preso a uma das bombas de gasolina:

“Nunca comece o que não possas concluir”.

Desafiado, o jovem prosseguiu:

— Eu ia dizer, senhorita, que um rosto como o seu, só serve para colorir os outros em apuros.

— Oh!

Rosalinda se impertigou no assento, sem saber que atitude tomar. Compreendia que o melhor era entregar o dinheiro ao rapaz e desaparecer sem trocar nenhuma palavra mais com o mecânico.

Hesitou, porém, sorrindo. O jovem parecia-lhe extraordinário e começava a sentir estranho interesse por ele.

— Sinto tê-la ofendido. Não era esta a minha intenção — falou ele.

— Não me ofendeu, em absoluto. Creio até que me fez um favor. Quando aqui cheguei era uma criatura aborrecida, porém agora encontrei um motivo de interesse.

Ele não lhe perguntou qual era esse motivo.

— Você se sente aborrecida, com todo esse luxo? — falou enquanto observava seu bonito carro, sua elegante roupa e suas finas jóias.

— Precisamente porque tenho tanto — respondeu, surpreendendo-se de sua sinceridade. — E você se sente feliz?

— Quem pode se aborrecer com um trabalho como o meu? Imagine que de uma hora para outra podem chegar aqui as grandes personalidades do momento: a estrela cinematográfica, o presidente, o jogador de foot-ball mais cotado, o possuidor de várias minas de petróleo...

Rosalinda escutava-o com entusiasmo. Ao recordar-se de que teria que ir com Jerry à festa, sentiu grande desgosto. Repetiu mentalmente: — “Como é inteligente e distinto este jovem”. Não obstante o interesse que o rapaz lhe despertava, sentia raiva por vê-lo tão indiferente aos seus encantos.

— Amanhã voltarei para pagar — falou.

— Agradeço-lhe muito. Poderá en-

tregar o dinheiro ao meu substituto, pois amanhã é o meu dia de folga.

* * *

Os Jordan habitavam rica residência no bairro aristocrático de Nova Iorque. Rosalinda adorava seus progenitores, principalmente seu pai e por sua parte, o obeso senhor Jordan, sentia orgulho de ser pai de tão adorável criatura. Rosalinda herdara a graça e a beleza de sua mãe que, apesar da idade, ainda se conservava bonita.

A vida da senhora Jordan repetia-se entre as obrigações de dona de casa e suas obras de caridade, sem outra contrariedade que a de ouvir seu marido falar constantemente sobre as cotações da bolsa. Rosalinda conhecia o ponto fraco de seu pai e, por isso, uma vez por dia, sentava-se no braço da cadeira onde ele descansava e murmurava-lhe ao ouvido, acariciando-lhe os cabelos grisalhos:

— Querido, que tal as cotações de hoje?

— Assim, assim...

Estas palavras bastavam para alegrá-lo. Nessa noite, porém, ao voltar para casa, pois prometera à sua mãe acompanhá-la à festa, Rosalinda não fez a pergunta habitual. Sentada no braço da cadeira, ficou a enrolar os cabelos de seu pai, com um gesto displicente. Ele não notou a sua distração. Aproveitando a ausência da esposa, abriu o vespertino e assinou um parágrafo da última página.

— As ações da companhia petrolífera baixaram.

Rosalinda despertou de seu sonho e lhe beijou a ponta do nariz.

— Elas subirão, querido. Não se preocupe.

* * *

Ligeira, subiu a escada e penetrou no dormitório de sua mãe. A senhora Jordan acabava de pentear-se ao espelho.

— Consegui a gasolina, mamãe? Faça votos para que não nos aconteça como da vez passada, em que tivemos de voltar de taxi.

— Temos gasolina de sobra. Eu mesma fui buscá-la.

A senhora apanhou no cofre os brincos e um colar. Depois de pronta, mirou-se no espelho.

— Estou me lembrando agora de um colar como este, que seu pai me presenteou, quando ficamos noivos... Coitado, quantos sacrifícios fez para me dar aquela jóia. Ele era um pobre empregado de uma casa comercial. Passamos momentos terríveis... porém, nunca deixamos de ser felizes.

Rosalinda sentiu-se emocionada ao ouvir as palavras de sua mãe.

— Mamãe, você sentiu amor por papai logo que o viu?



EM TODAS AS CASAS DO RAMO
DISTRIBUIDORES:
DROGARIAS RAUL CUNHA
RIO — BELO HORIZONTE

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.

Sangue puro

com o uso de

INHAMEOL
REI DOS DEPURATIVOS
DO SANGUE

A Sífilis é produtora e origem de muitas afecções graves. Use para combate deste flagelo o grande auxiliar no tratamento da Sífilis e suas manifestações.

INHAMEOL

CONTRA: REUMATISMO —
ULCERAS NAS PERNAS —
FERIDAS — MANCHAS DA
PELE — DORES DE ORI-
GEM SIFILITICA — PUR-
GAÇÃO DOS OUVIDOS —
PURGAÇÃO DOS OLHOS
COM ARDENCIA E LACRI-
MEJAMENTO.

A VENDA EM TODAS AS
FARMACIAS E DROGARIAS DO PAÍS

— Sim, filhinha. E ele por mim. Nós nos queríamos muito... — acrescentou a senhora, suspirando.

Rosalinda chegou até à penteadeira e passou um pouco de pó nas faces ardentes.

— Amor à primeira vista... — murmurou.

* * *

As doze da noite, Rosalinda escapou da festa. Parecia uma fada, quando subiu para o carro e o movimentou. A noite estava perfumada e o luar derramava-se pelo caminho.

Deteve o auto diante duma oficina de automóveis.

— Hoje você desconfiou de mim... — disse ao jovem que veio atendê-la.

— Por isto não esperei até, amanhã. Tome o seu dinheiro.

Ele recebeu-o e guardou-o num bôlso do macacão. Parecia enfeitado diante daquela visão. Rosalinda percebeu que enfim tocara no coração do rapaz, e sentiu-se emocionada nesse dia pela segunda vez.

— Escapei da festa. São muito céticos, não é verdade?

— Não sei. Nunca vou a festas. Às vezes dançava, mas isso era quando estava no colégio.

— Eu já sabia. Você estudou, você não pertence a essa vida...

O olhar dele tornou-se frio.

— Que vida? — perguntou.

— Essa vida de mecânico... Quero dizer que só as circunstâncias... — calou confusa.

— Imagina que eu seja um príncipe? Não, senhorita. Pertença a um meio humilde e estudei graças ao dinheiro que me proporcionou o trabalho. Hoje, depois de obtido o título, continuo trabalhando para viver. Prova que os títulos hoje não valem grande coisa...

Rosalinda brincava nervosamente com as pulseiras. A prudência lhe aconselhava acionar o motor e partir. Não quis, porém, ser prudente.

— Mamãe me deu entradas para um baile de caridade... — murmurou por fim.

— Será dentro de quinze dias. Você virá se eu o convidar?

— Não. — replicou ele secamente.

— Por que? Não gostaria de dançar comigo?!

— Porque gostaria muitíssimo e que não ouse aceitar. Eu tenho bom gosto. Você é encantadora e eu poderia me apaixonar.

Rosalinda sentiu vontade de lhe dizer algo assim: " — Que mal haveria se você se apaixonasse por mim?" Mas conteve-se.

— Chamo-me Rosalinda Jordan e vivo em Park Avenue, número nove. Estarei esperando às vinte e uma horas em ponto. Se não vier irei dormir. — Pôs o carro em movimento, deixando o rapaz aturdido e certo de ter sido vítima de uma brincadeira.

* * *

Quinze dias depois, às vinte e uma

horas, o mordomo anunciava à senhorita Jordan a chegada do senhor Reinaldo Fitzpatrick.

— Aqui estou — disse o jovem com gravidade ao ser levado à sua presença. — Até meia hora atrás não me havia decidido... Por fim disse a mim mesmo que todos nós temos direito a um dia de loucura.

Rosalinda fingiu não compreender as palavras do rapaz. Sentia-se alegre e a satisfação aumentava-lhe o encanto.

— Quanto me alegro por ter vindo! Estava à sua espera. Não terá que esperar para que me vista. Vamos?

O baile de caridade que se realizou num dos numerosos salões da cidade, foi como tantos outros. Reinaldo não dançava nem pior nem melhor do que os outros jovens, e durante a volta, no carro de Rosalinda, nada aconteceu de anormal. Não obstante, havia para ambos algo maravilhoso no baile e na viagem que faziam juntos.

Quando chegaram à casa de Rosalinda, Reinaldo estava muito pálido.

— Agora será a nossa despedida definitiva... Posso pedir-lhe um favor, senhorita Jordan? — falou quando o carro parou.

Rosalinda, emocionada, respondeu-lhe:

— Tudo que queira...

— Não venha mais à oficina. Seria uma crueldade e você não o ignora.

Como se despertasse de um sonho, Rosalinda olhou-o bem nos olhos.

— Por quê? Por acaso não nos tornamos amigos esta noite?

— Não. Amigos não. Eu... — deteve-se e, criando ânimo, prosseguiu: — Eu a amo, Rosalinda. E' absurdo, terrível, ridículo... tudo o mais que quiser, mas é a pura verdade. E, por isto, não devo vê-la mais.

Por um momento Rosalinda sentiu-se a mais venturosa das criaturas. Reinaldo amava-a, acabava de confessar-lhe o seu amor, porém... por que estava ele tão triste? Ela, pelo contrário, sentia-se alegre, feliz...

— Eu também o amo — respondeu, quando ficou mais calma. — Nunca estive enamorada e confesso que me sinto um pouco assustada. Não é absurdo, terrível e nem ridículo, mas simplesmente maravilhoso. Meus pais também se amaram à primeira vista e foram tão felizes!...

— O nosso amor tem que terminar esta noite, Rosalinda. E' preciso, é imprescindível...

O tom sério de sua voz turvou a alegria radiante de Rosalinda.

— Por quê? Acaso o impecilho é a diferença de posição?

Ele voltou para ela seu rosto atormentado.

— E' que condeno o seu modo de viver e me condeno por adorá-la...

O jovem falava angustiado:

— Este amor que se apoderou de mim vai contra todas as minhas idéias e princípios. Minha conduta não tem perdão. Não devia ter vindo à sua casa e nem voltado a vê-la. Porém é que estive e estou transtornado. Desde aquela noite em que você me apareceu na oficina, não tenho sossego nem descanso. Minha vida de trabalho entre pessoas pobres, fez nascer em mim um desprezo profundo pelas que vivem exclusivamente para esbanjar dinheiro e divertir-se. As pessoas como você não fazem mal a ninguém, mas também não dão nada à sociedade pelo que ela lhes oferece.

Por fim, Rosalinda conseguiu falar.

— Você tem idéias muito avançadas.

— Não sei. Só sei é que não considero justo nem decente que haja quem viva como objeto decorativo enquanto outros trabalham sem parar. Estou loucamente apaixonado por você. Poderia pedir-lhe que fôsse minha esposa, passando por cima da diferença de situação, porque sou forte, jovem e tenho capacidade para mantê-la quando nos casássemos, porém não posso trair as minhas convicções.

Rosalinda tinha a expressão tão triste que ele ficou profundamente emocionado.

— Perdôe-me, Rosalinda, fui insensato ao vir esta noite. Não tinha o direito de cometer uma loucura, nem por um momento. Reinaldo Fitzpatrick é prisioneiro de seus próprios princípios, um jovem desgraçado e chelo de amargura.

* * *

O único paliativo para certo mal do coração é o trabalho, e Reinaldo trabalhou na oficina como um desesperado. Porém, a luta contra o amor é impossível. Não resistindo mais às saudades, dirigiu seus passos para Park Avenue.

Ao ouvir de seus lábios o nome da senhorita Jordan, o mordomo olhou-o de modo estranho. Em seguida entrou e, ao voltar, disse com certo mistério:

— Tenha a bondade de entrar, senhor. A senhora Jordan deseja falar-lhe.

— Duas horas depois de sua entrevista com a mãe de Rosalinda, Reinaldo dirigiu-se apressadamente para o centro comercial da cidade. Quando chegou ao endereço indicado no papel viu, diante de si, uma perfumaria.

O sangue subiu-lhe à cabeça ao ver Rosalinda mais bela do que nunca, vestida muito simplesmente, atrás do balcão. Ela aproximou-se e perguntou-lhe com a voz mais encantadora possível:

— Deseja alguma coisa?

— Quero que me responda o que está fazendo aqui?

— Vendendo perfumes. Deseja experimentar este extrato? Agradará muito à sua noiva. Chama-se "Suspiro de amor". A mim me agrada muito. E ao senhor?

Como trocava dele! E como era deliciosamente bela.

— Escuta, Rosalinda. Falo seriamente. Vim de sua casa. Encontrei sua mãe, em prantos, inconsolável pela sua ausência. Fala que sua filha única está louca...

Rosalinda deixou o tom de brincadeira e o fitou séria:

— Já que estive com minha mãe, porque não lhe disse que minha conduta obedece ao desejo de ser digna de você? Minha mãe, que é mulher sensata, compreenderá que estou reivindicando o direito de viver, possuir um lar e um marido.

— Preciso falar-lhe seriamente, Rosalina. Onde nos poderemos encontrar?

* * *

As seis e meia sentado em frente a

Rosalinda, olhava-a com amor, desespero e confusão. Não a compreendia. Via-a tão sincera, tão resoluto e mesmo assim duvidava do seu amor. Desconfiava que tudo representasse capricho de criatura excêntrica.

— Tenho muito que lhe agradecer, Reinaldo — disse Rosalinda, após haver comido vários sanduíches com incrível apetite. — A vida agora tem para mim outro encanto e interesse... Mas o momento mais feliz foi quando me escolheram entre tantas candidatas para ocupar o lugar na perfumaria... Veja só como é a vida. Você vende gasolina e eu vendo perfumes... e nós dois ganhamos desta forma o direito de viver e ser felizes...

Sua atenção dividida entre os sanduíches e as próprias palavras a impediram de prestar atenção ao silêncio de Reinaldo. Depois de algum tempo começou a perceber que algo estava acontecendo e, alarmada, perguntou:

— Reinaldo, que se passa com você? Mesmo com o que estou fazendo ainda não me acha digna?



— Estou pensando na pobre moça a quem você privou do emprego.

Fêz-se largo silêncio. Rosalinda levantou-se, muito pálida, e êle a seguiu cabisbaixo.

— Não vejo porque razão privei essa moça, se foi a mim que escolhe-ram — falou Rosalinda, quase chorando.

— Sim. Você privou do trabalho essa pobre moça. Qualquer um que não fosse cego a teria escolhido entre mil. Como poderiam competir com seu encanto, sua elegância, seu refinamento de menina rica, essas pobres criaturas fatigadas, famintas e mal vestidas? Não lhe ocorreu que esse trabalho podia ser um caso de vida ou morte para alguma delas? Para você, é somente um novo capricho... como eu o sou.

Silenciou, porque Rosalinda interrompeu-o chorando.

— Quer dizer então, que não tenho direito de trabalhar, ou em outras palavras, que não há lugar para mim em nenhuma parte... E tudo por quê? Porque papai teve sorte nos negócios. Está certo. Boa tarde, devo ir porque estou muito cansada...

E tomou um taxi que passava no momento.

Rosalinda sabia que a rica casa de Park Avenue, somente se iluminava com a sua presença, como também o

ceração de seus donos. Mesmo assim não desistiu do seu plano.

Trabalhou na perfumaria durante quinze dias ainda e, uma manhã, quando seus pais estavam reunidos na sala, apresentou-se e anunciou:

— Queridos, parto hoje e não sei quando voltarei.

— Querida Rosalinda, que tem você? Por que quer partir?

— Isto é assunto meu. Perdõem-me por falar-lhes assim. Mas isto é assunto de vital importância para mim...

— Somos tão felizes... Não posso compreender porque nos abandona. Por que não nos conta o que a afflige?

Quase soluçando, Rosalinda falou:

— Não lhes posso dizer nada. Vocês não compreenderiam, porque eu mesma não consigo compreender... O fato é que vou partir e você tem que me ajudar, papai.

O senhor Jordan, estreitou-a nos braços e acariciou-a, suspirando:

— Não sei o que anda fazendo, mas não será nada de ruim, pois a conheço perfeitamente.

— Você é um anjo, papai. Você e mamãe têm sido bons demais para mim. Agora pedir-lhe-ei algo mais, papai.

Deixe-me ir sem me oferecer dinheiro, e prometa-me não me enviar,

enquanto eu não lho peça! Fiquem tranquilos, porque darei notícias...

Os Jordan ficaram paralizados. O senhor Jordan conseguiu dizer:

— Eu lhe prometo. Tenho confiança em você!

Rosalinda suspirou profundamente.

— Obrigada, meu papazinho! Já esperava isso de você. Agora escutem-me. Perto daqui, há uma oficina de automóveis, e um rapaz que vende gasolina. Mamãe já o conhece. Caso ele venha aqui e pergunte por mim, digam-lhe que fui para outra cidade, sem dinheiro e sem ter a quem recorrer. Que uma vez ali, sem dinheiro, mal vestida e com os sapatos rotos, procurarei trabalho...

— Sua voz ficou embargada pelos soluços e, correndo para o quarto, ainda pôde falar:

— Adeus, queridinhos!

* * *

Os faróis do carro que exploravam o caminho incidiram num vulto sentado numa pedra. O carro deteve-se e Reinaldo saltou, deixando a porta aberta.

— Rosalinda! — disse com energia. — Entre...

— Eu sabia que você viria... murmurou ela sem mover-se. — Estou tão satisfeita, porque estava sentindo tanto medo... Encontrei tanta gente esquisita pelo caminho. Não pense que me levantarei daqui antes de lhe haver dito tudo o que penso e pensel desde que saí de casa. Cheguei à conclusão de que tenho direito de viver como os demais. Não é culpa minha ser atrativa, andar bem vestida, ser bem educada e possuir coisas que outras moças não possam possuir. Não fui eu que inventei as classes sociais e não é você, que, renunciando à felicidade, conseguirá reformá-las. Sou filha de um homem que se enriqueceu por esforço próprio, e tenho direito de viver minha vida. Fique certo que de hoje em diante farei o que entender. Trabalharei se tiver vontade e tudo o mais.

Reinaldo procurou dar à expressão ar carrancudo.

— Suba e deixe de fazer discursos.

— Não quero subir, e mesmo que quisesse não poderia fazê-lo, porque machuquei o pé.

Êle a tomou nos braços e colocou-a no carro, sem muita gentileza, porque a ouvira rir.

— Não sei para que veio. Creio que tudo estava terminado entre nós...

— Aconteceu algo — falou êle gravemente.

— Algo muito sério?

— E' que, por intermédio de um companheiro de colégio, consegui emprego de responsabilidade numa forte companhia.

— Quanto me alegro, Reinaldo querido, — falou Rosalinda com os olhos cheios d'água.

SER FELIZ

Quem, nesta vida incerta e tormentosa,
Nasceu entre as fanfarras da esperança,
Engrinalhado do ouro da abastança,
E adormeceu em leito côr de rosa:

Quem, pela mão da bemaventurança,
Atravessou a estrada pedregosa
Do mundo hostil, de alma tranqüilla e mansa,
Farto de uma existência venturosa,

E a velhice alcançou, risonho e forte,
Brincando, muita vez, com a própria morte
Teve tudo, mas tudo quanto quis!

Teve nos braços a Felicidade,
— Leviana amante, cheia de vaidade —
E poderá dizer: "Eu fui feliz!"

CARLOS MARANHÃO

Reinaldo, olhando bem para Rosalinda, falou-lhe com orgulho:

— Consegui o emprego graças ao primeiro lugar que tirei no concurso... e não por proteção...

Calou-se, porque ela reclinara a cabeça no seu ombro e murmurava:

— Que felicidade, Reinaldo querido.

— Perdõe-me, querida, o que lhe fiz. Você não tem nenhuma culpa de ser rica. Eu fui louco, desperdiçando tanta felicidade. Imagina se eu me torno um homem rico e tenho uma filha como você, quem poderia culpá-la de ter uma vida cheia de conforto?

Rosalinda riu suavemente.

— E se ficar enamorada de algum jovem cheio de idéias extravagantes, poderíamos mandá-la ir em busca de seu sustento, sem centavo, para que se entendesse com ele...

— Exatamente, querida.

— Crê que precisamos pensar desde agora nos futuros problemas de nossa filhinha? — murmurou Rosalinda com amor.

Reinaldo, beijando-a, murmurou:

— Não, querida, ainda é cedo. Vamos pensar, por enquanto, em nós dois somente.

*

SENSIBILIDADE

O PINTOR espanhol Carlos Velasquez teve certa vez a idéia estragante de apresentar um quadro pintado por um burro. Para isso, mandou cortar a cauda do animal, reduzindo-a a poucos centímetros. Em seguida, conduziu-o para junto duma paleta, coberta de cores frescas, e alisando as orelhas do animal, conseguiu que este passasse a cauda nas tintas e depois numa tela branca. A tela ficou coberta de manchas de diversas cores. E Vasquez intitulou-a "Minha sensibilidade", e a expôs no Salão dos Independentes. Conta-se que o quadro foi vendido por 750 pesetas.

Don Juan

O BATON CONQUISTADOR
QUE RESISTE A TUDO E AO
QUAL NINGUÉM RESISTE.

Don Juan

NEW YORK



EM TÔDAS AS BOAS CASAS DO RAMO

* * *

PE'ROLAS E MADREPE'ROLAS

A MADREPEROLA é extraída da parte interna da concha de certos moluscos, especialmente da "meleagrina margaritifera", do Oceano Indico. As pérolas que se criam no interior das conchas são concreções calcáreas e encontram-se nos moluscos bivalves.

Na sua composição entram água, matérias orgânicas e carbonato de cálcio. Acredita-se que as pérolas provenham de lesões orgânicas dos moluscos ou da ação de parasitas, ou ainda que sejam formadas com o auxílio de corpos estranhos. A Ostra-perolifera que vive no mar Vermelho e nos mares da Austrália é a maior produtora de pérolas. Em Ceilão pesca-se a "Meleagrina Fucata", que produz as pérolas mais famosas. Também são apreciadas as pérolas do Japão, do canal de Moçambique, e do golfo Pérsico. A "Meleagrina radiata", do

Mediterrâneo, proveniente, porém, do mar Vermelho é também muito procurada. Da China à Austrália, do Japão a Taiti vive a "Meleagrina californica" que se encontra também no golfo da Califórnia. A "Meleagrina squamosula" habita as costas do Peru, das Antilhas e de outros países da América Central. Na Europa a produção de pérolas decresceu consideravelmente. As pérolas escocesas e irlandesas, muito apreciadas, são rarrissimas. Também as da França, de Saxe, da Silésia tornam-se dia a dia mais escassas, tendendo a desaparecer. A indústria moderna aperfeiçoou as pérolas artificiais, produzidas mediante a introdução dum corpo estranho no interior das conchas de ostras. Outras qualidades de pérolas artificiais constam duma esfera de vidro coberta de uma substância feita à base de escama de peixe.

O MAU HALITO

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

ERGUE BARREIRAS SOCIAIS...

A pessoa portadora de mau hálito geralmente ignora o mal de que é vítima e constrange mesmo os mais íntimos... Previna-se contra esse grande inconveniente, fazendo bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans. Pelo seu alto poder antisséptico e germicida, o dentifricio medicinal Odorans impede a fermentação — causa mais comum do mau hálito — e evita as infecções bucais, como piorréia, gengivites, etc.



SEGUNDO

Pinino

Conto de Margarita Cousins

Ilustrações de Rodolfo

"Andréa.

Pediste-me uma explicação e creio que a mereces. Antes de tudo, porém, agradeço-te profundamente, pois me modelaste tal qual eu sou. Tu, mais do que o destino. Se te devo uma explicação esta é bem penosa e desagradável. Mas, m'a pediste. Não te lamente depois. Sempre viveste, em tôdas as recordações de minha vida, Andréa. E'-me impossível explicar-te o que significou para mim ter nascido tua prima, eu, u'a moça simples que vivi, bem dizer, à tua sombra.

Desde que me posso recordar sempre fui comparada contigo... desfavoravelmente. Lembro-me bem: quando muito pequena se alguém me olhava e dizia: — "que linda menina!" — logo havia quem retrucasse: — "Mas, você já viu Andrea?".

Naturalmente não era culpa tua que teus olhos tivessem êsse tom raríssimo de verde dourado como se fôssem topázios sombreados por longas e escuras pestanas, nem que teu cabelo fôsse tão maravilhosamente louro. Meus cabelos e meus olhos eram dêsses que não chamam a atenção de ninguém. E' bem possível que já aos cinco anos eu sentisse, inconscientemente, ciúme de tua formosura. Havia certa diferença entre mim e ti, e' nessa diferença eu sentia perder muito.

Recordo-me agora daquêlê dia em que saímos para comprar duas bolas. Tínhamos uma moeda e logo pensamos em gastá-la. Na loja, o caixeiro escolheu para ti a mais linda bola. Ainda me lembro bem: era vermelha... Quando foi para mim, tirou do depósito qualquer uma e m'a entregou sem olhá-la sequer. Era dum azul desbotado e muito menor do que a tua.

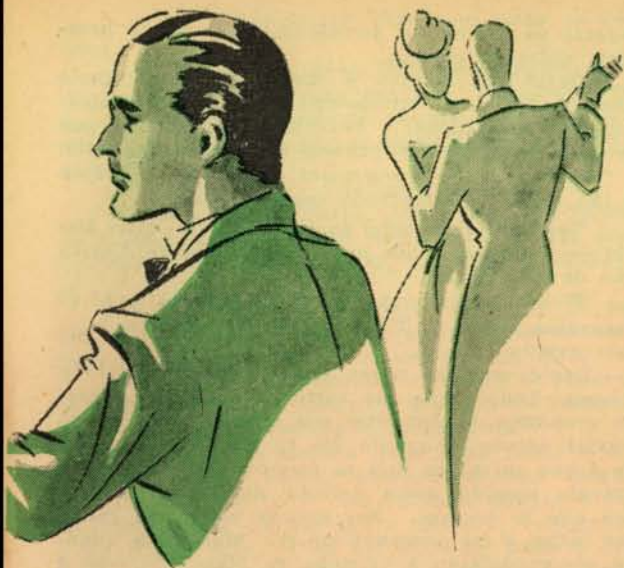
— "Mas... eu também quero uma vermelha..." — murmurei.

— "Não há mais vermelhas!" — respondeu-me o caixeiro, num tom definitivo.

— "Andréa teia uma vermelha; por que não posso ter uma igual?" — insisti. O homenzinho deu de ombros e me virou as costas. Então comeci a pensar porque razão tua moeda, igual e do mesmo valor que a minha, comprara uma bola maior e mais linda..."

Quando eu tinha sete anos e tu oito, fomos a uma festa em casa dos Pointdexter. Iamos sempre juntas a tôlas as partes. Usavas um vestido lindíssimo enquanto que eu levava um velho vestido teu. Não me ficava bem. Era demasiadamente comprido. Porisso me escondi num dos cantos do salão.

— "Essa criança é muito antisocial" — disse



a senhora Pointdexter à senhora Whitehurst, que a ajudava a servir o chá.

— “E’ mesmo muito lamentável que esta menina seja tão diferente de sua prima Andréa” — respondeu a senhora Whitehurst, sem perceber que eu a ouvia — “Andréa é verdadeiramente encantadora...”

Então, decidida, saí do meu esconderijo e me aproximei dum grupo de crianças onde eras o centros das atenções. Olhei-te e me perguntei que deveria fazer para parecer-me contigo. Ao mesmo tempo achava esquisito procurar imitar-te em vez de desenvolver minha personalidade, segundo minha inclinação natural. Afinal, cedi: ia tratar de imitar-te... Desde êsse dia comecei a participar dos brinquedos com as outras crianças. Recordo-me que nessa tarde jogamos uma coisa muito antiga: aquela brincadeira de se desenharem um macaco num cartão e pregá-lo à parede. Em seguida vendava-se os olhos daquêlê que ia jogar; e, assim, guiado até em frente ao desenho, procurava enfiar um alfinete na cauda do animalzinho. Esperei ansiosamente minha vez. Se conseguisse ganhar anularia tôdas as diferenças existentes entre nós ambas. Quando chegou minha vez deixei-me venhar os olhos, rezando mentalmente: “Senhor, faze-me ganhar ainda que somente esta vez”

Em seguida, levaram-me até à parede e, sem hesitação alguma, cravei o alfinete. Quando tirei o lenço dos olhos vi com alegria que enfiara o alfinete a três centímetros do lugar exato. Estava radiante. Ninguém me venceria. Mas foi então que chegou tua vez, Andrea. Vendaram-te os olhos, levaram-te até à parede e aí, fingindo a maior confusão dêste mundo, cravaste o alfinete justamente no lugar exato. Por um momento pensei que devias ter feito alguma trapaça. Não, Andréa, nada fizeste. A explicação do teu triunfo era muito mais simples: eras dessas criaturas nascidas para ganhar sempre!

A senhora de Pointdexter trouxe os prêmios e te deu o primeiro. Enquanto todos te rodeavam e te felicitavam, ela procurou consolar-me:

— E Francisca ganha o segundo!...

Aqui, neste simples fato está resumida a história de minha vida. Conheces essa história tão bem quanto eu, Andréa. Sempre foste o planeta e eu o satélite. Tinhas uma inteligência clara, uma mente sempre pronta a guardar tudo. Por isso mesmo, logo adquiriste fama de ser a melhor aluna do colégio. Minha inteligência, embora

viva, pertencia a um plano inferior. E assim, onde encontravas tôda a facilidade eu lutava para realizar alguma coisa. Com muita perseverança, com grandes sacrifícios conseguia manter-me no mesmo nível que tu em nossos estudos. Mas, apesar de todos os meus esforços, não podia impedir que fosses sempre a primeira.

Aos dezessete anos — tinhas dezoito — recor-do-me — que estávamos ambas empenhadas em ganhar todos os prêmios da escola. Química nunca foi teu forte, Andréa. Durante o ano sentaras-te junto de um rapaz que sabia química profundamente. Graças aos teus olhares sofisticados êle te soprava tudo em tôdas as provas. Infelizmente, veio o exame final e não pudeste contar com teu colega que adoeceu gravemente. Aproximava-se o dia do exame e não sabias nada. Eu tinha facilidade para química, muita facilidade mesmo. Então apelaste para mim, e eu te ajudei dedicando-te tôdas minhas horas livres. Fizemos o exame... e ganhaste o 1.º prêmio. Depois de receberes a medalha de ouro, disseste-me:

— “Estava um pouco preocupada com êste exame de química. Afinal saí vencedora, heim, Francisca?”

— “Sim” — concordei, apertando angustiada a medalha de prata do 2.º prêmio.

— “Oh! Francisca! — exclamaste — então não te alegres que tenha eu tirado o 1.º prêmio?”

— “Oh! sim, alegro-me imenso — repliquei, pedindo a Deus que não notasses minha profunda amargura”.

Lutar, lutar por uma coisa e não conseguí-la... Não sei se sabes como isso é doloroso. Talvez o saibas agora... Mas nessa época somente eu sabia. Para mim, tu te converteste numa obsessão. Eras o modelo que eu devia imitar, que eu devia tratar de igualar em tudo. E o pior é que eu achava essa tarefa superior às minhas forças, à minha capacidade. Naturalmente, fomos as duas prosseguir nossos estudos na mesma universidade. Eu não queria ir contigo. Desejava seguir meu caminho sozinha, livrar-me de tua influência que ia acentuando cada vez mais o complexo de inferioridade que me dominava. Quando manifestei meus desejos foi como se deixasse cair uma bomba dentro de casa.

— “Mas, querida, Andréa será sempre uma grande ajuda para ti!”

— “Vocês jamais se separaram!”

E tu, Andréa, foste quem mais me surpreendeu:

— “Francisca! — exclamaste — não poderei estar alegre sem tua presença!”

Nunca soube resistir quando se tratava de tua pessoa. Assim, lá, fomos as duas para a mesma universidade.

Não bem chegamos, foste logo convidada pela comissão diretora para fazer parte do melhor clube estudantil. Como não me convidassem, conforme-me em frequentar um clube modesto. Esta minha decisão desagradou-te, Andréa. Não porque te preocupasses comigo senão que te sentias quase humilhada; certamente não te recomendava que uma prima tua frequentasse um clube inferior.

— “Devias ter esperado, Francisca — disseste-me com certo desdém. — Cêdo ou tarde eu faria com que te admitissem”.

— “Eu não aceitaria o convite de teu clube” — menti.

— “Sei que estás ofendida porque não te convidaram — replicaste. — Mas êste clube convida somente um estudante por mês; tiveram que escolher entre nós duas... e se decidiram por mim”.

Enfim, parecia ter eu me acostumado em ser a segunda em tudo. Mas isso é coisa a que ninguém pode acostumar-se, sobretudo quando se é jovem.

Não quero dizer que não fosses boa para comigo, Andréa. Quando algum dos teus admiradores tinha um irmão ou amigo sem companhia, sempre me chamavas. Apresentavas-me dizendo: "Esta é minha prima do campo". Dizias por brincadeira, creio. Mas os rapazes pensavam ser verdade e isso não deixava de me aborrecer. A primeira coisa que eu dizia ao me ver a sós com o meu companheiro era o seguinte:

— "Andréa e eu nascemos e fomos criadas na mesma cidade." — Falava com tal rancor na voz que o rapaz não sabia o que responder. Dêsse modo, geralmente a noite ficava estragada.

Quanto aos teus admiradores, me cedias generosamente... quando te cansavas deles. Então sugerias no mais doce dos sorrisos:

— "Por que não telefona a Francisca e não a convida a passear?"

A's vezes, eles ouviam o conselho. Mas de nada servia. Teu admirador e eu passávamos a noite falando em ti. (O costume de falar em ti converteu-se para mim numa espécie de tic nervoso).

David Carver foi quem mo fez compreender.

— "Ouve, — disse-me um dia ao sair comigo pela primeira vez — acaso te convidai para me fa- lares em Andréa?"

Ah! pareceu-me maravilhoso sair com David. Ele era o primeiro atleta do colégio, qualquer moça sentir-se-ia orgulhosa em sua companhia. Além disso, como diretor do semanário do colégio e pre-

sidente da assembléa estudantil, tinha muito pres- tÍgio entre os colegas.

David era moreno e meio romântico. Creio que começava a entusiasmar-me... Surpreendeu-me sua declaração... Parecia-me impossível que estando tu ali alguém pudesse enamorar-se de mim.

— "Mas... — murmurei — mas... Andréa é tão linda... Comparada com ela, eu não..."

— "Bah! Para mim és mais linda — disse David — Tens uns olhos que... Os olhos de Andréa são de gato persa..."

Pouco depois soube que nessa mesma noite tu recusaras David. Em vão, ele se confessara... Isso explica tudo...

David era um rapaz tão orgulhoso como tu mesma, Andréa. Se me cortejou, foi com o único propósito de despertar teu ciúme. Não sei se havias notado o quanto ele te queria. A verdade é que entre nós dois se formou uma espécie de vínculo nascido dessa derrota que sabes infligir aos que te cercam. Nas poucas vezes que David me beijou o fez pensando em ti. Mais tarde quando me candidatou à "Rainha de Maio" foi com a intenção de tirar uma desforra. Todos tinham, de antemão, a certeza de que serias a eleita. Poucos mantinham suas dúvidas a respeito. David gozava de grande prestÍgio entre os estudantes e podia — quem sabe? — decidir as eleições a meu favor. Nada mais do que uma vingança na qual seria eu o instrumento.

Nesse ano, o movimento das eleições atingiu ao auge. Tiveste medo de perder, Andréa. Disso estou certa. Porque um dia vieste falar comigo dizendo-me que a rivalidade entre primas te desgostava. Seria melhor que nos retirássemos das eleições.

Procurei David e expliquei-lhe tudo, dando-te razão. E terminei humildemente:

— "Não é melhor tirar o meu nome, David?"

— "És uma tóla Francisca. Não e não. Serás candidata".

Quando as urnas foram abertas, tu, Andréa, saíste vencedora.

Sempre te mostraste magnânima na vitória. Assim, designaste-me dama de honor.

Durante a festa e na cerimônia de tua coroação como "Rainha de Maio" vi David Carver pela última vez.

— "Andréa sempre te derrota, heim, Francisca. E' que tu mesma és culpada. Tu o desejas. Se quisesses..."

Estávamos dançando juntos; compreendia que ele tinha razão, mas logo o contestei.



— “Não é isso, David. Não vejo razão no que dizes.

— Sim, bem que sabes, Francisca. Eu esquecerei Andréa, porque tenho vontade. Tu porém, já mais a olvidarás. Deixarás sempre que ela te domine. Na realidade, não passarás duma sombra de Andréa”.

A verdade doeu. Repliquei, agastada:

— “Muito bem, David. Nisso nós dois vamos no mesmo caminho. Não somos mais do que predestinados a ocupar o lugar do segundo violinista...”

Nesse momento a orquestra terminara de tocar. David empalideceu mas acompanhou-me cortesmente até ao sofá. Uma vez ali, me disse:

— “O posto de segundo violinista é somente para aqueles que se resignam a ocupá-lo, Francisca. E eu não me resigno tão facilmente”.

Virou-se e foi embora num passo firme e orgulhoso, tendo a cabeça sobranceiramente erguida. Nunca mais o vi. No entanto, sempre o recordarei porque ele me deu a chave... colocando-a na minha mão. Com ela sentí-me forte e ansiosa. Queria desenvolver minha própria personalidade esquecendo-me completamente de ti. Nisso chegaste, cori teu traje suntuoso de “Rainha de Maio”; acompanhava-te um dos teus admiradores “caídos na desgraça”. Disseste:

— “Apresento-te a minha priminha do campo...”

Voltei à realidade. Compreendi nessa hora que livrar-me de tua influência era uma tarefa mais difícil do que pensava. Custou-me muito livrar-me de ti, do meu complexo de inferioridade. Duma coisa, porém, fiquei certa: David Carver atirara nessa noite a semente que com o tempo havia de germinar e dar fruto.

Quando terminamos nossos estudos e regressamos à cidade natal, voltaste a ocupar o lugar de “belle of the town”, como dizem os ingleses. Onde fosses, cercavam-te sempre inúmeros admiradores. Podias escolher entre uma dezena de homens aquele de que mais gostasses. Não necessitavas de incluir Jorge entre tuas conquistas.

Conhecemos Jorge Bennet ao mesmo tempo. Jamais esquecerei. Encontramo-lo e a um amigo — Pedro Butler — em frente ao Banco Nacional. Pedro Butler nos conhecia e ao ver-nos fez sinal para que esperássemos. Lembro-me de que ao se aproximarem eles, eu estava olhando o chão como de costume. A primeira coisa que vi em Jorge Bennet foram os pés; uns pés bem formados. Assim, quando Pedro m'o apresentou volvi-me assustada. Não posso explicar o que se passou quando fixei o olhar em Jorge Bennet. Experimentei a sensação de haver sido tocada por um raio, e ao mesmo tempo tive a certeza de que jamais sentiria a mesma emoção.

Pela primeira vez em minha vida esqueci-me de que existias, Andréa. Somente tinha vida para uma coisa: para olhar Jorge. E nesse olhar — estou certa — pus todo o meu coração. Ele sorria então com sua maneira acariciadora e começou a conversar comigo, enquanto Pedro palestrava contigo.

— “Não é a primeira vez que a vejo” — disse-me Jorge — Notei-a no último concerto e, desde então, tive desejos de conhece-la”.

— “Eu também desejava conhecê-lo — respondi com tal fervor na voz que imediatamente deixaste de falar com Pedro e, com o propósito de desluzbrar Jorge, entraste a conversar com ele nessa tua maneira de atrair os homens.

Eu nunca te havia odiado, Andrea. Mas, nes-



Sua amiga receberá carinhosamente
uma sugestão para sua elegância.
Conte-lhe o segredo da distinção contido
na lingerie Valisère, tecido indismalável
e corte individual rigoroso.

LINGERIE
Valisère
CONTACTO QUE É UMA CARICIA

PANAM — Casa de Amigos

sa hora, comecei a sentir verdadeiro ódio de ti. Via que minha história ia se repetir. Ocuparia o lugar de segundo violinista... Tu, como sempre serias a primeira. Por mais que me esforçasse não pude dominar-me. Jorge já se interessava... Procurei por todos os meios manter a calma mas o que só podia pensar era o seguinte: "tenho que ir-me, tenho que ir-me tenho que ir-me embora..."

Foi o princípio do fim. Jorge Bennet te interessou cada vez mais porque viste desde o primeiro instante não ser ele o homem de deixar-se conquistar por teus olhares ou por tua voz acariciadora. Redobreste de esforços, aumentaste a tática afim de dominá-lo com teus encantos. Sejam francas Andréa: tu fizeste a caça àquele homem. Estavas furiosa porque não podias vencê-lo, porque não podias fazê-lo ajoelhar-se a teus pés como sempre costumavas fazer até esse momento, com todos os teus admiradores.

Mas Jorge Bennet era em tudo um homem. A luta entre os laços que estendias e a resistência que ele sabia opor foi uma verdadeira luta de titãs. Sentia-me cada vez mais diminuída. Resolvi então afastar-me de tudo. Fiquei sozinha, lamentando minha fraqueza, minha falta de caráter, e de vontade. Odiava-te, Andréa, mas odiava mais a mim por não ter forças para lutar.

Quando via Jorge sentia o coração pulsar com mais força. Bastava somente pronunciáres seu nome para eu empalidecer. E não podia deixar de observar uma coisa: quando me falavas em Jorge sentia-te outra, achava-te estranha, quase insegura. Isso me dava alguma esperança. Bem sei que meu coração estava atormentado. Mas não davas conta disso. Em tua superioridade não te dignavas observar-me. Não pensavas que podias recear algo de minha parte, tu, formosa, insuperável e imperiosa Andréa.

Como não me temas como rival disseste uma noite a Jorge Bennet:

— "Jorge, queres acompanhar Francisca até a casa? Fico te esperando para conversarmos..."

Querias estar sózinha com ele. Compreendi perfeitamente. Sentindo-me incapaz de fazer frente à tua vontade, repliquei logo:

— "Não é necessário que Jorge se dê a esse trabalho. Posso ir sózinha."

— Oh! não, querida! — disseste toda sorridente — Jorge terá muito prazer, não é, Jorge?

— Certamente. Para mim será um grande prazer — assentiu Jorge.

Jorge e eu fomos então andando. Eu pensava que ele me acompanhava apenas por gentileza. Por isso, insisti:

— "Não devias ter vindo, Jorge."

— Ora, Francisca, você parece não gostar da minha companhia.

— Pelo contrário! — exclamei ruborizando-me — Vamos andando? Quero dizer... se tem tempo.

— Tenho tempo de sobra, mas... está chovendo, Francisca.

— Não faz mal. Eu gosto de andar quando chove."

Jorge não replicou mais nada. Tomou-me o braço e ao sentir sua mão tão firme experimentei um grande alívio. A noite estava escura e envolta numa opacidade azul resultante da chuva fina caindo. Eu me sentia feliz. Era a primeira vez que me encontrava a sós com ele. Parecia isolada do mundo, num lugar onde ninguém podia importunar-me.

Jorge não disse uma só palavra durante o caminho. Não que eu desejasse ouvi-lo... Creio mesmo que se ele me houvesse perguntado qualquer

coisa nada lhe responderia, tal a emoção que me dominava.

Quando chegamos a casa ele tirou o chapéu e o sacudiu para que secasse. Logo nos olhamos como da primeira vez em que nos vimos. Esqueci-me de mim mesma. Notava o azul de seus olhos a curva enérgica de seu queixo... e novamente o azul dos olhos.

— "Eu também gosto de caminhar na chuva — disse ele — Pareço a muitos um tipo estravagante, mas não posso deixar de gostar."

Como é maravilhoso descobrir que a pessoa amada gosta do que nós gostamos! Ficamos silenciosos outra vez nos olhando. O céu tornou-se mais claro e as estrelas começaram a sair.

— "Não quer entrar?" — convidei-o.

Ele aceitou. Coloquei sua capa no quarto de banho pois estava completamente molhada. Jorge olhava curioso o "living-room". Por fim, voltou-se para dizer:

— "Quantos livros tem você! Por que lê tanto? Por quê não deixa os livros e não sai mais um pouco para divertir-se?"

— "Talvez por variar. — respondi — Na família já temos Andrea para a sociedade".

Na realidade, não sabia como dizer-lhe que ali, entre meus livros era onde eu vivia. Lendo, podia imaginar-me heroína de todas as histórias. Ali podia ser a primeira; jamais a segunda.

Ele tomou então um livro e abriu-o ao acaso.

— "Recorda esse parágrafo? Logo em seguida leu em voz alta o seguinte trecho de Galsworthy: "O amor não é uma flor de estufa. É uma planta silvestre, nascida em noite úmida, de uma semente trazida pelo vento selvagem..."

— "Sim — murmurei eu."

— Eu creio nisso — ajuntou ele, fitando-me — E você?"

— Sim — repeti."

O relógio na varanda soava com força; mas a mim seu tic-tac não me parecia tão forte como o bater do meu coração. Somente podia pensar uma coisa: não olvidaria esse momento enquanto vivesse. Se nada em minha vida mais acontecesse, saberia guardar aquela suave recordação.

Jorge Bennet e eu descobrimos muitos amigos íntimos. Esses amigos eram os autores dos livros que havia em minha biblioteca.

Como conversamos então! Sei que isto te pôs furiosa, Andréa. Mas as horas passaram e nenhum de nós percebeu. E ainda mais: — nem sequer nos lembramos de que vivias. Não penses tão pouco que passamos todo o tempo falando; isso não é sempre necessário entre as pessoas que se compreendem. Houve momentos em que nada dizíamos; ficávamos contemplando as chamas vermelhas da lareira...

No meu pensamento havia uma idéia, uma idéia fixa. Não cessava de repetir-me assombrada: "Há aqui um homem que pensa exatamente como eu; que é como eu".

Não podia crer...

Devia ser três horas da manhã quando Jorge, caindo em si, levantou-se para despedir-se.

— "Fecho-lhe desculpas, Francisca — foram suas palavras — não percebi que fôsse tão tarde."

Sinto ter de confessar-te, Andréa: no que menos pensei, foi que tu o estivesses esperando. Trouxe-lhe a capa.

— "Boa noite, Francisca — disse-me apertando a mão — Não sabe você o que esta noite significará para mim".

— "Não necessita dizer-me, Jorge — repliquei falando pela primeira vez sem receio. — Não necessita dizer-me porque eu compreendo perfeitamente... pois para mim tem o mesmo significado".

O coração pulsava-me agora de alegria, pura

e bendita alegria. Mas, quando a porta fechou-se atrás d'êla lembrei-me que existias, Andréa. Lembrei-me de que eras minha rival e voltei a sentir-me dominada pela debilidade de sempre. As lágrimas começaram a descer no meu rosto... e eu pensava em tudo que tu eras, em tudo que jamais eu poderia ser.

Um chamado inesperado sobressaltou-me.

— “Quem é?” — perguntei sufocando os soluços.

— “Abre-me a porta, Francisca” — pediu-me Jorge.

E eu abri. Chovia. Sob a chuva fina êle me pareceu um sonho, algo irreal. Não me disse nada. Seus braços me rodearam. Senti seu rosto junto do meu numa carícia... Depois me beijou. Primeiro... quase trincando, na ponta do nariz... depois... como eu queria... Beijou-me e é bom que o saibas, Andréa: seus beijos não foram compassivos nem misericordiosos. Eram beijos de um homem que amava de veras.

— “Amo-a, Francisca” — disse-me com a voz meia rouca pela emoção — Procurei dizer-lhe muitas vezes, mas sua atitude fria, indiferente me acozardava. Esta noite, encontrei-a mais humana, mais próxima a mim.

— Diga-me outra vez — balbuciei — por favor, diga-me outra vez...”

Nesse momento tive então a certeza de que a minha triste carreira como segundo violinista terminara. Jorge, o melhor dos homens, me havia preferido. Essa certeza afastou todo o meu receio todo o meu antigo temor. Agora era forte. Sentia-me capaz de lutar contigo e de vencer-te, Andréa. Porque, se não o sabes, não há coisa que dê mais força e ânimo que o amor. Enfim, estava certa, certíssima disso: nunca, nunca mais voltaria a tomar-te por modelo; meu complexo de inferioridade estava morto para sempre.

No dia seguinte me procuraste, louca de ódio.

— “Que aconteceu com vocês ontem à noite?” — perguntaste-me — Sabes que o esperei até a uma da madrugada?”

— “Nada — repliquei numa calma extraordinária — Apenas descobrimos que nos amamos”.

Primeiro me olhaste, incrédula. Logo em seguida abandonaste a incredulidade para ficares furiosa, fora de ti.

— “Jorge! — exclamaste — Jorge e tu? Impossível!”

— Efetivamente; Jorge e eu. Alegro-me que viesses. Jorge e eu queríamos que fosses a primeira a saber”.

Ao ouvires estas palavras, ficaste repentinamente pálida; o rosado encantador de tuas faces desapareceu por completo. Com a voz sufocada pelo despeito, somente pudeste dizer-me o seguinte:

— “Parece-me, Francisca, que tanto Jorge como tu, devem a mim uma explicação!”

Porisso, Andréa, aqui nesta carta vai minha explicação. Creio que não poderás queixar-te. E' bastante clara. Se queres saber minha opinião, ei-la: havia sido melhor não dizer-te nada, melhor para ti, naturalmente. Mas tu o quiseste. Estás satisfeita.

Terminando, peço-te não interpretares mal minhas palavras. Não, não me sinto uma vencedora. Há coisas tão sublimes e elevadas, que não podem ter a mínima relação com palavras tão comuns como “ganhar” ou “perder”. São coisas que devem ser escritas nas estrélas. Esta, Andréa, bem podia ser uma delas. — Tua prima,

Francisca.”



Para as donas de casa

São muitas as donas de casa que costumam recorrer ao amoníaco para tirar manchas de peças de roupas finas, o que, realmente, é muito eficaz. Convém, porém, não abusar, pois, empregada em dose mais elevada, essa solução estraga a roupa, manchando-a, por sua vez, e de tal maneira que não haverá recurso para fazer desaparecer a mancha assim produzida.

*

Com a água de sal lavam-se perfeitamente as flanelas, evitando-se, também, que as mesmas encolham ou fiquem descoloridas.

*

Para fazer desaparecer o cheiro e purificar o hálito, depois que se comem cebolas, bastará beber uma xícara de leite açucarado.

*

E' um erro lavar as cortinas de mouse-line com água quente. A água fria, desde que se faça, com o sabão, abundante espuma, é suficiente.

*

Para evitar que as moscas manchem espelhos e os vidros, passa-se sobre êles uma solução de água fervida com cebola ou o seu suco. Essa solução, além de evitar que as moscas pousem nos espelhos, auxilia a conservá-los.

*

E' grave erro tomar leite de vaca sem ferver. O leite bem fervido evita a tuberculose, pois contém grande quantidade de cálcio; mas, quando não é bem fervido, torna-se perigoso transmissor dessa terrível moléstia, pois, como sabemos, a tuberculose humana é de origem bovina.

*

As carnes são, em geral, nutritivas e de fácil digestão, e as substâncias extrativas que contém provocam a secreção do suco gástrico, facilitando a digestão.

*

As manchas de tinta no assoalho desaparecem empregando-se areia molhada em uma mistura de partes iguais de água e ácido sulfúrico.

*

Se temos em casa grande quantidade de azeite e receamos que venha a tomar ranço, bastará derramar no mesmo um cálice de bom conhaque e estará combatido o perigo.

*

O leite coalhado, como prato de mesa, ou como merenda, com ou sem açúcar, é não só agradável e altamente alimentício como também de fácil digestão.

O ANIVERSÁRIO

foi bastante rico nos tempos da sua juventude. Por culpa sua e dos demais deixara, porém, de o ser. Mas, graças à energia de seu caráter, continuou sempre sua vida de homem de sociedade. Para encobrir as aparências impunha-se toda espécie de privações. Residia em um sótão quase sem móveis de uma casa luxuosíssima, cujo porteiro uniformizado sempre dizia: "O senhor não está em casa". Cozinha pessoal em um fogãozinho a álcool.

Uma ou duas vezes por mês, era visto a fazer refeições em algum restaurante de cotação.

Privava-se de fumar, de aquecer-se, de acender a luz. Mas, em dias de chuva tomava um carro para fazer visitas.

Lutando sem desfalecer conservava o que mais apreciava: seu prestígio pessoal.

A senhora de Foutbone, depois de longa ausência, recebia suas amizades: Alberto Livry foi o primeiro a chegar. Na presença de Clara de Foutbone sentiu a emoção doce e cruel de sempre. Clara, sem um fio de prata na sua cabeleira loura, conservava sua distinção e finura incomparáveis. Recebeu Livry com o seu sorriso. Clara falou de sua filha que acabava de casar-se no estrangeiro.

— Sabe que faz vinte e cinco anos que nos conhecemos? — disse, de repente, Livry.

— Terrível memória, a sua.

— Estou certíssimo. Foi a 6 de setembro, no castelo de Aural. Você tinha casado há pouco com Foutbone.

— Meu marido gostava muito de você. Realmente, você foi o nosso melhor amigo, e, depois da morte dele, continuou sendo o mesmo para mim. Vinte e cinco anos!

Alberto olhava o chão. Levantou a vista e exclamou:

— Já sabe você que desde esse tempo a amo...

— Sim, bem o sei — disse Clara, rindo. — Disse-me você isso muitas vezes, mas só o permiti com a condição de que fosse em versos. Líamos juntos as poesias. Mas, a que vem esta cara tão trágica?

— Estou me recordando do muito que tenho sofrido. Porque é você a única mulher que amei na minha vida.

— O que sei também, é que estava casada com um excelente homem e que esse homem era seu



★ FREDERICO BOUTET ★

amigo. Depois da morte dele tive que educar minha filha sem contar com o horror que me causavam certas cumplicidades. Mas, porque me diz todas essas coisas?

— Não o sei — respondeu Alberto, com sinceridade —

Provavelmente porque este amor empolgou de tal forma a minha vida, que não morreria sem saber que você o tinha adivinhado.

Clara fitou-o com firmeza.

— Livry, você não disse a verdade. Falou porque me vê só. Por que sabe que não me tornaria a casar, estando solteira a minha filha.

Não sou moça mas também não estou velha. Conheço o seu caráter e sua fidelidade a um amor sem esperança por espaço de vinte e cinco anos. Sei que no fim da minha vida serei feliz ao seu lado.

Alberto ficou mudo. Nunca pensara em prender a mão de Clara, por estar certo da recusa. Sua alegria era imensa. De súbito, porém, ruborizou-se, recordando sua pobreza dissimulada, a farça de sua elegância e exclamou contristado.

— Escute, Clara... Minha situação não é boa, como parece... Há tempo estou arruinado... Estou pobre...

— Já sei, já sei... — interrompeu Clara docemente.

Alberto faz um gesto de assombro e com um sorriso amargo acrescentou:

— Você não o sabe. Para você, ser pobre é viver sem ostentações, modestamente... Mas, minha situação é bem mais triste penosa...

Clara pegou-lhe carinhosamente a mão para dizer-lhe:

— Digo-lhe que sei. E' muito difícil ocultar o modo de viver e todo mundo está ao corrente da sua vida... Conheço suas atrozidades privações, sua luta para conservar as aparências... Faça-o esquecer tudo isso.

— Todo mundo o sabe! — exclamou Livry.

Permaneceu como que petrificado. Mal podia respirar. Pensava na alta sociedade, hipocrisia, acompanhando as fases da sua pobreza; assistindo — sem que ele o suspeitasse — a ridícula comédia do seu ilusório prestígio.

Uma vergonha febricitante veio torturá-lo para envenenar sua inesperada felicidade...

*

Diretor-redator-chefe:

MÁRIO MATOS

Diretor-gerente:

MIRANDA E CASTRO

*

Chico Mendonça, a mulher e o "Balão"

Mário Matos



CONVITE de um amigo meu fui passar o fim de semana em sua fazenda. Longe das paixões acesas dos homens, pude sentir de perto a bondade da terra e a beleza dos céus. Sentei-me satisfeito e com fome à mesa mineira, onde havia a água fresca das fontes, a erva verde e teura, o frango de mólho pardo, o angú de fubá mimoso, a carne assada no espêto. Acabado o jantar apetitoso, feito um cigarro de palha, fomos todos para o alpendre. Depois de uma chuva benéfica, que lavara o firmamento e as árvores, a lua surgiu em cima do morro próximo, com uma cara destamado, sorrindo para nós todos. E foi aí que, de lenço amarrado ao pescoço apareceu Chico Mendonça, vaqueiro da fazenda. E' um rapazola moreno, meio prognata, que foi desinfeliz com a sua mulher. Ela o deixou sózinho e caiu na perdição do mundo. Chico Mendonça extravazou o sofrimento em cantigas, como fazia Goethe. Ele é como os passarinhos: — quando a tarde vai caindo, cumprida a obrigação recolhe-se ao seu rancho e abre a bôca no mundo. A sua voz, como a do sabiá, suavisa as campinas e os vales. O curioso é que só canta os versos que compõe, e os seus poemas são história de sua vida amarga. De vez em quando, faz uma leve troca de si mesmo, rindo-se da sorte, o que é uma espécie de desafio. Mas o mais importante de tudo é o que vou contar. Abandonado pela mulher, Chico Mendonça, como ficasse só, viu um cavalo doente e se conduziu da sua sorte. Homem que estava sofrendo, compreendeu a dor do animal. Comprou-o por quinhentos cruzeiros. E explica o fato, cantando:

Compro o Balão para não ver-ê-lo sofrer,
Cumpro o que o meu coração pediu...

Adquirindo o seu Rossinante, pôs-se a amá-lo numa bonita transferência de sentimentos. Ensinou-lhe várias coisas originais. Deu-lhe remédio, acostumou-o a comer pão. Todo santo dia, de manhã, ia à padaria do arraial e comprava pães para o seu amigo. A intimidade entre os dois era tão cordial, que o Balão dava-lhe coice de brinquedo e mordida por safadeza. Ora, em pouco tempo, as artimanhas do cavalo popularizaram-se no arraial. Assim que o Chico Mendonça apontava na rua, encarapitado nele, todo mundo dizia, espiando:

— Evem o Chico montado no Balão...

A meninada gritava, os homens o saudavam, as mulheres sorriam para a amizade e alegria dos dois. A importância social do Chico Mendonça aumentou muito por causa desta história sentimental. Mas um dia a doença do Balão se agravou de repente e, não houve jeito, o animal deitou-se no chão. Gemia que fazia dó. E foi-se estorcendo, roncando, tremendo e morreu o Balão.

Um companheiro chamou o Chico:

— Vem ver o coitado, Chico.
— Não posso. Espera um pouco.

E o pobre homem não teve coragem de ir ver o amigo morto.

Abandonado no campo o corpo do cavalo, os urubús se aproveitaram dele com voracidade incrível. E de longe Chico observava aquela cena dolorosa. Hoje, ele, cantando, relata o episódio. Diz que sentia que o Balão estava avoando na barriga das aves no alto, bem perto do céu azul. Terminado o banquete trágico, Chico Mendonça, criando coragem, foi ver os ossos do seu companheiro. Chegou pezaroso, sacou de uma tesoura, cortou a clina e o rabo do Balão e guardou-os. Guardou-os como se arquivam as mechas de cabelo de uma pessoa amada. Eu ouvi o Chico dizer esta história:

Adeus, Balão, pra nunca mais te ver,
Adeus, mas tenho elas pra tua recordação...

Depois ele fez uma cova enterrou nela os ossos do cavalo, pôs uma cruz em cima e enfeitou-a com as flores do alecrim do campo. E toda tarde, toda noite, sózinho no seu rancho, ele espria a voz na toada plangente, falando a história da sua amizade amorosa com o cavalo.

Chico Mendonça, Você não me engana não. Sabe o que representa tudo isso? E' a transferência do amor por sua esposa. Desiludido dos homens e das mulheres, Você Chico Mendonça, deu o coração para o seu cavalo. E fez bem. Posso garantir que ele só lhe deu coices e mordidas por amor, que o último pensamento do Balão foi para Você. Talvez lamentando que Você não estivesse ali perto, para dizer-lhe adeus na hora derradeira. Continue pois, a fim de esquecer as suas máguas, a cantar o amor de seu companheiro:

Adeus, Balão, pra nunca mais!
Eu te vi avoando no céu com os aribús.

VITRINE



DEVE-SE dizer que, antes de tudo, o homem é um animal político, religioso e econômico. Qualquer obra que trate de um desses três aspectos de suas tendências profundas

capta a preferência do leitor, pela razão de que gostamos de conhecer aquilo que mais nos interessa. Eis o motivo do êxito constante da biografia, especialmente da biografia dos grandes políticos. E neste sentido, um dos estadistas de nossa época que mais atrai a curiosidade e a atenção dos escritores, como em geral de toda gente, é Talleyrand, cujo nome por inteiro é Carlos Maurício Talleyrand Périgord. Sua vida tem sido estudada por prosadores notáveis, mas não é exagerado afirmar que o livro de Duff Cooper sobre ele pode ser colocado entre os melhores, sobretudo pela concisão do assunto e pela exatidão das opiniões. Considerando a importância desta obra, foi que a Cia. Editora Nacional de S. Paulo incumbiu a Godofredo Rangel de traduzi-la para o português, o que foi feito com o cuidado, competência e correção característicos deste notável escritor mineiro.

Talleyrand possuía, como se sabe, a virtude principal do estadista sob o ângulo da política e que é o dom de saber prever para prover. Rivarol, Fouché e ele foram dos pouquíssimos homens públicos da França que conseguiram passar incólumes pelo turbilhão revolucionário. A guilhotina deepou a cabeça a quase todos, mas os três conseguiram escapar. Por quê? Porque previam os acontecimentos e os evitaram, não

UM LIVRO PARA VOCE

CRISTIANO LINHARES

*

se expõem ao perigo por imprudência. Ao contrário dos seus dois companheiros, Talleyrand era um patriota autêntico, sem embargo de ser desonesto em matéria de dinheiro. Sua fama era péssima do ponto de vista do caráter e do amor do dinheiro. Entretanto, quando se irritava dos grandes interesses da Pátria, tinha coragem até de expor a própria vida. Além de tudo mais, era homem de fino espírito e de um poder de sedução pessoal inigualável. Córpo desde criança e não sendo talvez o que se possa chamar um homem belo, exercia no entanto irresistível sugestão sobre as mulheres. Era em suma, patrioticamente falando, um canalha honesto e tinha atitudes inexplicáveis. Uma vez, por exemplo recebeu dinheiro dos polacos para advogar a independência da Polónia. Fracasando porém na sua missão, entendeu de devolvê-lo aos que lhe pagaram. Eis aí uma prova de sua conduta original.

Foi Talleyrand quem mais influuiu na queda de Napoleão, a quem servira aliás durante muito tempo. E foi por patriotismo que conspirou na sua derrota. E' que, com acerto, pensava que o corso maluco infringia o principio de legitimidade dos governos, sem a vigência do qual vivem os povos na inquietação permanente.

E' esta figura atrativa que Duff Cooper estuda em sua obra com raro espírito de imparcialidade. Não conhecemos leitura que seja mais útil e proveitosa do que este livro, principalmente neste momento que é de confusão pelos motivos que turbavam o tempo de Talleyrand.

* * *

★ LIVROS NOVOS ★

ROSA DOS VENTOS — Soares da Cunha — Belo Horizonte — 1945.

Embora jovem, o poeta Soares da Cunha já vai se impondo à admiração pública através de seus trabalhos poéticos, em que o equilíbrio da forma se alia ao lirismo que lhe é acentuada característica. "Rosa dos Ventos", o seu terceiro livro de poesias, confirma o êxito dos anteriores, expressando, sem dúvida, mais apuro na técnica e na inspiração.

Destacam-se em "Rosa dos Ventos", os sonetos "Ela", "Metempsicose" e o delicado poema "Carícia", que é o ponto emocional mais elevado do livro. Merece, também, atenção "Momento Único" e, pela ternura que infunde, o "Visita ao lugar da infância".

"Rosa de Ventos" merece ser lido e admirado.

E MINHA SOMBRA FICOU... — J. Batista de Oliveira — Belo Horizonte — 1945.

Pode-se afirmar, sem receio, que o traço característico do estro de J. Batista de Oliveira é a espontaneidade, a que o poder sugestivo da evocação ainda torna mais expressiva. Sua poesia é tecida de emoção e se comunica, por isso mesmo, à sensibilidade do leitor, que já fica conhecendo o poeta desde "Genuflexão", o lindo soneto com que levava a sua progenitora, até "Suave Consolo", para citar, ao acaso, um dos últimos do livro. Destacam-se, no livro,

"Amor", "De joelhos", "Doutrina", "Conselho" — refletindo todos uma formação cristã que eleva a poesia valorizando o poeta.

A ILHA DOS PINGUINS — Anatole France — Editora Vecchi — Rio.

Anatole France condensa nesse livro suas experiências e opiniões a respeito da grande família terrestre, pondo em relevo a insensatez, a hipocrisia e a infâmia de que estão cheios os tempos modernos, e tudo no seu estilo inconfundível. "A Ilha dos Pinguins" merece ser lido.

O INTENDENTE CAMARA — Marcos Carneiro de Mendonça — Livraria Agir Editora — Rio.

Essa obra focaliza a figura de um dos mais progressistas homens públicos que já teve o Brasil, verdadeiro pioneiro da siderurgia nacional, cujas realizações e cujos temas, debatidos em relatórios, constituem ainda hoje preciosa fonte de informações e orientação.

DE VOLTA A ILHA DO TESOURO — H. A. Callahan — Editora Vecchi — Rio.

Eis uma história verdadeiramente empolgante, escrita pelo conhecido escritor H. A. Callahan e esmeradamente traduzida por Galvão de Queiroz e apresentada com uma linda capa do pintor Ramon Hespánha. E' um bom livro da Vecchi Editora.

(Conclui na pag. 95)

POETAS E PROSADORES

É INTERESSANTE notar uma coisa a respeito de Nóbrega de Siqueira: — tudo o que escreve, seja poesia ou seja prosa, espelha o direitinho o que ele é e como ele é. A sua personalidade, com a força que a marca, projeta-se imediatamente na sua arte, a qual, diga-se logo de comêço, é bem animada de movimento e de ritmo.

Há escritores que possuem o estilo parado ou sossegado; outros que têm um modo artificial ou distante deles mesmos. Outros há ainda que assumem ares muito diferentes de sua própria maneira de ser. Nóbrega não se filia a nenhuma dessas categorias de exóticos ou de maneiristas. Põe logo a alma e a experiência, põe o que sente e pensa no que a pena traduz. E é nesta virtude literária que talvez reside o segredo de agradar. Convém mesmo frisar que, hoje em dia, há uma revolta latente do público e dos escritores contra tudo o que represente artifício em arte, contra tudo que não seja simples e sincero em matéria de sentimento e de pensamento.

Autor de quatro ou cinco livros de poemas, Nóbrega de Siqueira, sem embargo dos afazeres de homem prático, vem espalhando pelo Brasil, através das melhores revistas e dos jornais diários do Rio, os seus versos vivos, evocativos e originais. O traço mais saliente de sua poesia é o sentimento de humildade, assim como também a máguia ou melancolia do escoamento das coisas e das criaturas. Tudo passa, e o poeta vai registrando o sussurro de tudo o que passa e morre...

Como contador de histórias, conhece a ciência do diálogo natural e expressivo, sabe fixar personagens, tem o dom de focalizar os dramas cotidianos do homem. Seus contos já foram várias vezes premiados aqui na ALTEROSA, e bem sabemos que despertam a preferência dos leitores. Vai publicar breve um livro de histórias, que terá por título "Sen Waldemar". Não há dúvida de que será coisa boa...

Agora, o que é realmente encantador em Nóbrega é o homem. O homem do trabalho. O homem que não pára, que vive entregue à faina de cada dia, sem se azedar nunca com a vida e com o semelhante. Puxa, como ele tem lutado! Ainda é moço, mas traz cabelos brancos na cabeça. Ultimamente, meteu-se com o cooperativismo no Brasil, e todo Congresso que se realiza é liderado pelo Nóbrega. Já correu, para isso, quase todos os Estados do Brasil. E' difícil, por este motivo, obter dele alguma colaboração para a nossa revista. Assim mesmo, de vez em quando, Nóbrega de Siqueira se faz lembrado por um conto sugestivo ou original.

Deixamos aqui, em traços sintéticos, o seu perfil. Estamos, como sempre, estimulando, pela justiça, o escritor sincero, o artista que ama sua arte com todo o sacrifício. E este é o fim desta seção.

* * *

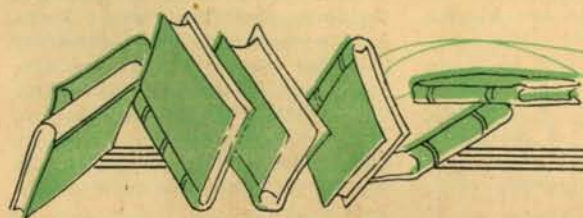
★ OS "BEST-SELLERS" DO MÊS ★

Para orientação dos nossos leitores, oferecemos, aqui, uma estatística dos livros mais vendidos no último mês em nossa Capital, através do serviço de informações que mantemos com as nossas principais livrarias: Belo Horizonte, Cor, Cultura Brasileira, Francisco Alves, Inconfidência, Minas Gerais, Oliveira Costa, Pax e Rex.

- 1.º — FURIA NO CEU — romance — James Hilton — José Olimpio Editôra.
- 2.º — A VIDA MARAVILHOSA DE SARAH BERNHARDT - biografia - Louis Verneuil Martins.
- 3.º — AMAR FOI A MINHA RUINA — Ben Ames William — romance — Editôra Assunção.
- 4.º — A CANÇÃO DO ODIO — romance — Rosamona Lehemann — Editôra Cúpulo.
- 5.º — ENTRE O AMOR E O PECADO — romance — Kathleen Winsor — Editôra Assunção.



Nóbrega de Siqueira



UM PRODUTO

Etoly

B. HORIZONTE
TUPIS, 1008



SABONETE CITROL
GLICERINADO

PURO E SUAVE
COMO SUA TRANSPARÊNCIA

DENTES

Abalados e descarnados, gengivas sangrentas e com púls, mau hálito, dentes amarelados e cheios de tártaro (pedras), tudo isto traz mal estar e mau gosto na boca, prejudicando a saúde. Faça uma completa limpeza dos seus dentes usando o Sabão Pastoso dentífrico BUKOL e o Elixir Odorífero BUKOL aromatizante; terá dentes limpos e claros sentindo na boca uma agradável sensação de bem estar, limpeza e frescor. Em Belo Horizonte: Droguaria Brasil — Aliança e Americana, Uberaba: Farmácia Santa Rita, Juiz de Fora: Farmácia Lessa, São Lourenço, Lambari, etc. Fábrica: Rua Conde de Bomfim, 470 Rio de Janeiro.

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905
Belo Horizonte - Minas
TELEFONE, 2-652

Máxima perfeição
e presteza na
execução de clichês

TRICROMIAS E DOUBLES — CLICHÊS EM ZINCO E COBRE — APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO

QUATRO ANOS haviam decorrido desde a morte da rainha Elisabeth, a teimosa filha de Henrique VIII e da infeliz Ana Boléa. No trono da Inglaterra sentava-se o grotesco James I, também ele filho de uma rainha decapitada, a maior inimiga da sua predecessora: Maria Stuart. Quem estava farto das lutas intermináveis, das intrigas, dos ciúmes e dos ódios entre os homens e partidos do Reino — que chamavam Unido, porque James I era também rei de Escócia — embarcava para o Novo Continente, ainda cheio de mistérios e surpresas, em busca de melhor fortuna e maior sossego. Muitas vezes esta esperança não passava de uma ilusão.

A 13 de maio de 1607, uma pequena flotilha comandada pelo valente capitão Cristovão Newport chegava à costa da Virgínia. Depois de ter subido o curso de um rio, os três navios aportaram, e uns cem gentilezhomens desceram à terra. O mais corajoso e ativo dentre eles chamava-se John Smith. Também, na vila que fundaram — dando-lhe o nome de Jamestown, em homenagem ao rei — ele logo alcançou uma posição de destaque.

Sem ser mais terra incógnita, a Virgínia daqueles tempos era ainda uma terra enigmática e hostil. Índios e brancos estavam na expectativa, meio amedrontados, meio arrogantes, uns diante dos outros. A pequena colônia inglesa estava um pouco afastada da aldeia indígena. Alguns habitantes desta, porém, vinham às vezes observar de perto a vida dos forasteiros em Jamestown. John Smith e seus companheiros logo notaram entre os visitantes uma garotinha de uns dez anos, a qual, segundo escrevera mais tarde o próprio Smith, "excedia muito a todos os seus patrícios pela sua formosura, pelo seu comportamento e pela sua gentileza." Era filha do cacique ou "sachem" da tribo, o poderoso e sisudo Powhatan, dono de toda a região. Chamavam-na Pocahontas tratando-a, como também às suas irmãs, com o respeito devido a princesas de sangue real. Seu verdadeiro nome, entretanto era Matoaka; o apelido Pocahontas queria apenas dizer: "aquela que gosta de brincar". A pequena, de fato, o merecia: tudo para ela era alegria e brincadeira. Quando vinha à povoação costumava reunir os rapazes na praça do mercado, organizando jogos e danças e entrando em competição com os mais hábeis acrobatas.

A paz não foi duradoura. Em

1608, durante uma escaramuça entre ingleses e indígenas John Smith fora aprisionado e Powhatan decretou que fosse morto. Na sua "História Geral" — que saiu do prelo em 1624 — o próprio Smith conta como se passaram as coisas: "Duas Grandes pedras foram levadas à presença de Powhatan; agarraram-me quantos puderam me pôr as mãos, arrastaram-me para lá e colocaram à minha cabeça sobre as pedras; depois do que aprontaram seus tacapes para esmagar-me o crânio". Neste momento supremo, porém, Pocahontas, filha predileta do rei, já que nenhuma intervenção seria capaz de prevalecer abraçou a minha cabeça e colocou a sua própria por cima dela arriscando a vida para livrar-me da morte." Também numa carta que escrevera em 1616 à rainha de Inglaterra, John Smith relatou esta cena dramática.

Será que Pocahontas estava apaixonada por John Smith, homem que tinha mais do dobro de sua idade? Quem sabe?... Com os seus onze ou doze anos, ela já era bem desenvolvida, quase uma moçoquinha. E quanto a John Smith, todos aqueles que o conheceram são unânimes em qualificá-lo de rapaz inteligente, forte, agradável, de boa aparência e maneiras cativantes. Seja lá como for, emocionado com a atitude da filha, Powhatan libertou o gentilezhomem inglês e fez as pazes com os povoadores.

Outras dificuldades surgiram: enfermidades desconhecidas dizimavam a população da vila, cujos habitantes estavam passando fome, pois, apesar dos bons conselhos de John Smith, seus companheiros sonhavam com minas de ouro, desleixando suas culturas e seus rebanhos. Pocahontas continuou então a prestar um auxílio providencial aos povoadores, abastecendo-os de víveres, encarregando-se de negociações com o gentio, cuidando dos doentes. Porém, em 1609, quando Smith, cansado e enfermo, tendo, ademais, recebido um grave ferimento numa explosão de pólvora, partira para a Europa, Pocahontas retirou-se e, durante os três anos seguintes, ficou na selva com a sua tribo, sem tornar a ver os ingleses.

A filha de Powhatan já era uma moça casadoura, e seu pai escolhera para genro um dos seus melhores guerreiros, mas Pocahontas mostrava pouco interesse pelo noivado, ficava triste, distante, perdêra toda a sua alegria de outrora. Para mudar-lhe as idéias, o pai decidiu mandá-la passar dias fora, com a família de um seu irmão, tio de Pocahon-

O Romance de Pocahontas

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY



tas e também cacique de grande renome na região. Ninguém, entretanto, escapa ao seu destino: durante a viagem, a jovem caíra entre as mãos de uma força expedicionária inglesa, cujo comandante, o capitão Samuel Argall, guardou-a como refém, para obter a volta de alguns contrerrâneos seus que padeciam no cativeiro em poder de Powhatan. Com toda a cortesia, devido à filha de um rei, cercando-a de cuidados, levaram a jovem para Jamestown entregando-a ao novo governador, Sir Thomas Dale. Este, comovido pela graça e a dignidade de Pocahontas, mandou que lhe dessem todo o conforto e que a instruissem na religião cristã, "na qual fez muito bons progressos, renunciando à idolatria da sua terra e sendo batizada", com o nome de Rebeca.

Foi durante esta sua estadia forçada em Jamestown que Pocahontas encontrou um rapaz fidalgo, de nome John Rolfe. Estava ela então em todo o esplendor dos seus dezoito anos, e o jovem inglês, logo ao vê-la, sentiu-se preso por tão violento amor que chegou a escrever: "meu coração e todo o meu pensamento se apegavam a ela, e durante muito tempo fiquei tão atrapalhado e perdido em complicado labirinto, que não mais sabia como livrar-me". Depois de muitos escrúpulos e hesitações de moço de família, assustado pela extravagância que ia cometer, John Rolfe decidiu pedir licença ao governador para se casar com

a bem amada. Sir Thomas Dale, percebendo logo as possibilidades de pacificação do gentio que tal união podia proporcionar, aprovou sem restrição o projeto do seu jovem amigo, e também Powhatan não fez objeção, mandando, para representá-lo nas bodas um tio e dois irmãos da noiva. O ato realizou-se em 14 de abril de 1614, na Igreja de Jamestown, a mesada na qual, cinco anos mais tarde, devia reunir-se a primeira assembleia legislativa (ainda em estado embrionário, entende-se) do Novo Continente.

A paz, de fato, ficou selada pelo matrimônio que uniu John Rolfe e Matoaka Pacahontas, aliás Rebeca, filha do cacique Powhatan. Fiel às tradições dos seus ancestrais e ao gosto que tinha de ajudar os esforços dos colonizadores, Pocahontas ensinou ao marido o cultivo do fumo — que devia mais tarde fazer a verdadeira riqueza de Virgínia, ao se desmoronar a efêmera miragem do ouro. O casal foi abençoado com a vinda de um filho, ao qual deram o nome de Thomas. Em 1616, formaram o projeto de uma excursão à Inglaterra, levando consigo o pequerrucho, um cunhado de Pocahontas e algumas moças indígenas para seu serviço.

Chegando à Londres, Lady Rebeca — assim foi que os ingleses passaram a chamá-la — teve recepção festiva, sendo homenageada até mesmo pelo bispo de Londres. Fora também apresentada ao rei e à rainha por Lady De La Warr, esposa do antigo governa-

dor da colônia. Os londrinos acharam que Pocahontas "não sómente se acostumou à civilidade, mas ainda sempre se houve tal como uma filha de rei".

No início do ano seguinte, tudo estava preparado para a viagem de volta, pela náu, "George", quando, em Gravesend, onde deviam embarcar, lady Rebeca sentiu-se subitamente mal e, em poucos dias, foi vitimada pela varíola. Os registros locais trazem notícia do seu enterro, e seu túmulo conservou-se até os nossos dias debaixo do púlpito da igreja de Gravesend. Temos também um retrato da linda princesa índia, com a inscrição, ao sabor da época: "Aetatis suae 21 — A° 1616". É provável que tenha sido pintado em Londres. Vestida à última moda, com chapéu-cartolinhã e enorme gola engomada, larga nos ombros e alta nas costas, esta senhora de porte altivo poderia ser qualquer dama da corte, não fossem os grandes olhos de veludo, de forma exótica, e o cabelo negro e liso, penteado em "bandós", sem artifício.

Desesperado com a morte da jovem esposa, o viúvo deixou o filho pequenino em casa de um amigo, Sir Lewis Stukley, proprietário de um castelo no Sul da Inglaterra. Aí foi que se criou, cercado de carinho o neto do cacique Powhatan. Só muito mais tarde, já rapaz crescido, voltou ele à terra materna, onde se enraizou, fundando família e deixando

DE MÊS

HÁ, na Rússia, atualmente, 55 mulheres para um homem. Stalin, dizem os jornais, para evitar o despovoamento do país, resolveu facilitar o casamento de um milhão de mutilados de guerra com as jovens operárias de fábricas e oficinas. A medida salvadora foi recebida com aplausos nos meios femininos da Rússia.

Sem malícia, sem maldade,
Sem fazer estardalhaço,
A russa diz, com verdade:
— O meu marido é um
[pedaço...]

A moça feliz e terna
Busca o marido que quer:
Se perna não tem... a perna
Não passará na mulher...

O caso está resolvido
E ninguém se sobressalta:
— A russa aceita o marido,
Quer vêr a parte que falta...

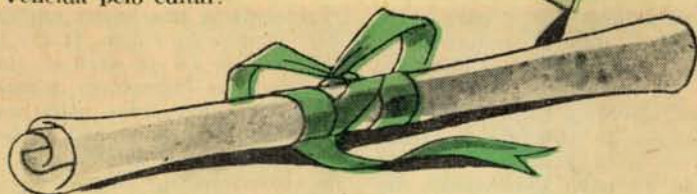
Fica o caso resolvido
Do modo mais lisonjeiro:
— Pode a fração do marido
Ser bem um marido inteiro...



EM todo o Brasil, os palácios de governo estão ocupados por magistrados dignos, avessos à politicagem e tricas partidárias.

No Palácio, céu aberto.
Reina a calma, e isso porque,
Em vez do contínuo esperto,
E' o meirinho que se vê.

Saibam quantos... (Hoje em dia
Esse é o estilo oficial.)
Lá se foi a portaria
Vencida pelo edital.



UMA jovem, no Rio, dizem os jornais, quer que a polícia obrigue ao seu ex-noivo a devolver-lhe as cartas íntimas, escritas num período de paixão ardente.

Muito cuidado e recato
Em coisas do coração:
— Para as noivas, esse fato
Serve de amarga lição.

Hoje, a moça sente pejo
Do que escreveu como louca:
— O vento só leva o beljo
Quando êle é dado na boca...

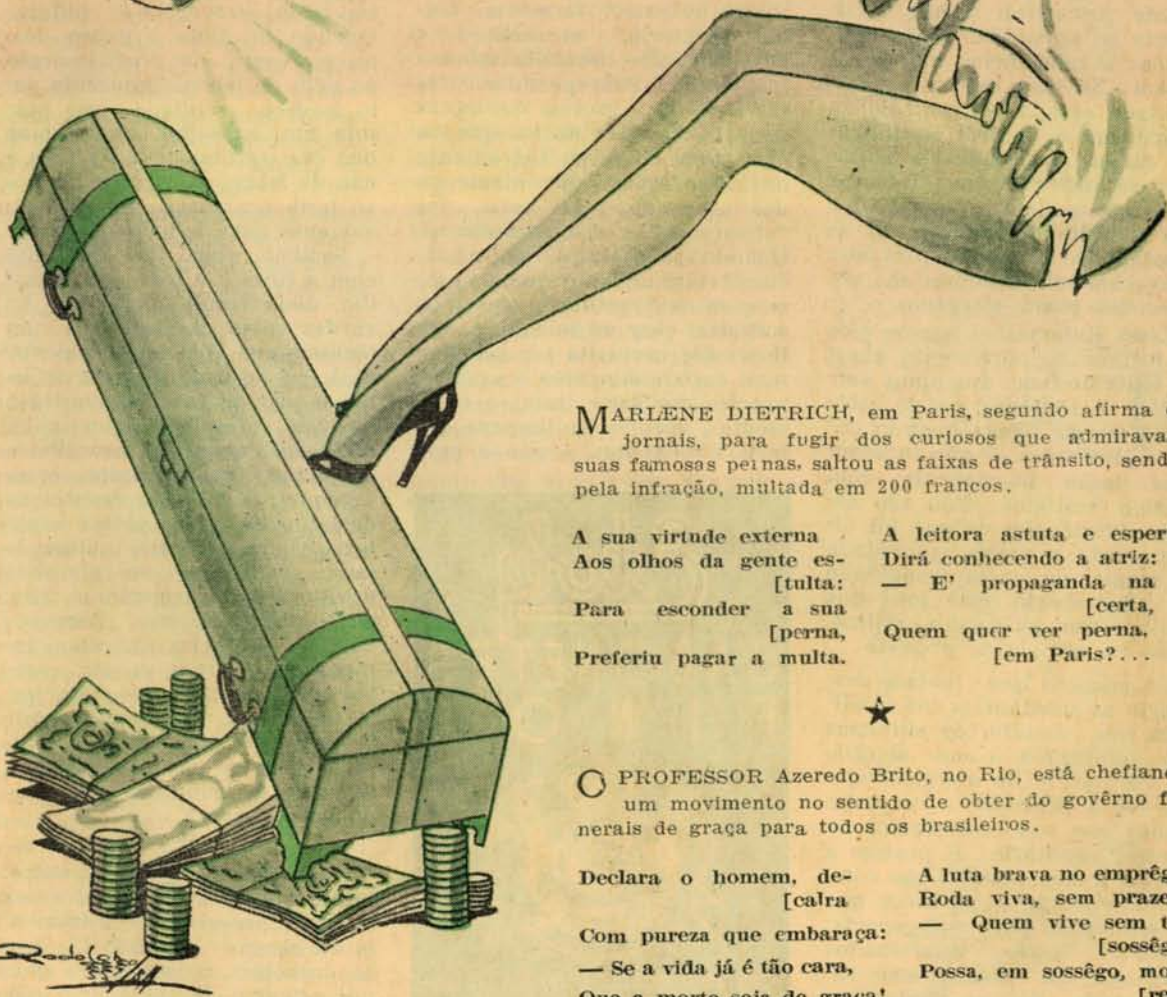




EM Bhopal (Índia) o agricultor Hagi Mahomei, casado dez vezes, anunciaram os telegramas, morreu com a idade de 127 anos, deixando um filho de 6 anos apenas.

O telegrama assegura
E o caso nas folhas sai:
— Velho de rara bravura,
Aos 120 foi pai!

Entre dotes soberanos
Tem da saúde o requinte;
Com muito mais de cem anos
O velho ainda deu no vinte...



MARLENE DIETRICH, em Paris, segundo afirma os jornais, para fugir dos curiosos que admiravam suas famosas pernas, saltou as faixas de trânsito, sendo, pela infração, multada em 200 francos.

A sua virtude externa
Aos olhos da gente es-
[tulta:
Para esconder a sua
[perna,
Preferiu pagar a multa.

A leitora astuta e esperta
Dirá conhecendo a atriz:
— E' propaganda na
[certa,
Quem quer ver perna,
[em Paris?...



O PROFESSOR Azeredo Brito, no Rio, está chefiando um movimento no sentido de obter do governo funerais de graça para todos os brasileiros.

Declara o homem, de-
[calra
Com pureza que embaraça:
— Se a vida já é tão cara,
Que a morte seja de graça!

A luta brava no emprêgo,
Roda viva, sem prazer:
— Quem vive sem ter
[sossêgo,
Possa, em sossêgo, mor-
[rer.



ALERGIAS ALERGENOS e ALERGISTAS

O médico que se especializa em alergia precisa ser um Dr. Sabe-Tudo com a imaginação de um Júlio Verne e a paciência de um Job.

Per Jessamine Helliard

e

Charles C. Coghlan

(de "Coronet")

A ALERGIA não é uma doença. E', antes, uma aguda sensibilidade em relação ao ambiente. Uma pessoa alérgica é a que reage violentamente, a que é excessivamente suscetível, a que facilmente se sensibiliza pelas condições e substâncias que a rodeiam. Se essa extrema sensibilidade escapa ao controle e transtorna o natural equilíbrio do corpo, desagradáveis sintomas se desenvolvem, sintomas esses que podem ser agrupados sob o título de alergias. E as substâncias ou condições que provocam tais sintomas são conhecidas como alergenios.

Esses sintomas — tomem eles as formas do corrimento nasal da febre-do-feno, dos olhos vermelhos e irritados ou do estômago que se rebela quando comeis pimentões — não indicam uma lesão permanente. Não deixam vestígios. Não são senão advertências de que foi ultrapassada a vossa capacidade de reagir, que vossa capacidade de ajustamento está fora dos eixos e que os órgãos, aflitos, estão em atitude de protesto.

Os médicos que tentam descobrir as substâncias ou condições que causam os sintomas são conhecidos como alergistas. E' tarefa do alergista ajudar-vos a proceder o reajustamento que vos reconduzirá ao normal equilíbrio. E porque a alergia é uma matéria tão complexa, somente os médicos que a escolheram para sua especialidade estão aparelhados para agir em todas as suas ramificações. Pois o verdadeiro alergista precisa ser um Dr.

Sabe-Tudo com a imaginação de um Júlio Verne. Ele precisa ser um dos mais inquiridores homens do mundo. Além do conhecimento completo da medicina, precisa conhecer química, botânica, farmácia, têxteis, peleteria, cosméticos e culinária. Ele necessita saber a respeito da vida peculiar das relvas e das árvores, das ervas daninhas e das flores, que o óleo do coco é um ingrediente dos sucedâneos da manteiga, dos sabonetes, das velas, dos "shampoos" e dos cosméticos. Quando se trata de culinária, ele precisa saber o que se passa com os "soufflés", com os sorvetes, com as saladas e molhos. Ele necessita ser um técnico em condimentos e aromas, precisa conhecer tintas e aviamentos, agentes de limpeza, sabões e solventes, e que a pele

de lebre pode ser vendida sob o nome famoso de pele de foca.

Há, mesmo, a respeito, o caso da mulher que foi ao alergista devido a uma séria erupção no rosto, pescoço e pulsos. Quando foi feita a prova dérmica, reagiu ela positivamente ao pêlo de lebre. Inquerida pelo médico, replicou que possuía um agasalho novo, mas que era legítima pele de foca e não de lebre. O médico fez novo teste e a reação foi exclusivamente para o pêlo de lebre.

Também outro teste foi feito com a tinta e o fôrro do agasalho, nada resultando. "Se levardes vosso agasalho a um técnico em peleteria, ele vos dirá que se trata de pele de lebre e não de foca", advertiu o médico. A mulher ficou indignada, mas seguiu o conselho e constatou que os testes eram verdadeiros. Pediu restituição da importância da pele e a obteve. Outra paciente, mulher de saúde, consultou um alergista devido a uma erupção no pescoço e nos pulsos. Temendo que as aparências pudessem indicar suas largas posses, compareceu ao consultório em trajes modestos. Mas a prova dérmica revelou sua alta sensibilidade para o pêlo de marta e ela teve de confessar que, de fato, a usava.

*

A função do alergista, entretanto, não é só descobrir as causas e prescrever o tratamento da alergia simples. Ele tem de descobrir o específico químico dentro da substância que causa a reação em seu alérgico

Etoly
SABONETES
FINOS

SOUSA, PINTO & BARATA Lda.
R. TUPIS, 1008 - B. HORIZONTE

cliente, afim de que possa instruí-lo no sentido de evitar o mesmo material sob outras formas. Um indivíduo altamente sensível à linhaça, por exemplo, é capaz de reagir à presença desse corpo em suas mínimas formas. Assim, o alergista deve saber que a linhaça é usada como alimento para o gado e que, portanto, pode estar presente como alergeno no leite, no creme, na manteiga, no queijo e na carne. Um bom resultado não pode ser obtido até que essa substância não tenha sido completamente eliminada do ambiente do paciente. O alergista deve também saber como reconhecer e identificar a linhaça em todas as suas dissimulações comerciais, desde o linoleum para cozinha, que é feito de linhaça comprimida, até os xaropes para tosse, os alimentos, as fibras, os papelões e os acolchoados. Para ser bem sucedido como alergista, o médico precisa conhecer o exterior de seus clientes tão bem quanto o interior. Precisa saber como eles vivem, onde vivem e quem vive perto deles. Precisa conhecer suas ocupações, suas manias, suas formas de repouso, suas disposições, gostos e diversões. Muitas vezes o próprio cliente é o melhor juiz de sua própria alergia. E um alergista experimentado aprendeu a dar cuidadosa atenção aos gostos e aversões de seus clientes.

Uma mulher que tinha mostrado vagos sintomas de distúrbios nervosos e digestivos foi para um sanatório afim de submeter-se a "tests" completos e estudos. Caldo de laranja — e muito — era o tratamento do costume para todos os pacientes admitidos. Quando a mulher protestou que não podia tomar caldo de laranja, o chefe da clínica lhe falou: — "Tenho tratado milhares, com ótimos resultados, começando com uma dieta de caldo de laranja. Estais sob meus cuidados. E' favor deixar o assunto a meu cargo e ajudar-me cooperando com minhas ordens". A' hora do almoço, quando dois copos de caldo de laranja, fresco, foram trazidos, a cliente recusou tomá-los. A enfermeira de serviço chamou o obstinado médico que só recentemente havia ouvido falar a respeito de alergias alimentares nas escolas de medicina.

— "O que pensais que acon-

tecerá se tomardes este caldo de laranja?" perguntou ele.

— "Doutor, eu não penso, eu sei. Caldo de laranja faz-me ficar sufocada, faz minha garganta inchar-se e apertar-se. Se eu tomar dois copos de caldo de laranja ficarei sufocada até a morte".

Não querendo se arriscar, o médico preparou uma seringa com adrenalina — o específico que previne a morte em casos de reação violenta, chamada anafilática, nos pacientes altamente alérgicos.

— "Agora eu estou preparado para ajudá-la se tais sintomas que descreveu aparecerem. Faça o favor de tomar o caldo de laranja", disse ele.

A mulher olhou-o desesperadamente e bebeu de uma só vez. Dentro de poucos minutos disse ela:

— "Estou começando a sentir-me diferente e a ouvir zumbido. Eu sempre me sinto assim depois que..."

Não pôde terminar a frase. Começou a arfar e a respirar com dificuldade. Seus lábios tornaram-se azuis e sua face empalideceu. Se a adrenalina não tivesse sido injetada teria morrido sufocada. A droga aliviou o violento espasmo da garganta e em poucos momentos ela jazia exausta.

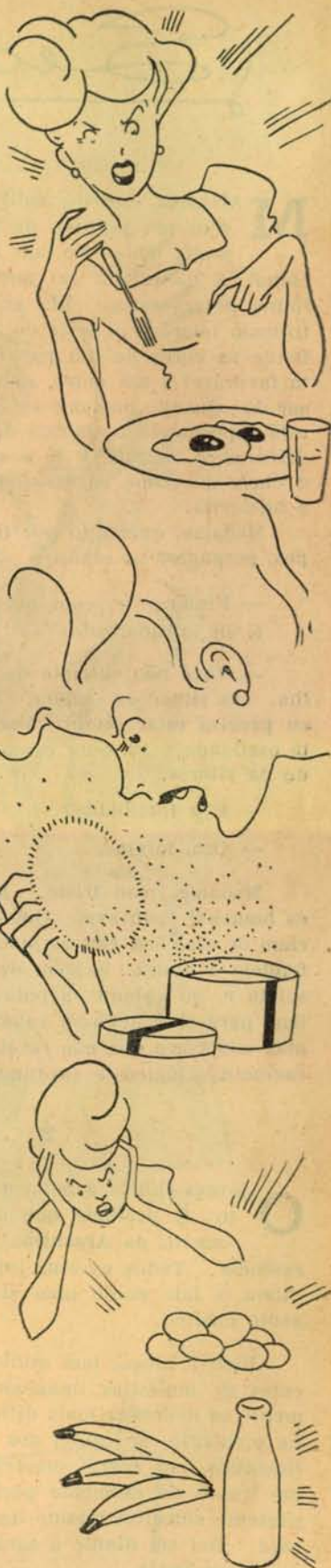
Não havia dúvida acerca do diagnóstico. Essa mulher fazia parte dos milhares que não podem tomar caldo de laranja. Em outros pacientes poderiam ter sido: ovos, espinafre, morangos, nabos, batatas-doces, ou carne de porco.

E' necessário ter sempre em mente que as pessoas altamente alérgicas reagem às menores quantidades das substâncias ante às quais são sensíveis. Uma atriz de Hollywood é tão sensível aos ovos, que se sente mal se ingere qualquer coisa preparada em panela na qual, antes, se tenham cozido ovos. Isto ficou provado em um almoço, quando ela comeu salsichas que tinham sido fritas em uma frigideira usada para preparar ovos. 10 minutos depois ela começou a sentir-se muito mal.

✱

Alergistas têm tratado outros clientes tão sensíveis a uma dada substância que, mesmo depois de terem sido várias vezes lavados os utensílios de cozinha empregados, continuam

(Conclui na pag. 94)



Sedas e Plumas

MADAME, espírito sutil e ágil, é casada com um político de pouca convicção e muita fúria. No mar revolto da vida nacional, a barquinha em que navega o marido flutua desarvorada. Ela acompanha com justificado interesse a sorte do espôso. Ora ele defende as cores de um partido, ora se manifesta favorável a um outro, numa angústia de causar dó. Quando madame supõe que o seu homem está repousando à sombra de determinada bandeira, abre o jornal e vê o seu querido felicitar o chefe do grupo adverso, em telegrama meloso e hipócrita.

Madame, querendo por tudo em pratos limpos, perguntou ao espôso:

— Finalmente, com quem está você?
E ele, atropalhado:

— Você não entende de política, minha filha. As situações variam. E um homem como eu precisa estar sempre alerta. A balança está oscilando. Na hora exata, quero estar do lado da vitória.

— E a fidelidade?...

— Ora, lorotas...

Madame ficou triste. Como são estranhos os homens! pensava. Quando as mulheres variam de afeições, eles as matam e dizem que defendem a honra. Exigem de nós fidelidade absoluta e, no entanto, a palavra empenhada não tem, para eles, nenhum valor. Madame pensou, mas está claro que não revelou ao marido o seu raciocínio lógico e profundo...



O jovem clínico é homem rico e de bom gosto. O perfume que usa lhe vem diretamente da Argentina. Não tolera outra essência. Todos os seus íntimos sabem disso e citam o fato como uma singularidade do elegante médico.

Rico e moço, tem muitas admiradoras, clientes de moléstias imaginárias, que são justamente as moléstias mais difíceis de curar. O feliz esculápio, no início dos seus romances sentimentais, em regra, oferece às suas favoritas um frasco do excelente perfume argentino. O presente constitui mesmo uma espécie de matrícula. Daí em diante a agraciada passa a ter a sua preferência...

A espôsa do clínico galanteador, ciumenta como todas as espôsas de médicos, vive inquieta e nervosa. Fiscaliza terrivelmente o bilontra. Arma cenas tremendas quando descobre ou supõe descobrir manchas de *baton* no seu colarinho ou nas mangas do paletó. As amigas de madame, que conhecem o homem, gozam a angústia da infeliz espôsa.

Há dias, num Clube elegante, conversavam cavalheiros e damas, quando madame atravessou o salão, aflita, nariz para o alto, a aspirar nervosamente. Um da roda, perguntou:

— Que terá madame X que se mostra tão angustiada?

E alguém, com muita perversidade, esclareceu:

— Está farejando uma rival...



MLE. comentava com azedume certo episódio político. Não compreendia a antipatia do povo por determinado homem público, e dizia:

— Afinal, que quer essa gente? Só porque um senhor é gentil ou mesmo galanteador ha-de ter a carreira interrompida? Em que século estamos nós? Nem no tempo da monarquia se viu tanta intolerância! O marquês do Lavradio era doido por mulheres e, nem por isso, perdeu as graças do rei de Portugal. D. Pedro II, austero e ponderado, nunca deixou de ser amigo do Barão de Cotegipe que foi o Casanova do segundo Império. Esses pudores exagerados da plebe significam apenas falta de civilização e cultura. Nada mais.

Uma senhora que assistiu ao desabafo de Mlle., quando a moça deixou a sala, observou ferina e perversa:

— Ela tem toda razão. Acha que isso de moralidade é tolice e atrazo. Conheço bem a pequena. Sempre foi desabusada. Certa vez, no Rio, entrou no gabinete de certo jovem político para obter um emprego. Depois de uma conferência de duas horas, saiu com o título de nomeação, um anel de brilhantes, um manto de pele de raposa e os cabelos desgrehados...

Escolha uma Agua de Colônia

com sua fragrância

predileta Coty...



Colonias Perfumadas *Coty*

POR QUE PRECISAM AS MULHERES DE DOIS REGULADORES ?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: — porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o REGULADOR XAVIER fabricado em duas fórmulas diferentes:

O REGULADOR XAVIER N.º 1:

para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc.

O REGULADOR XAVIER N.º 2:

para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois REGULADORES XAVIER lhes convém. Recorram então a ele. O REGULADOR XAVIER lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O REGULADOR XAVIER é a garantia da saúde e do bem estar das mulheres.

MARVIN Camras, jovem russo-americano acaba de construir novo tipo de máquina falante, que vai em breve eclipsar e por fora de circulação o gramofone de disco. Estudante do *Institute of Technology* de Chicago, Illinois, concebeu o jovem a idéia — aliás antiga, mas nunca realizada praticamente — de substituir o processo mecânico dos nossos atuais discos por outro tipo, de funcionamento eletro-magnético. Se as ondas luminosas, como todos sabem, reproduzem nas películas de cinema a voz humana, por que não poderiam as ondas magnéticas — que são afins, senão idênticas às que — receber e reproduzir as vibrações aéreas que vulgarmente chamamos “som”?

Uma vez descoberto o princípio básico da conversão das vibrações aéreas em vibrações magnéticas, e vice-versa, levou o genial inventor o seu modelo primitivo à conhecida “Armor Research Foundation”, a qual logo percebeu o extraordinário alcance da invenção e forneceu ao jovem técnico todos os meios para levar a pleno êxito o seu trabalho. E’ isto, aliás, entre parêntesis, um dos segredos das estupendas conquistas científico-técnicas dos Estados Unidos: um rapaz realmente talentoso ou genial encontra quase sempre, da parte dos Institutos competentes, o mais amplo auxílio para realizar os seus planos. A natureza nada sabe de posição social, títulos ou condição econômica; prodigaliza, por vezes, os mais preclaros dons da sua liberalidade a meninos pobres e indigentes, até a seres fisicamente imperfeitos, desmentindo o clássico ditado do “*mens sana in corpore sano*”.

A “Armor Research Foundation”, prevendo a revolução que o invento de Camaras ia produzir no mundo, recomendou-lhe com insistência que se esquecesse de tudo que não fôsse o aperfeiçoamento do seu “gramofone de fio.”

Hoje, a grande empresa “General Electric” está fabricando esse novo tipo de máquina falante, mas, até há pouco, só para fins militares, uma vez que as forças armadas de terra, mar e ar necessitam de enorme quantidade desses aparelhos. Agora, com o advento da paz, esperamos ver lançado no mercado civil essa nova “vitrola”, que é do tamanho de um tijolo comum, pesa cerca de um quilo e meio e cabe num bolso de paletó. A alma desse aparelho consiste em uma espécie de carretel, semelhante aos nossos carretéis de linha, com a diferença de que o fio não é de algodão ou seda, mas de aço, tendo aproximadamente o diâmetro de um fio de cabelo humano. Por aí pode o leitor calcular a quilometragem que cabe num simples carretel do tamanho dos conhecidos carretéis de linha. Num desses carretéis de linha de aço cabe uma ópera inteira, e o ouvinte pode escutar horas e horas sem ter de mudar o “disco”. Calcula-se que os carretéis comuns a serem brevemente lançados ao mercado contém material sonoro (discursos, músicas, notícias, etc.) para duas horas.

A primeira dúvida que nos assalta ao considerarmos este novo invento refere-se à resistência e durabilidade do fio de aço. Como pode um fiozinho metálico da espessura de um cabelo oferecer suficiente resistência para compensar as despesas da aquisição?



Cartas dos ESTADOS UNIDOS



por HUBERTO ROHDEN

UM FIO DE AÇO QUE FALA E CANTA ★ UM NOVO TIPO DE GRAMOFONE

Felizmente, é sem fundamento essa dúvida. Têm-se feito numerosos testes e verificou-se que esse fio resiste a nada menos de 200.000 exhibições sem romper. Quanto ao desgaste, este é praticamente nulo, uma vez que não se trata de um processo mecânico, sujeito a atrito, como há entre a agulha e a espiral de um disco de vitrola comum. O processo sonoro do invento de Camras é de caráter magnético, e as ondas magnéticas não produzem atrito ou desgaste no respectivo metal. O fio de aço é perfeitamente liso. Não produz som, por meio de atrito, mas sim pela maior ou menor intensidade da corrente electro-magnética gerada dentro do fio por meio dos ímãs entre cujos polos passa esse fio. O único desgaste é produzido pelo ligeiro atrito do fio ao enrolar e desenrolar de um carretel para outro. Mas esse desgaste é quase nulo e não afeta a nitidez do som.

Para produzir um fio sonoro desses, as vibrações aéreas, que vulgarmente chamamos "som", são recebidas por um diafragma muito sensível, à guisa do que acontece no telefone. Essas vibrações, graduadas automaticamente conforme a maior ou menor intensidade e variedade dos sons emitidos, estão em conexão com um eletro-magnete, entre cujos polos, positivo e negativo, passa rapidamente o fio metálico, recebendo sucessivamente as cargas eletro-magnéticas, que produzem nos seus átomos as competentes modificações, que, a bem dizer, são tenebroso mistério para a ciência. Não sabemos em que consistem essas modificações, sabemos apenas pelos efeitos que elas existem de fato. Qualquer ímã que adquirimos por uns poucos cruzeiros é um tremendo mistério da Natureza. Uma simples tesoura imantada, que prende agulhas e outros objetos, é um gigantesco ponto de interrogação para o *homo sapiens*. Antes de imantado, o ferro era ferro; depois de imantado, continua a ser ferro e nada mais. Entretanto, esse metal, sem deixar de ser o que sempre foi, adquiriu uma nova e bem estranha propriedade, depois que por ele passou certa corrente elétrica ou depois de entrar em contacto com outro ferro já imantado. Provavelmente, os átomos desse metal, sem modificar a sua íntima natureza, tomaram nova posição e atitude, diferente da que tinham de início. O ferro é "polarizado", como se todos os átomos, antes com atitudes várias, tomassem agora a mesma posição uniforme, olhando para o norte, e formando assim uma linha com dois polos, positivo e negativo.

Ora, essa misteriosa polarização produzida dentro do fio de aço do novo gramofone, no mo-

mento em que esse fio é novamente passado pelos polos magnéticos, reproduz fielmente a mesma corrente que lhe deu origem, e por meio da corrente põe em vibração graduada um diafragma sensível, reconvertendo assim, as vibrações eletro-magnéticas em vibrações aéreas, ou sons — palavras, música, etc.

Entretanto, não pense o leitor que com esses poucos dados possamos construir um gramofone de fio. Uma é a teoria, outra é a prática. O que aqui vai explicado era conhecido dos cientistas, há muito tempo; mas a aplicação prática desses princípios requeria um gênio de alta potencialidade, como, felizmente, agora apareceu na terra de Edison.

A nova vitrola reproduz a voz humana e qualquer outro som com incomparável fidelidade e nitidez, sem os ruídos ingratos de certos discos.

O novo invento não representa apenas um grande passo no caminho da "música em conserva", como o nosso povo chama os discos, sonoros, mas a darmos crédito aos mestres, abre novos horizontes à ciência em geral.

E' sabido que a nossa retina visual percebe apenas determinada escala de vibrações etéreas (vulgarmente chamadas "cores"); as ondas ultra-violetas e infra-vermelhas escapam à nossa percepção visual, estas, por excessivamente grandes, e aquelas, por demasiadamente curtas).

Coisa análoga se dá com as vibrações aéreas (som); só percebemos determinada escala dessas vibrações compreendida entre o máximo e o mínimo dessas vibrações; o que vai além desses limites, seja para cima, seja para baixo, é para nosso ouvido absoluto "silêncio", embora possa ser um som de grande intensidade.

O fio de aço de que vimos falando, quando electro-magnetizado, faculta a produção e reprodução de sons de elevadíssima frequência — silêncio absoluto para nosso tímpano. Este "som silencioso", porém, age sobre outros aparelhos, mais sensíveis, e também sobre organismos de outra constituição que o nosso, podendo matar instantaneamente certos seres atingidos por essas ondas mortíferas.

Possivelmente, para o futuro, chegaremos a matar nossos semelhantes com "sons silenciosos", "silêncios mortíferos"; morrerão os homens aos milhões sem ferimento algum, sem ouvirem detonação de TNT, nem clarões de bombas atômicas...

Não seria essa nova invenção genuinamente

(Conclui na pag. 53)

“Apaixonadamente”

Por OSCAR MENDES



RELER, na idade madura, livros que nos encantaram na mocidade, é sempre um prazer a que não falta um travo de saudade. Às vezes, desta releitura colhem-se delusões. O encantamento de outrora evaporou-se, como um perfume sutil. Nem mesmo uma débil ressonância do alvoroço de outrora sentimos vibrar na nossa sensibilidade. Tudo parece desbotado, morto, cinzento, sem significação e beleza.

Outras vezes, porém, a leitura dum livro está tão ligada a outras emoções e acontecimentos que revivem dentro de nós, embora atenuadas pelo tempo, muitas daquelas emoções antigas, agora não mais tão intensas e ferinas, e voltamos ao passado que ressurgiu diante de nós como um sonho, ou como um filme de que somos não mais atores, porém espectadores.

Outros livros há, ainda, que não perdem de todo o encanto antigo e ao passar-lhes as páginas encontramos, após vários trechos que hoje nos deixam indiferentes ou contra eles nos armam de olho crítico, o mesmo prazer e o mesmo encantamento que sentimos quando pela primeira vez nossa sensibilidade neles se des-sedentou.

Releio agora, por exemplo, tantos anos depois duma primeira leitura, um livro de versos que me encantou na mocidade, justamente naquele período de vida em que, quando não se é poeta, ama-se a poesia e todo aquele que pode interpretar em versos o nosso mundo de emoções primaveris. Quando a poetisa portuguesa Virginia Vitorino apareceu no mundo literário, sua poesia tinha qualquer coisa de tão puro, de tão límpido, de tão sincero, que imediatamente se tornou ela o poeta preferido dos que andavam cansados da rigidez parnasiana e das nebulosidades do simbolismo.

Seu livro de estréia “Namorados”, em que, em versos duma frescura juvenil, eram expressas com sutileza e graça as emoções primeiras do amor, tinha um tom de tamanha sinceridade, era tão simples na sua forma cristalina e cândida, que encantava a todos quantos o liam. Quem poderia esquecer aquele pequeno drama emocional que Virginia Vitorino condensava nos catorze versos do soneto “Pelo Telefone”?

Depois veio outro livro, este “Apaixonadamente”, que agora releio, na sua sexta edição (Edições Dois Mundos — Brasil. Portugal — 1945), com a mesma simplicidade de forma e a mesma melancolia serena.

“Apaixonadamente” faria supor, pelo título, que teríamos, em grau maior, a emoção amorosa de “Namorados”. Mas da leitura de seus versos se depreende logo que a “paixão” que os informa, não é o movimento desencadeado das emoções ativas, aquecidas ao rubro, mas a paixão sofrimento, a paixão resignação. E como prova de ser este o tom geral do livro, encontra-se logo após o soneto que explica o título, este outro, “Lucidez”, em que a razão prepondera sobre o coração e não o deixa iludir-se, num conhecimento lúcido do engano amoroso, aquela “engano d'alma lèdo e cego”, de que já falara o grande patricio de Virginia Vitorino:

*“Guardo, enquanto puder, esta ilusão,
— ilusão que afinal me não ilude... —
Sei que nada há na vida que não mude,
nem mesmo há eternidade na paixão.”*

*Tenho sido talvez violenta, rude,
Para o meu pobre e triste coração!
Mas nunca soube ouvir-me! Foi em vão
que para o convencer fiz quanto pude!*

*Hás-de mentir-me, eu sei, mas muito embora!
Diz-me sempre e sempre, a toda a hora,
as palavras que gosto de te ouvir!*

*Conscientemente, vou queimando as asas...
Sou como alguém que olhe o rubor das brasas
na certeza das cinzas que hão-de vir.”*

Não há gritos de paixão no seu livro, não há desespero. Há essa serenidade triste dos que aceitam resignadamente a vida nas suas ilusões e nas suas misérias. Não há dramas pungentes, nem profundezas psicológicas. Mas sabem seus versos exprimir com agudeza e sinceridade certas tonalidades sutis do sentimento amoroso, como no soneto “Hesitação”, que já tive o oportunidade de citar, em escrito anterior, nesta revista, ou em “Capricho”, em que a enamorada, cheia de ciúmes por ver o amado exageradamente “ao pé de toda a gente”, preferindo tê-lo ansioso e sucumbido, de lágrimas a bailar-lhe nos olhos, confessa o seu contraditório desejo:

*“Assim teria um prazer raro e doce
eu, que para evitar-te uma que fôsse
era capaz de dar a minha vida!”*

Em muitos de seus versos sente-se plenamente a emoção das grandes amorosas, aquela oferta irrevogável de si mesma, aquela resignação ao sofrimento amoroso e à ingratidão, aquela humildade das que se entregam sem exigências, num obscuro senso de que o amor é dádiva e não troca de favores:

Qual a mulher que mais entende de beleza das mãos?

• O mundo inteiro conhece o seu nome: - *Peggy Sage* - porque foi ela, a famosa criadora da moda das unhas coloridas - manancial de sugestões originais de envolvente fascínio para novo encanto da toalete feminina...



Tons moderníssimos:
VINTAGE • SCARLET
INCARNAT • CEREJA
CEREJA NEGRA
PRAIA • GIG

Peggy Sage

J. W. I.

"Gosto de ti! No fundo da minha alma
êste amor vive sempre, não se acama,
vive orgulhoso de me ver sofrer..."

Gosto de ti! — que importa? Podes rir,
Podes talvez cansar-se de o ouvir!
Mas não me canso eu nunca de o dizer!"

Mesmo assim não tem ilusões sobre a perenidade do amor. E dirá, em versos em que a simplicidade da forma reveste sem adornos a verdade profunda do pensamento:

"O amor! Doce ilusão de eternidade
que as pobres almas pouco a pouco invade,
deixando-as sempre velhas, sempre sós..."

O amor! O amor! A grande luz ardida!
Brilhou! Queimou! Depois, por toda a vida,
— que mistério de sombra atrás de nós!"

Fecho o livro de Virginia Vitorino. Velhas emoções ressurtem... A mocidade lá longe... E no íntimo d'alma, ressoam os versos admiráveis:

"Dá meia-noite o coração, e agora,
quando tudo se acaba e tudo foge,
êle é um relógio que da horas hoje,
pelo costume de as ter dado outrora!..."

*

INVERNADA

No norte da Sibéria, alguns naturais do país praticam uma espécie de invernada, dormindo durante o inverno quatro dias seguidos.

CARTA DOS ESTADOS UNIDOS

CONCLUSÃO

"americana" se não fôs e logo usada de um modo bem "americano". Há pouco, um editor de Boston, que conseguira adquirir um desses aparelhos, resolveu ir ao cinema — quando soube que na mesma noite e à mesma hora havia um dos seus favoritos programas de rádio. Que fazer? O casal arrou sobre a mesa do apartamento o despertador ligando-o com o rádio e com o aparelho receptor de "Camras". E foram ao cinema. A horas tantas foi a sala deserta inundada de música, logo gravada pelo aparelho electro-magnético e perpetuada nos átomos daquele fiozinho de metal. Assim que os dois voltaram do cinema, apertaram um botão do receptor — e êsse reproduziu todo o programa de rádio.

Não acha o leitor que vale a pena viver no presente século?

Mas que dirão do "atraso" do nosso século os filhos do século 21? Que estupendos inventos publicarão os jornais e as revistas do ano 2045?...

Chicago, agosto de 1945.

*

ESPÍRITO BRITÁNICO

Lloyd George foi uma vez interrompido, enquanto discursava, por uma senhora que gritou:

— Se o senhor fôsse meu marido, envenenava-o!

Lloyd George olhou para ela e verificando tratar-se de uma velha antipática, feia, respondeu:

— Pois eu, se a senhora fôsse minha mulher, não me importava de morrer, envenenado ou fôsse lá como fôsse!

Banco do Barsil S. A.

O maior estabelecimento de crédito do País

Matriz no RIO DE JANEIRO

Agências em todas as capitais e cidades mais importantes do Brasil e correspondentes em todos os países do mundo

DEPÓSITOS COM JUROS

(sem limite) a. a. 2 %

Depósito inicial mínimo Cr \$1.000,00. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores àquela quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias a contar da data da abertura.

DEPÓSITOS POPULARES

(Limite de Cr \$10.000,00)

a. a. 4 %

DEPÓSITOS LIMITADOS

(Limite de Cr 50.000,00)

a. a. 3 %

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO:

Por 6 meses a. a. 4 %

Por 12 meses a. a. 5 %

DEPÓSITO COM RETIRADA MENSAL DA RENDA, POR MEIO DE CHEQUES:

Por 6 meses a. a. 3½ %

Por 12 meses a. a. 4½ %

DEPÓSITO DE AVISO PRE-VIO:

Para retirada mediante aviso prévio:

De 30 dias a. a. 3½ %

De 60 dias a. a. 4 %

De 90 dias a. a. 4½ %

Depósito mínimo inicial —

Cr \$1.000,00.

LETRAS A PREMIO:

Selo proporcional. Condições idênticas às do Depósito a Prazo Fixo.

O Banco do Brasil faz todas as operações bancárias. Desconta, às melhores taxas do mercado, duplicatas, letras de câmbio e promissórias. Realiza empréstimos em conta corrente garantida. Efetua cobranças. Promove transferências de fundos, etc. e presta assistência financeira direta à agricultura, pecuária e às indústrias, por intermédio da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, com os seguintes fins:

- custeio de entre-safra; aquisição de sementes;
- aquisição de máquinas agrícolas e animais de serviço para trabalhos rurais;
- custeio de criação;
- aquisição de reprodutores e de gado destinado à criação e melhora de rebanho;
- aquisição de matérias primas;
- reforma ou aperfeiçoamento de maquinaria das indústrias de transformação;
- reforma, aperfeiçoamento ou aquisição de maquinaria para outras indústrias que possam ser consideradas genuinamente nacionais pela utilização de matérias primas do País e aproveitamento de seus recursos naturais ou que interessam à defesa nacional.

Os interessados obterão na Agência de Belo Horizonte, com maior presteza, todos os informes de que possam carecer com referência a tais operações.

Agência em Belo Horizonte - RUA ESPÍRITO SANTO

EQUANTO aguardava a hora de embarque para regressar à pátria, um soldado americano, passeando ao longo do Piccadilly, em Londres, teve oportunidade de presenciar estranho espetáculo: um cidadão de aspecto marcial, rompendo considerável multidão, subiu a uma plataforma de conferência, sobre a qual se lia, em caracteres destacados, numa taboleta: *Fala o Aguiá Vermelha*. Impelido pela curiosidade, aproximou-se da multidão atenta às primeiras palavras do conferencista, e grande foi sua surpresa ao saber que *Aguiá Vermelha* era a denominação de uma entidade desencarnada há três séculos e cujo espírito vinha se comunicar, em determinados lugares e ocasiões, com vários milhares de ingleses, doutrinando-os.

Aguiá Vermelha constitui, na realidade, um nome que está despertando interesse no movimento espiritista inglês, pois nas suas repetidas comunicações, a referida entidade, além das preleções doutrinárias, descreve detalhadamente o serviço de guerra dos espíritos desencarnados, mencionando nomes e números de registro, havendo até mensagens suas que contradizem as referências dos centros oficiais de informações sobre os feridos de guerra e acerca do paradeiro ou circunstâncias da morte de inúmeros combatentes. E tão notável é a influência dessas mensagens, que eminente *medium* foi processado por violação das leis de segurança de tempo de guerra, por ter anunciado a perda de um *destroyer* antes que o Almirantado dela tivesse conhecimento.

Realizam-se sessões espíritas em carros do exército, tendas do deserto e submarinos, admitindo-se que, na luta, seja em terra, mar ou ar, os combatentes recebem o auxílio dos espíritos de seus companheiros desencarnados.

Durante a última guerra mundial, quando o espiritismo esteve em idêntica evidência, seu principal animador foi sir Arthur Conan Doyle. Na presente guerra, é o marechal do ar sir Arthur Dowding, antigo comandante em chefe do Comando de Caças da RAF, o homem que planejou e ganhou a batalha da Grã-Bretanha. Logo após a sua reforma no serviço ativo da RAF, Lord Dowding, que sempre foi um combatente de

dura couraça e cujo espírito inflexível lhe transparece nos olhos frios e nos lábios rígidos, converteu-se ao espiritismo. Tendo a filha de uma amigo servindo de *medium*, começou a receber mensagens de inúmeros aviadores falecidos, no propósito de trazer provas evidentes da existência dos espíritos desses aviadores para um grande número de pessoas. E Lord Dowding ascendeu finalmente a uma plataforma de conferência, conseguindo auditórios de milhares de pessoas, embora seja, na realidade, um orador monótono, sem nenhuma personalidade mesmo para a tribuna.

Lord Dowding confessou sua crença no espiritismo num livro "Many Mansions" que, não fora a restrição no uso do papel imposta pela guerra, poderia ter competido com um outro livro, ilustrado, o "Battle of Britain", publicado pelo governo e referente à sua obra como fator da vitória das Nações Unidas. As longas mensagens mediúnicas, com que ele enche o seu livro, revelam um mundo poderoso de luminosos espíritos.

— "E' grandioso, justamente grandioso", — declara o espírito de um marinheiro desencarnado durante o naufrágio do seu navio-tanque. "Desejo que minha mãe disto tenha conhecimento. Estamos numa estranha e longínqua terra, muito melhor que aquela que deixamos, e tudo está bem. Dad veio estar comigo e temos, juntos, passado excelentes momentos. Parece esquisito chamá-lo de Dad. Ele é mais moço que eu e assim o parece. Breve teremos, juntos, uma missão..."

— "Fui um dos feridos na Grécia", — informa um neozelandez, anunciando-se a si mesmo. — "Estou caminhando diretamente à região da minha tarefa, sob as ordens do meu próprio oficial e junto a muitos de meus companheiros. Completamos a nossa tarefa, especialmente quando eles estão dormindo e combatemos com a arma do pensamento."

A mensagem pessoal, com a qual Lord Dowding termina suas conferências, constitui-se de termos invariáveis: "Os espíritos desejam que os seus entes queridos saibam encarar suas mortes como motivo de alegria, e não de tristeza... Não vos lamenteis pelos vossos entes amados... Olhai para além da morte como algo infinita-

O ESPIRITISMO FIRMA-SE

na Inglaterra



Divulgando este interessante artigo escrito durante a guerra por William D. Bayles, e especialmente traduzido do "The Woman", esta revista deseja tão somente proporcionar aos seus leitores a leitura de um trabalho curioso sobre um assunto digno do respeito que merecem todas as religiões ou crenças.

WILLIAM D. BAYLES
(de "The Woman")

mente desejável quando a missão de vossas vidas terrenas houver terminado e não vos entristeçais ou vos penalizeis pelos que se desencarnaram antes de vós, mas penseis nêles como afortunados."

Não resta dúvida de que, em seus esforços para levar conforto espiritual aos lares ingleses, enlutados pela guerra, Lord Dowding é absolutamente sincero, não aceitando nenhum pagamento pelas suas preleções. Entretanto, tôdas as religiões e crenças possuem seus desvirtuadores e conspurcadores, e a força dessa verdade lamentável o espiritismo tornou-se campo acessível a êsses oportunistas de todos os credos que o transformaram, na Inglaterra, numa considerável fonte de rendas. "Fale com o Morto da Guerra" e outras semelhantes frases convidativas, indicam alguns serviços de médiums.

O espiritismo é hostilizado pela Igreja da Inglaterra e fortemente condenado pela Igreja Católica. Ademais, êle viola certas leis do Reino. E um exemplo de como o médium pode causar disputas acerca do espiritismo como fé, está no caso da sra. Helen Duncan, o "pivô" daquilo que os jornais chamaram de "O julgamento de Boogie Woogie", por feitiçaria. A ruína dessa mulher foi largamente devida à sua indiscreção em ir à base naval de Portsmouth atrair marinheiros para as suas sessões. Os autoridades navais, interessadas em proteger os marinheiros contra as explorações, apelaram para a polícia. No auge da sessão, o recinto foi invadido por policiais fardados que tentaram aprisionar os espíritos incorporados nos médiums. Um dos policiais afirmou ter tocado em algo que posteriormente descre-

veu como sendo macia musselina, mas nada pôde ser encontrado quando a sala foi pesquisada. A lei violada pelo médium foi a Lei da Feitiçaria, de Jorge II, datada de 1735. O júri considerou a sra. Duncan culpada. A referida lei determina que os implicados confessos sejam presos por um ano e, durante êsse período, sejam expostos em público no pelourinho durante uma hora em cada trimestre. A sentença para a sra. Duncan foi de nove meses de prisão, sem pelourinho. O "Daily Express" atraiu a atenção pública para o julgamento, publicando uma caricatura mostrando uma feitiçeira a atravessar o céu montada numa vassoura, enquanto, em baixo, um vigilante de incêndio, dizia a outro: "— Ela precisa ter mais cuidado no futuro. Os tribunais têm pouca consideração para com essas sortes, hoje em dia..."

Dos prováveis dois milhões de novos conversos britânicos ao espiritismo, desde 1939, dois terços são mulheres, a maior parte oriunda das classes trabalhistas e pouco beneficiadas pelos bens do mundo. Mas o espiritismo é também praticado pela aristocracia e a realeza. A Rainha Vitória foi uma ardente espírita e durante o seu reinado o espiritismo esteve em voga nos altos círculos britânicos onde, até hoje, é cultivado. Vários membros da atual família real frequentam regularmente sessões e tomam as suas graves decisões mediante avisos obtidos pelos médiums ouvintes. Seus nomes, todavia, não podem ser divulgados.

E' ato notório que o rei Jorge, da Grécia, é espírita, tendo um médium especial, constantemente às suas ordens. Conta-se que em várias ocasiões procrastinou êle impor-

tantes decisões, a ponto de criar sérios embaraços ao governo britânico, enquanto aguardava determinações das entidades do além.

Os médiums de maior relêvo na Grã-Bretanha são todos do sexo feminino. Provavelmente, o mais conhecido é a sra. Estelle Roberts que, em duas ocasiões, conseguiu lotar completamente o grande Albert Hall, em Londres, usando um sistema de amplificação da voz para transmitir as mensagens dos espíritos à sua numerosa assistência. A sra. Roberts tem seu próprio centro espírita, cujo patrono é um grande chefe e guerreiro indiano. Dotada de forte personalidade oratória, a sra. Roberts fala ao microfone com a sua voz levemente estridente, iniciando quase sempre assim as suas preleções: — "Tenho, aqui ao meu lado, um homem alto, forte e louro, barba ruiva que lhe cobre todo o rosto. E' um soldado britânico que, numa tarde invernal, teve morte rápida... Está sorrindo. Há algum vidente no auditório que possa confirmar minhas palavras?"

A's vêzes, levanta-se, na assistência, um médium que confirma, apontando outras características físicas do espírito presente. A sra. Roberts secundando com outros detalhes e informes quanto à localidade em que vivia o soldado desencarnado e tecendo precisas considerações sobre a sua vida terrena como militar e civil. E tão precisas e incisivas são às vêzes essas considerações, que acontece levantar-se, de súbito, no auditório, uma voz que emociona os presentes: "— E' meu filho! E' meu filho!" Então, calma, medindo bem as palavras, a sra. Roberts

CONSELHOS...

para a sua Beleza

O Leite de Beleza Bourbon protege a cutis contra as queimaduras do sol, embeleza-a, constituindo, a mais, ótimo fixador do pó-de-arroz. A ação detergente é imediata, livrando a pele de suas impurezas e removendo a "maquillage". Após as primeiras aplicações, suas propriedades tornarão maiores seus encantos pela suavidade e frescor da pele. Útil a qualquer epiderme por ser um produto escrupulosamente ideado e manipulado à luz da Ciência Moderna.

Leite de Beleza
BOURBON

PERFUMARIA SAN-DAR
R. Duque de Caxias, 531
São Paulo

Tenha em seu
toucador
Leite de
Beleza Bourbon

À venda nas
perfumarias,
farmácias e
drogarias.



ANAM — Casa de Amigos

fala à criatura ereta no meio do enorme auditório, presa de trágica emoção. Transmite-lhe a mensagem do espírito presente, na qual, dizendo-se feliz no seu novo estado, promete retornar, caso tenha permissão das entidades superiores.

Interessantes revelações de mediunidade vieram das frentes de batalha. Certa ocasião, um *medium* fardado tornou-se tão perturbado ao cruzar um terreno na Bélgica, que não pôde prosseguir. Após calorosas discussões o oficial-comandante foi persuadido a ordenar uma investigação no terreno sobre o qual o *medium* afirmava ter recebido inúmeras mensagens aflitas. Um campo de morte dos alemães foi então descoberto. Todos os sinais da superfície tinham sido removidos, mas centenas de corpos mutilados e queimados foram encontrados sob a terra. Sabe-se que, de modo geral, os aliados com as constantes desencarnações, produziram uma árdua experiência. Um *medium*, retornando à Grã-Bretanha,

disse que se sentira como um aparelho receptor a receber tal número de mensagens ao mesmo tempo que teve a impressão de que iria enlouquecer.

Uma das mais interessantes histórias da guerra é, como se sabe, a aventura de Rudolf Hess, o lugar-tenente de Hitler, que fugiu para a Inglaterra. Hess é *medium* e, certamente espírita, dedicou-se, nas suas horas de ócio antes da guerra, a trabalhos psíquicos. Os espíritas, que reclamam Hess como membro da mesma doutrina, declaram que ele veio à Inglaterra atendendo ao aviso de seu espírito-guia e que a sua estada como prisioneiro de guerra tem sido uma longa sessão de tortura com os maus espíritos das trevas em luta contra os espíritos iluminados, para obter o domínio sobre ele.

Médicos britânicos testemunharam sofrer Hess de séria neurose, que, em certa ocasião, ameaçou tornar-se fatal; Hess cessou toda a atividade, recu-

sou alimentar-se e, aparentemente, não desejava senão deixar de viver. Mas a alimentação obrigatória e cuidadoso tratamento puseram-no de pé, novamente.

Característica interessante do espiritismo britânico, que o difere do de todos os países, é o grande número de espíritos de Índios Pele-Vermelhas que guiam os *mediums*. Cada *medium* preeminente possui seu espírito-guia privado. Estelle Roberts, por exemplo, tem o *Nuvem Vermelha*; Outros desencarnados conhecidos são: *Açoite de Prata*, *Carvalho Vermelho*, *Águia Branca*, *Águia Vermelha* e *Água Corrente*. E é tanto mais interessante essa característica quanto mais se atenta no domínio espiritual dessas entidades num país cuja língua lhes era, na vida terrena, desconhecida.

Os verdadeiros espíritas britânicos cultos estão envidando os maiores esforços no sentido de melhorar o padrão da mediunidade. Desaprovam, com

veemência, os *mediuns* que desvirtuam as finalidades do espiritismo, comercializando os seus dons psíquicos e adotando processos sensacionalistas para atrair maiores audiências e mais proveitos materiais. Certos estão esses espíritos de que quanto mais esclarecido for o *medium*, mais proveitosa sob o ponto de vista espiritual sua sessão tem que ser. Desejam que os *mediuns* se preparem com o mesmo zelo com que um sacerdote se prepara à força incoercível de sua vocação. Mas esse é um terreno de violentas controvérsias, pois uma corrente espírita afirma que o *medium* é mero transmissor para as comunicações espíritas e que, no processo, o próprio cérebro e a habilidade são absolutamente excluídas, não fazendo, portanto, nenhuma diferença que o *medium* seja um hotentote recém-saído das selvas profundas. Já os espíritas mais esclarecidos estão convictos de que um *medium* iletrado, com má pronúncia e idéias vulgares, realiza usualmente uma sessão de modo pouco recomendável quanto ao nível cultural, a despeito do elevado intelecto do espírito que o dirige.

Romance de Pocahontás

(CONCLUSÃO)

numerosa prole, da qual hoje ainda vivem muitos descendentes no Estado de Virgínia, entre eles alguns personagens de destaque. Entre os mais ilustres rebentos desta nobre linhagem figura Mrs. Edith Bolling Galt, segunda esposa do presidente Wilson, com a qual este casara em 1915.

CONFIANÇA

OS americanos são notórios pela sua "self-confidence" — confiança em si próprio — e os do Texas estão entre eles como os que têm em grau mais elevado essa virtude.

E deles conta-se uma narrativa a respeito de um certo Bill Mc Donald, capitão dos Rancheiros do Texas que, de certa feita, recebeu um pedido urgente para levar a uma cidade vizinha uma companhia de Rancheiros afim de reprimir um motim.

Montando seu cavalo, Mc Donald se dirigiu sozinho para a cidade e, no caminho, foi abordado por uma comissão de cidadãos.

— Nós pedimos uma companhia, disse indignado um oficial, e não um rancheiro.

Mc Donald, calmamente, sorriu.

— Bem, vocês não têm senão um motim, não é verdade?

AMORES HISTÓRICOS



TODOS os biógrafos de Franz Schubert estão de acordo em afirmar que o famoso compositor jamais sentiu verdadeiro amor por mulher alguma. Contribuíam, sem dúvida, para isso, a sua fealdade, seu temperamento retraído e, talvez, a indiferença com que ele sempre tratou o sexo feminino.

No entanto, segundo uma correspondência encontrada ultimamente, Schubert amou com paixão a condessinha Estherazy. Levado pelo conde Estherazy a palácio, para que conhecessem sua música, Schubert vinculou-se intimamente aos donos da casa, passando a ser um dos familiares nas reuniões que ali se realizavam.

Entre as formosas damas, brilhava por sua juvenil beleza, a filha do conde Estherazy, Marisca, deliciosa criatura de vinte anos, loura e de olhos azuis, cuja voz bem timbrada envolveu Schubert numa doce carícia. E, apaixonado, o músico compôs alguns trechos, talvez os melhores de sua vasta obra musical.

Percebera a jovem o amor de Schubert? Compadecera-se da sua pobreza? Talvez. A alma feminina tem dessas delicadezas. Schubert compreendeu que o seu amor era correspondido e entregou-se-lhe de corpo e alma.

— "Creio — escrevia ele a um amigo íntimo — que essa criatura é dona de meu espírito, dos meus sentidos e minha inteligência. Por ela, me sinto capaz de todos os heroísmos e de trabalhar com afincado para alcançar todas as glórias. Ama-me, sim, que eu sei, mas somente os seus olhos me têm dado a entender até hoje. Seus lábios não dizem jamais palavras de amor, a não ser as dos meus trechos musicais. E como os interpreta! É um anjo cantando e me inebria ao ouvi-la! Constituímos o mundo. Que nos importa o resto? Vivo por ela e para ela. Se a perdesse, enlouqueceria!"

Marisca escrevia, por sua vez, a uma antiga amiguinha de colégio:

— "Será amor? Se o não é, parece-se-lhe muito. Quero apaixonadamente a este homem, de quem tudo me separa. E desejo-o pelo seu gênio, que desde o primeiro instante me atraíu. Quando canto seus trechos e ele me acompanha ao piano, sinto que somos uma só alma! Que reservará este silencioso amor? Talvez muitas amarguras..."

Schubert, impetuoso, pouco atento às normas sociais, foi certo dia expor ao conde o seu pensamento.

— Minha filha deu-vos a conhecer que vos ama? Disse-vos-lo? — perguntou o conde, que sabia dissimular suas impressões.

— Não — disse Schubert. — Mas o coração assoma-lhe aos olhos.

— Bem, — disse o conde — dentro de três dias vos darei resposta.

*
"Meu caro amigo. Os sonhos de amor são quase sempre irrealizáveis. Sondei, hábilmente, Marisca e não notei nela senão grande simpatia e não menor admiração, pobres coisas se as compararmos com uma verdadeira paixão. Ela e o meu caro amigo não seriam felizes, e a música perderia um grande homem, a quem a posteridade não há de esquecer. Sábado, damos o último concerto, e esperamos sem falta o meu caro amigo. Seu afetuosíssimo, Estherazy."

*
Quando Marisca começou a cantar, a sua voz puríssima impressionou o fino auditório. Parecia um doloroso soluço. Schubert, impotente à emoção, chorava, executando a soberba página que escrevera após a sua desilusão: "Impossível". De súbito, Marisca deu um grito e caiu sem sentidos...

O conde levou-a para o aposento contíguo, enquanto Schubert, fingindo indiferença, dedilhava a esmo as teclas do piano. Alguns convidados retornaram ao salão e o conde, sozinho com a filha, murmurou:

— Sim, seu pai sabe quanto você o ama! Reflete, porém, minha filha, em tudo quanto os separa. Minha filha: a ilusão morre ao converter-se em realidade, e eu tenho a certeza de que não seriam felizes... Falo a linguagem da razão. Volta para o salão e procura dissimular a sua tristeza.

— Obedece-lhe-ei, meu pai, ainda que sinta a alma dolorida. Pobre Franz! Peço-lhe, meu pai, mandar-lhe esta rosa, quando ele partir...

E, sorrindo, encaminhou-se para o salão, onde as notas do piano pingavam como lágrimas de som no silêncio reinante...

*
Schubert voltou-se ao chamado do lacaio, que lhe entregou um pacotinho. Abriu-o e, ao tirar o cartão, a rosa caiu, despetalando-se. Leu: "Com o adas de Marisca". E a rosa despetalada no chão pareceu ao artista imortal a imagem da sua própria vida...

DOR

Dor, companheira dos desamparados,
Pranto amargo de mãe, angústia santa,
Fantasma negro e atroz, que se levanta
No abismo de dois lábios separados;

Dor, mãos crispadas, mágua que quebranta,
Roxas olheiras, rostos macerados,
Gota dagua que cai de olhos parados,
Soluço estrangulado na garganta;

Dor, santíssima dor, eu te bendigo!
Quanta luz se entrevê no teu castigo
E no látego atroz dos teus transportes.

Dor, amiga de todos os instantes,
Fôrja eterna de estoicos e gigantes,
Alimento de heróis e de almas fortes!

EDMUNDO COSTA

Fragmentos da Poesia Nacional



JESÚS

Jesús, foste o maior dos precursores.
Jesús, foste o perdão, foste a bondade,
Por isso mesmo, ungido de louvores,
Tu viverás por toda a eternidade.

As doutrinas dos sábios, dos doutores,
Jamais terão a tua santidade;
Jesús, foste o maior precursores!
Jesús, foste o perdão, foste a bondade!

Certo, Pilatos, judas negregandos,
Por toda parte existirão, aos bandos,
Como os houve na torva antiguidade.

Mas, ó Jesús, ó Cristo, tão negado,
Como destruir teu credo, teu reinado,
Se és bênção, se és perdão e se és bondade?

BAHIA DE VASCONCELOS

O PEQUENO JORNAL

Sempre que abro e releio o livro do passado,
aos meus olhos avulta um pequeno jornal,
modesto e sem clichês, feio e mal paginado,
— fôlha do interior, simples, dominical...

Nunca teve, por certo, um número esgotado.
(Liam-no tão somente os filhos do local)
Tratava de "excelência" o juiz e o delegado
e abria com um soneto a "Crônica Social".

A-pesar-de modesto, é com enorme saudade
que dêle me recordo e também da cidade
pequenina e longinqua onde, há tempos,
[nasceu...

Ruas sem movimento... A escola.... Uma
[igrejinha...
A farmácia da esquina... A cidade era a
[minha.
A mais linda do mundo! E o soneto... era
[meu!

NÓBREGA DE SIQUEIRA

ROCHA



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

À VENDA EM TODO O BRASIL

Pa. Ferraz

A "mais desejada..." E logo chegarão mais e mais canetas



PARKER "51"

Devido às espoletas dos projetis foguete e outros produtos essenciais à vitória das Nações Unidas, estas apreciadas canetas estiveram escassas no mercado, porque a Parker "51" não é produzida pelos apressados métodos da produção em massa.

A sua performance de precisão requer a cuidadosa pericia de artífices. Felizmente está vindo maior número destas canetas. E de que qualidade!

Mal toca o papel, entra em ação instantaneamente. A ponta de osmírdio, suave como a sêda, flutua sôbre a página. E veja! As palavras secam à medida que são escritas. É a única caneta especialmente desenhada e construída para usar a tinta de secagem mais rápida que existe no mundo... a tinta Parker "51".

Assim, se o seu revendedor não a possui em estoque, deixe imediatamente o pedido para que êle lhe reserve a primeira!

Escreve sêco com tinta líquida!

Parker "51"

Preços : Cr\$ 375,00 e
Cr\$ 450,00 em tôdas as
boas casas do ramo.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.ª de Março, 9 - 1.ª, R. de Janeiro J. W. L.

~33 P

Paisagens Locais

por Fábio Borges



O ANO VELHO: — Banquei o "Tarzan" meu filho, mas lá, ainda ficaram a desconfiança e a bomba atômica. Cuidado com elas...

Página das Mães



ERA UMA VEZ...

NÓS, os homens já maduros, é que estamos nas condições de avaliar bem a importância das histórias e das lendas sobre a imaginação das crianças. E' que sempre nos lembramos com muita saudade, dos tempos de menino e, especialmente, da quadra em que uma preta velha ou um capataz de fazenda nos contava, à beira do fogo, no silêncio das noites, os contos de fadas, as histórias que o nosso povo guarda de memória através do tempo. Na idade avançada, é que percebemos a soma de poesia, o acervo de encanto, a dose de sabedoria que essas fábulas populares encerram e propagam. Elas narram o heroísmo, a bondade, a justiça, a fraternidade que elevam os homens neste mundo. São, sem dúvida alguma, uma das maiores alegrias da nossa infância. E só este fato é de alcance incalculável para a vida futura do homem. Uma infância encantada ou feliz prepara uma existência otimista mais tarde, é pelo menos um fator apreciável neste sentido.

As mães devem atentar para este assunto com cuidado, se é que desejam de coração prover a todos os aspectos essenciais da educação de seus filhos. Será de toda conveniência educativa que percamos alguns instantes, principalmente durante a noite, dedicando-os a contar histórias a seus filhos pequeninos. Verão como são ávidos em ouvi-las e como se unirão mais afetuosamente a elas. As crianças têm fome de histórias. E hoje é muito fácil contentá-las porque em qualquer livraria se encontram livros a granel de contos infantis, e por preços muito módicos.

Os petizes gostam, de preferência, de obras ilustradas, porque os desenhos concretizam as idéias e os episódios que eles ainda não sabem mentalmente arquitetar. A mãe que conta lendas a seus filhos conquista-lhes o afeto para toda vida. Este será feito de agradecimento e de admiração. E não há nada melhor no mundo do que a gente viver no coração dos outros. Quando é no coração dos filhos, então nem se fala.

Sabemos que a vida moderna, tão cheia de exigências mundanas, e exteriores, ocasiona o cansaço ao fim de cada dia. Mas é fácil remover este impecilho. E' só cortar um pouco nessas exigências vãs que, afinal de contas, acabamos reconhecendo que valem pouca coisa. E' muito melhor que reservemos uma hora toda noite, para entreter os filhos do que passear, conversar ou entregar-se a qualquer solicitação social sem finalidade humana. Verdade que isto impacienta a gente, mas é preciso considerar que esta impaciência provém de egoísmo, preguiça e... de falta de caridade. Falta de caridade sim, porque não saciar a sede de lendas das crianças é ser cruel com elas, é maltratá-las sem motivo.

Uma das cenas familiares mais belas é a de uma mãe a contar fábulas a seu filho pequenino. Com esta atitude, ela se torna ao mesmo tempo mãe e mestra, duas funções edificantes na vida da mulher.

● CONVÉM SABER ●

A CHUPETA não é uma distração nem uma consolação e sim veículo de infecções, difusor de micróbios perigosos, por mais que se tenha a precaução de bem lavá-la em água fervida. Isso não afasta o perigo do pó que a ela adere por estar umedecida pela saliva. E pode, mais tarde, produzir uma

inflamação bucal, especialmente no período da dentição.

Uma medida preventiva excelente e que é, ao mesmo tempo, um cuidado higiênico consiste em lavar as gengivas da criança com um pedaço de algodão embebido em água bicarbonatada.



ANTISARDINA

uma feliz descoberta

Sou mais uma fã de **ANTISARDINA** que deseja proclamar a excelência do creme **ANTISARDINA** para livrar-nos das imperfeições da pele.

ANTISARDINA é uma feliz descoberta para o embelezamento da cutis.

Outubro de 1944

(Ass:) Miralva de Assis



★ TENDÊNCIAS DA MODA ★

OBSERVA-SE nesta temporada, acentuada tendência para os enfeites de penteado. E as preferências das elegantes variam entre um encantador laço de fita, habilmente disposto, prendendo a cabeleira, e aplicações de "paillete", e clips.

Nos pequenos enfeites reside, realmente, às vezes, o it de uma toalete. O **clips**, por exemplo, possui um quê de finura na ornamentação de uma toalete, quer seja matinal, vespéral ou noturna. E aqui cabe uma sugestão: as jóias de rua devem ser discretas, pois os brilhantes em demasia denotam falta de gosto. Deixêmo-los, pois, para a noite: o seu brilho ofuscante condiz melhor com as toaletes noturnas, para as quais o penteado deve caracterizar-se pela sobriedade.

Tais adornos enfeitam, realmente, as cabeças das Evas modernas. Tornam-nas como que mais leves... se isto fôr possível...

Necessário se torna atentar na harmonia dos enfeites do penteado com a toalete, assim como a hora em que serão usados. E' detalhe importante para o êxito social.



Para a manhã, quando se realizam passeios recreativos nos parques e avenidas, a toalete deve ser a mais leve possível afim de se harmonizar com o laço de fita artisticamente disposto prendendo os cabelos. Não é conveniente o uso de nenhuma jóia nos passeios matinais.

Para as tardes, os laços também podem ser usados com brincos fantasia, observando-se se combinam as cores, que devem ser

de preferência azul e verde, em tom claro.

Acentua-se, também, dia para dia, a tendência para os cabelos compridos, pois com as madeixas longas se arrumam originais topetes, os clássicos rolos frontais ou, ainda as românticas tranças que vêm imprimindo à mulher moderna aquele donaire antigo que fazia a delícia de nossos avós...

Entre os arranjos de cabelos mais em evidência na atualidade, o estilo clássico espanhol merece a atenção das morenas de cabeleiras bem escuras; o cabelo, bem repartido ao meio, ondula ao longo da cabeça, terminando em dois bem feitos coques na nuca.

Quanto às louras, aconselha-se o uso da cabeleira solta, mas presa em cima por uma fita fina de veludo. Os anéis dourados de uma cabeleira loura constituem o melhor enfeite para uma elegante...

A consulta ao espelho deve ser minuciosa, para melhor verificação da harmonia que deve existir entre a cabeleira, os enfeites e os traços fisionômicos, cuja beleza pôde às vezes ser diminuída pela má escolha de um penteado e dos enfeites...

Winterlândia Poética

ABAIXO AS ARMAS

Abaixo as armas, caia a tirania,
O direito da força do canhão!
E viva a social democracia
No século luz de civilização!

Os homens integrados na alegria
Do trabalho, na mesma comunhão,
Armem-se com o poder que se irradia
Da força do Direito e da Razão!

E dê azas ao humano pensamento,
Progredir e marchar, sem retrocesso,
Para o perpétuo aperfeiçoamento!

Portegando do mundo o preconceito
Se inscreva na Bandeira do Progresso
O lema da Igualdade e do Direito!

L. DE PAULA LOPES

DESESPERO

Num derradeiro anseio de ventura,
Em vão eu dilacero a minha aorta;
Sei que ao mundo feliz já não importa
A angústia de mais uma criatura...

Caído o escudo que ostentava à porta,
Só me resta o ostracismo da clausura,
Vendo clarear a minha cela escura
Imagens loucas de retina morta...

Indeciso, a afagar visões antigas,
E ameaçado por enormes garras,
Não sei — ó céus! — o que hoje me
[aconselhas:

Se o labor silencioso das formigas,
Se a vadiação sonora das cigarras,
Se a pilhagem bulhenta das abelhas...

EDISON PINHEIRO

QUANDO VOLTARES...

Voltarás! Sei que um dia hás de voltar,
trazendo nos teus lábios um sorriso...
E assim meu coração há de vibrar,
como um festivo e barulhento guizo!

Hás de voltar um dia, pois preciso
de ti, de tua voz, do teu olhar...
Voltarás... pois senão perco o juízo,
por ficar tanto tempo a te esperar...

E nesse dia, amor, eu falarei
de tantas coisas, tantas, que eu bem sei
que de me ouvires ficarás cansada...

Mas o contrário pode acontecer...
Pois tenho tanta coisa a te dizer,
que sou capaz de não dizer-te nada...

LUÍS OTÁVIO

Esta seção destina-se à publicação de poesias dos poetas novos. Com isto ALTE-ROSA visa estimular os artistas jovens de Minas e de outros Estados. Toda produção que, a nosso critério, fôr boa, terá acolhida nesta página.

ROCHA



O mais
sensacional
make-up
da época

JANET BLAIR
estrela Columbia

Pan-Cake Make-up*

criado por

Max Factor

HOLLYWOOD



- * Em menos de um minuto ele dará à sua pele um aspecto lindíssimo.
- * Em menos de um minuto V obterá a beleza que sempre desejou.

Lembre-se também que os finos óleos emolientes nele contidos protegerão a sua pele e a manterão macia, suave e juvenil.

V E N D A N A S C A S A S D O R A M O

de CAIXA de Segredos

Direção de

Consuelo San Martin



CAIXA DE SEGREDOS é uma seção permanente que esta revista oferece aos seus leitores desejosos de solucionar os seus problemas sentimentais, proporcionando-lhes conselhos sinceros e baseados na experiência e observação da existência humana através das suas múltiplas manifestações psicológicas.

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Consuelo San Martin, "Caixa de Segredos" — Redação de ALTEROSA — Caixa Postal 279 — Belo Horizonte.

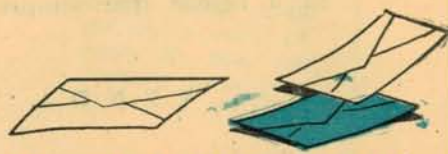
* * *

★ CORRESPONDÊNCIA ★

INDECISA — Capital — Minha jovem amiga — A sua carta é muito parecida com outras que, de todos os pontos do Brasil me vêm ter às mãos. Em todas elas, eu sinto, com pesar, a falta de preparo da moça brasileira, para resolver os seus problemas de ordem sentimental. E' que vocês estão formando a sua personalidade, apenas através do cinema, cuja influência, não raro é percebida em todos os atos da nossa adolescente. No seu caso, por exemplo, minha cara Indecisa: por quê tão cedo arranjou compromissos tão sérios? Aos dezesseis anos, você podia muito, ainda, divertir-se com brinquedos menos perigosos. Pede-me você um conselho. Receia que o seu último namorado, como os dois

primeiros, venha a deixá-la novamente, sem uma explicação para o seu gesto pouco cavalheiresco. Mina menina, antes de mais nada procure ser bastante discreta nos seus namoros. Nada de concessões. Um homem ajuizado não se casará com um moço que não soube lhe opor resistência. Mesmo que você perca o namorado, não perderá a sua dignidade e a sua linha de conduta que é o que importa. Quanto ao saber se é ou não amada, aguarde que o tempo se incumba de lhe fazer a descoberta. O importante é ter sempre presente que nada mais humilhante para uma mulher que ter de se envergonhar dos seus passados namoros.

DENIS — Minas Gerais — Li a sua cartinha e, com prazer, ve-

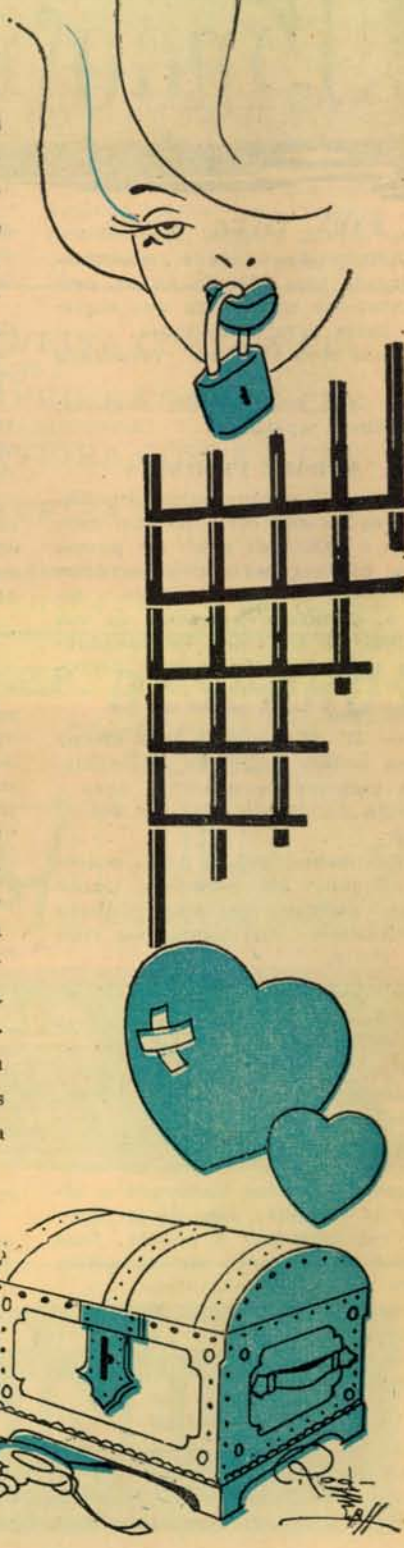


rifiquei que é você uma menina de personalidade bem definida e que sabe orientar-se com inteligência e bom senso. No seu caso, se é como o afirma, não há inconveniente em alimentar esse sentimento. Apenas, dada a pouca idade de ambos, devem vocês permanecer em atitude que convém a um namoro de adolescentes, aguardando que o tempo venha se conciliar com a sua escolha dos seus pais.

FLOR DE MAIO — Capital — Minha encantadora desconhecida — Felicidade! Aqui está a sua carta onde, a custo, posso perceber se você é mesmo uma flor de maio ou um cavalheiro que me propõe a resolução de um problema sentimental. Não se zangue: é que a sua missiva me vem redigida num tom tão severo, tão pobre de adjetivos, que eu acho difícil identificar a natureza do seu remetente. Mas, vamos ao que importa. O seu caso inicial está encerrado, mo afirma. Vem agora, a segunda parte do seu romance ou melhor: o seu romance novo. Tudo quanto me diz, está dentro das possibilidades humanas, não nego. E eu não vou exigir da minha jovem consultante, resoluções divinas. Não. Cerebrais, sim. Sempre ouvi dizer que o coração não é bom juiz.

Que os casos resolvidos exclusivamente por ele são de natureza egoísta e, não raro, inspirados no excessivo amor de nós mesmos e na complacência dos nossos próprios erros. Por isso, se você quiser agir acertadamente, terá que optar pela renúncia, virtude tão oportuna que a tornará grande aos seus próprios olhos, trazendo-lhe a felicidade serena da admiração permanente do seu nobre sacrifício.

LUCIA — Caravelas — Bahia — Estou impressionada, minha amiguinha distante, porque você, antes de se dirigir ao sr. seu pai ou ao seu confessor, veio bater à minha porta. O seu caso, Lúcia, não me parece bem um problema de coração. É mais um estado d'alma, originado pelo seu escrupulo religioso. Não é muito fácil, num consultório como este, dar uma resposta acertada, principalmente em se tratando de um caso que a sua própria consciência melhor poderia deliberar. Contudo eu aventuraria aconselhá-la a realizar o seu sonho. Antes porém você deveria procurar o seu diretor espiritual que bem mais esclarecido que eu, leva-la-ia a uma solução mais perfeita.



Tradução especial de
JOAQUIM LARANJEIRA

PINGOS DE HISTÓRIA



PARA VIVER MUITO

Admirando a idade avançada atingida pelo filósofo Auber, perguntou-lhe alguém de que segredo usara para viver tanto.

Num fino sorriso, respondeu ele:

— Não usei segredo nenhum; envelheci, apenas...

A IDADE FEMININA

Lúis XV, porque numerosas elegantes de sua corte haviam adotado o hábito de gular em pessoa suas carruagens, motivo de vários acidentes, aborreceu-se com o facto e, chamando o tenente da sua polícia de costumes, recomendou-lhe uma providência que, contudo, o não tornasse odiado pelo belo sexo.

— E' fácil, s're. Vou lançar uma ordem proibindo às mulheres menores de quarenta anos o direito de dirigir qualquer veículo.

Realmente; depois dessa ordem e enquanto ela perdurou, nunca mais alguém viu uma senhora conduzindo carruagens nas ruas de Paris.

MELHORZINHO...

Costumam os homens célebres ser vítimas de boatos os mais extraordinários e absurdos, assim como das maiores difamações. Mas, geralmente, não se incomodam com isso. Quando, duma feita, anunciaram a morte de Mascagni, o maestro limitou-se a alçar as espáduas, sem perder tempo em desmentir a notícia. Dias depois, encontrando um conhecido, este perguntou, espantado:

— Como?! O senhor não havia morrido?...

— Sim, senhor. Mas agora já estou melhorzinho...

AMABILIDADES

Após a batalha de Hochsted, o duque de Malborough, seu vencedor, reconheceu entre os prisioneiros feridos um soldado que se

distinguiu bravamente no fragor do combate. Acariciando-lhe a face, felicitou-o:

— Bravos, mancebo! Se teu rei dispusesse de muitos soldados do teu quilate, estou certo de que seria invencível.

O prisioneiro, agradecido pelo tratamento do chefe inimigo, e querendo retribuir à amabilidade, ripostou:

— Não é soldado (do meu quilate) que lhe falta, senhor. O que ele precisa para ser invencível é de um general como o duque de Malborough.

SURPRESA

Henri de Regnier, que fazia versos tão naturalmente como as aves cantam, tinha um sagrado horror ao dinheiro. Parecendo-lhe verdadeiro sacrilégio alguém viver da própria arte, quando publicou seus primeiros versos no "Mercure", que Vallette acabara de fundar, ao falar-lhe este em honorários, retorquiu, com ares de sincera surpresa:

— Que?! Pois a poesia se paga?!...

DEUS E... O DEMONIO

A famosa atriz Clairon, contemporânea de Voltaire, numa visita ao sarcástico filósofo, disse, calando-lhe aos pés, como Amenaide:

— Oh! meu Deus tutelar!

Voltaire, por sua vez, ajoelhou-se, dizendo:

— Agora que estamos ambos no mesmo plano, deus e o demônio, diga-me, minha querida, como tens passado?

A FERA-HOMEM

Explicando seu desprezo pelo homem em geral, costumava concluir Malherbe, depois de reviver a história de Abel e Caim:

— Imaginem! Eram apenas três, o pai e dois filhos. E um deles acaba, precisamente, assassinando seu irmão!

A RESERVA DE HEREDIA

José Maria de Heredia, o príncipe do Parnasianismo, era poeta de nascimento aristocrático e demonstrava para com os outros tal reserva que muitos o acreditavam invejoso. Quando, com sua jovem esposa, compareceu pela primeira vez aos salões de Nina de Villars, centro parnasiano de renome, estandalizou-se vendo a maioria dos convivas, muito à vontade: uns deitados sob as mesas, outros em cima dos móveis e ainda outros, estirados nos cantos da sala, fumando cachimbo, bebendo e recitando.

— Vamo-nos, minha amiga — disse à esposa, fazendo meia volta. — Isto aqui não é o parnaso e sim o antro de Dionísio.

PRECEDENCIA

Em certo palácio parisiense, ao qual fôra convidado, o velho barão de Rothschild, no momento de penetrar na sala de recepção, cruzou com o arcebispo de Paris; ambos rivalizavam-se em mesuras, tentando cada qual ceder ao outro a preferência da passagem. Finalmente, o banqueiro decidiu-se:

— Passarei, pois, primeiro, monsenhor, mas obedeço-o apenas tendo em vista a que o Velho Testamento também precedeu o Novo.

RAZÃO PROVÁVEL

Carnot, pronunciando-se sobre Talleyrand:

— Se ele despreza tanto os homens, como afirma, é porque certamente estudou-se muito a si próprio.

CONFISSÃO

A condessa de Broslie, irmã do cardeal de Tercini, tinha 87 anos quando faleceu. Como, ao ouvi-la em seus últimos momentos, o confessor lhe pedisse muitas minúcias de sua vida, ela interrompeu-o a certa altura:

— Nada de perdemos tempo,

abade. Lembre-se apenas do seguinte: fui jovem, elegante, bonita. Alguns homens cortejaram-me e eu era bastante sensível. Julgai o resto e façamos ponto, não é melhor?

AUTÓGRAFOS

Uma riquíssima "miss", colecionadora de autógrafos, apresentou-se um dia a Anatole France, dizendo-lhe:

— Quero uma assinatura sua, mestre. Em troca peça-me o que quiser.

— Perfeitamente. Basta-me também uma assinatura da senhora.

— Que gentil! — exclamou a dama. — Escreve a sua aqui neste album.

— E a sua — torna o infernal autor de "Thais", tenha a bondade de escrever, à minha ordem, numa folha em branco do seu livro de cheques.

O INIMIGO DE STHENDAL

Vulliot, o mais afamado polemista católico do século XIX, foi o maior inimigo de Sthendal. Certa vez, numa carta citada por Henri Martineau, aconselhava ele à senhora de Robersat:

— "Nunca leia Sthendal: é um gracioso que se gaba de ateu. Morreu numa sexta-feira com o estômago cheio de carne. Além disso, é pesado, seu engenho muito burguês, e carece totalmente de estilo. Apenas a impiedade até agora o salvou do ostracismo, mas não tardará a caí'r nele".

DEFINIÇÕES

Participando, num grupo de políticas, de palestra onde se abordavam temas sobre liberdade, ouviu Eduardo Henriot a seguinte frase:

— Um país livre é aquele onde cada qual pôde dizer o que pensa.

Ao que ele retrucou:

— Nada! Um país livre é aquele onde ninguém é forçado a ouvir o que cada um se julga no direito de dizer.

Chegou de Londres

LONDRES. (H. P.) — Já chegou ao Brasil o reputado e esperado tratamento Okasa. — Okasa é hoje uma medicação de escolha universalmente reconhecida pelo seu alto valor terapêutico e pela eficácia indiscutível. — Okasa à base de Hormônios vivos, extratos de glândulas sexuais e Vitaminas selecionadas, combate vigorosamente todos os casos ligados diretamente a perturbações das glândulas genitais e do aparelho sexual como: Fraqueza sexual na idade avançada ou por outro motivo, no moço, senilidade precoce, perda de energia, fadiga,

fraqueza mental, etc., no homem — Frigidez, irregularidades ovarianas, idade crítica, obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, tôdas essas deficiências, de origem glandular, na mulher. Okasa encontra-se à venda nas boas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos aos Distribuidores: Representações Pac Ltda., Rua Guarani, 164, Belo Horizonte. Okasa importado diretamente de Londres, proporciona Virilidade, Força e Vigor com as drágeas "prata" para homem. — Feminilidade, Saúde e Beleza com as drágeas "ouro" para mulher.

PRESENTES?

OLIVEIRA COSTA & CIA.
ARTIGOS PARA ESCRITORIO?


OLIVEIRA COSTA & CIA.
LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS?

OLIVEIRA COSTA & CIA.
ARTIGOS DE PAPELARIA?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

SEMPRE NA VANGUARDA EM SORTIMENTO E PREÇOS

Av. Af. Pena, 1050 — Fone 2-107 e 2-3016 — Belo Horizonte




ROCHA

DESENHOS

COMERCIAIS
TECNICOS E
ARTÍSTICOS

CARTAZES
GRAFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS



RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA - ED. CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE



GRAVADOR

RUA GONCALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

ARAUJO

PHOTOGRAVIAS
ZINCORAPHIAS
TRICROMIAS
DUBLES, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SÉCULO

MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo • Remessa pelo reembolso postal

Arte Culinária

MESA, DELÍCIA DOS OLHOS

● MARIA TERÊSA ●



N^O arranjo da mesa, o bom gosto deve predominar, pois o prazer de uma mesa bem posta constitui fator importante para uma refeição feliz.

A influência inglesa contribuiu para a renovação dos tradicionais hábitos franceses. Há, como se sabe, refeições campestres e refeições cerimoniais. Em ambas, porém, se deve variar os cardápios e também o *decór*, a apresentação das iguarias e do serviço, isto é, as louças, os toalheiros, os cristais, etc. Assim, em vez da antiga e tradicional toalha grande, empregam-se pequeninas toalhas individuais.

Para os almoços, convém escolher-se as toalhas alegres, cheias de fantasia; para os jantares, as finas, as "raffinées", permitindo ver-se à mesa, no tom sombrio de uma madeira preciosa, o reflexo de um espelho ou o brilho de um vidro. A moda inglesa, que determinou o uso da mudança de garfo e faca, que são retirados a cada serviço, suprime totalmente a questão dos porta-facas. A mesa, sem enfeites, nem baixelas, não comporta mais, após o início da refeição, o jogo de copos em cima ou aos lados das pequenas toalhas. Um pequeno saleiro, individual de cristal, por exemplo, será admissível. Todavia, os ingleses gostam muito de colocar antecipadamente todos os talheres de que se servirão os comensais: garfo e faca para o peixe, para carne, para a sobremesa, etc., o que enpresta à mesa uma nota de distinção. Na França não se segue esta praxe, a não ser para um almôço ou refeições sem cerimônia.

Detalhe curioso: ao passo que no "couvert" à francesa se colocam os garfos com os dentes virados para a mesa, os ingleses os voltam de forma totalmente oposta, com os dentes virados para cima.

Mesas há, lindas, com tampo de espelho, onde se reflete tudo que sobre ela se colocar; o tom rosa do toalheiro e da platina que decora pratos e copos. Bem entendido: o centro da mesa é sempre alegrado por alguma peça decorativa; colocada sobre um naperon (toalha pequena) geralmente maior ou mais comprido que os naperons individuais. Um vaso de flores, porém baixo, é o ornamento indicado, podendo utilizar-se para tal fim, de uma taça de estanho ou elementos de espelho gravado, que suportem flores.

* * *

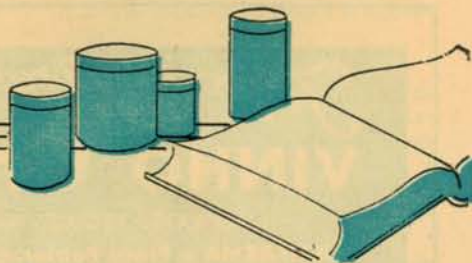
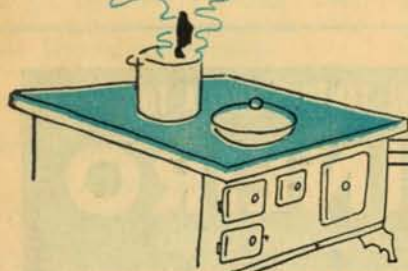
★ CARDA'PIO ★

OVOS RECHEADOS

Pela extremidade mais arredondada de um ovo, faz-se pequeno furo e, com um palito, rompe-se a gema, misturando-a com a clara, por este orifício introduz-se um

picadinho feito com carne e presunto, previamente refogado, miúdos de galinha ou outra qualquer coisa apropriada que se tenha às mãos.

Depois de recheados os ovos, devem os mesmos ser colocados em uma caça-



rola, com a extremidade furada para cima, interpondo um pano branco bem limpo, para que os ovos fiquem firmes.

Enche-se a caçarola com água fria, aproxima-se do fogo e, quando a água começa a ferver por todos os lados, retira-se a caçarola do fogo. Tapam-se os furos dos ovos cuidadosamente com massa de farinha de trigo, tão somente a quantidade que chegue para tapar o orifício, a menor possível.

Esses ovos são servidos entre as dobras de um guardanapo de belo aspecto, sobre uma bandeja de prata ou de outro fino metal.

BOLINHOS DE ARROZ

Para aproveitar o resto do arroz que tenha sobrado de alguma refeição, faz-se o seguinte: junta-se-lhe um pouco de caldo de carne e deixa-se cozinhar mais uns minutos; põem-se então uma colher de manteiga, um pouco de leite, dois ovos inteiros e farinha de trigo (quanto basta para engrossar um pouco). Depois de tudo bem misturado, fritam-se os bolinhos, na manteiga ou azeite bem quente.

PEIXE COM MÓLHO TÁRTARO

Corta-se um bom peixe em postas, que vão a cozinhar num molho bem temperado, feito com uma colher de manteiga, na qual se refogam umas cebolinhas e uma cenoura cortada em rodela, e dois cálices de qualquer vinho branco, além da água necessária; tempera-se com sal, pimenta do reino, louro e cheiro verde.

Cobre-se a panela com um papel untado com manteiga fresca e deixa-se cozinhar em fogo regular durante quinze minutos.

★ SOBREMESAS ★

SONHOS

Para se fazer deliciosos sonhos, põe-se ao fogo uma certa quantidade de gordura e uma colherinha de manteiga. Assim que estiver bem quente, põe-se a massa de sonhos, sacudindo-se para que esta se vire e fique bem crescida.

Passa-se, depois, num passador para escorrer e servem-se os sonhos com canela e açúcar.

BOLINHOS PARA CHÁ

Melo quilo de açúcar. Duzentas e cinquenta gramas de farinha de arroz. Cento e cinquenta gramas de amêndoas picadas. Cento e cinquenta gramas de manteiga derretida. Oito ovos inteiros.

Batem-se bem o açúcar e os ovos. Leva-se a mistura ao fogo forte, deixa-se abrir a fervura, tira-se do fogo e torna-se a bater até esfriar; depois, acrescentam-se aos poucos a farinha de arroz, a manteiga, as amêndoas e um pouco de essência de baunilha. Assam-se os bolinhos em formas pequenas, untadas com manteiga e em forno regular.

Tiram-se as postas com uma escumadeira e prepara-se ao lado o seguinte molho tártaro: quatro gemas cozidas e desmanchadas com um garfo, uma colherinha de mostarda, sal e caldo de limão. Juntam-se pedacinhos de cebolinhas, de "pickles" e uma colherinha de vinagre, continuando-se a mexer antes de ir para o prato.

ASPARGOS COM QUEIJO PARMEZANO

Depois de cozidos ou esquentados, toma-se um prato que possa ir ao forno, deita-se-lhe um pouco de manteiga derretida, coloca-se sobre esta camada de aspargos outra de queijo e, assim, até acabarem os aspargos, sendo a última de farinha de rosca que se rega com manteiga derretida.

Vai ao forno quente para corar.

BATATAS "SOUFFLÉ"

Depois de descascadas as batatas, cortam-se em tiras. Lavam-se e enxugam-se com muito cuidado num pano. Depois, deitam-se aos poucos na gordura misturada com azeite um pouco quente e que deve ser bastante, e deixam-se cozinhar até que cedam à ponta do garfo. Retira-se então do fogo a caçarola e, deixando esfriar um pouco, salgam-se as batatas.

Leva-se a gordura novamente ao fogo e estando bem quente, deita-se-lhe as batatas, não todas de uma vez, para que estufem.

As batatas mais apropriadas para serem fritas por este processo, são as bem brancas e de formato comprido.

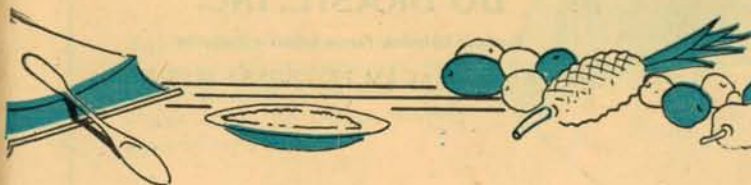
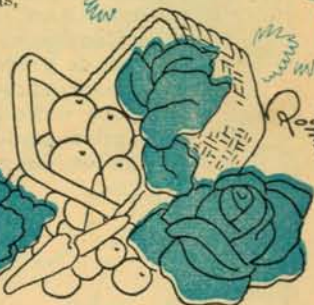
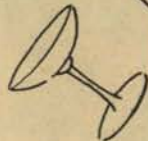
BOLO SILEX

Deitam-se numa tigela: uma xícara de manteiga; duas ditas de açúcar, batendo-se bem. Juntam-se, em seguida, três gemas, uma xícara de leite, uma de mal-sena e duas de farinha e uma colherinha de fermento.

Reunem-se a essa massa as claras batidas em neve. Liga-se tudo muito bem, deita-se em forma untada de manteiga e recolhe-se ao forno quente.

BALAS DE AMÊNDOAS E CHOCOLATE

Misturam-se amêndoas moidas, chocolate em pó e açúcar, na proporção de duzentas e cinquenta gramas para cada um desses ingredientes; acrescenta-se mais uma colherinha de essência de baunilha e mistura-se tudo até ligar. Tira-se quando estiver no ponto, passando-se porém, as balas, antes de embrulhá-las, em açúcar cristalizado.





Nascido a tempo de herdar um milagre...

"A penicilina salvará vidas... Depressa!"

Foi o apêlo lancinante do mundo sofredor, há apenas quatro anos. A medicina demonstrara claramente que a penicilina poderia curar muitas doenças infectuosas para as quais antes não havia tratamento adequado. Mas, como produzir em larga escala a nova droga que salvaria milhões? No mundo inteiro não havia penicilina suficiente para tratar meia-dúzia de pacientes.

Partindo de uma quantidade mínima de "Penicillium notatum" contida num pequenino frasco, a Casa Squibb dedicou ao problema seus 87 anos de conhecimentos, experiências e recursos científicos. Hoje, em lugar daquele pequenino frasco há baterias de tanques de 15.000 galões, produzindo mensalmente bilhões de unidades de penicilina, para uso dos


médicos do mundo inteiro. A Casa Squibb atendeu ao apêlo "depressa!" e é atualmente um dos maiores produtores dessa droga essencial. Assim, pois, qual foi a herança deste garoto e de sua geração? Uma bênção da medicina que promete espalhar mais benefícios do que qualquer outra descoberta conhecida. Um milagre de pesquisa e de produção deu-lhe e aos seus companheiros a oportunidade de ser mais rico em saúde e felicidade do que jamais o foram seus antepassados.

**E·R·SQUIBB & SONS
DO BRASIL, INC.**

Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos

FAMA MUNDIAL EM PESQUISAS MÉDICAS

1008



JANIS CARTER, a encantadora estrêla da Colúmbia, numa linda toaleta para a noite a que luvas de pelica tornam mais sugestiva.

Modelo
do mês



Trajes de

1 — Plissés do mesmo tecido do modelo e botões fantasia enfeitam este vestido de seda estampado. 2 — Juvenil e elegante é este vestido de crepe da China estampado, adornado de laços do mesmo tecido. 3 — O corte original das mangas distingue este formoso modelo de crepe mate. 4 — Este gracioso modelo de crepe da China estampado usa-se com um cinto incrustado de pedras. 5 — A disposição das franjas de seda da mesma cor do modelo e os elegantes "clips" do decote dão um cunho de alta distinção a este vestido de crepe romano.



Passeio

6 — Este vestido de seda estampada, com aplicações de seda lisa, é um leve e gracioso modelo. 7 — Eis um modelo para as jovens esbeltas: vestido de crepe mate, que está realçado por babados lisos e variados. 8 — Franzidos e enfeites tornam particularmente elegante este modelo em seda. 9 — Babados estreitos do mesmo padrão do modelo embelezam este vestido de seda estampada. 10 — De um corte elegante, que faz distinguir a silhueta do corpo, é este modelo de seda mate ao qual os ombros se ajustam, formando as mangas. Está enfeitado com botões fantasia.



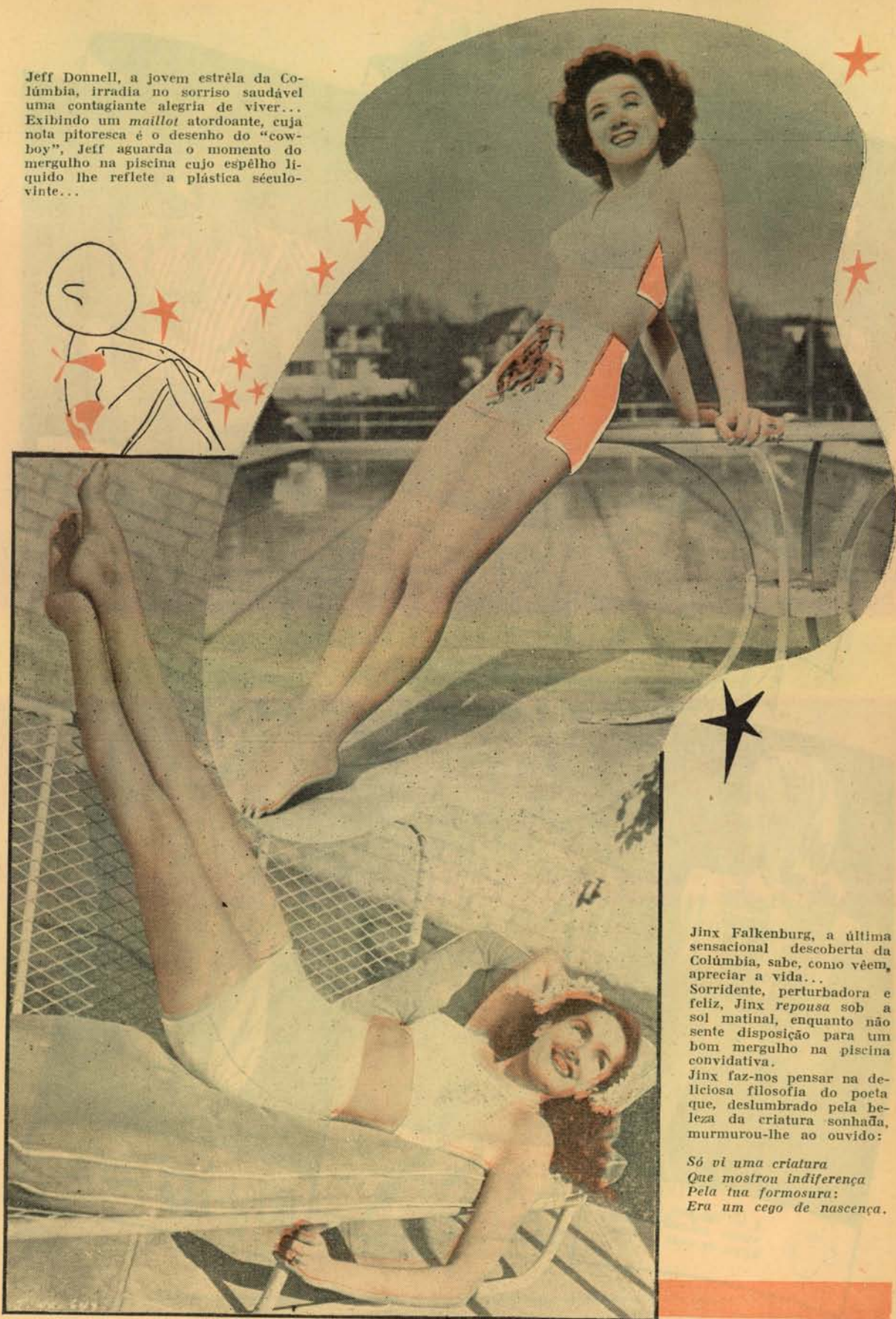
MAILLOTS

Marguerite Chapman, da Colúmbia, exhibe um dos mais modernos modelos de *maillots* para a temporada de verão. A cintura nua é a nota predominante na maioria dos lindos *maillots* que embelezam as piscinas e as praias atualmente, num desfile colorido e estonteante de criaturas maravilhosas como Margarite, que não precisa, naturalmente, de corda para laçar ninguém...

Na sua elegante *chaise-longue*, a loura Leslie Broocks da Colúmbia, após a sua leitura preferida, sorri para o fotógrafo que vai proporcionar à legião de seus *fans* a novidade do último tipo de *maillots* com que Leslie aparecerá em seu próximo filme. Para Leslie Broocks nada há melhor que uma confortável *chaise-longue*, um livro, um *maillot* ultra-moderno e... um fotógrafo camarada...



Jeff Donnell, a jovem estrela da Colúmbia, irradia no sorriso saudável uma contagiante alegria de viver... Exibindo um *maillot* atordoante, cuja nota pitoresca é o desenho do "cow-boy", Jeff aguarda o momento do mergulho na piscina cujo espelho líquido lhe reflete a plástica século-vinte...



Jinx Falkenburg, a última sensacional descoberta da Colúmbia, sabe, como vêem, apreciar a vida... Sorridente, perturbadora e feliz, Jinx repousa sob a sol matinal, enquanto não sente disposição para um bom mergulho na piscina convidativa. Jinx faz-nos pensar na deliciosa filosofia do poeta que, deslumbrado pela beleza da criatura sonhada, murmurou-lhe ao ouvido:

*Só vi uma criatura
Que mostrou indiferença
Pela tua formosura:
Era um cego de nascença.*

1 — Blusa de cambraia ou de crepe da China, enfeitada com entremelos de renda.

2 — Esta deliciosa blusa de crepe da China é adornada com duas grinaldas bordadas.

3 — Muito juvenil é esta blusa listada, feita com tecido de algodão ou seda lavável.

NOVAS BLUSAS

4 — Grupos de nervuras adornam esta blusa de seda branca.

5 — Babados do mesmo tecido conferem a esta blusa de seda uma nota original.

6 — Blusa muito original confeccionada de crepe georgette.



A pesar da enorme procura, a produção



das Meias LOBO não pode atualmente ser aumentada. Isto

porque os seus fabricantes continuam dedicando todos os

seus esforços à tarefa de produzir as melhores



meias que é possível obter no momento.



Portanto, quando adquirir Meias LOBO, limite-se a comprar



sòmente o necessário, para que maior número de

consumidores possa ser servido.



Meias

Lobo

UM PRODUTO DA
FÁBRICA LUPO

Standard Propaganda



WEEK • END

DUSTY ANDERSON, a fascinante estrê-
la da Colúmbia, oferece às suas "fans"
êste belíssimo conjunto em seda leve, no
qual se observa o talhe ousado da blusa
harmonizando-se com a simplicidade encan-
tadora da saia.

Empréstimo Mineiro de Consolidação

"Série C" - Lei n. 192, de 10 de Setembro de 1937

Relação das apólices premiadas

No sorteio de 30 de Novembro de 1945

Cr \$ 200.000,00..... 2.579.940

Cr\$50.000,00	2.861.819
Cr\$20.000,00	2.051.278
Cr\$20.000,00	2.167.561
Cr\$20.000,00	2.355.320
Cr\$20.000,00	2.725.073

PREMIOS DE CR\$ 10.000,00

2.159.066	2.181.867	2.184.337	2.196.472	2.201.218	2.315.797	2.453.619	2.679.107
			2.713.555	2.983.080			

PREMIOS DE CR\$ 5.000,00

2.142.471	2.197.264	2.250.265	2.253.468	2.322.053	2.332.537	2.351.648	2.593.396
		2.610.290	2.708.724	2.772.556	2.907.279		

PREMIOS DE CR\$ 2.000,00

2.087.551	2.144.291	2.145.917	2.179.012	2.230.760	2.234.129	2.237.617	2.248.391
2.273.921	2.339.019	2.383.431	2.434.905	2.502.642	2.549.720	2.556.334	2.592.046
2.607.709	2.613.356	2.625.915	2.774.142	2.781.692	2.797.444	2.802.639	2.898.331
	2.910.027	2.912.659	2.930.910	2.945.167	2.990.792	2.991.498	

PREMIOS DE CR\$ 1.000,00

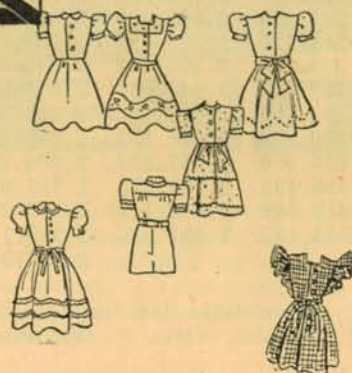
2.033.435	2.035.070	2.035.858	2.087.603	2.100.271	2.102.471	2.111.073	2.114.567
2.122.814	2.125.390	2.127.013	2.155.157	2.193.659	2.196.258	2.202.417	2.210.050
2.229.419	2.245.400	2.250.135	2.255.849	2.262.333	2.267.325	2.270.580	2.275.066
2.284.795	2.293.978	2.296.647	2.303.251	2.314.784	2.320.206	2.350.352	2.361.237
2.363.768	2.372.783	2.379.055	2.394.679	2.400.250	2.402.670	2.403.658	2.415.772
2.436.212	2.443.005	2.448.279	2.459.068	2.463.714	2.468.067	2.481.404	2.492.224
2.494.347	2.497.235	2.499.369	2.503.242	2.503.365	2.554.140	5.569.257	2.583.010
2.590.134	2.595.352	2.597.355	2.611.674	2.637.072	2.652.370	2.654.465	2.655.336
2.656.796	2.657.234	2.668.876	2.671.154	2.678.842	2.701.637	2.732.300	2.733.531
2.736.498	2.752.576	2.757.078	2.762.335	2.776.694	2.798.167	2.819.591	2.839.360
2.849.149	2.849.413	2.873.229	2.896.790	2.897.077	2.897.141	2.923.079	2.930.359
2.934.187	2.934.250	2.939.164	2.941.687	2.949.013	2.955.482	2.955.635	2.959.609
		2.967.000	2.970.963	2.977.915	2.990.043		

Secretaria das Finanças, 30 de Novembro de 1945. Benedito Tertuliano — Chefe da 1.ª Secção. Visto, F. Martins, Superintendente do Departamento da Despesa Variável.



MODIELOS

1 — Bonitinho vestido de seda lavável estampada. Leva babados e colarinho liso. 2 — Este gracioso vestidinho de cretone listado é enfeitado com tiras de fazenda branca, que devem ter desenho de alguma flor. 3 — Este modelo de seda lavável estampada pôde ser enfeitado com fitinhas em serrilha, conforme se observa no desenho. 4 — Este pequeno vestido realçado por um bordado multicor ficará igualmente bonito confeccionado em linho ou em crepe da China. 5 — Enfeites de bordado inglês alegram este vestido tipo avental de cretone em xadrez. 6 — Eis um belo modelo para meninas; crepe da China com aplicações de renda. 7 — Conjunto de linho, formado de uma blusa em tom claro adornado por uma fitinha em zig-zague. A calça é em tom mais escuro.





INFANTIS

8 — Vestido de linho liso, com barrado estampado. 9 — Rendas pregadas neste delicioso vestido de crepe da China, conforme mostra o modelo, conferem-lhe um ar gracioso e original. 10 — Adornos de veludo fazem um notável efeito neste vestido de seda estampada. 11 — Eis um vestido bem simples, confeccionado em crepe lavável, e enfeitado de laços e babados. 12 — Um bordado multi-cor em ponto-cruz torna ainda mais gracioso este modelo. 13 — Modelo distinto: blusa branca com originais aplicações de tecido estampado, do qual é confeccionada a saia ampla com os bolsos ornados do mesmo tecido da blusa.



Por que usar "Toalhas Higiênicas" se há Modess?



NÃO SACRIFIQUE, mensalmente, dias preciosos de sua juventude, escravizando-se aos métodos improvisados. Porque já existe algo que faz esquecer as atribulações dos dias críticos — Modess!

Modess não é uma "toalha higiênica"; é um absorvente cientificamente estu-

dado para proporcionar à mulher, integral conforto e proteção. Modess é baseado na necessidade expressa por milhares de mulheres.

E lembre-se: Modess é feito pela Johnson & Johnson, conhecida em todo o mundo pela excelência de seus produtos. Ao pedir, diga apenas: Modess!

Veja porque MODESS é diferente!



1. A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável — mais absorvente que o algodão!



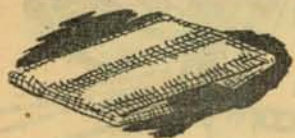
2. Três camadas de papel impermeável protegem por fora o enchimento e evitam, por completo, o perigo de nódulos na roupa!



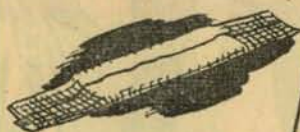
3. Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela, macios, que evitam que o fluido se espalhe!



4. Dotado de envoltório de gase cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!



5. Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior conforto e evitam irritações!



6. Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!

Amostra Grátis —

Envie-nos Cr. \$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber" CAIXA 152, BELO HORIZONTE

4 - ZZ - 246

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....ESTADO.....

N. B. - Este cupom e a importância de Cr. \$ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados.

EXPERIMENTE O NOVO MODESS!

Mais higiênico. Cada absorvente é utilizado apenas uma vez — elimina o perigo de infecções oriundas de uso repetido da mesma toalha.

Mais cômodo. Novo tamanho, mais estreito, mais prático, mais confortável.

Mais macio, graças aos novos envoltórios internos de papel especial, extremamente macio.

Nova disposição. Extremidades de tamanhos diferentes, facilitando o ajuste.

Mais discreto. Pode ser absorvido pelo W.C., conforme as instruções contidas na embalagem.

Nova embalagem. Moderna e atraente, em caixas de 12 unidades — a média que a maioria das mulheres julga necessária para cada período.



★ PRODUTO DA

JOHNSON & JOHNSON

J. W. T.



★
GENE KELLY, a revelação da Metro no gênero de revistas musicais, dedica às suas inúmeras fans brasileiras o seu melhor sorriso...

★
PARA O SEU *Album* ★

Catherine Craig aconselha os banhos de sol - O grande benfeitor da pele e da saúde.

SOL

Fonte de saúde e de beleza

O SOL constitui a única e exclusiva fonte de vida em nosso planeta. Toda energia que existe sobre a terra provém unicamente do sol. E tanto é verdade que, se por qualquer desequilíbrio cósmico, o sol desaparecesse, ou se apagasse subitamente, a vida se extinguiria neste mundo que habitamos.

Estas rápidas considerações nos levam à afirmação de que o banho solar representa um fator de saúde valiosíssimo para a vida humana, sendo também um dos processos naturais ao nosso alcance para a realização de nosso equilíbrio físico e espiritual.

Catherine Craig, a nova e linda artista da Paramount, é uma das maiores apologistas dos banhos de sol diários. Entrevistada, há pouco, em Hollywood, por um jornalista, a insinuante estrela assim se expressou, com entusiasmo:

— E' com verdadeiro prazer, íntima satisfação e transbordante alegria mesmo, que tomo, diariamente, banhos de sol, usando um método acessível a todas as criaturas que desejam, como eu, manter o equilíbrio da saúde, fortificando o organismo à benéfica influência da helioterapia. Possuo inúmeras amigas, e entre elas algumas artistas como eu, que não toleravam os banhos de sol, ao que eu lhes ponderava ser apenas uma questão de hábito, persistência e obediência absoluta à regra dessa arte sutil de beleza e terapêutica.

E Catherine aconselha:

— Não há mais que um modo de apreciar o benefício que o sol pode nos proporcionar: tomando banhos de sol. E' o conselho que dou às minhas amiguinhas brasileiras. Aos raios solares, sentimos como que renovados os nossos organismos, a disposição para as atividades é outra, e notamos redobrada a alegria de viver, que é, para as mulheres, a verdadeira felicidade!

O GRANDE BENFEITOR DA PELE E DA SAÚDE

Os esportes, as viagens, os movimentos contínuos, a vida ao ar livre, são manifestações trepidantes da existência moderna, que exige da mulher uma epiderme sadia e resistente. Esta é a razão por que, seja no mar, na montanha, nas margens lacustres, nos campos da planície, o banho de sol faz parte integrante do



CATHERINE CRAIG, a linda estrela da Paramount, no seu banho matinal de sol sob a guarda vigilante do seu cão aristocrático

período de requisição de energias gastas.

Os benefícios que os raios luminosos proporcionam à pele, são consideráveis. Destroem os micróbios e melhoram o estado geral, base incontestável de uma linda tez. As epidermes gordurosas, principalmente, lucram de modo extraordinário com a ação benéfica do sol, livrando-se da seborréia e da sua complicação, o acné. Se o vosso dorso, queridas leitoras, ou as vossas espáduas, apresentam esses indesejáveis botões, não hesiteis um só segundo em expô-los aos benditos raios do sol. Antes, porém, deveis atentar na graduação cuidadosa do banho solar: a sua aplicação é altamente aconselhável para as pessoas sãs e enfermas, pois não há no seu uso diário contraindicação nem inconveniente de nenhuma natureza, mas a rigorosa observância do método aliada a dos conselhos médicos, constitui a chave do segredo solar...

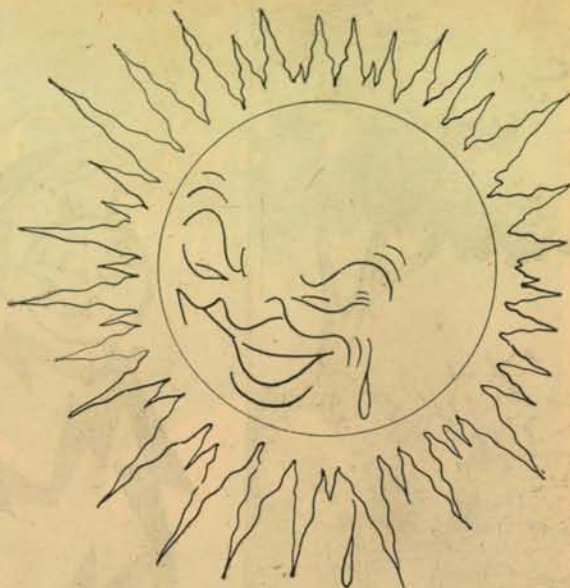
Pessoas há que, tendo assistido a corridas ou a jogos de "foot-ball", julgam-se suficientemente beneficiadas com o banho de sol que tomaram durante o transcurso das provas... Outras pessoas acham que lhes seja suficiente o banho de sol que tomam nas praias ou nas margens das piscinas, enquanto esperam a coragem para cair na água... Nada mais ilusório. Nada mais nocivo. Tratamos e recomendamos, aqui, o banho de sol cientificamente administrado e cuidadosamente tomado, pois, segui a observância do método, o resultado é negativo e, quase sempre, maléfico. Se as queridas leitoras procederem como indicamos, obterão resultados positivos:

No primeiro dia, banharão, durante cinco minutos apenas, as pernas, até os joelhos. No segundo, repetirão o banho anterior e exporão, a seguir durante cinco minutos, os músculos das coxas aos raios do sol, num total de dez minutos. No terceiro, repetirão o banho anterior, acrescentando mais cinco minutos para banharem a região abdominal. No quarto dia, repetirão o mesmo banho. No quinto, acrescentarão cinco minutos para banhar o peito, completando, portanto, o total de 20 minutos. Aumentando, sucessivamente, dois minutos por dia, terão como limite o período de quarenta minutos ou uma hora, conforme a suscetibilidade epidérmica ou a tolerância orgânica, determinadas por especialistas. Convém atentar que o tempo total indicado refere-se ao banho de corpo inteiro, ou seja para as costas e a frente, motivo por que deve ser dividido, desde os cinco minutos iniciais.

Para uma pele delicada se acostumar com os rigores dos raios solares, às vezes é necessário certo tempo. Jovens há que, ao sol, se queimam logo nos primeiros dias, estragando a pele, que se solta à ação solar. São casos em que, às vezes, não houve observância às regras nem um pouco de paciência, tão necessária no tratamento helioterápico. Outras vezes, no entanto, o motivo principal está na carência de certas vitaminas no funcionamento deficiente do fígado e dos intestinos, assim como de determinadas glândulas de secreção internas. Devem essas pessoas, por este motivo, renunciar aos banhos de sol? Não, absolutamente. A ciência médica tem encontrado processos eficazes para corrigir essas deficiências. Por isso, antes de renunciar ao sol, essas pessoas devem visitar os seus médicos de confiança, que lhes indicarão a maneira de usufruírem, sem nenhum perigo, os incalculáveis benefícios do sol.

A SILHUETA FEMININA

As relações que existem entre os banhos de sol e a silhueta feminina, merecem um comentário especial. Há quem diga que os banhos solares fazem emagrecer, enquanto outras pessoas opinam que fazem engordar. Quem tem razão? A resposta para tal pergunta é verdadeiramente salomônica: engordam e emagrecem. Mas, como? Os

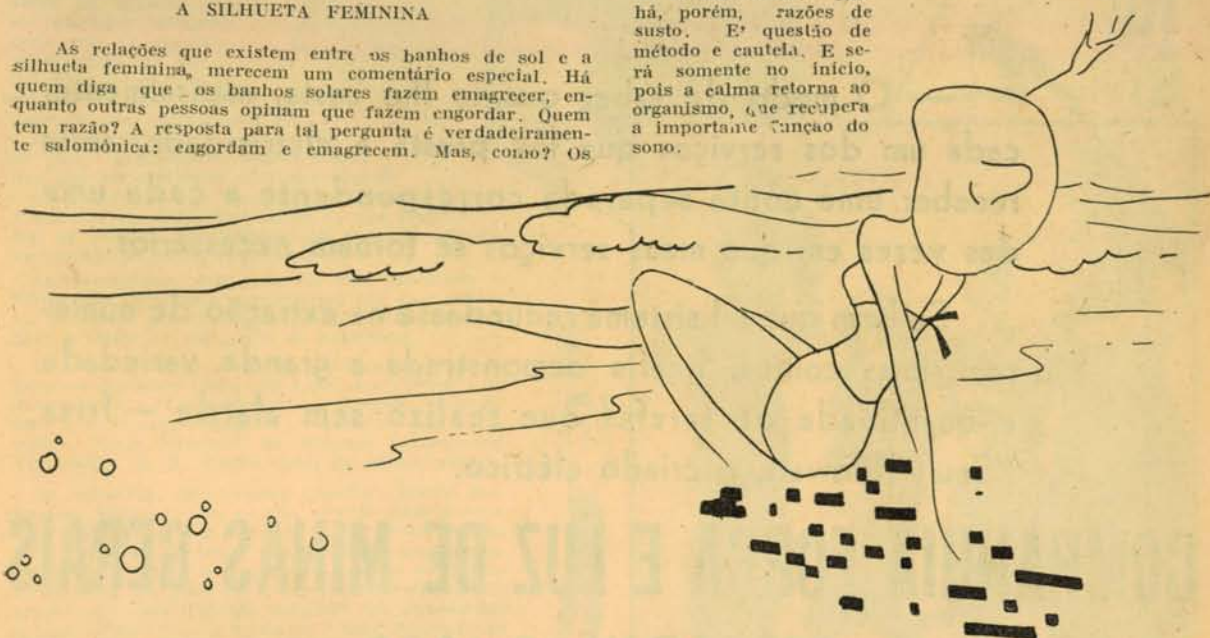


banhos de sol fazem engordar e emagrecer ao mesmo tempo? Que loucura é esta? Não é loucura mas a realidade: engordam os fracos e emagrecem os gordos. Por mais impossível que se nos afigure, tal milagre se produz. Expliquemo-lo.

O sol é, antes de tudo, um regularizador das funções da nutrição, normalizando-as sempre. Quando as mesmas se acham retardadas, o sol as acelera, estimulando-as em todos os casos. Provoca, por uma parte, a combustão da gordura excessiva, e elimina os resíduos, adelgaçando, assim, os obesos. Por isso, favorece a formação de novos tecidos e a criação de reservas vitais nos organismos desnutridos. Não se faz aqui, evidentemente, a apologia da alimentação excessiva para comprovação da ação do sol... Há, sim, necessidade de escolhermos alimentos assimiláveis e próprios à época em que nos submetemos à ação terapêutica dos raios solares.

O banho de sol, cientificamente orientado, estimula também o apetite, favorece a nutrição e conduz o organismo à normalização do seu peso. E' o sol, assim, um grande tônico, e não há uma única célula orgânica que não receba o influxo vivificador de seus raios milagrosos. Os apáticos, os desenganados, que às vezes não o são, os que se sentem sem forças, aqueles que hajam perdido a alegria de viver, devem tomar banhos de sol, porque sentirão o milagre da renovação celular em todo o organismo.

O grande estímulo que o banho solar insufla no organismo, poderá causar nas pessoas nervosas, no início do tratamento, uma leve irritabilidade. Não há, porém, razões de susto. E' questão de método e cautela. E será somente no início, pois a calma retorna ao organismo, que recupera a importante função do sono.





NUMA CONTA SÓ...

— O modo de saber quanto lhe custa, mensalmente, cada um dos serviços que lhe presta a eletricidade, seria receber uma conta separada correspondente a cada uma das vezes em que meus serviços se tornam necessários.

Se bem que tal sistema redundasse na extração de numerosíssimas contas, ficaria demonstrada a grande variedade e quantidade de tarefas que realizo sem alarde — frisa "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

COMPANHIA FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS

TELEFONE 2-1200

O "Ballet" da Juventude



O "BALLET DA JUVENTUDE" é uma organização moça composta por jovens e destacados solistas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que visa propagar pelo Brasil a dança clássica em sua mais pura e perfeita expressão. Enquanto que na Inglaterra a dança clássica constitui uma das maiores forças do teatro inglês ou nos Estados Unidos, onde ele atinge no momento um grau de adiantamento assombroso, ou ainda na Rússia, onde o interesse existente para com as grandes companhias de bailados e suas estrelas é equivalente ao interesse pelo cinema norte-americano e seus astros entre nós, no nosso país, infelizmente, muito ainda tem que ser realizado para que o gosto e o conhecimento do "ballet" não seja privilégio de um reduzido público de São Paulo e Rio de Janeiro, tornando-se um assunto, um divertimento de milhares de brasileiros.

Apresentando-se este mês em Belo Horizonte o "Ballet da Juventude", constituirá um caso inédito, pois pela primeira vez a capital mineira receberá a visita de um grupo de bailarinas.

Do repertório do conjunto constam trechos de famosos bailados como "O Lago dos Cisnes", de Tchaikowski; "Les Sylphides", de Chopin; "Scherezade", de Rimsky-Korsakow; "Carnaval", de Schumann; "Beau Danube", de Strauss; "A Papoula Vermelha", de R. Gliere, além de vários outros.

As bailarinas são Tamara Capeller, Bertha Rosanova, Vilma Lemos Cunha, Oneide Rodrigues e Jacqueline Raymond, além de Carlos Leite, dançarino e diretor de cena. Organizado o grupo pela Federação Atlética de Estudantes teve os seus dois espetáculos no Distrito Federal apresentados em combinação com a União Nacional dos Estudantes e aqui contam com o apoio da União Estadual de Estudantes e a Federação Universitária Mineira de Esportes.



Moderno Fixador

LOÇÃO FIXADORA
HERÚ

Reunindo qualidades técnicas insuperáveis, a LOÇÃO FIXADORA HERÚ perfuma delicadamente, fixa, dá brilho e não engordura os cabelos.

A LOÇÃO FIXADORA HERÚ não coça, não mancha nem estraga os chapéus.

BELO HORIZONTE - Heli Pimentel & Cia. - C. P. 242
RIO J. R. de Almeida & Filho - C. P. 3485
CAMPOS M. O. Mathias & Cia. Ltda. Rua Carlos de Lacerda, 11.

✱

Ao fazer as suas compras, tenha em vista um produto muito anunciado e necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.

✱

Talco Malva

IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ

FINISSIMO E
PERFUMADO

FORMULA DO
DR. ANTONIO ALIXO
DA FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
DE MINAS GERAIS

PERFUMARIA MARCOLLA
BELO HORIZONTE

SUGESTÕES PARA

IVETE

O BANHO



O BANHO é, sem dúvida, o mais importante agente de saúde e de beleza da mulher. Não se deve, porém, persistir na suposição de que a permanência na banheira, durante um longo ou curto espaço de tempo, tendo-se o corpo coberto com água morna e espumosa, seja o suficiente para se usufruir do banho todos os reais benefícios que ele pode nos proporcionar.

Na certeza de estarmos contribuindo para a melhor orientação do tratamento de beleza

de nossas queridas leitoras, apresentamos, aqui, a sugestão de um banho completo, de efeitos seguros e positivos para a saúde e o bom aspecto da epiderme.

Confeccionam-se duas pequenas bolsas com uma fazenda resistente e enchem-se as mesmas com farinha de aveia. Prepara-se a água do banho, que deve ser bem quente e em quantidade suficiente para cobrir todo o corpo quando este ficar estendido na banheira. As bolsas devem ser postas dentro da água para se entumescerem.

Após permanecer a pessoa dentro da água durante dois minutos, tempo suficiente para que os poros se abram, deve-se erguer o corpo, esfregando-o bem com sabão e fazendo-se demorada massagem, com os dedos, num movimento circular, na região compreendida entre os ombros e a cintura. Outra vez submerso o corpo, para livrar-se da espuma, deve-se repetir a operação, após curto descanso.

Depois de enxaguar-se, deve-se apanhar as bolsas e com elas esfregar o corpo de cima para baixo. Enxaguando-se, novamente, antes de enxugar com a toalha, se tirará a água do corpo da melhor forma possível com ambas as mãos espalmadas. Esta espécie de massagem após o banho suaviza a pele extraordinariamente.

As manchas que se observam às vezes nos ombros, nas espáduas e no peito, não são difíceis de desaparecerem se se recorrer aos sais de banho duas vezes por semana, deitando-se um pouco após a aplicação. Toma-se da toalha, depois do banho, espalhando-se na mesma os sais de banho em abundância e esfregando-se com ela o corpo num movimento circular. Os sais farão arder a pele, avermelhando-a, especialmente nos lugares afetados pela sua erupção, porém sem dúvida a passageira moléstia nada significará comparada com a satisfação causada pelo resultado do tratamento. Bem esfregado o corpo, usar-se-á grosso roupão, próprio para os banhos quentes. Recolhendo-se ao leito, com restos de sais ainda aderidos ao corpo, pode-se ter a convicção de que se obterá em curto espaço de tempo uma pele limpa, livre de impurezas.

A SUA BELEZA

MARION

HARMONIA DO BUSTO

É FREQUENTE observar-se que as pessoas de queixos grossos têm igualmente ombros redondos, consequência natural de posições incorretas, que comprometem muitas vezes a beleza feminina de forma irremediável.

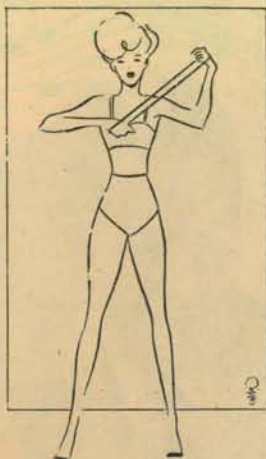
E' muito comum ver-se uma jovem magra com o queixo grosso, incorreção que só se pôde atribuir àquele defeito.

A solução desses problemas não é, entretanto, tão difícil quanto pode parecer à primeira vista, dependendo, na realidade, de uma justa compreensão de suas causas.

Certos auxílios, tais como umas tiras largas colocadas em volta do queixo e a aplicação de manteiga de cacau para o busto, ou suspensórios, oferecem pequenas probabilidades de êxito, com efeito. Mas, por que não fazer, simultaneamente, uma tentativa para eliminar as causas determinantes dessas regularidades que tanto comprometem a beleza feminina?

Citemos o caso de uma senhorita, que era muito magra e alta demais para a sua idade. Ela dormia e comia bem, mas não conseguia aumentar o peso. Os músculos de suas costas eram fracos e moles e daí inclinar o seu pescoço demasiadamente para a frente. A sua posição incorreta era devida ao esforço que fazia para parecer mais baixa. Ela se sentia vexada com o seu pescoço, a linha das costas e o busto. Um exame a que foi submetida por um médico especialista, revelou que as amígdalas precisavam ser removidas. Depois de ter sido operada e obturar vários dentes, começou a recuperar suas energias, fortalecendo os músculos das costas por meio de exercícios regulares de extensão. Ninguém consegue desenvolver os músculos senão por meio de exercícios enérgicos e regulares, que afastam a indolência e dão novo vigor ao corpo. Dêse programa de revigoração físico devem constar, aliás, os exercícios de parede, que auxiliam muito o desenvolvimento dos músculos, principalmente do busto.

Esses exercícios consistem em segurar-se os elásticos do aparelho de ginástica, movendo-se vagarosamente os braços para frente e para trás e retezando, na medida do possível, os músculos do busto. Não se deve, porém, empregar força superior às nossas possibilidades físicas, de modo a não desvirtuar os objetivos do exercício. Uma simples inclinação do pescoço para trás, em combinação com esse exercício, melhora sensivelmente a linha do peito. Quando a cabeça é muito inclinada para as costas, convém fazer movimentos vigorosos com as mandíbulas fechadas, como se estivesse mastigando alguma coisa, conservando, porém, os lábios bem cerrados.



ONTEM
TOSSINDO

HOJE
SORRINDO



EM
24 HORAS
DEIXO
DE FLUXO
E TU
MANIFE
TACOEI.

**PEITORAL
DE ANGICO
PELOTENSE**

EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES

Em 93% dos municípios
brasileiros há segurados
da Sul America.

Em 50 anos de trabalho honesto e construtivo, a Sul America estendeu a 1548 dentre os 1668 municípios brasileiros o seu serviço de proteção à Família Brasileira.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida





Fotos Paramount

✱

Eis uma fotografia histórica...

Bing Crosby, Al Rinker e Harry Barris, componentes do famoso trio artístico "Rhythm Boys", quando gozavam de grande popularidade cantando na orquestra de Paul Whiteman.

Bing e Harris participaram mais tarde, de inúmeros filmes, entre os quais "Melodia Roubada" e "Sinfonia Bárbara", da Paramount.

Dos três, Bing ascendeu mais alto, sendo considerado atualmente um astro de primeira grandeza do cinema moderno e uma força atrativa para as bilheteiras...

✱ ✱ ✱

BING Crosby, o famoso "crooner", foi recentemente proclamado pela unanimidade da crítica cinematográfica norte-americana, o melhor ator do ano, graças ao seu magistral desempenho no papel do padre O' Malley em "O Bom Pastor" da Paramount, que há pouco aplaudimos.

Realmente, Bing Crosby mostrou-se verdadeiro artista pela naturalidade com que desempenhou o difícil papel e ninguém poderia supor que êle pudesse viver com tanto realismo a figura de um jovem e moderno padre católico.

Talvez pudesse parecer, à primeira vista, que a interpretação do famoso "crooner" fôsse uma experiência irreverente. Muitos fans perguntaram, surpresos: "Bing Crosby vestindo

batina"? De fato, ninguém poderia supor que o querido "cantor da voz de veludo" fôsse capaz de tal "proeza", muito embora Léo Mac-Carey, autor do argumento, afirmasse que Crosby poderia interpretar melhor do que ninguém a humaníssima figura do Padre O' Malley, porque êle, Léo, o considerava um verdadeiro artista, capaz de vencer em qualquer gênero...

Essa afirmação do respeitável Léo Mac-Carey fêz-nos evocar a figura de Harry Lillis Crosby — que é o verdadeiro nome de Bing Crosby — no início de sua carreira artística, revelando-se, pouco a pouco, autêntico artista em todos os gêneros.

Bing iniciou suas atividades no teatro, como membro de um

trio popular, intitulado "Rhythm Boys", que acompanhava a orquestra de Paul Whiteman, nas suas sensacionais *tournées* pelos Estados norte-americanos.

Os outros dois membros do grupo eram os irrequietenos Al Rinker e Harry Barris.

Já sabemos que um componente desse grupo alcançou a celebridade na arte cinematográfica e que agora os seus filhos, talvez à força irresistível da hereditariedade, começam a seguir as pegadas do pai.

Esse pequeno quarteto, já bastante famoso em Hollywood, compõe-se de Gari, Phillip, Dennis, e Lin Crosby, que vão fazer, muito breve, a sua estréia em um filme intitulado "Do Outro Mundo", que, pelo título, promete.

Logo após, filmarão, para a

Paramount, outro filme ainda sem nome em português.

Dêsses quatro notáveis garotos, Gari é o único que já atuou ante uma câmara cinematográfica.

Acompanhado do seu famoso progenitor, Gari participou de algumas cenas de "Coquetel de Estrélas", o delicioso filme que boas gargalhadas nos proporcionou. E foi durante a filmagem desse filme engraçadíssimo — lembrem-se dele? — que Bing Crosby, entrevistado por um repórter sobre a sua ilustre filharada, declarou, entre um sorriso e uma fumaramba de seu indefectível cachimbo, que os seus filhos estavam aprendendo também a criar gado...

Sorriu para o repórter, que se mostrava surpreso, e justificou:

— Os garotos, meu caro, parece que não deslustrarão o nome paterno, se me permite a imodéstia... Mas a vida é cheia de surpresas, como sabemos. E o cinema é uma miragem que deslumbra os artistas que iniciam sua carreira, iludindo-os, às vezes, até o fracasso total, irremediável. Sendo assim, os garotos aprendem a criar gado, pois, no caso de não se darem bem no cinema, a fazenda está lá a espera deles...

Bing Crosby deixa transparecer a íntima alegria que lhe vai na alma quando fala nos seus guris. E tem razão, porque os garotos são realmente inteligentes e seguem brilhantemente as pegadas do pai na arte de representar.

Bing Crosby tem um metro e setenta e cinco de altura, pesa setenta e quatro quilos e tem olhos azuis. Faz anos no dia 2 de maio. Gosta de livros e de música e, com referência a teatro, aprecia dois extremos: o clássico e o ultra-moderno. Bing é considerado nos círculos musicais de destaque e entre os próprios artistas do "Metropolitan Opera" de Nova York, um cantor de mérito. A Universidade de Gonzaga, onde Bing fez seus estudos, conferiu-lhe o título de doutor "honoris causa" em música, tendo assim conquistado a posição invejável de uma instituição, porque sobressaiu-se de forma invulgar no rádio, na tela e através de suas canções gravadas em discos.



Aqui está uma fotografia desse pai tão orgulhoso de seus filhos, tomada logo depois da filmagem de "O Canto da Sereia", de que é também o protagonista, e na qual o famoso cancionista e Sonny Tufts têm que se entreter com duas Betty Huttons, que faz o papel de duas irmãs gêmeas. Bing Crosby leva a vantagem com Sonny Tufts pois também em sua família há dois gêmeos, seus filhos Phillip e Dennis.



O quarteto mais famoso de Hollywood formado pelos filhos de Bing Crosby: Gary de 11 anos, os gêmeos Phillip e Dennis, de 10 anos e Lynn, o mais novo, de 6, vai diretamente do berço ao "set" para a filmagem de "Do Outro Mundo", da Paramount. Já são cancionistas de rádio, atores dramáticos, comédicos e criadores de gado, e lá está o sorriso otimista para garantia do êxito que os espera.

ENVELOPE CAMPEÃO ? E DINHEIRO NA MÃO!

LOTERIA FEDERAL

EXTRAÇÕES EM JANEIRO DE 1946

Dia	Premio maior	Preço inteiro
2	500.000,00	70,00
5	1.000.000,00	120,00
9	500.000,00	70,00
12	1.000.000,00	120,00
16	500.000,00	70,00
19	1.000.000,00	120,00
23	500.000,00	70,00
26	500.000,00	70,00
30	500.000,00	70,00

LOTERIA DE MINAS

EXTRAÇÕES EM JANEIRO DE 1946

Dia	Premio maior	Preço inteiro
4	300.000,00	40,00
11	200.000,00	30,00
18	300.000,00	40,00
25	200.000,00	30,00

DE ONDE QUER
QUE VOCÊ RE-
SIDA, PODERÁ
PEDIR O SEU
BILHETE AO

CAMPEÃO DA AVENIDA

NÃO MANDE
DINHEIRO EM
REGISTRADO
SIMPLES

ROCHA

Av. Afonso Pena, 612 e 781 - C. Postal 225-End. Teleg. "Campeão" - B. Horizonte

ALERGIAS, ALERGENOS E ALERGISTAS

(CONCLUSÃO)

êles suficientes quantidades para provocar sintomas alérgicos. Um médico de Oklahoma informa o caso de um bebê de cinco meses que lhe foi apresentado por sofrer de forte asma. Quando o menino tinha três meses foi posto sob um regime de leite de vaca. Uma semana mais tarde, começou a ter sérios acessos de asma e, submetido a "test", reagiu altamente a tôdas as formas de proteína do trigo. Mas de onde estava êsse menino recebendo trigo? Sua dieta consistia exclusivamente de leite de vaca. A ama informou que uma determinada vaca estava sendo usada para fornecer leite ao menino, a qual estava sendo alimentada com farelo. O médico sugeriu que o leite fôsse obtido de vacas que se alimentassem somente em pastagens verdes. Assim feito, a asma desapareceu e o menino permaneceu livre de sintomas até três anos de idade. Nele, então, desenvolveu-se uma nova sensibilidade para com ovos e penas. E aos seis anos é ainda tão sensível ao trigo que um pedacinho de pão do tamanho de um grão de trigo causa-lhe engrossamento da língua e a volta dos sintomas de asma.

E houve o caso do homem que odiava as reuniões sociais. Sua esposa lamentava-se que êle era do tipo do caseiro. Preferia ir aos jogos de futebol, em maiores ou menores recintos ao ar livre, onde não existissem mulheres, assim falava êle frequentemente. A esposa sentia-se ofendida, jamais suspeitan-

do que seu marido era uma daquelas pessoas altamente sensíveis à raiz de lírio, ingrediente comum aos cosméticos e far-tamente presente no ar em tôr-no às pessoas maquiladas. Sempre que o homem inalava raiz de lírio — descobriu o alergista — sentia-se deprimido e incomodado; seus olhos lacrimejavam e seu nariz comichava. A única das amigas de sua mulher cuja presença não o incomodava era uma que usava um pó-de-arrrôs à base, casualmente, de amido.

Quando um alergista vos examinar, êle vos perguntará coisas muito pessoais a respeito de vossa família. Êle terá muito empenho em pesquisar se vossa família tem tendência para os resfriados ou para as dores-de-cabeça, ou se o vovô têm asma ou se a tia tem eczema. Tivestes algum parente que sempre falasse na própria sinusite? Não tenhais segredos para vosso alergista. Há também o assunto de vossa ocupação ou manias. Nada oculteis a respeito delas. Pois onde viveis, como viveis e o que fazeis determinam vosso ambiente e os tipos de alergenoss aos quais estais mais frequentemente expostos.

*

Um menino de dois anos subitamente apresentou-se com asma. O pai trabalhava em um celeiro e manejava alfafa. Notou êle que a asma de seu filho piorava à noite. Quando consultou um alergista, afirmou estar seguro de que havia al-

guma conexão entre seu trabalho e a asma de seu filho. "Nós vivemos somente a dois quartos do celeiro"; explicou o pai, "e Olavo sempre começa a respirar com um chiado forte assim que eu volto do trabalho". Estava certo. O menino Olavo era sensível às insignificantes partículas de alfafa que eram trazidas à casa nas roupas do pai.

Alergistas têm ouvido as mesmas afirmações centenas de vezes. Ainda assim, êles sabem que a menos que a completa cooperação e a confiança do cliente sejam obtidas, o caso é sem esperança. Porisso explicam que nenhum tratamento é absolutamente certo, que nenhuma garantia pode ser oferecida, pois os alergistas nem sempre conhecem a causa da alergia. Porque umas pessoas são alérgicas e outras não o são, é algo que não pode ser completamente explicado. A tendência a desenvolver condições alérgicas é parte do padrão físico das pessoas e os alergistas sabem muito pouco acêrca disso. O que êles tratam são os sintomas da alergia e em muitos casos obtêm completo alívio. O tratamento alérgico consiste em identificar e eliminar aquelas coisas do ambiente que são responsáveis pela produção dos sintomas. O sucesso depende de como o alergenoso ofensivo possa ser completamente identificado e eliminado. A tendência alérgica em si mesma é incurável porque os médicos não lhes conhecem a cau-

sa; mas os sintomas de alergia são curáveis e a cooperação e o interesse do cliente são sempre fatores determinantes da cura.

Assim, as doenças alérgicas de ontem, são hoje encaradas com meros sintomas indicando uma constituição alérgica. O inteligente método alérgico não permite mais que a asma seja tratada como uma enfermidade isolada, por exemplo. O as-

mático é hoje tratado tendo em vista prevenir ulteriores desenvolvimentos alérgicos. Talvez o alvorecer da medicina de amanhã venha a permitir o diagnóstico. E o tratamento da alergia na criança venha a ter a mesma significação e receber os mesmos cuidados que as vitaminas adequadas e o equilíbrio mineral dos regimes alimentares que lhe são hoje prescritos.

LIVROS NOVOS

CONCLUSÃO

NAS TERRAS DO REI CAFÉ. —

Francisco Marins — Edições Melhoramentos — S. Paulo.

Procurando despertar no espírito das crianças o amor pela vida do campo e pelo trabalho da terra, ao mesmo tempo que narra a interessante e lendária história do café, Francisco Marins escreveu um livrinho útil e patriótico, que mereceu elogioso comentário do Prof. Lourenço Filho, que o considerou uma obra admirável.

AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Mark Twain — Editora Vecchi — Rio.

Samuel L. Clemens, que tornou mundialmente famoso seu pseudônimo de "Mark Twain", foi extraordinário escritor e genial humorista. "Tom Sawyer", que foi esmeradamente traduzido por Galvão de Queiroz, é uma de suas obras mais notáveis. E a Vecchi a apresenta com uma bela capa de Ramon Hespánha.

O PROBLEMA DA LIBERDADE —

Fulton John Sheen — Livraria Agir Editora — Rio.

Nesse extraordinário livro, as questões mais difíceis sobre a filosofia e a prática da liberdade são tratadas numa linguagem rica de alusões às coisas comuns da existência com um senso do concreto e do normal que fazem dele, a um tempo, obra de leitura agradável e de consulta obrigatória.

"O Problema da Liberdade" é livro indispensável a todos que pretendem pensar e são obrigados a viver as angustiosas mas não insolúveis questões dos dias decisivos por que passam todos os povos.

O MUNDO E SUAS MARAVILHAS —

Edições Anchieta.

Mais dois excelentes volumes acabam de ser lançados pela conceituada casa Editora Anchieta, na sua interessante coleção "O Mundo e suas Maravilhas": "No Egito Antigo" e "A Fábrica Química do Corpo Humano". De boa apresentação gráfica, esses dois novos trabalhos constituem ótimas publicações.

BEBIDA Diplomática...



Onde quer que se encontre o CAFÉ promove logo um ambiente de cordialidade. É o diplomata por excelência nas reuniões de gabinete ou no seio das mais humildes famílias. Mas CAFÉ diplomata só é o "CAFÉ FINO" sem mistura, preparado tecnicamente no



RUA RIO DE JANEIRO, 390
ESQ. TUPINAMBÁS



PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA

Combate as Feridas,
Espinhas, Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismo

Boas Festas

Ao ensejo das festas de Natal e Ano Novo, centenas de cartas, cartões e telegramas nos foram gentilmente endereçados pelos nossos estimados leitores, assinantes, anunciantes, agentes, correspondentes e colaboradores. Somos imensamente gratos a essas inequívocas provas de apreço que para nós valem por confortante estímulo, e a todos esses nossos bons amigos retribuimos sinceramente as saudações que nos enviaram, consignando aqui a intensa alegria que nos causaram suas mensagens de confraternização.

A Direção de "Alterosa"

ALTEROSA

NO RIO E SÃO PAULO

Esta revista é encontrada à venda no Rio de Janeiro, a partir do dia 8 de cada mês, nos seguintes pontos e bancas: Estação D. Pedro II, Estação dos bondes de Santa Teresa, Estação da Leopoldina, Estação das Barcas, Galeria Cruzeiro (em ambas as bancas), Largo de São Francisco, esq. de Andradas, Casa Vanni, Cinelândia, em frente ao Império, Agência Vitória, Hotel Serrador, Livraria Freitas Bastos, Rua Visconde de Inhaúma, esq. de Av. Rio Branco, e nas principais bancas de Copacabana.

Em São Paulo, nas bancas do Centro e com os distribuidores gerais, Agência Siciliano.

O CIVISMO DA MULHER BRASILEIRA

★ DJALMA ANDRADE ★



A mulher brasileira sempre se interessou pela política nacional. Temos a confirmação dessa verdade num despacho telegráfico que nos vem do Ceará com a notícia de que, ali, há mais eleitoras do que eleitores. O fato só poderá causar surpresa aos que não conhecem a nossa história cheia de gestos de patriotismo e abnegação das nossas heróicas patriotas. Acreditamos mesmo que seja a ternura pela pátria um dos mais belos dotes da mulher brasileira. E' pena que os nossos prosadores e poetas tão ardentes na exaltação da graça, da virtude, da plástica das filhas desta terra se esqueçam dos predicados de patriotismo tão nítidos nas nossas mulheres.

Júlio Dantas, observando superficialmente a nossa gente, errou quando há trinta anos passados, escreveu no seu livro "Eva", no final de uma crônica sutil: — "Não me parece que a brasileira deseje muito votar, e creio que só terá prazer em ser votada... nos concursos de beleza". Ai está o desmentido: — no Ceará, e em muitos outros Estados, o eleitorado feminino é mais denso, firme e esclarecido do que o masculino.

Esse desejo de tomar parte na luta por uma pátria melhor é antigo na mulher brasileira. Anita Garibaldi, Maria da Cruz, Bárbara Heliodora e muitas outras se sacrificaram pelo Brasil, em tempos remotos. Mas não queremos falar nas heroínas que estão nas páginas da história como símbolos de bravura e dedicação ao Brasil. E' melhor exaltar as mães, esposas, noivas e irmãs que não estão citadas nos livros e que, nem por isso, merecem menos o nosso respeito e a nossa admiração. Mulheres de fibra espartana que na aurora da nacionalidade animaram os maridos, filhos e noivos a lutar pelo Brasil. Descendentes daquelas mulheres do Sêrro que, há mais de um século, em documento que é uma glória para Minas, se alistaram nas hostes de Teófilo Otoni, dispostas a todos os sacrifícios pela vitória dos princípios liberais. Eram elas apenas dezoito, mas o perfume das suas virtudes se espalhou pelas nossas montanhas despertando os sentimentos cívicos nos corações de todos as brasileiras.

O nosso passado está cheio de mulheres assim. Conta Ernesto Sena que D. Rosa Paulina da Fonseca, mãe de Deodoro, ao saber do rompimento com o Paraguai, fez seguir para o campo de batalha seis dos seus filhos e, pouco depois, o sétimo, ainda de menor idade. Três dêles tombaram mortos em Curupaiti e Ipororó. Dois outros, entre os quais Deodoro, foram gravemente feridos. Ao ter noticia, porém, de que se preparava a paz com o inimigo — paz sem vitória — não se conteve:

— Prefiro não ver mais meus filhos! Que fiquem todos sepultados no Paraguai, com a morte

gloriosa no campo de batalha, do que enlameados por uma paz vergonhosa para a nossa pátria!

Outra mulher de grande bravura moral foi D. Ana Gabriela de Campos Sales, esposa do notável estadista que salvou, na sua época, as finanças nacionais. Quando Campos Sales, à noite, ia encontrar-se com os seus amigos que conspiravam contra o trono, dizia-lhe:

— Não se lembre que tem mulher e filhos. Pense apenas no Brasil.

Mudado o regime, quando Campos Sales, na presidência da República, era tenazmente combatido pela imprensa, a esposa, que conhecia a pureza dos seus sentimentos, se exaltava. Conta Antônio Ribas que o estadista, procurando acalmá-la, dizia-lhe que política era aquilo mesmo, e que ela estava no dever de tudo sofrer pela República.

— Não; isso, não! protestava a esposa.

E na sua indignação:

— A República tem direito à sua vida; mas à sua honra, não!

Acabamos de ter provas da serena bravura das mães brasileiras na guerra que há pouco terminou. Elas viram os filhos partirem para terras remotas, armados para a luta contra um inimigo poderoso, feroz e traiçoeiro. Nenhuma delas protestou, muito pelo contrário, todas animavam os jovens combatentes com exemplos de coragem e patriotismo. Muitas perderam seus filhos, sem o consolo de nem ao menos poder visitar os seus túmulos que lá estão, em filhas, no Cemitério de Pistóia. Pensam apenas numa cruz modesta, fincada numa cova rasa, envolvida pela bruma de melancólica aldeia italiana. Nada mais. E, no entanto, essas mães ainda vivem, ainda batem palmas aos que voltam vitoriosos, ainda estão dispostas a mandar outros filhos, se, por desgraça, o Brasil precisar do sacrifício de outras vidas.

Mas não é só nos campos de batalha que se serve à Pátria. As mulheres brasileiras bem sa-

bem disso. Alistando-se eleitoras prestam um grande serviço ao Brasil, na hora presente.

As eleições honestas, livres e arejadas evitam revoluções sangrentas. As brasileiras têm a impressão nítida da gravidade da hora que passa e, por isso, se alistam para auxiliar-nos na reconstrução do Brasil tão devastado pelos erros e pela ambição dos políticos.

Estamos, neste momento, reconstruindo a Pátria. Cada voto representa uma pedra na grande obra. Que não fique uma só brecha que faça perigar o edifício. Nesta tarefa não podemos dispensar o auxílio da mulher, a clarividência do seu patriotismo e a firmeza das suas convicções. Alistem-se todas, venham para a praça pública dizer o que pensam e apontar rumos ao Brasil.

Os homens não devem se envergonhar de seguir os seus conselhos. Durante longos anos só eles decidiram os destinos da Pátria e os seus erros foram muitos e, não raro, irremediá-

veis. As nossas patricias, até agora, não nos desapontaram.

Fizeram a propaganda dos seus candidatos com inteligência e bravura. Muitas possuem dotes oratórios e elegância de estilo. Mais sagazes do que os homens, saberão com habilidade resolver intrincados problemas políticos.

Vamos deixar de lado os elogios à beleza, à graça, à candura da brasileira. Parece que nesse assunto já dissemos tudo. Os estrangeiros são, também, dessa opinião.

A brasileira é bonita, graciosa, sentimental e romântica. Todos sabem disso e agradecem a Deus tão preciosos dons. As nossas patricias têm, contudo, outras prendas que ainda não foram postas em devido relêvo, e, entre esses predados, estão a sua profunda ternura pelo Brasil, o seu patriotismo, a sua energia cívica e sua coragem nas horas amargas e decisivas da nacionalidade.

NÃO SOBRÁRA NADA!



• Puderam! Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

MAIZENA

DURYEY

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A MAIZENA DURYEA 49 45

Caixa Postal, 6-8 - São Paulo

Peço enviar-me, GRATIS, o livro "Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____ ESTADO _____



O mês em

Comemorando o 86.º aniversário de nascimento do dr. Lázaro Luís Zamenhoff, o médico poliglota polonês, que criou a língua neutra internacional Esperanto, realizaram-se nesta Capital, em dezembro último, várias solenidades expressivas que constituíram a "Semana Esperantista". A fotografia acima focaliza uma das solenidades comemorativas, realizada, perante seleta assistência, na Sociedade Mineira de Agricultura.



Revestiram-se do máximo brilhantismo as solenidades de formatura das alunas que concluíram em dezembro último a quarta série ginásial e os cursos básico, colegial e técnico do Colégio "Izabela Hendrix".

A fotografia ao alto focaliza a turma que concluiu os cursos ginásial e básico, e a do lado das alunas que concluíram os cursos ginásial e técnico, vendo-se ao centro o seu paraninfo, dr. Mário Werneck.

Realizou-se, em dezembro último, na Divisão de Minas, da Estrada de Ferro Central do Brasil, expressiva homenagem ao dr. Luís Burlamaqui de Melo, promovida por todos os funcionários daque'a repartição federal em virtude de ter o ilustre engenheiro transferido sua residência para a Capital Federal. A cerimônia simples mas expressiva traduziu o elevado conceito que desfrutava entre os ferroviários mineiros o dr. Luís Burlamaqui de Melo.



Revista



Realizou-se, em dezembro último, com grande brilhantismo, a cerimônia de formatura dos bacharelados em filosofia, ciências e letras pela Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Paralinhou o ato o Prof. Braz Pelegrino, tendo sido o orador o bacharelado Agenor Soares Santos. A fotografia acima registra expressivo aspecto do acontecimento.

✱

Revestiram-se do maior brilho as solenidades de formatura da primeira turma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Santa Maria", realizadas em dezembro último no auditório do conceituado

educandário. Paralinhou o ato o Prof. João Camilo de Oliveira Torres, sendo oradora da turma a aluna Maria Teresa Castanheira. A fotografia ao lado focaliza a turma que concluiu o curso.

Belo Horizonte recebeu, em dezembro findo, a visita do sr. Arnaldo Barbosa Caciquinho chefe do Departamento de Vendas do Instituto Medicamenta Foutoura S. A. e figura de destacado relêvo nos meios industriais palistas. O ilustre visitante, que é nosso coestadano, foi recebido no aeroporto da Panair por altos funcionários da organização local daquele Instituto e pessoas de suas relações sociais, como se vê no clichê.



O Primeiro Congresso de Escritores Infantis e Juvenís

"ALTEROSA" ENTREVISTA O FESTEJADO ESCRITOR VICENTE GUIMARÃES



Fotografia apanhada na estação de São Paulo por ocasião da chegada de uma das caravanas mineiras

FOMOS encontrar Vicente Guimarães em seu escritório, batendo a máquina uma história para seus inúmeros leitores.

Recebido pelo festejado escritor das crianças, fomos logo perguntando:

— Que nos diz do Congresso de Escritores Infantis, realizado em São Paulo? Qual a sua impressão?

— A melhor possível. Nunca assisti a um Congresso tão animado. Já participei de três Congressos de Adultos e, sem fazer *blague*, afirmo que os meninos deram uma lição aos grandes. Não só no entusiasmo com que discutiram e defenderam as teses, como também cuidando de um assunto importantíssimo que os adultos ainda não se animavam a resolver.

— E os pequenos conseguiram?

— Ainda não, mas, pelo menos, indicaram medidas acertadas principalmente com relação às publicações infantis e juvenis de histórias em quadrinhos, que constituem verdadeira desgraça em nosso país.

— Quais foram essas medidas?

— Vou dar uma síntese das conclusões a que chegaram os pequenos congressistas:

1.º) — É boa a influência dos contos de fadas na criança; 2.º) — Existe uma idade em que as crianças preferem as histórias de fadas; 3.º) — Devem os escritores continuar a produzir histórias de fadas; 4.º) — A influência das histórias em quadrinhos pode ser boa ou má; 5.º) — Devem ser imediatamente eliminadas

das revistas infantis as histórias em quadrinhos que narrem crimes e causem pavor às crianças; 6.º) — As revistas infantis e juvenis devem publicar também, ao lado das histórias em quadrinhos, histórias com longos textos, na proporção mínima de 50 %; 7.º) — As revistas infantis devem reservar páginas para a colaboração das próprias crianças; 8.º) — As revistas infantis devem, obrigatoriamente, adotar temas nacionais em suas histórias e publicar colaborações de desenhistas e autores brasileiros.

Foram aprovados a seguir várias moções, entre as quais um memorial ao interventores federais pleiteando a instalação de bibliotecas infantis municipais em todas as cidades brasileiras.

— Os jornais de São Paulo publicaram que Belo Horizonte foi indicada para sede do 2.º Congresso, em homenagem ao autor de João Bolinha?

— E aos congressistas mineiros. Foi assim: na minha primeira saudação aos congressistas, acentuei que São Paulo fôra justamente escolhida para sede do 1.º Congresso de Escritores Infantis, porque era a terra de Monteiro Lobato e possuía a mais bonita biblioteca infantil brasileira.

A seguir num gesto muito espontâneo, o jovem paulista Francisco Reinaldo de Arruda propôs que fôsse escolhida a cidade de Belo Horizonte para sede do 2.º Congresso, em homenagem a mim.

Palmas do plenário aprovaram a

A REALIZAÇÃO DO CONGRESSO EM SÃO PAULO — A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS MINEIRAS — EMÍLIA, DE MONTEIRO LOBATO, E JOÃO BOLINHA, DE VICENTE GUIMARÃES, JULGADOS PELOS CONGRESSISTAS — GRANDE ANIMAÇÃO — A TEORIA DE DARWIN DISCUTIDA EM PLENÁRIO.



proposta e ficou assim escolhida a nossa Capital para sede do 2.º Congresso de Escritores Infantis e Juvenís.

— Sobre o memorial aos Interventores Federais, já obtiveram algum resultado?

— Ainda é cedo. Os congressistas mineiros estiveram em Palácio e pediram pessoalmente ao Interventor Nizio Batista a elaboração de um decreto que obrigue a criação de bibliotecas infantis em todos os municípios mineiros. S. Excia. prometeu atender o pedido das crianças.

— E com relação aos debates, que houve mais de interessante?

— Coisas do arco da velha. Imagine você, meu caro repórter, que os meninos, criticando o livro "História do Mundo para Crianças", de Monteiro Lobato, enveredaram-se pela teoria de Darwin. A autora da tese que sugeriu esta discussão, a menina Glícia Púlbio Dias afirmou categoricamente que a teoria de Darwin estava, hoje, bem desmoralizada. Hoje, no entanto, meninos que tentaram defender o evolucionismo.

— Então eles estavam afiados?

— Sim. Estudaram bem o assunto e mostraram-se bastante inteirados da literatura infantil.

— Soubemos que você é muito conhecido em São Paulo e considerado mesmo o segundo escritor nacional na preferência das crianças paulistas?

— Não é tanto assim. Apenas a estatística da Biblioteca Infantil Municipal acusa que a preferência de seus leitores, e não de todas as crianças de São Paulo, é primeiro para os livros de Monteiro Lobato, segundo para os de Walt Disney e terceiro para os meus, o que, de fato, me coloca em segundo lugar entre os escritores nacionais que se dedicam à literatura infantil.

— E a turma mineira? Como se portou no Congresso?

— Brilhantemente. Todas as teses apresentadas pelos nossos congres-

(Conclui na pag. 105)

TODAS as sextas-feiras, das 18,30 às 19 horas, a Rádio Mineira apresenta o programa do indiozinho Maibí, que vem obtendo grande sucesso.

*

PARECE que as emissoras associadas da Capital se mostram interessadas no concurso do notável **baixo** negro Edson Lopes, que vem se iniciando com brilho nas emissoras Rádio Nacional e Guanabara.

*

"EVOCAÇÃO" é o programa que Fernando B. Marinho vem apresentando ao microfone da PRC7, às terças e sextas-feiras, às 22 horas.

*

RAMOS DE CARVALHO, o conhecido locutor mineiro que pertence ao "cast" da B.B.C. de Londres, obteve licença para visitar, no Brasil, a sua família.

*

RETORNOU ao microfone da Rádio Guarani, após longo afastamento do rádio, o conhecido locutor Hellonice Rabelo Mourão.

*

BOB NELSON acaba de gravar interessante música carnavalesca intitulada "Boi Barnabé", de autoria do compositor paulista Victor Simon.

*

A RADIO FARROUPILHA, autorizada por decreto do governo, reiniciou suas irradiações.

*

A RÁDIO TAMOIO apresenta diariamente às 22,30 horas, o programa "Encantamento" num "rádio-script" de Campos Ribeiro.

*

A ESTRÉIA do jovem **baixo** mineiro Edson Castilho, considera do autêntica revelação da nossa arte do "bel-canto", está marcada para a primeira semana deste mês, ao microfone da Rádio Guarani.

*

APÓS uma vitoriosa excursão pelo Norte do Estado, retornou ao microfone da Rádio Guarani, apresentando interessante repertório, o conhecido cantor Otavinho da Mata Machado.

*

GERALDO MAGALHÃES está cantando atualmente na Rádio Inconfidência, às segundas, quartas e sextas-feiras, às 21 horas.

PRO'S E CONTRAS

D'ARTAGNAN

LAVRAMOS nosso veemente protesto contra a irradiação pelas emissoras nacionais de uma marcha cantada pelo conjunto "Anjos do Inferno" e cuja letra constitui flagrante atentado à moral da família brasileira, para cujos lares o rádio deve ser fator de adiantamento moral e espiritual e não veículo de dissolução através da linguagem de *bas-fond*!

Para esses lamentáveis casos patológicos da nossa música popular, a censura se nos afigura uma oportuna medida profilática...

*

O CONJUNTO rádio-teatral da Guarani, a admirável realização de F. Andrade, tem nos apresentado magníficos espetáculos radiofônicos.

Ultimamente, porém, vêm se verificando algumas falhas na interpretação de certos artistas. Eis um exemplo: durante a radiofonização de "Santa", de Federico Gambôa, numa aceitável adaptação, em alguns diálogos que deviam ser naturalíssimos, o ouvinte menos atento percebia o esforço e a ênfase com que o intérprete lia o original...

*

A "HORA DO RECRUTA" da Guarani, irradiada aos domingos do Cine Leão XIII, constitui sem favor um dos mais interessantes programas do nosso "broadcasting", quer pelo seu caráter popular, quer pela sua finalidade, como também pela irradiante alegria que espalha no auditório, contaminando os ouvintes. Acontece, porém, não ser, às vezes, essa alegria muito sã e, logicamente, própria aos ambientes familiares.

O admirável locutor que anima o interessante programa dominical, compreenderá, estamos certos, a finalidade deste comentário e envidará esforços para tornar a sua inconfundível "Hora do Recruta" ainda mais querida e popular...

*

A NOVA série de importantes audições que, ultimamente, a Rádio Inconfidência vem apresentando ao seu grande público de todo o Brasil, elevou o seu prestígio a um nível que nos faz lembrar os áureos tempos do seu início.

Aqui consignamos os nossos parabens e votos para o prosseguimento dessas magníficas audições.

* * *

★ EDSON LOPES ★

NOTÍCIAS recentes expressam a significativa vitória que Edson Lopes, o conhecido **baixo** negro mineiro, está obtendo no Rio, causando sensação na "boite" do Atlântico, após ter cantado nas Rádio Nacional e Guanabara.

Edson Lopes constitui, realmente, uma expressão do nosso "bel-canto", e o seu início, em Belo Horizonte, evidenciou a boa vontade e perseverança com que o Paul Robeson brasileiro se entregava aos estudos, na esperança de alcançar uma perfeição vocal que já se vai concretizando para a maior glória da nossa música.

Edson Lopes está garantindo, pouco a pouco, o seu brilhante futuro no **broadcasting** nacional, no palco e no "music-hall", através de interpretações que, na opinião dos técnicos, têm sido as mais convincentes.



Edson Lopes

Rádio PAULISTA



Rielinho, o popular artista do "broadcasting", com o inseparável "acordeon". É filho de Riel, o mais antigo acordeonista de São Paulo. Filhote de peixe...



Valdemar Reis é um dos mais brilhantes intérpretes de nossa música popular em São Paulo. Atua na Tupi e Difusora. Já gravou várias músicas de sucesso para o carnaval. Com o seu cachimbo e sua voz, o prestígio de Valdemar entre as fans está garantido...

✱

Eis o afinado conjunto vocal paulistano "Os Vagalumes do Luar", que gravou a interessante composição carnavalesca de Vitor Simon "Lá vem o Sheriff", autêntico sucesso do momento na paulicéia. São cinco simpáticos vagalumes, os únicos que brilham noite e dia...



Alfredo Grossi, que dirige uma das melhores orquestras típicas de São Paulo, que atua na Tupi e Difusora. Seus arranjos musicais sobre temas argentinos têm chamado a atenção pública para o seu bom gosto...





Pedro Ramundo continua a sua carreira vitoriosa de intérprete das canções dos pagos gauchos, frente ao microfone da Rádio Nacional do Rio. Seu temperamento artístico adapta-se esplendidamente à sua arte brejeira e vivaz, trazendo os ouvintes e o grande auditório da Praça Mauá em constante hilaridade. Pedro Raimundo está de viagem marcada para vir atuar numa de nossas emissoras. Sua estada entre nós constituirá, sem dúvida, um acontecimento radiofônico bem interessante.



Jo Andrews, "lady-crooner" das orquestras nacionais, que atuou durante muito tempo junto aos *cartazes* do cinema e das melodias norte-americanas, é uma das mais brilhantes intérpretes de foxes, atualmente, possuindo selecionado repertório de páginas do Haway, que cantam, na sua dolência nostálgica, as belezas dessa maravilhosa ilha do Pacífico, embalada sempre pelos acordes das guitarras sonhadoras.



Ronaldo Lupo, o chansonnier elegante do rádio nacional

Panorama Radiofônico

Responde à "enquete" de "Alterosa" a festejada cantora Rosina Pagã

— QUANDO E COMO INICIOU A SUA CARREIRA RADIOFÔNICA ?

— Em novembro do ano de 1935, na extinta Rádio Cajufi, do Rio de Janeiro. Formava dupla com minha irmã Elvira. Pouco tempo depois assinava um longo contrato com a Rádio Mairink Veiga. Posso afirmar que, apesar da minha vocação artística, abracei essa carreira por um simples acaso do destino.

— QUE EMOÇÕES MARCARAM A SUA INICIAÇÃO ARTÍSTICA ?

— A maior emoção foi quando minha mãe consentia, finalmente, que eu cantasse no rádio. Várias outras existiram; emoções naturais de quem trabalha num palco, num filme ou grava pela primeira vez.

— CONTE-NOS ALGO INTERESSANTE DE SUA HISTÓRIA RADIOFÔNICA

— São muitos os fatos interessantes que ocorreram durante meus oito anos de vida artística. Um dos mais pitorescos, sem dúvida, foi quando de minha viagem ao Peru, perdi o vapor que deveria levar-me de volta ao Chile. Conseguindo então uma lancha, fui levada a bordo sob os aplausos gerais dos passageiros.

— QUAL O SEU GÊNERO DE MÚSICA PREFERIDO ?

— Para minha interpretação, algo que possa ser vivido, encenado. Para ouvir, toda boa música.

— QUAIS SÃO, ATRAVÉS DOS MÚLTIPLOS GÊNEROS ARTÍSTICOS, AS FIGURAS REPRESENTATIVAS DE RADIAUTORES, RADIADORES, CANTO-

RES, HUMORISTAS E LOCUTORES DO NOSSO RADIO ?

— Sobre o rádio mineiro quase nada posso dizer, pois foi pequeno o meu convívio com os artistas daqui. No Rio, entretanto, temos uma série de bons elementos, sendo o meu julgamento o mesmo que o do público em geral. Fora do meu trabalho, sou apenas uma ouvinte e aprecio, somente, os que têm valor.

— E O MELHOR PROGRAMA DE CALOUROS, SOB OS ASPECTOS ARTÍSTICO, RECREATIVO E MORAL ?

— Dentre todos, parece-me que o que mais se destacou até hoje, foi a "Hora do Pato". Sob o aspecto artístico, muito deixa a desejar: recreativo, às vezes preenche esta finalidade; moral, quase nunca...

— E O MAIS COMPLETO ANIMADOR DE PROGRAMAS DE AUDITÓRIO ?

— No Rio existem alguns bons, mas nenhum completo. Aqui, tive a oportunidade de atuar ao lado de Pachequinho e afirmo que ele nada deixa a desejar com relação aos melhores da "cidade maravilhosa".

— QUE INOVAÇÃO SUGERE PARA O NOSSO RADIO ?

— Uma grande inovação! Introduziria (caso isso fosse possível), um sistema completamente revolucionário. Coisa completamente desconhecida dos radialistas em geral: **organização!** Perdõem-me os colegas, mas verão que no fim de contas, isto é o que têm tentado, em vão, vários diretores. Essa é, na minha opinião, a melhor inovação para o rádio ou outro qualquer setor artístico. Seria necessário que todos compreendessem isso para facilitar a tarefa dos organizadores.

— QUAIS SERÃO SUAS FUTURAS REALIZAÇÕES ?

— Não tenho em mente nada de definitivo. Pretendo, entretanto, continuar trabalhando muito, evoluindo naturalmente, pois um artista deve procurar sempre produzir mais e melhor. Disso dependerão minhas futuras realizações.

— QUAL A SUA IMPRESSÃO



ROSINA PAGÃ

SÔBRE O RÁDIO COMO FATOR DE RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA?

— Creio que é um dos melhores meios (talvez o melhor) de propagação desses três fatores. Acontece, porém, que nem sempre as finalidades são preenchidas. Como recreação, é onde ele está longe de ser satisfatório. Com o devido tempo tenho a certeza de que o rádio terá uma força sem limites, na propagação desses três elementos indispensáveis ao nosso povo.

O PRIMEIRO CONGRESSO...

conclusão

sistas foram aprovadas e na classificação final os mineiros obtiveram os 2.º e 4.º lugares, que couberam aos meninos Amauri Godoi e Maria Alice Godói.

— Agora, me diga, como se portou João Bolinha no Congresso?

— Muito bem. Ele e a Emília, de Monteiro Lobato, foram julgados em plenário e ambos absolvidos. As crianças concluíram que são benéficas as influências dessas duas personagens ilustres da literatura infantil.

Finalmente, meu caro, o Congresso me encheu as medidas. Nunca esperava o êxito que alcançou.

Não posso, ao dar uma entrevista sobre o Congresso de Escritores Infantis, deixar de referir-me à D. Lenira e a sua biblioteca infantil. São Paulo possui a maior e melhor biblioteca infantil brasileira. E D. Lenira, a Diretora da Biblioteca, está bem à altura do estabelecimento que dirige. É uma grande idealista e foi, incontestavelmente, a fomentadora da idéia do Congresso. Seu amor às crianças e a dedicação ao trabalho, aliados a uma inteligência privilegiada, fazem dos frequentadores da biblioteca um púgilo de verdadeiros amantes do livro e entusiastas da literatura. D. Lenira sabe prender a criança e o jovem, facilitando-lhes atividades interessantíssimas, de acordo com seus temperamentos.

Quero também lembrar aqui os nomes de Monteiro Lobato, Tales de Andrade, Correia Júnior, Mary Buarque, Maria Artigas, Regina Mello de Sousa, escritores para crianças; da educadora Professora Carolina Ribeiro e do grande desenhista Belmonte que participaram ativamente do Congresso, não só proferindo palestras, tomando parte nos julgamentos de trabalhos, como também muito se interessando pelas seções plenárias, cujos debates atingiram momentos de grandes emoções.

— Está bem, não quero mais tomar o seu tempo. Apenas uma última pergunta. Qual foi o assunto mais debatido em congresso, ou melhor, a

Quando o senhor deixar de existir,
**QUEM RESPONDERÁ
POR ESTES COMPROMISSOS?**

*Educação dos filhos... Cr\$
Manutenção da família... "
Aluguel da casa... "
Assistência médica... "
Hipoteca... "
Impostos de transmissão... "
Despesas eventuais... "*



QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Previdência do Sul", que há mais de 39 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

Companhia de Seguros de Vida

"PREVIDÊNCIA DO SUL"

PORTO ALEGRE B. HORIZONTE R. DE JANEIRO
Andradas, 1046 (Sede) R. Rio de Janeiro 418, 1.º Candelária 9, 9.º

SÃO PAULO SALVADOR CURITIBA RECIFE
J Bonifácio 93, 6.º Chile 25/27, 4.º 15 de Nov. 300, 2.º 10 de Nov. 147, 4.º

A "Previdência do Sul", já pagou a segurados e beneficiários mais de 75 milhões de cruzeiros e a sua Carteira de Seguros de Vida em vigor sobe a mais de 700 milhões

tese que despertou maior interesse?

— É fácil. As teses mais discutidas e que proporcionaram discussões mais entusiasmáticas foram as que versaram sobre as publicações periódicas que exploram as histórias em quadrinhos, importadas em "flans". Este assunto até hoje não mereceu a atenção dos Poderes Públicos. Penso que com a participação direta dos pequenos leitores, os maiores interessados, o governo não deixará de encarar-lo, resolvendo-o definitivamente. O que anda por aí é uma verdadeira calamidade.

— Está bem. Muito obrigado.

— Agora sou eu que quero falar sobre o resultado interessante do Con-

gresso, que demonstra o entusiasmo de São Paulo pelo assunto: enquanto as crianças se achavam reunidas, D. Lenira recebeu uma comunicação do Prefeito Prestes Maia de que, em homenagem ao Congresso, adquirira um terreno no bairro de Itaim para a construção de nova biblioteca infantil. Este gesto do ex-prefeito de São Paulo representa uma grande vitória do Congresso.

Espero que em Minas Gerais possamos ter muito breve uma biblioteca infantil em cada cidade, prodigalizando boas leituras à infância e juventude de nossa terra.

NASCE O FUTEBOL NA CIDADE — A FUNDAÇÃO DO SPORT-CLUB E O SEU 1.º JOGO — O SEGUNDO CLUBE DE FUTEBOL FUNDADO — ATIVIDADES DO "SPORT-CLUB". — O "ATLÉTICO". — O "MINEIRO". — JOGOS DESTES COM O "PLÍNIO". — UNIFORME DO "SPORT-CLUB". — FUNDA-SE A "LIGA MINEIRA" COMPOSTA PELOS CLUBES EXISTENTES. — O 1.º CAMPEONATO. — DUAS PERDAS SENSÍVEIS. — ALASTRA-SE O FUTEBOL PELO ESTADO.

Abilio Barreto

COMPLETANDO a crônica que publicamos em o número passado desta revista sobre o primeiro clube de futebol fundado em Belo Horizonte, diremos que grande entusiasmo despertou, desde logo, entre os moços, o novo esporte lançado na cidade e considerável número destes se inscreveu nas suas fileiras.

Os primeiros treinamentos se faziam quase todas as tardes em um campo improvisado no Parque, em uma esplanada que existia ali, pelos lados da avenida Carandai; depois, em outra esplanada então existente no local em que presentemente se acha a estação da Rede Mineira de Viação, junto às barrancas da rua Sapucaí, com uma bola que o clube, por intermédio de José Gonçalves, mandara vir de S. Paulo, com as demais peças do equipamento. O sr. José Gonçalves, naqueles dias, era proprietário da Casa Colombo, na rua da Bahia e é atualmente chefe da Casa Titan, desta Capital.

Mas dentro em pouco os rapazes do *Sport-Club* estabeleceram o seu campo desportivo definitivo na baixada do Barro Preto, pouco além do Córrego do Leitão, em terreno limitado pelas avenidas Paraopeba (hoje Augusto de Lima) e Paraná e ruas Curitiba e Guajajaras, zona inteiramente baldia e que então ninguém supunha estar fadada a se converter no magnífico bairro de Lourdes, que é presentemente.

Afinal, devidamente treinados em o novo campo os dois grupos de jogadores, depois de disputadas várias partidas sem caráter público, a 2 de outubro daquele ano, realizavam o primeiro *match*, que foi assistido por quantos naqueles dias se interessavam pelo novo esporte.

Essa partida pelejada pelos dois grupos denominados *Colombo* e *Vespúcio* foi assim noticiada pelo *Minas Gerais* do dia 4 de outubro de 1904 e sob o título *Sport-Club*:

"Ante-ontem, foi disputado mais um *match* de *foot-ball* no campo desta nável sociedade perante tão numerosa quão fina roda de distintos *sportmen* e gentis *sportwoman*. Prestou-se graciosamente a servir de *referee* o sr. Capitão Haas, que se conservou durante toda a partida perfeitamente imparcial e atento, o que grandemente contribuiu para o bom resultado dela. Venceu ainda desta vez o *team* de Vitor Serpa, por 2 goals a 1, apesar do denodo e do brilho com que se bateu o do dr. Oscar Americano. Os pontos foram marcados para os vencedores pelos srs. José Mariano de Sales e Vitor Serpa e para os vencidos pelo sr. Joaquim Brasil. A luta esteve sempre animada, o que demonstra que o popular esporte está finalmente para sempre implantado em nosso Estado."

Esse encontro dos dois grupos do *Sport-Club* despertou o mais vivo interesse e foi largamente comentado pelos nossos primeiros *torcedores*, criando afinal o ambiente adequado aqúele ramo desportivo na Capital.

E daquele grupo de iniciadores do esporte bretão em Belo Horizonte raros são os que, presentemente, ainda vivem, e, entre estes, está o sr. José Gonçalves, a quem devo a gentileza das fotografias que ilustraram a crônica anterior.

Como se verá pelas crônicas seguintes, o futebol "pegou de galho" em a nova Capital e outros clubes nasceram imediatamente, empolgando a mocidade e o gosto por aqúele ramo de esporte, que se foi espraçando pelo Estado, num entusiasmo sempre crescente.

Enfim, o arrôio pequenino que representava o *Sport-Club*, ao nascer, em 1904, cresceu, avolumou-se, transformando-se no oceano que é finalmente o futebol em Minas.

✱

Não temos lembrança de nenhuma outra iniciativa lançada em Belo Horizonte e cuja aceitação imediata e rápido desenvolvimento se possa comparar à do futebol.

Apenas se achou fundado e realizou o seu primeiro jogo público o "Sport-Clube", outros, vários outros clubes começaram a se organizar, numa proliferação espantosa, não obstante a crença generalizada de que tal ramo desportivo era impróprio para o nosso clima e estafante para a nossa mocidade.

Assim, depois do "Sport-Club", a primeira sociedade do mesmo gênero que se fundou foi o "Plínio Foot-Ball-Club", em uma reunião efetuada no Externato do Ginásio Mineiro, à rua da Bahia, a 2 de outubro de 1904, por alunos daquele estabelecimento de ensino e cuja primeira diretoria, então eleita, foi a seguinte: presidente, Francisco Tibúrcio de Oliveira; secretário, Otávio Viana Martins; tesoureiro, Alvaro Magalhães Mascarenhas; comissão de sindicância, Francisco Mascarenhas, Francisco de Paula Rebelo Horta e Raul Cruz. Foi também nomeada a seguinte comissão encarregada de organizar os estatutos: Francisco Mascarenhas, Pedro Queiroga e Antonio da Cunha.

O *Minas Gerais* do dia 9 noticiou por esta forma a fundação do novo clube: "Denomina-se 'Plínio Foot-Ball-Club' a sociedade recentemente fundada nesta Capital para exercícios físicos. É adivsa da novel associação o preceito de Plínio: *Mens sana in corpore sano*. A primeira partida efetuar-se-á hoje."

Esse mesmo jornal, que não noticiou o resultado da primeira partida, a 4 de novembro publicava os Estatutos do "Plínio", os quais eram compostos de cinco capítulos e estavam assinados pelos estudantes Francisco Tibúrcio de Oliveira, Otávio Martins e pela comissão já referida.

O uniforme adotado pelo "Plínio" compunha-se de camisa de meia decotada, com listras pretas e brancas, calção branco apertado por um cinturão preto, meias pretas e compridas e boné de gomas pretas e brancas.

Enquanto estes, no maior entusiasmo, entre-

gavam-se de corpo e alma ao novo esporte, que os fascinava, o "Sport-Club", a 9 de setembro daquele ano, disputava sensacional partida entre os seus dois quadros, "Colombo" e "Vespúcio", capitaneados por Avelino Reis e Tomé Pereira, tendo aquele vencido a este por 1x0, ponto conquistado pelo dr. Oscar Americano.

Os quadros estavam assim constituídos: o 1.º — Avelino, *captain*; Gonçalves, *goal-keeper*; Jordão e Roque, *backs*; major Serpa, Avelino e Fábio, *half-backs*; Jefferson, Antonino, dr. Americano, Brasil e Claudionor, *forwards*; reservas: Saturnino, Velloso e Guilherme; o 2.º — Tomé, *captain*; Mascarenhas, *goal-keeper*; Liebmann e Almeida, *backs*; Celso, Tomé e Abel, *half-backs*; Melinho, Sales, Norris, Viserpa e Viriato, *forwards*; reservas: Batista, Chagas e De Jaegher. O *kik-off* foi dado à hora marcada em ponto.

Por esse tempo havia sido organizado o "Atlético Foot-Ball-Club" (não era o atual), que, no dia 17, se batia contra o "Plínio", em partida disputadíssima, "cujo resultado foi 0x0, o que demonstrou claramente o mérito das duas defesas", como observou o crítico desportivo do *Minas Gerais*.

Igualmente acabava de ser fundado, naqueles dias, o "Mineiro-Foot-Ball-Club", outro denodado batalhador, cujos associados estavam possuídos do mais caloroso entusiasmo pelo novo ramo de esporte tão vitoriosamente surgido na Capital.

E foi então que, depois de um entendimento entre as agremiações desportivas existentes — o "Sport-Club" com os seus dois quadros "Colombo" e "Vespúcio", o "Plínio", o "Atlético" e o "Mineiro", a 20 de outubro daquele ano de 1904, constituiu-se a "Liga Mineira", ficando logo resolvido a realização do primeiro campeonato entre aqueles clubes, o que efetivamente se levou a efeito pouco depois.

Os primeiros a medirem forças foram o "Plínio" e o "Mineiro" e a peleja foi renhida. O crítico desportivo do *Minas Gerais* comentou: — "No primeiro tempo era arriscado dar-se a primazia a qualquer dos *teams* combatentes, até que o *goal-keeper* do "Mineiro" cometeu um erro grave, de que habilmente se aproveitou Arsenio de Lemos, marcando o 1.º e único *goal* do *match* para o "Plínio". No segundo tempo, o "Mineiro" ganhou ânimo e bateu-se inquestionavelmente com muito mais brilho do que os seus rivais. Antônio, Hermógenes, Acrísio Coelho e Nelson Torres conservaram-se em contínuo cheque ao *goal* do "Plínio". A sorte, porém, não se lhes mostrou propícia. Todas as suas belas investidas falharam. Um *shoot* alto, magistralmente lançado por Acrísio, passou uma ou duas polegadas acima da barra do *goal* adverso. E assim terminou a eletrizante pugna, numa vitória de 1:0 para o "Plínio" e uma grande vitória moral para o "Mineiro".

Prosseguindo-se no campeonato, a luta imediata foi travada entre os grupos "Colombo" e "Vespúcio", do "Sport-Club". Para essa partida o *captain* designou os seguintes uniformes: do "Colombo" — boné encarnado e preto em listas, camisa preta, calção branco, meias pretas e botas de futebol; para o "Vespúcio" — boné encarnado e preto em listas, camisa creme, calção preto de sarja, meias pretas e botas de futebol.

Travada a peleja, no primeiro tempo Tomé marcou dois *goals* para o "Vespúcio", devido à colaboração inteligente e perfina de Abel e Sa-

les. Do lado do "Colombo" eram sensíveis as faltas de Gonçalves, dr. Americano e Capitão Serpa. Do lado adverso, as de Fritz De Jaegher, Norris e Liebmann. O segundo tempo esteve um pouco mais animado. Os colombianos Antônio e Brasil atacaram com mais ardor o *goal* adversário e, apesar da soberba defesa de Melinho, o melhor *back* do dia, e Celso e Viriato, dois infatigáveis *halfs*, viram, afinal, coroados de êxito os seus esforços. Viriato cometeu um *foul* dentro da área do *penalty* e, tomando o *free kik* consequente, o impecável Antonino obteve um *goal* para o "Colombo". Logo depois, contudo, Tomé marcou novo *goal* para o "Vespúcio" que, afinal, deixou o campo vitorioso por 3x1, devido em grande parte à britânica flêugma com que Almeida defendeu o *goal* do seu *team*.

A 27 de outubro, o "Plínio" jogou contra o "Sport-Club", sendo que o quadro daquele estava assim constituído: Francisco Mascarenhas, *captain*; *goal-keeper*, José Marinho de Resende; *backs*, Almir Mascarenhas e Roque Horta; *half-backs*, Alonso Marques, Pedro Queiroga e Raul Cruz; *forwards*, Alvaro Mascarenhas, Olavo Horta, Arsênio de Lemos e Otávio Martins. Não conseguimos saber o resultado desse jogo.

A 31 de outubro o "Mineiro" jogou contra o "Atlético", perdendo este por 1 x 0, *goal* feito por Arsênio, auxiliado por Nelson, Hermógenes e Carlos Sales.

(Conclui na pag. 115)



Grafologia



Direção de FÉBO

MENSALMENTE oferece ALTEROSA aos seus leitores a seção de grafologia. Todas as consultas enviadas até o dia 7 de cada mês, são respondidas na revista seguinte, sem exceção, bastando apenas que os interessados cumpram os requisitos exigidos no "coupon" abaixo.

Zigomar — Tarumirim — Minas — Se o seu envelope não viesse timbrado, eu poderia provar-lhe que a grafologia, às vezes, identifica, com precisão, a profissão do escritor. A sua letra está nesse caso: é típica das pessoas que se ocupam em escrever muito e, com bastante clareza, para que sejam bem compreendidas. E' um espírito metódico, independente e, por vezes, generoso. Traços de positivismo, materialismo e afabilidade. Reserva, discrição e sangue frio. Egoísmo, vontade forte e capacidade de trabalho.

Saude — Caxambu — Minas — Boa inteligência, que merecia melhor cultivo. Capacidade artística, gostos finos. E' pessoa um tanto hesitante, algo teimosa, às vezes, e mais ou menos rotineira. De temperamento, é uma sentimental normal, com equilíbrio nervoso e controle emocional. Traços de desconfiança, desânimo e melancolia.

Farolito — Capital — Espírito em formação onde já se pode notar alguma personalidade, vontade mais ou menos orientada e inteligência apreciável. Algum egoísmo, bastante vaidade pessoal e desconfiança pronunciada. Caráter independente, gostos literários, sentimento de ritmo.

Folha Orvalhada — Capital — Temperamento sentimental, pressa, impaciência, nervosismo e inquietação. Bastante altruísmo, esquecendo-se, muitas vezes, para pensar nos outros. Modéstia, simplicidade e equilíbrio psíquico. Espírito sujeito a modificações.

Perfidia — Capital — Minas — Idealismo excessivo, caracterizado pela altura das minúsculas. Bondade natural, generosidade e alguma teimosia. Vontade frágil e desigual, tristeza, desânimo e melancolia. Instintos pródigos, saúde frágil, gostos finos e poéticos.

Mineiro — Distrito Federal — Boa inteligência, facilidade de expressão, observação, crítica e alguma ironia. Traços de vaidade, capacidade de trabalho, lealdade e cumprimento do dever. Cultura geral, não especializada, pressa, impaciência e generosidade. Tendência à miopia.

Flor dos Trópicos — Pirapora — Minas — Lamento não ter a minha consultante enviado a assinatura, material indispensável para um estudo grafológico, mesmo superficial. Revela a sua grafia uma inteligência privilegiada, capaz de sentir a beleza em todas as suas modalidades. A capacidade musical aparece no curso de todo o grafismo, bem como o amor da leitura. De caráter é excessivamente independente, o que lhe tem valido alguns aborrecimentos. E' pessoa expansiva, idealista, dotada de idéias originais e larga sensibilidade artística. Imaginação e capacidade criadora.

Babi Além — Lavras — Minas — Espírito em formação, onde quase não se pode fazer um estudo grafológico. Traços de inteligência muito viva, gosto artístico, temperamento contraditório. Gênio forte, às vezes agressivo. Alguma desconfiança, discrição, reserva e... nada mais se percebe.

Moreninha — Itajubá — Minas — Grafia de grandes dimensões, reveladora de vaidade, gostos aristocráticos, fantasia e amor do conforto e da vida faustosa. Traços de desconfiança, discrição, dissimulação e egoísmo. Vontade firme, inteligência clara, sensibilidade artística.

Sozinha — Curvelo — Minas — Instintos parcimoniosos, simplicidade, apatia e caráter inquieto. Maneiras polidas e amáveis, impressionabilidade e clareza cerebral. Franqueza, lealdade, doçura, sensibilidade, bondade. Caráter firme. Sentimentalidade normal.

Japonesinha — Capital — Caráter pouco empreendedor, inquieto e pes-

simista. Vontade desigual, nervosismo, impressionabilidade, desconfiança. Inteligência normal que merecia melhor cultivo. Crises de desânimo, tristeza e melancolia.

Ornata Doxema — Goiânia — Goiás — Originalidade nas idéias, inteligência clara, cultura geral não especializada. Temperamento sentimental normal, equilíbrio nervoso, controle emocional. Sinais de vaidade, desejo de ser notada e alguma desconfiança. Lógica, precisão, raciocínio.

Percal — Capital — Iniciativa, coragem, prodigalidade, finura e distinção. Independência de caráter, observação, discrição e alguma ironia. Necessidade de expansão que não se manifesta em virtude da falta de confiança nos que a cercam. Inteligência normal, algum egoísmo e vaidade. Imaginação viva, entusiasmo, absolutismo.

Dia de Sol — Rio — Distrito Federal — Vaidade pessoal intensa, notada independência de caráter, convicções fortes, dedutividade, lógica e raciocínio. Nervosismo, impaciência, irritação, vivacidade, suscetibilidade. Falta de calma, irreflexão e algum capricho. Inteligência normal.

Indecisa — Capital — Letra excessivamente caligráfica, reveladora de exagerado espírito de ordem e método, rigidez de princípios, desconfiança, dissimulação, rotina e preconceito. Instintos parcimoniosos, inteligência normal, equilíbrio nervoso. Vontade enérgica, orgulho e vaidade.

Fani — Diamantina — Minas — Inteligência clara, personalidade bem definida, relativa cultura intelectual. Ponderação, tenacidade, vontade nítida, fria e, às vezes, obstinada.

Espírito de ordem, gostos literários, capacidade artística.

Elisabeth — (?) Minas — Vontade forte, bondade natural, temperamento sentimental normal e predominância dos sentimentos morais. Generosidade, discrição, atenção e prudência. Constância, imutabilidade de princípios e de convicções. Modéstia, simplicidade, franqueza e lealdade.

Cravo Branco — Pirapora — Minas — Inteligência, cultura intelectual bem iniciada, gosto das letras, sentimento musical. Memória, espírito de ordem,

FÉBO - SEÇÃO GRAFOLÓGICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME

PSEUDÔNIMO

CIDADE

ESTADO

expansividade e algum egoísmo. Orgulho, vaidade pessoal e amor próprio. Equilíbrio nervoso.

Chininha — Distrito Federal — Gostos finos e poéticos, ordem e método. Um pouco de vaidade e desejo de ser notada. Caráter colérico, irascível e dado a pequenas maldades. Inteligência normal, alguma teimosia, senso crítico, perspicácia, causticidade.

Célia — Itajubá — Minas — Vontade frágil e desigual, alguma desconfiança, dissimulação, reserva e distração. Temperamento sentimental normal, controle nervoso e equilíbrio psíquico. Amor à tradição e horror das idéias novas. Religiosidade.

Edia — Itajubá — Minas — Inteligência normal, prejudicada pela falta de espírito de ordem. Boa educação, traços de egoísmo e vaidade. Tipo de letra educativo revelando lógica, raciocínio e precisão. Tino administrativo.

Perfídia — Delfinópolis — Minas — Queira renovar a consulta enviando o coupon que dá direito à resposta.

Kate — Três Pontas — Minas — Letra muito caligráfica, onde a custo se pode perceber um outro traço pessoal. Sinais de observação, minuciosidade, vaidade, gostos poéticos e idealismo excessivo. Período de tristeza e desânimo. Vontade frágil.

Mirmila — Três Pontas — Minas — Notado espírito de ordem, gostos artísticos, sentimento da beleza. Vontade bem orientada, bondade, doçura e sensibilidade. Um pouquinho de vaidade, bom gênio e alegria de viver.

Marília — Três Pontas — Minas — Caráter pouco empreendedor, inquieto e pessimista. Delicadeza de sentimentos, habilidade manual, ideal de perfeição. Bondade natural, sensibilidade e timidez. Hesitação, capacidade de análise, senso crítico. Amor à tradição e as coisas do passado.

Pincel — Santos Dumont — Minas — Letra de pessoa enérgica, teimosa e econômica do seu tempo e do seu dinheiro. Caráter, por vezes, violento, mas fácil de acalmar-se. Vontade forte, boa educação, ordem e algum egoísmo. Amor da discussão, idéias finas, contentamento da posição que ocupa.

Menina dos Olhos Verdes — São Paulo — Capital — Falta no coupon enviado a assinatura material indispensável para um estudo grafológico mais perfeito. O conjunto dos traços gráficos mostra uma pessoa calma, bem humorada, leal e sincera. De temperamento é mais ou menos

normal, com equilíbrio nervoso e controle emocional. A vontade é frágil e desigual. Um pouco de egoísmo, vaidade e excessivo amor próprio.

Rosa da Esperança — Capital — Letra lançada de pessoa inquieta, apressada e, não raro, impaciente. Vaidade pessoal intensa, traços de egoísmo, ambição construtiva. Tino administrativo, desconfiança, dissimulação e impressionabilidade. Cultura geral não especializada.

Campos — Muriaé — Minas — Sensibilidade, afetuosidade, sentimento do dever. Modéstia, simplicidade, atividade, firmeza, prudência. Constância, imutabilidade de idéias, predominância dos sentimentos morais. Tino comercial, vontade conciliadora, generosidade e lealdade. Finura no trato, sensibilidade e prodigalidade nos gastos.

Tânia — Poços de Caldas — Minas — Letra lenta de pessoa que tratou pouco com os livros e os estudos. Contudo pode apreciar-se um bom caráter e uma inteligência capaz de muitas realizações, se conseguir aprimorar os conhecimentos que possui.

Orcina Ladeira — Carangola — Minas — Deixo de responder a sua consulta, por não me ter enviado pseudônimo para resposta.

Olac Bilavo — Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Letra intuitiva, indicadora de imaginação viva, inteligência superior, cultura intelectual apreciável. Sensibilidade artística, amor da beleza, independência de caráter. Energia na vontade, calma inflexível, vitalidade física, instintos sensuais poderosos, embora normais. Autoritarismo, gesto breve, modo nítido de expressar o pensamento. Tino administrativo e senso prático.

Adélia Brasil Bastos — Rio de Janeiro — Tipo de letra dedutivo, revelador de lógica, raciocínio e gostos matemáticos. Traços de gosto artístico, equilíbrio nervoso e bondade natural. Sinceridade, lealdade e generosidade. Alegria, graça, imaginação viva e entusiasmo. Sinais de vaidade, calma, sangue frio e igualdade de humor.

Bob — Capital — Gostos finos e poéticos, muita ordem e calma, sentimento da forma. Vaidade pessoal, maneiras amáveis, inquietação e impressionabilidade. Caráter tímido, coração e sentimentos, sensualismo moderado, cérebro que aprofunda pouco as coisas e as vê sob o seu lado delicado. Tino comercial.

Jobasa — Caçador — Sta Catarina — Notada independência de caráter, vontade bem orientada, inteligência vigorosa. Generosidade, prodigalidade, expansividade e bondade natural. Saúde equilibrada, vitalidade física,

instintos sensuais poderosos, embora normais. Temperamento sanguíneo, precisão, reflexão e raciocínio. Vaidade, orgulho e caráter que não admite réplica nem discussão.

Sarah Sanna — Conselheiro Lafaiete — Minas — Reserva pouco comunicativa, mas ao mesmo tempo necessidade de se expandir e conversar. Alguma teimosia, desconfiança, vivacidade de espírito e desigualdade de humor. Cordialidade, com movimentos duros. Tendência a encolerizar-se. Idealismo e sentimentos elevados.

Valter Cunha — Itajubá — Minas — Ótima inteligência, originalidade nas idéias, temperamento vigoroso, saúde poderosa. Independência de caráter, espírito de contradição, teimosia e, às vezes, suscetibilidade. Traços de egoísmo. Imaginação, gostos das letras e sentimento de ritmo.

Madeline Kirbi — Itajubá — Minas — Pressa, impaciência, pouco domínio de si mesma. Instintos parcimoniosos, simplicidade, falta de distinção, apatia e inquietação. Atividade, vontade frágil e desigual, inteligência normal. Irreflexão, ironia e senso crítico.

Apaixonada — Muriaé — Minas — Peço renovar a consulta, escrevendo vinte linhas em papel sem pauta.

Esperança — Capital — Tipo de letra dedutivo, revelador de uma inteligência equilibrada, dotada de lógica e espírito de síntese. Boa educação, sensibilidade, calma, paciência e igualdade de humor. Um pouco de artificialismo, vaidade pessoal e independência de caráter.

Polí — Abaeté — Minas — Letra de pessoa nervosa, impressionável e agitada. Tipo passional, com pouco controle nervoso. Crises de tristeza, abatimento, desânimo e melancolia.

Temperamento contraditório: ora energia e força de vontade, ora desencorajamento e ceticismo. Distração, teimosia e discreção.

Bilitis — Rio — Doçura, sensibilidade, equilíbrio nervoso, bondade. Ausência de egoísmo, reserva e devotamento. Modéstia, simplicidade, franqueza e lealdade. Generosidade e capacidade de guardar segredos, porque é sabidamente discreta. Predominância dos sentimentos morais, atividade, firmeza e prudência. Vontade lenta e refletida. Atenção, prudência e imutabilidade de caráter.

Iara — Espera Feliz — Minas — Letra caligráfica, pouco pessoal, onde pouco se pode perceber do espírito do seu autor. Traços de fantasia, capricho, distração, cultura geral não especializada, vaidade, orgulho e algum egoísmo. Rotina, preconceito e desconfiança.

VAMIG - Viação Aérea Minas Gerais S. A.

MINAS GERAIS POSSUIRÁ A MAIOR REDE AEROVIÁRIA DO BRASIL — UMA VISITA ÀS INSTALAÇÕES DA "VAMIG" - VIAÇÃO AEREA MINAS GERAIS, S/A E O QUE SOBRE SEU PROGRAMA NOS INFORMA O SEU FUNDADOR-SUPERINTENDENTE, DR. ARISTOTELES DE QUEIROZ



O Dr. A. de Queiroz, diretor-fundador da "VAMIG" (Viação Aérea Minas Gerais S. A.), em seu gabinete de trabalho

MINAS Gerais, berço de Santos Dumont, possuirá, dentro de seis meses, a mais completa rede aeroviária do Brasil.

Deveremos êsse vultoso empreendimento à visão e ao gênio organizador de Aristóteles de Queiroz, nome sobejamente conhecido por quantos vêm acompanhando, neste último lustro, o desenvolvimento econômico do nosso Estado. São seus companheiros à frente dessa empresa os Drs. Paulo Cerqueira Rodrigues Pereira, Cicero Cerqueira Pereira e Rubem do Vale Amado, nomes também de relevo em nossos meios financeiros, liberais e sociais.

A "VAMIG" — Viação Aérea Minas Gerais, S/A, em organização por subscrição particular, é já agora uma idéia vencedora, uma realização para breves dias, uma iniciativa que encontrou propício ambiente, e que está merecendo o apoio de quantos propugnam e desejam a prosperidade e do progresso da terra mineira.

Sabedores do êxito da empresa em formação, para o qual estão espontaneamente concorrendo os nossos conterrâneos de todos os pontos, resolvemos procurar o seu principal Fundador, Dr. A. de Queiroz, para dêle obtermos alguns esclarecimentos sobre a sua patriótica iniciativa.

Encontramo-lo, como sempre, em franca atividade. Espírito ativo e sobretudo organizado, prestou-nos com o seu proverbial cavalheirismo todos os informes que desejávamos.

— Queremos reivindicar para Minas o lugar que lhe compete no seio da Federação; berço do Pai da Aviação, não poderia deixar passar a oportunidade para se aparelhar com a melhor rede aeroviária do Brasil. Temos generosamente concorrido com os nossos capitais para a instalação de várias empresas com sedes fora do Estado; natural, será, pois, que concorramos com o nosso dinheiro para a criação de empresas nossas, genuinamente mineiras, embora em âmbito nacional, o que é natural pelo patriotismo dos mineiros.

Temos encontrado em tôdas as camadas sociais a maior simpatia, que representa incentivo e toda a cooperação no sentido da realização dos nossos planos.

As rotas projetadas foram criteriosamente estudadas, quer sob o ponto de vista técnico, quer quanto ao econômico. Formarão, na parte de transportes rápidos, o sistema venoso do nosso Estado, cujo coração — Belo Horizonte irradiará sangue pelas suas diversas artérias — as zonas de produção e os seus núcleos de população; seja essa que atingirá através suas distantes fronteiras os Estados com os quais mantemos mais intenso intercâmbio.

Atendidas serão as diversas zonas de influência de cada porto de que nos servimos; o nordeste do Estado ficará ligado à Bahia; as zonas do Rio Dôce e da Mata ao Espírito Santo; a

do Centro ao Rio de Janeiro; a do Sul e Triângulo a São Paulo, estendendo as nossas linhas a Goiás e Mato Grosso, em trabalhos de penetração, aproximando os brasileiros dos diversos quadrantes.

Estudadas, para serem inauguradas, temos seis rotas, cujas escalas especificaremos, muito embora possa haver alguma modificação decorrente da falta de aparelhamento dos respectivos campos de pouso.

1.^a — Belo Horizonte — Paracatú — Goiás — Goiânia — Caldas Novas — Uberlândia — Ribeirão Preto — São Paulo — São Lourenço — Belo Horizonte.

2.^a — Belo Horizonte — Pirapora — Paracatú — Patrocínio — Belo Horizonte — Carangola — Juiz de Fora — Rio — Belo Horizonte.

3.^a — Belo Horizonte — Patrocínio — Uberlândia — Sacramento — Passos — São Lourenço — Belo Horizonte — Diamantina — Bocaiúva — Arassuaí — Jequitinhonha — Teófilo Otoni — Governador Valadares — Belo Horizonte.

4.^a — Belo Horizonte — Governador Valadares — Aimorés — Vitória — Carangola — Belo Horizonte — São João Del Rei — São Lourenço — Rio-Belo Horizonte.

5.^a — Belo Horizonte — Uberlândia — Três Lagoas — Marília — São Paulo — Rio — Oliveira — Belo Horizonte.

6.^a — Belo Horizonte — Bocaiúva — Monte Azul — Conquista — Jequié — Salvador — Itabuna — Belmonte — Pedro Azul (Fortaleza) — Teófilo Otoni — Vitória — Belo Horizonte.

A seguir serão inauguradas mais três linhas:

7.^a — Belo Horizonte — Pirapora — São Romão — Januária — Manga — Carinhanha — Caiteté — Espinosa — Montes Claros — Buenópolis — Belo Horizonte. A riquíssima zona do

São Francisco ficará melhor integrada na comunidade mineira.

8.^a — Belo Horizonte — Uberlândia — Rio Verde — Ituiutaba — Barretos — São Paulo — Três Corações — Belo Horizonte. As zonas de criação ficarão ligadas aos centros de matança, onde se encontram instalados os grandes frigoríficos.

9.^a — Belo Horizonte — Luz — Formiga — Lavras — Ubá — Belo Horizonte — Curvelo — Peçanha — Caratinga — Ponte Nova — Belo Horizonte. São localidades próximas a Belo Horizonte, mas de não fácil acesso.

Trinta e seis das mais importantes das cidades mineiras; sete da Bahia, quatro de Goiás, quatro de São Paulo, e cinco de Mato Grosso ficarão ligadas por aerovias à nossa Capital, que terá um dos aeroportos mais frequentados, rivalizando com os mais importantes do Brasil.

E' preciso não esquecermos que a execução do nosso programa, com o tráfego das rotas enumeradas, dependerá em grande parte das condições técnicas dos seus campos de pouso. Certo é, porém, que os poderes municipais, os mais diretamente interessados no caso, tudo farão para que possamos ter os seus aeródromos em condições de atender às necessidades das nossas rotas.

Não queremos encerrar estes nossos esclarecimentos, sem antes agradecer a quantos estão conosco cooperando com a boa vontade de que têm dado bastas provas; principalmente aqueles que, sem qualquer intervenção, têm se dirigido, subcrevendo não pequeno número de nossas ações, demonstrando assim o seu patriotismo e o conhecimento perfeito das nossas necessidades, cooperando para dar a Minas, o que ela necessita para o seu maior progresso e engrandecimento — meios fáceis de transportes.

★ "O TESTAMENTO DA ARVORE" ★

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE, o consagrado poeta que todo o Brasil admira, acaba de publicar, numa elegante edição da "Editôra Aurora", com uma expressiva capa de Moura, o seu último poema "O Testamento da Árvore", todo ilustrado com fotografias e caricaturas do autor e contendo trechos de valiosos juízos críticos selecionados e anotados por Guimarães Martins.

O poema se divide em quatro partes: "O Testamento da Árvore", "A Árvore assim ditou seu testamento", "A Árvore vai contar o sonho que sonhou", e "A Árvore ditando suas últimas vontades", nas quais Catulo, reafirmando seu estro maravilhoso de autêntico poeta, dá voz à árvore e se comunica, com aquela força poética que lhe reconhecemos, à sensibilidade do leitor, comovendo-o, arrebatando-o através de versos plásticos e cantantes. Dir-se-ia que todas as gamas cromáticas da Poesia surgem, numa esplêndida festa musical, nessas estrofes cantantes que refletem a potência verbal de um poeta já consagrado pela elite intelectual e pelo povo do Brasil e cujo nome já atravessou as fronteiras causando a admiração que se traduz nos comentários das maiores figuras contemporâneas da poesia universal.

Catulo da Paixão Cearense é uma expressão viva e original da poesia brasileira. As vozes mais autorizadas de nossa intelectualidade assim o proclamam através dos mais elogiosos comentários. E a sua arte, na realidade, é inconfundível porque nela estua a seiva do próprio sentimento caboclo da terra, exteriorizado em versos claros e harmô-



Catulo, numa "charge" de Moura

so a que nenhum artificialismo perturba. As obras de Catulo se caracterizam pela originalidade e a força da brasilidade que contém, revelando a alma ardente do vate deslumbrado e ajoelhado ante a natureza, vibrando num panteísmo dominador que se comunica aos corações irresistivelmente, como acontece com esse poema em que o verbo vegetal se transforma em luz que envolve e eleva as almas, transfigurando-as.

"O Testamento da Árvore" é um poema magistral que deve ser lido e meditado, pela lição humana que contém.



NO MUNDO DOS ENIGMAS

● Direção de POLIDORO ●

TORNEIO DE JANEIRO DE 1946

ENIGMAS N.º 4 e 5

Léxicos adotados: Simões da Fonseca, edição antiga; Silva Bastos; Seguíer; Brasileiro, 2.ª e 4.ª edições; Roquete, os dois; Japiassú; Breviário e Lamenza.

Prêmio: Uma obra literária de atualidade, oferecida por ALTEROSA. Prazo: 60 dias.

SINCOPADAS N.º 1 a 3.

NUPCIAL

(A Raul Petroceli, com o agradecimento, embora tardio, da "Romântica").

Foi de um sonho, a sorrir, me libertando,
— De um sonho longo que sonhando eu vinha
Que, um dia, acordando, a meu lado eu tinha
O espóso amado — o rosto meu fitando.

E em doce enlévo — os olhos fui fechando; —
Neste êxtase embalada — eu me sustinha
— Num sonho bom — real visão gozando,
De ver-te meu — era a ventura minha...

Foram-se os dias... foram de um em um
E na vida não mais gozei nenhum,
Que ao de núpcias fosse comparado!...

Na paz de nossa **choça**, inda a Saudade — 2:
Embriaga-me co'a felicidade
— Da primeira manhã de meu noivado...

MOEMA — BOTUROBI

I D I L I O

Causam-me sempre surpresa,
Tuas **galantes** intrigas; — 3.
Mas, são palavras amigas,
Que minha alma trazem presa.

Nas paixões só há rudeza, — 2.
No amor — paz, talvez, consigas,
Que bem suavize as ligas
Que nos vêm da natureza...

Que prazer quando eu for tua
E gozar a luz da lua,
A' ambição de um bem querer...

Distantes de todo mal,
— Num sonho celestial,
Só assim apraz-nos viver!...

MOEMA — BOTUROBI

PÃO DURO

Que pão ordinário — 4.
Tal "homem" mastiga; 2
Aqui há quem diga,
Que é rico usurário.

MOEMA — BOTUROBI

Tudo assim se desencanta:
A primeira é igual à última,
Segunda igual à penúltima,
E entre tôdas está a planta.
Um conselho, camarada,
Desmanche a tal **misturada**
Que desfeita está a meada...

MOEMA — BOTUROBI

A prima com a última — é mulher;
No seio outra mulher trago.
Abraço ambas num afago.
Vem, enfim, a que se quer...
Saindo dessa trindade,
Só — sou na realidade,
U'a "**mulher**" de verdade.

MOEMA — BOTUROBI

ECLITICA N.º 6

(Ao Alvaro, agradecendo a parte que me tocou em seu "espantalho".)

3-2(4) — **Desvia-te** em forma, sem mais aquela,
De homem sem **préstimo** e tagarela.

JECA — B. S. — CAPITAL

CASAIS N.º 7 a 9

(Ao Janil, agradecendo).

Mulher mui **forraosa**,
De rosto **corado**,
Procura, com jeito
O seu namorado. (5).

JECA — B. S. — CAPITAL

Joana D'Arc foi **queimada**,
E o martírio deu-lhe a palma,
Porque, **oculto**, trazia n'alma
O nome da França amada. (3).

MOEMA — BOTUROBI

Para no clube ter direito a entrada,
Puz um "**peso de prata**" na balança,
E, aflito, fui entrando para a **dança**,
Como buscando uma pessoa amada. (2)

MOEMA — BOTUROBI

CHARADA N.º 1

(Ao Raul Silva)

Com **liamba** que amarra,
Nem sempre você **esbarra**. 1-2.

JECA — B. S. — Capital

ANGULARES N.º 11 a 13

Um aviso serviu de **refúgio**
Para a "**moeda**" do dr. Búgio.
GUSTAVO FRANÇA FILHO — Inimutaba

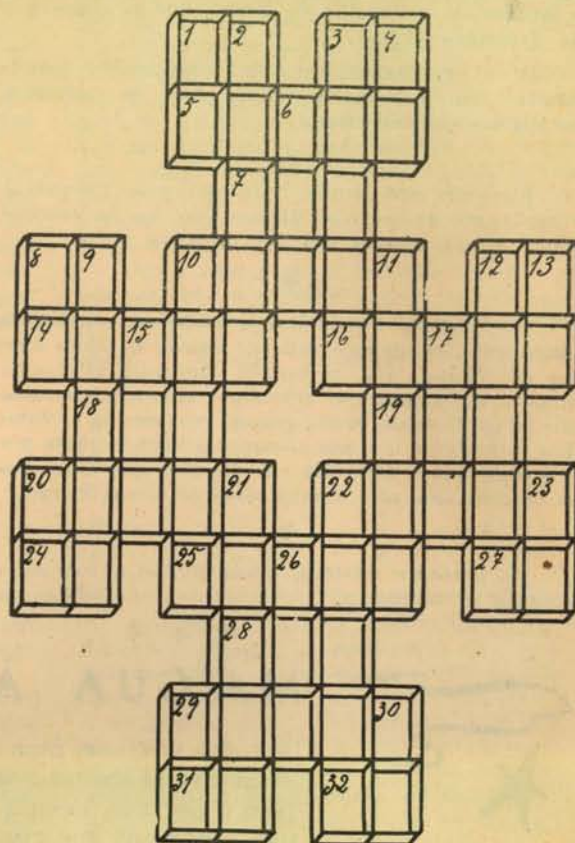
Isto é ruim para presente, "seu" macaco,
Eu não aceito velho e surrado casaco.
VICO — Inimutaba

(Ao Raul Silva, com meu abraço).

Depois de haver pintado
Muito bem a sua "planta",
A minha alma se espanta
Com tanto papel usado.

GUSTAVO FRANÇA FILHO — Inimutaba

PALAVRAS CRUZADAS



EL-REY — Capital

CHAVES:

HORIZONTAIS: 1 — O; 3 — Medida japonesa; 5 — agrícola; 7 — abranger; 8 — carapinha; 10 — Depósito; 12 — abaixo; 14 — realizar; 16 — unir; 18 — cabeça; 19 — amor; 20 — divisado; 22 — orla; 24 — chiste; 25 — escolher; 27 — prata; 28 — departamento da França; 29 — broche; 31 — rio da França; 32 — eu.

VERTICAIS: 1 — aliás; 2 — pelear; 3 — chuvisco; 4 — aumento; 6 — padeiro; 8 — gaze da China; 9 — rasgar; 10 — comida; 11 — brilhar; 12 — espécie de formiga; 13 — ofício; 15 — título abissínio; 17 — não; 20 — consinto!; 21 — espécie de fazenda; 22 — acontecimento; 23 — rei de Bazu; 26 — amuleto dos pretos malês; 29 — barriça; 30 — preguiça.

ALMA LUSA

Sim — da gente portuguesa,
Eu amo as coisas antigas,
Que são tão nossas amigas
Na sua rude franqueza. 7-5-9-2-1-8-7.

Gente que tem gentileza
Nos quindins e nas cantigas.
Quem mima o granar de espigas
Tem n'alma certa beleza...

Quem máguia sofre e sorri, 8-9-4.
Só traz a bondade em si.
— Não sabe sentir o mal. — 2-6-4-2-9
E quem chora ao som dum fado, — 2-3-7-5-1.
Lembranças tem do passado
Lá no velho Portugal!

MOEMA — BOTUROBI

SOCIAIS

Em São Paulo, realizou-se a 8 do mês passado o enlace matrimonial do dr. Sidney Camargo, filho do dr. Alberico Soares de Camargo e de sua Exma. esposa, d. Virgínia de Lacerda Camargo, com a senhorita Maria José de Carvalho. O ato religioso realizou-se na Igreja do Carmo e foi assistido por grande número de amigos que foram levar aos nubentes os seus votos de felicidade aos quais juntamos prazerosamente os nossos.

*

Aqui na Capital, no mesmo dia, na Matriz dos S. S. Corações, casaram-se o dr. Milton Teixeira de Vasconcelos, filho do sr. Nelson de Vasconcelos e Almeida Sobrinho e de sua Exma. esposa, d. Olga Teixeira de Almeida, com a senhorinha Beatriz de Oliveira, filha do Sr. José Augusto de Oliveira e de sua Exma. esposa, d. Raimunda Augusta de Oliveira. A eles desejamos toda a ventura.

VÁRIAS

Jota, que durante muito tempo foi o menino-prodígio de nossas secções charadistas, está hoje incorporado às fileiras do Exército Nacional, cumprindo o seu dever de brasileiro. Por esta razão anda um pouco arredio das charadas. Logo que acerte o passo, estamos certos, voltará a brilhar em ALTEROSA.

*

Jam, o dinâmico organizador do Bloco da Saudade, esteve gravemente enfermo. Felizmente já se encontra em franca convalescença.

ALTEROSA * JANEIRO DE 1946

VÁRIAS

O trabalho eleitoral e a apuração final do pleito de 2 de dezembro tem impedido Polidoro — que fez parte da Junta Apuradora do 1.º Distrito da Capital — de cuidar com mais carinho desta secção. Os leitores desta, que são todos amigos, por certo desculparão essas faltas.

*

Mais um conto do vigário... mas desta vez quem levou o "paço" até festejou o acontecimento!...

Não se assustem os leitores! Trata-se do casamento do Paco, nosso estimado confrade da Tertúlia Bandeirante, charadista de grande inteligência e largamente conhecido no Brasil, que se casou a 8 de dezembro último.

E' o dr. Sidney Camargo, cujo enlace matrimonial com a senhorita Maria José de Carvalho, noticiamos em outro local.

*

Zigomar está sendo felicitado pela formatura e casamento de seu filho Milton Teixeira de Vasconcelos, de que damos notícia em outra parte.

*

De Vitória, Pernambuco, onde se encontra atualmente, recebemos delicado cartão de Boas Festas de Edpim, que os nossos confrades conhecem através de magníficos trabalhos charadísticos seus que já publicamos. Muito gratos, retribuimos os votos que formulou e que nos tocaram profundamente por sabermos que a distância não fez com que esquecesse os seus amigos e admiradores de Minas Gerais.

*

No presente número, inicia El-Rei a sua colaboração nesta secção.

* * *

MA'GUA ANTIGA

De tôdas vós, nem uma apenas
deixou sinal em meu caminho.
Não é por vós, deusas terrenas,
não é por vós que amargas penas
tenho sofrido em meu caminho.

O vosso amor foi como o vinho
das horas mórbidas de tédio.
Não me deixou, vosso carinho,
não me deixou sabor do vinho,
mas o ressaibo acre do tédio.

Loiras — sabe — fostes apenas
poeira dourada em meu caminho.
Nem é por vós, gentis morenas,
nem é por vós que duras penas
tenho sofrido em meu caminho.

Jamais feriu meu peito o espinho
da vossa ingênita perfídia,
porque nas vossas mãos de arminho
— não sei porque — sempre adivinho
a garra adunca da perfídia.

Porisso, loiras ou morenas
que atravessastes meu caminho,
de tôdas vós, deusas terrenas,
de tôdas vós, nem uma apenas
deixou sinal em meu caminho.

ALBERTO
RENART

Para terminar, enviamos a todos os colaboradores e leitores desta secção um cordialíssimo voto de felicidade no decorrer do ano que se inicia. Às gentis senhoritas que nos dão o prazer de ler e colaborar nesta secção — muitas das quais nem gostam de aparecer — desejamos que em 1946 possam realizar o seu grande sonho. E não se esqueçam da fotografia para ALTEROSA.

TORNEIO ESPECIAL DE NOVEMBRO

Ao Torneio concorreram Jeca, Jam, Junius, Jamil e Jota, assim: Jeca, de 1 a 20; Jam, de 21 a 40; Junius, de 41 a 60; Jamil de 61 a 80 e Jota de 81 a 100. O sorteio, conforme deliberou Raul Silva, foi realizado pela Federal de 12 de dezembro último, conforme, em tempo oportuno, nos comunicou aquele distinto e estimado confrade.

Ao Raul Silva, Flora, Panaça, Vico, José Sôlha Iglesias e Valério Vasco apresentamos cordiais cumprimentos pelo êxito do Torneio e, mais uma vez, pomos esta página à inteira disposição dos mesmos.

— Quando estiver circulando este número deverão os premiados nos torneos anteriores estar de posse dos respectivos prêmios, pois, para isto, tomamos as necessárias providências.

SOCIEDADE DE PIRAPORA



Srta. Newiltina Brito, filha do sr. José de Brito, distribuidor de ALTEROSA em Pirapora, no dia de sua formatura pelo Ginásio São João Batista daquela importante cidade do norte mineiro.

*

JUNO

JUNO, divindade romana correspondente à Hera dos gregos, esposa de Júpiter, soberana do universo, era a deusa protetora do matrimônio. Com aquele deus supremo e Minerva formava a "triade capitolina". O Capitólio, templo representativo do poderio romano, lhe era dedicado.

RECORDAR E' VIVER...

CONCLUSÃO

A 1.ª de novembro, o "Plínio jogava contra o "Mineiro", vencendo-o. Em seguida o "Vespúcio", jogou contra o "Plínio", dando-lhe uma surra de 5x0. Apreciando esse jogo do campeonato da Liga Mineira, observou o crítico do Minas Gerais: O "Plínio", embora sovado pela tremenda soma de 5 goals, provou ontem à tarde quanto é merecida a grande simpatia que lhe dispensa o público. O lado de Francisco Mascarenhas, o brilhante goal-keeper, mesmo depois de perdas as últimas espe-

ranças de uma vitória e até de um empate, jogou admirável e cavalheiresco foot-ball. Os 4 goals do inexcusável Tomé e o de Viserpa, a ordem calma e disciplinada do "Vespúcio", a defesa de Melinho e a imperturbável linha de half-backs dos adversários não os perturbaram um segundo. O "Plínio", do 1.º pontapé cheio de ansiosa esperança, ao último, cheio de triste desalento, foi grande sportmen, em tudo digno dos seus bravos adversários. O lado de Viserpa venceu porque soube, enfim, curvar-se obediente aos ensinamentos do seu captain; ao de Francisco Mascarenhas está reservado o mesmo futuro brilhante, porquanto trilha a mesma senda."

Após esse jogo, a posição relativa do campeonato era a seguinte:

COMPETIDORES	Matches	Vitorias	Empates	Derrotas	Goals pró	Goals contra	Pontos
"Vespúcio"	2	2	0	0	8	1	4
"Plínio"	3	2	0	1	1	5	4
"Mineiro"	2	1	0	1	1	1	2
"Colombo"	2	0	0	2	1	3	0
"Atlético"	1	0	0	1	0	1	0

Ainda houve outros jogos do campeonato que, afinal, foi vencido pelo "Vespúcio" e, portanto, pelo "Sport-Club", a que pertencia.

Pouco depois, Vitor Serpa seguiu para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer a 17 de janeiro de 1905.

Ao chegar a Belo Horizonte a notícia da sua morte inesperada grandes homenagens foram tributadas à memória do fundador do futebol na cidade. Entre estas, recordaremos a fundação de um clube com o seu nome, organizado pelos seus antigos companheiros do "Sport-Club".

"Viserpa" foi o nome dado à nova entidade desportiva que, já a 12 de março, jogava contra o "Sport-Club" em o novo campo recentemente inaugurado, no cruzamento da rua Pernambuco com a avenida Cristóvão Colombo.

A 10 de junho cobria-se novamente de luto o futebol horizontino. O "Plínio" perdia um dos seus mais esforçados fundadores, o 4.º anista do Ginásio Mineiro, Raul Cruz, filho do sr. João da Cruz, fiscal da Prefeitura. Muitas homenagens foram também prestadas à sua memória pelos seus colegas de estudo e de esporte.

No dia 11 era disputado um jogo entre os dois quadros do "Viserpa", em que tomaram parte Justino, Tomé, Prates, Brasil, Joaquim, Abel, Pereira, Otávio Martins, Antonino, Alexandre, Hugo, Sales, Lebmann, Joviano e Olavo. Serviu de referee o dr. Carvalhais de Paiva.

Após algum tempo de inatividade, a 2 de julho o "Brasil Foot-Ball-Club" reiniciou os seus exercícios e a 30 de setembro seguiu para Barbacena um dos quadros do "Viserpa", que foi jogar contra o grupo "Hugo Braga", daquela cidade, sendo esse o primeiro jogo inter-municipal realizado por clube de Belo Horizonte.

Ainda nesse ano fundaram-se mais duas entidades desportivas na Capital — o "Estrada Foot-Ball-Club" e o "Juvenil Foot-Ball-Club".

A 10 de outubro o "Mineiro" elegia a sua nova diretoria, que ficou assim constituída: presidente, Plínio Mendonça; vice-presidente, Rufino Mota; secretário, Mário Linhares; tesoureiro, Nicanor Noronha; procurador, Francisco Monteiro.

Por esse tempo, o futebol havia tomado um desenvolvimento extraordinário na Capital. Além das sociedades organizadas e que realizavam periodicamente jogos públicos muito frequentados e animados pelos "torcedores", por toda parte, nas ruas, nos terrenos vagos, viam-se grupos de crianças ou de moços treinando em campos improvisados e a influência do futebol da Capital começava a exercer-se por tal forma entre os outros centros populosos do Estado que, em muitas cidades, já se praticava com vantagem o esporte bretão.

EDUCAÇÃO E SAÚDE

ESTA' publicado o orçamento da Prefeitura de Belo Horizonte para o exercício de 1946. O documento estampado nos jornais diários é lacônico, breve, incisivo. Receita e despesa, com a designação simples da natureza dos encargos, sem muitos detalhes.

A despesa absorverá Cr \$63.852.000,00. Até aí nada demais. Belo Horizonte, capital rica de um dos Estados mais ricos da União, dispõe de amplos recursos econômicos que lhe permitem ostentar um orçamento de despesa que faria inveja a muitos governos estaduais do Brasil.

Mas o que causou espécie, despertando a atenção do redator, foi a verba, melhor diríamos a insignificante verba, votada para a Educação e a Saúde da população do Município. Simplesmente . . . Cr \$3.734.733,60!

Acreditamos sinceramente na verdade dos algarismos alinhados naquele documento que a imprensa diária da cidade divulgou. E é por isso mesmo que a nossa admiração sentiu-se despertada, num inconfundível espanto, para a verba que se destina aos problemas mais importantes de nossa coletividade.

Ninguém mais, no Brasil, desconhece a imperiosa necessidade que temos de ampliar o nosso esforço para melhorar o nível de educação e saúde das massas populares. Será possível que os nossos orçamentos continuem demonstrando tristemente a cruel indiferença das administrações pela saúde e pela educação do nosso povo? Não haverá um meio de se fazer chegar às camadas governamentais que o Brasil precisa, antes de tudo e acima de tudo, de educação e saúde?

Francamente, a percentagem destinada pela nossa Prefeitura às despesas com a Educação e a Saúde do Município, parece-nos verdadeiramente irrisória. Terrivelmente irrisória...

Alterosa

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

Publicação mensal de sociedade, arte, literatura, moda e beleza, da SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

*

Diretor-gerente:
MIRANDA E CASTRO
Diretor-redator-chefe:
MÁRIO MANTOS
Secretário da redação:
JORGE AZEVEDO

*

ADMINISTRAÇÃO:
Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5
Endereço Telefônico "ALTEROSA"
Belo Horizonte - Est. de Minas Gerais

*

SUCURSAL NO RIO:
Diretor: Nelson Ribeiro de Castro
Rua Visconde de Santa Izabel, 515
Fone 38-5684

*

ASSINATURAS
(Sob registro postal)
1 semestre (6 números) . Cr\$ 20,00
1 ano (12 números) . . Cr\$ 40,00
2 anos (24 números) . . Cr\$ 70,00
(A única revista brasileira que só faz expedição sob registro postal, sem onus para o assinante).

*

VENDA AVULSA
(Preço em todo o Brasil)
Número comum Cr\$ 3,00
Números especiais . . . Cr\$ 5,00
Número atrasado, mais . Cr\$ 1,00
(Os números especiais circulam em agosto e dezembro, comemorando respectivamente o aniversário da revista e o Natal).

*

SECRETÁRIO FUNDADOR — Teófilo Pereira.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Alphonsus de Guimarães Filho, Ademar Tavares, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, A. J. Hermenegildo Filho, Antônio Silveira, Aguiar Brandão, Anita Carvalho, Almir Neves, Bahia de Vasconcelos, Benedito Merlin, Bastos Portela, Cláudio de Souza, Carlos Maranhão, Djalma Andrade, Dionísio Garcia, Edgard Rezende, Edmundo Costa, Edison Pinheiro, Evágrio Rodrigues, Francisco Armond, Geraldo Dutra de Moraes, Huberto Rohden, Ilza Montenegro, Joaquim Larrangeira, J. M. de Andrade Sobrinho, Luis de Bessa, Luis Otávio, Luis H. Lisboa, Luis de Paula Lopes, Lourdes G. Silva, Lúcia Machado de Almeida, Srna. Leandro Dupré, Malba Taban, Maria Antônia Sampaio, Maria Emília de Castro Goulart, Murilo Araújo, Moacir Andrade, Murilo Rubião, Nilo Aparecida Pinto, Nóbrega de Siqueira, Oliveira e Silva, Olga Obry, Oscar Mendes, Paulo Dantas, Pedro Ribeiro da Franca, Paulo Peregrino, Roberto Gil, Raul de Azevedo, Vanderlei Vilela e Wilson Pereira Barbosa.

FOTOGRAFIAS — Francisco Martins da Silva e Stúdio Constantino.
GRAVURAS — Fotogravura Minas Gerais Ltda. e Gravador Araújo.
DESENHOS — Fábio Borges, Érico de Paula, J. C. Moura, Rodolfo e Rocha.
IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Brelner Ltda.

*

A redação não devolve, em hipótese alguma, originais ou fotografias, ainda que não sejam aproveitados.

*

Os conceitos emitidos em artigos assinados, não são de responsabilidade da direção da revista.



INDICADOR

da Cidade



DR. CYRO CANAAN

Cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José — Operações - Vias urinárias - Sífilis
Consultório: Edifício Caetés - Rua Caetés, 386 - 2.º andar - Salas 205-207 — Fone 2-4388 — Residência: Rua Caetés, 460, 2.º andar — Fone 2-0788 — Horário — Diariamente: 12,30 às 19 horas — Domingos: das 8 às 11 horas — Belo Horizonte

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLINICA DE SENHORAS

Das 13 às 17 — Ed. Capichaba — Rua Rio de Janeiro, 430 — Sala 121 — 12.º andar — Tel. (res.) 2-2544 — B. Horizonte

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das moléstias do estômago, intestinos, fígado, pâncreas e vesícula biliar.
Consultório: Edifício Thibau - R. S. Paulo, 401 - 2.º andar — Salas 208/210 — De 14 às 17 horas.
Residência: Rua Guarani, 263 — Fone: 2-6067.

GABRIEL DE SOUSA LIMA JORGE DE SOUSA LIMA

(CIRURGIÕES-DENTISTAS)

Consultórios com aparelhagem moderna para Clínica e Prótese, Raios X.

RUA TAMOIOS, 62
Sala 106 — Fone: 2-3866
Residência: 2-4418

DR. COSTA CHIABI

CLINICA DE CRIANÇAS

Docente da Faculdade de Medicina — Cons.: Edif. do Cine Brasil — Fone, 2-0180 — Residência: Bernardino Guimarães, 3071 — Fone 2-1910

Dr. José Lins

RAIOS X

RUA SÃO PAULO, 629

SOCIAIS



Sr. João Rubens Fantauzzi, jovem que goza de merecido conceito na sociedade desta Capital.

QUER VIVER MUITO ?

LUTRARIO, cientista italiano que apresentou o seu país no "Bureau" de Higiene de Genebra, baseando-se em estatísticas norte-americanas, determinou, certa vez, a situação dos países civilizados no que diz respeito à demografia: diminuiu a mortalidade infantil e aumentou a mortalidade entre os adultos. Sobre isso Nicolau Ciancio fez alguns comentários, no livro "Quer viver muito?". A criança, organismo em formação, é quem mais aproveita com os novos preceitos de higiene. O adulto, porém, dadas as condições cada vez mais difíceis da vida, está sujeito, senão condenado, a morrer cedo. Cardiopatia, aortite e nefrite são as três doenças que matam mais facilmente o homem dos 45 aos 60 anos. Entretanto, o pior inimigo do organismo humano é, talvez, o cansaço. Qualquer enfermidade pode atacar um organismo cansado, com defesas deficientes. Logo, aconselha aquele médico, o próprio trabalho deve ser realizado com moderação e com interrupções periódicas. Se lhe for possível evitar emoções fortes, agitações excessivas e excesso de trabalho e preocupações, o homem viverá, sem dúvida, muito mais.

CRIANÇAS



Mauro Lúcio, filhinho do casal d. Amélia Gonçalves Costa-sr. Nicanor Vieira Costa, residente na Capital.



Humberto, filhinho do casal d. Adí dos Anjos Maciel-sr. Justo Maciel, residente em Gimirim, no sul de Minas.



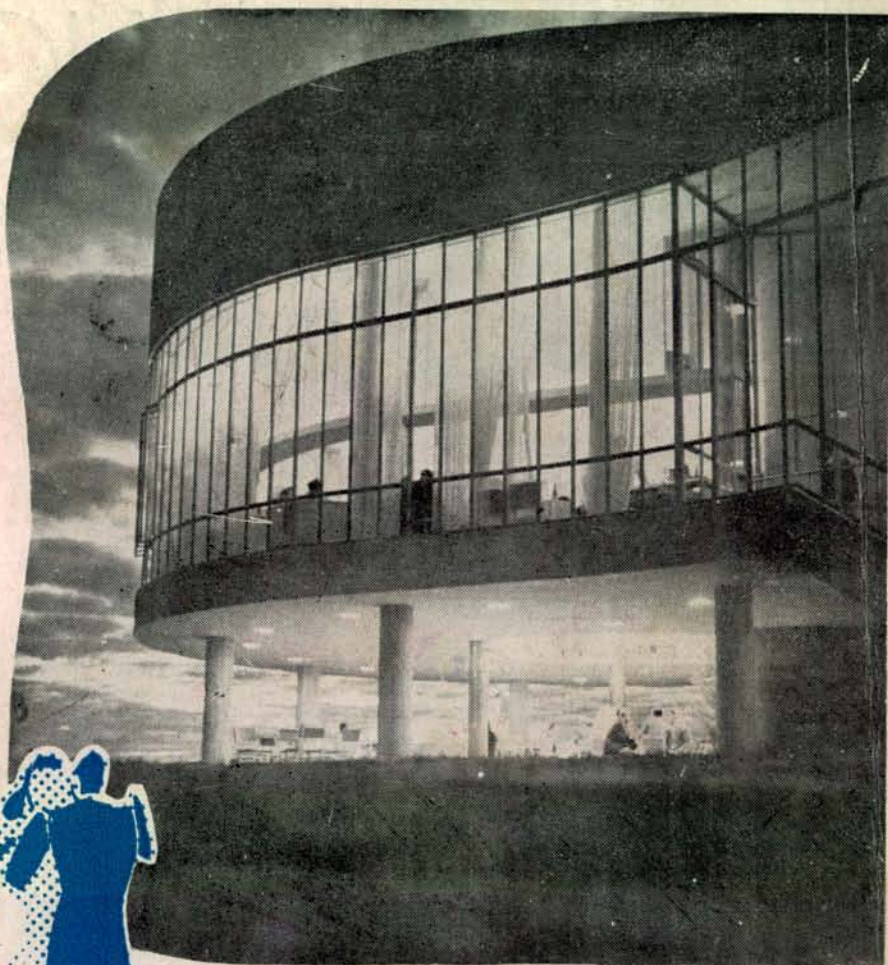
Ione, filhinha da viúva Armando Strambi, residente na Capital

Antônio Fernando, filhinho do casal D. Concelção Cornélio-Jefferson Cornélio, residente nesta Capital.



Carlos Alberto, filhinho do casal D. Isolina Rodrigues de Paiva-Hugo Ferreira de Paiva, residente em Santos, Estado de São Paulo.





Um "show" que é sempre uma fina revista... Duas orquestras que são as melhores da Capital... A cozinha internacional mais perfeita... O ambiente mais distinto e deslumbrador...

PAMPULHA, o recanto preferido da sociedade belorizontina!

PAMPULHA